

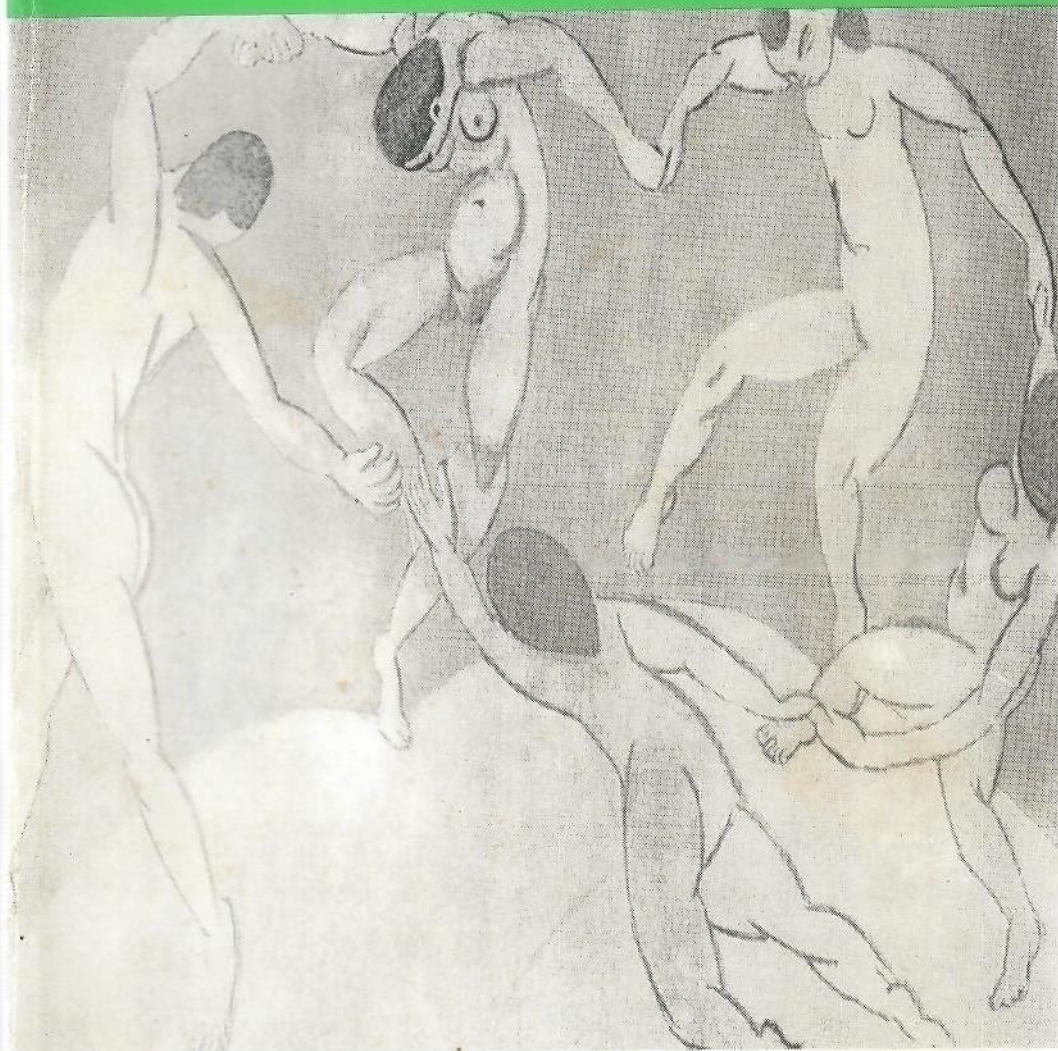
Revista

ISSN 0101-9546

Ciências

Vol. XVII, Nº 1

da Saúde



GÊNERO E SAÚDE

Jean Torgler

REVISTA
CIÊNCIAS DA SAÚDE

Editora da UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

Vice-Reitor

Lúcio José Botelho

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

Alcides Buss

Conselho Editorial

Rossana Pacheco da Costa Proença (Presidente)

Antônio Fábio Carvalho da Silva

Maria Teresa Santos Cunha

Maria Bernardete Ramos Flores

Tânia Regina de Oliveira Ramos

Ilse Maria Beuren

Suene Caldeira de Sena

Jean Longobardi
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REVISTA
CIÊNCIAS DA SAÚDE

ISSN 0101-9546

R. Ciências da Saúde	Florianópolis	v. 17	n. 1	p. 1-379	jan./jun. 1998
----------------------	---------------	-------	------	----------	----------------

Editor Chefe

Profª Lúcia Hisako Takase Gonçalves

Comissão Organizadora (deste número)

Profª Alcione Leite da Silva

Profª Mara Coelho de Souza Lago

Profª Tânia Regina Oliveira Ramos

Diretor do Centro de Ciências da Saúde

Profº Carlos Alberto Justo da Silva

Vice-Diretor do Centro de Ciências da Saúde

Profº Cleo Nunes de Souza

Editoração Eletrônica

Rosemeri Gutihá Meurer

Assessoria Técnica

Daurecy Camilo (Beto) CRB - 14/416

Revista de ciências da saúde / Universidade Federal de Santa
Catarina. Centro de Ciências da Saúde. —v.1, n.1 (1982)- —
Florianópolis : Imprensa Universitária, 1982 -
v. ; 21cm

Semestral
ISSN 0101-9546

1. Ciências médicas 2. Saúde - pesquisas I. Universidade
Federal de Santa Catarina. II Centro de Ciências da Saúde.

Endereço para correspondência e assinatura

Mailing address subscriptions

Editora da UFSC

Caixa Postal 476 - CEP 88.040-970 - Florianópolis - SC

Telefones: (048) 3319408 - 3319605 - 3319686

Fax: (048) 3319680

Home-page: <http://www.editora.ufsc.br>

e-mail: editora@editora.ufsc.br

Anais do Fazendo Gênero 3
Gênero e Saúde

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

13 a 15 de Maio de 1998

Realização

Centro de Ciências da Saúde
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
Curso de Pós-Graduação em Literatura
Curso de Pós-Graduação em História
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Antropologia
Departamento de Enfermagem

Comissão Executiva

- Alcione Leite da Silva (Coordenadora)
- Francine Lima Gelbke
- Mara Coelho de Souza Lago
- Sônia Maluf
- Joana Maria Pedro
- Susana Funck

Sub-Comissão de Secretaria e Apoio

- Francine Lima Gelbke (Coordenadora)
- Sayonara de F. Faria Barbosa
- Silvana M. Pereira
- Grasiela Fagundes Minatto (bolsista)
- Roselane Nackel Kupka
- Núcia Alexandra Silva de Oliveira
- Luciana Rosar Fornazari
- Cristiani Bereta da Silva Luiz
- Aniele Frutuoso da Costa
- Maristela Moreira de Carvalho
- Rita Maria Xavier Machado

Sub-Comissão de Tesouraria

- Alcione Leite da Silva (Coordenadora)
- Maria Regina Azevedo Lisboa
- Tânia Regina de Oliveira Ramos
- Patrícia Corrêa (bolsista)

Sub-Comissão de Comunicação e Divulgação

- Mara Coelho de Souza Lago (Coordenadora)
- Joana M. Pedro
- Sônia Maluf
- Miriam Susskind Borenstein
- Zahidé Lupinacci Muzart
- Gisele dos Santos (bolsista)

Sub-Comissão de Local e Espaço Físico

- Maria de Fátima Zampieri (Coordenadora)
- Odaléa M. B. S. Santos
- Maria Emilia de Oliveira
- Beatriz Schumacker
- Maria da Graça Pereira Nascimento
- Mariana Mendonça Zanin (bolsista)

Sub-Comissão de Recepção e Hospedagem

- Vitória Gregório (Coordenadora)
- Cristina Sheibe Wolf
- Maria Tereza Cunha
- Maria Juracy Siqueira

Sub-Comissão Social, de Saúde e Bem Estar

- Yolanda Flores e Silva (Coordenadora)
- Ana Maria Farias
- Marília de Oliveira
- Maria Inês Bez Kroeger

SUMÁRIO

Editorial	11
Gênero e saúde: indagações a partir do pós-estruturalismo e dos estudos culturais	
Dagmar E. Estermann Meyer	13
Fios da meada: reflexões acerca do movimento feminista, gênero e saúde	
Sônia Malheiros Miguel	33
Acordando a bela adormecida - gênero ou sexismo no discurso da enfermagem	
Maria Itayra Coelho de Souza Padilha	
Miriam Süsskind Borenstein	
Mauro Leonardo S. C. dos Santos	
Maria do Horto Cartana	43
Práticas terapêuticas e ciclo de vida entre as mulheres Kaingang	
Angela Célia Sacchi	67
Famílias de crianças hospitalizadas: os efeitos da doença e da internação	
Maria Aparecida Crepaldi	82
As marcas do feminino nas relações de trabalho: colocando algumas questões para a discussão	
Tania Mara Galli Fonseca	93
Estética e saúde: a construção dos corpos masculino-feminino nas academias	
Cristiane Ker de Melo	101
"Da primeira vez o sexo que se conta é texto"	
Pedro de Souza	113
Cybersexo: a construção da sexualidade nos 'chats'	
Tade-Ane de Amorim	124
Vozes dissonantes: o dito e o oculto sobre as vivências lésbicas	
Rosane Maria de Godoy	146
"Homem solteiro procura ..." - anúncios classificados no DC como caminho para o relacionamento amoroso	
Rita Maria Xavier Machado	166

Masculinidade e complexo materno: a obra de Franklin Cascaes como estudo de caso	
João Baptista Soares de Faria Lago	185
Discurso, gênero e identidade: uma análise crítica de sentenças jurídicas em casos de estupro	
Débora de Carvalho Figueiredo	214
The Garrick Year: encenando a feminilidade	
Cintia Schwantes	233
O discurso sobre a histeria na literatura moderna	
Fábio de Carvalho Messa	244
Narrativa pós-gênero para uma Clarice Cyborg	
Carla Cabral	261
Inquiridores, testemunhas e vítimas: os processos judiciais e a pedagogia de condutas femininas	
Roselane Neckel Kupka	272
Cicatrizes de uma guerra: lembranças de mulheres	
Marlene de Fáveri	285
Entre tensões e sociabilidades: algumas tramas do cotidiano feminino em Joinville no século XIX	
Janine Gomes da Silva	294
Qualidade de vida de uma prostituta de rua de Florianópolis: duas mulheres numa única mulher que sonha com outro trabalho	
Andrea da Silva	
Maria de Lourdes Salmito	
Patrícia Vendramini	
Zuleica Maria Patrício	311
Programa	338

EDITORIAL

O estudo das relações de gênero apresenta-se, atualmente, como um campo extremamente fértil. Estudos de diferentes áreas do conhecimento têm abordado a questão há mais de 10 anos na UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Ao constituir-se em tema de pesquisas, disciplinas, teses e dissertações, em cursos de Graduação e Pós-Graduação, os estudos de gênero têm sido um campo de exercício pleno da interdisciplinaridade.

No Centro de Comunicação e Expressão, desenvolveu-se inicialmente a preocupação com estudos sobre mulheres, o que culminou com a realização, em 1989, do 3º Seminário Nacional Mulher e Literatura na UFSC.

Na busca da articulação de diferentes eventos estimuladores de interdisciplinaridade e incentivando diversos estudos, foi criado, no CFH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, em 1984, o Núcleo de Estudos da Mulher, que, a partir de 1989, passou a chamar-se NEG - Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero.

Desde 1994, as/os pesquisadoras/es ligadas/os a diferentes disciplinas têm organizado um evento bianual denominado **Fazendo Gênero**. Assim, do dia 30 de novembro a 2 de dezembro de 1994, a Pós-Graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária promoveu no Centro de Comunicação e Expressão o **Fazendo Gênero - Seminário de Estudos sobre a Mulher**. Na ocasião, a ênfase do evento esteve ligada à questão do gênero na Literatura, na História e na Antropologia, enfocando, ainda, as questões do feminismo contemporâneo. Neste evento, além dos inúmeros contatos e trocas de experiências e debates, foram publicados, sob o título **Fazendo Gênero**, vários dos textos apresentados durante o Seminário.

No período de 15 a 17 de maio de 1996, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, foi realizado o **Fazendo Gênero 2 - Um Encontro Interdisciplinar**. Naquele evento, o tema de maior destaque foi Epistemologias Feministas. Dos trabalhos apresentados

no Encontro, foram selecionados vários textos, resultando em duas publicações. Uma delas constitui o nº 21 da Revista de Ciências Humanas, publicada no segundo semestre de 1996, e a segunda compõe o livro *Masculino, feminino, plural: o gênero na interdisciplinaridade*, lançado neste evento.

Com esta tradição de organização de eventos interdisciplinares sobre estudos de gênero realizamos no período de 13 a 16 de maio deste ano o **Fazendo Gênero 3 - Gênero e Saúde**, sediado pelo Centro de Ciências da Saúde, o qual buscou dar viabilidade aos estudos que se têm desenvolvido nesta área em suas articulações com outros campos do conhecimento. Apresentamos neste volume alguns dos artigos do Evento, esperando favorecer a continuidade dos debates e suas repercussões nas práticas sociais.

Alcione Leite da Silva
Mara Coelho de Souza Lago
Tânia Regina de Oliveira Ramos
Comissão Organizadora

GÊNERO E SAÚDE: INDAGAÇÕES A PARTIR DO PÓS-ESTRUTURALISMO E DOS ESTUDOS CULTURAIS

Dagmar E. Estermann Meyer¹

RESUMO

Proponho, com este texto, uma reflexão acerca das potencialidades de se trabalhar com o conceito de gênero na área da saúde, tomando como referência algumas das contribuições e tensões incorporadas aos Estudos Feministas a partir de articulações com o Pós-Estruturalismo e com os Estudos Culturais. Retomando, brevemente, os conceitos de gênero, linguagem, desconstrução, poder, representação e identidade, que são centrais a esses campos, levanto, com base neles, algumas indagações acerca dos pressupostos que têm norteado o trabalho educativo e assistencial na área de saúde da mulher. Pretendo, com isso, apontar para algumas das possibilidades analíticas que podem se abrir com essa abordagem teórica.

UNITERMOS

Gênero e saúde; Saúde da mulher; Educação em saúde da mulher.

ABSTRACT

In this article I intend to make a reflection about the potentialities of working with the concept of gender in the health field. As reference I have used some contributions and tensions

¹ Professora do Departamento de Enfermagem - Centro de Ciências da Saúde - Universidade Federal de Santa Catarina.

embodied into feminist studies articulated with cultural studies and post-structuralism. Taking up the concepts of gender, language, deconstruction, power, representation and identity, core concepts in these fields, I have asked some questions about the presuppositions that have driven the educational and assistencial works about women health. I intend to point out some analytical possibilities that can be raised with this theoretical approach.

KEY WORDS

Gender and health; Women's health; Education in women's health.

INTRODUÇÃO

Se lançarmos olhares atentos sobre a produção acadêmico/científica da área da saúde na última década, poderemos identificar um grande número de estudos que vêm incluindo gênero entre suas categorias de análise. Na área da Enfermagem (considerando-se periódicos científicos de grande circulação na década de 90) foram publicados vários números dedicados a essa temática e isso é um indicativo da relevância que vêm assumindo, no contexto da produção do conhecimento nesse campo, a discussão em torno das diferentes formas de articulação entre gênero e saúde. Uma retrospectiva histórica nos permite perceber que tais estudos, envolvendo a categoria mulher e depois a categoria gênero, começaram a aparecer mais sistematicamente no campo da saúde, no Brasil, como decorrência de um movimento geral que envolveu a produção de pesquisas alicerçadas em perspectivas mais progressistas e críticas divulgadas, no País, na década de oitenta. Estes estudos, fundamentados, sobretudo, no paradigma marxista de análise, produziram outras compreensões acerca da constituição do social e de sua organização, ampliaram a discussão em torno das relações entre saúde e sociedade e problematizaram as relações de trabalho que aí se desenrolam.

Na área da enfermagem isso propiciou, num primeiro momento, a elaboração de estudos em que esta foi analisada como profissão institucionalizada por (e para) mulheres e em que se buscavam reconhecer os modos pelos quais os ideais de feminilidade das modernas sociedades ocidentais regiam e davam forma ao ensino e à prática assistencial que aí se desenvolviam. Mais recentemente, estudiosos e estudiosas preocupados/as com questões que envolvem as relações entre gênero e saúde têm ampliado muito essa discussão, com o intuito de compreender como os conhecimentos e práticas produzidos/implementados no campo da saúde estão implicados com a produção social de masculinos e femininos, que efeitos de poder são colocados em funcionamento através deles e com que resultados.

Com a intenção de contribuir para esse debate, pretendo levantar, na segunda parte deste ensaio, algumas indagações acerca de pressupostos que ainda norteiam muitas das práticas desenvolvidas nas áreas da educação e da assistência em saúde da mulher. Para que elas possam ser compreendidas, no contexto da discussão que estou propondo, retomo brevemente, na primeira parte do texto, os conceitos de gênero, poder, linguagem, desconstrução, representação e identidade, na perspectiva em que eles têm sido trabalhados no campo dos Estudos Feministas, naquelas vertentes que têm buscado, ali, uma aproximação teórica e política com os campos do Pós-Estruturalismo e dos Estudos Culturais.

I- DELIMITANDO O CAMPO CONCEITUAL DESTES ESTUDO

Nas Ciências Sociais e Humanas o conceito de gênero passou a ser empregado no campo dos Estudos Feministas, por estudiosas anglo-saxãs, a partir da década de setenta. O conceito remete à compreensão de construções históricas e sociais em torno do sexo, pluralizando as concepções de feminino e de masculino e

ênfatizando os mecanismos e as instituições culturais e sociais que estão envolvidas com esta construção. Introduzido com a finalidade de dar conta das insuficiências das teorias, até então produzidas para explicar as subordinações e desigualdades existentes entre mulheres e homens, o conceito buscou também deslocar o foco da mulher dominada para enfatizar a dimensão da construção relacional e da organização social das diferenças entre os sexos, desestabilizando, entre outras coisas, o determinismo biológico e/ou econômico até então presente em algumas das vertentes feministas anteriores.

Ao centrar-se numa discussão que buscava problematizar o biológico como sinalizador de um destino fixo e imutável e que, ao mesmo tempo, buscava reduzir o peso da determinação econômica, introduzindo questões sociais mais amplas na discussão acerca das desigualdades, o campo abriu-se para a incorporação de críticas que já vinham sendo feitas ao movimento feminista pelas mulheres de cor, pelas mulheres lésbicas e por outros grupos de mulheres. Tais grupos vinham colocando em questão as noções de universalidade e de essência até então presentes na categoria *Mulher*, uma categoria de matriz branca, heterossexual e burguesa na qual estes sujeitos femininos não se reconheciam.

O conceito de gênero conseguiu contemplar as noções de relação, multiplicidade, diferença e heterogeneidade, com os quais se vinham problematizando os referenciais teórico-analíticos produzidos até então. Estas problematizações acabaram por propiciar novas teorizações e alianças nas quais está incluída, também, a discussão em torno das potencialidades e dos problemas decorrentes de uma articulação teórica e política com o Pós-Estruturalismo e com os Estudos Culturais, que apoia a minha argumentação neste ensaio.

Nos campos dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, a discussão em torno dessa aliança e de seus efeitos pode ser subsidiada em nosso meio, sobretudo pelos trabalhos de Joan Scott (1994; 1995), Chris Weedon (1991), Valérie Walkerdine (1995),

Guacira Louro (1995; 1996; 1997), Kathryn Woodward (1997); Tomaz Tadeu da Silva (1996; 1997) e Stuart Hall (1997a; 1997b). Estas autoras e autores têm em comum o fato de situarem suas discussões no contexto da chamada "virada lingüística" ou "virada cultural", onde o redimensionamento do conceito de linguagem assume um lugar central.

Fundamentando-se, sobretudo, nas obras de Jaques Derrida e Michel Foucault, estas estudiosas e estudiosos enfatizam a centralidade da linguagem na construção, manutenção e transformação do social. De forma simplificada isto significa dizer que a linguagem - longe de ser somente um veículo que nos permite ter acesso a um sentido fixado de forma inerente e duradoura às coisas, pessoas e eventos ou de ser um meio que transmite com transparência e neutralidade os significados que pretendemos expressar - é a instância em que se constroem os sentidos que atribuímos ao mundo e a nós mesmos, o que é o mesmo que dizer que a linguagem produz aquilo que reconhecemos como sendo o real ou a realidade, ao mesmo tempo que produz os sujeitos que aí estão implicados.

Para os estudos de gênero este redimensionamento da noção de linguagem têm uma importância capital e Joan Scott aponta para isso quando discute o conceito, enfatizando que ele tem como núcleo central a relação entre duas proposições: 1) "o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos" e 2) "o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder" (Scott, 1995, p.73). É quando desdobra estas proposições que a autora remete a Derrida e a Foucault, para enfatizar dois pontos centrais de sua argumentação: o de que é preciso desconstruir o "caráter permanente da oposição binária masculino/feminino" e o de que poder não se refere à noção de um poder social unificado, coerente e centralizado, mas a uma perspectiva que esteja próxima do conceito foucaultiano de poder.

Nos estudos de Derrida, desconstrução é uma estratégia de análise de textos (tomados aqui em sentido amplo) que busca mostrar como o discurso mina "a filosofia que afirma, ou as oposições hierárquicas em que se baseia [de maneira que seja possível] reverter esta hierarquia em determinado momento" (Culler, 1997, p.100). Derrida argumenta que a linguagem que dá sustentação ao pensamento moderno ocidental está estruturada em torno de dicotomias ou oposições binárias, tais como a de natureza/cultura ou homem/mulher, por exemplo, nas quais os dois pólos supostamente diferem e se opõem, enquanto que cada um deles seria uno e idêntico a si mesmo. Ele também desenvolve a idéia de que estas oposições sempre contém um termo dominante ou prioritário, que acaba funcionando como padrão ou referência e que sua definição só pode ser sustentada pelo posicionamento do segundo termo enquanto falta ou negação. Estas oposições binárias não são, segundo o autor, dadas *a priori*, mas se constituem em determinados contextos nos quais elas são construídas, compreendidas e legitimadas como referentes que produzem, justificam e reproduzem hierarquias e desigualdades sociais.

Na perspectiva proposta por Derrida, desconstrução envolveria a problematização e a historicização destas oposições e indicaria a possibilidade de tornar visíveis as operações de poder implicadas na produção das diferenças e das desigualdades, no âmbito de oposições determinadas. A problematização e o deslocamento operados por esta análise permitiriam, então, compreender tanto as formas pelas quais as oposições se estruturam enquanto tal, quanto os seus efeitos. É importante dizer que a desconstrução não supõe a destruição ou a anulação pura e simples da oposição binária ou de seus efeitos, mas, como argumentam Julianne Cheek e Trudy Rudge (1994), permite, entre outras coisas, a compreensão crítica dos processos de construção dos sentidos e a recusa da verdade última, "naturalmente dada", que se sustenta nos sistemas que nos fornecem uma única possibilidade de ver e entender o mundo.

No que se refere aos estudos de Gênero, em especial, a proposta de desconstrução implica, segundo Guacira Louro (1997), problematizar tanto a oposição binária entre os pólos homem/mulher e masculino/feminino, quanto a unidade interna de cada um, demonstrando que cada polo existe em relação e suposição ao outro e que eles são internamente divididos, uma vez que não somos apenas mulheres e homens mas somos, ao mesmo tempo, brancos/as, negros/as, católicos/as, protestantes, jovens, velhos/as. Todos esses marcadores, articulados, nos posicionam de forma diferenciada no contexto social. Assim, desconstruir significa "perceber que a oposição é construída e não inerente e fixa. [Significa buscar] os processos e condições que estabeleceram os termos da polaridade. [Significa historicizar] a polaridade e a hierarquia nela implícitas" (Louro, 1997, p.33). Como Joan Scott indica em sua definição de gênero, a possibilidade da desconstrução implica, de forma central, a reconceptualização da noção de poder.

A questão do poder constitui uma discussão nodal para o campo dos Estudos de Gênero e alguns dos pontos mais significativos desse debate são, exatamente, aqueles que começam por implodir as idéias do poder como dominação e como propriedade de alguns, via de regra exercido de cima para baixo, numa direção única e fixa e a quase similaridade que se estabelece entre coerção e poder. A leitura de Michel Foucault e de sua analítica do poder tem sido fundamental para esta reflexão do feminismo. Ao enfatizar que este conceito envolve "a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização", Foucault (1989, p.88) nos permite direcionar a discussão em torno do poder para algumas importantes dimensões que estão, aí, interconectadas: a dimensão do exercício em contraposição à dimensão de posse; a dispersão e o descentramento contidos nas idéias de relações e de redes de poder; a idéia do poder como uma instância que produz coisas, fabrica sujeitos, constrói conhecimentos, induz comportamentos (o que é definido como a dimensão de positividade do poder) e, ainda, a idéia de que os

pontos de resistência são constitutivos das redes de poder, incluindo-se, aí, o pressuposto de que não existe exercício de poder sem liberdade (entendida, aqui, como possibilidade de reação, potencial de revolta).

A discussão em torno dos conceitos de desconstrução e poder (feita, aqui, de forma breve para conferir sentido às indagações da segunda parte) está diretamente vinculada ao pressuposto de que a linguagem é o *locus* de produção dos sentidos que compartilhamos. Esse é um processo ativo, conflitivo, instável e dinâmico, que é fruto de relações de poder e que gera efeitos de poder e é no seu interior que se constrói aquilo que reconhecemos como certo/errado, normalidade/desvio, saudável/doente, nós/eles, homem/mulher. Assim, entende-se que é na linguagem que se produzem e se colocam em ação os mecanismos e as estratégias de diferenciação que estão na base das hierarquizações e desigualdades sociais.

No âmbito dos Estudos Culturais, o caráter produtivo da linguagem está diretamente conectado com a noção de representação. Stuart Hall (1997) e Kathryn Woodward (1997) definem representação como sendo o processo pelo qual a linguagem, em seu sentido lato, é utilizada para produzir significados. Está implícita, aqui, a importante premissa de que coisas (objetos, pessoas, eventos, sentimentos, o mundo) não têm em si mesmas qualquer significado fixo, final e verdadeiro, mas que elas significam algo específico no interior de culturas específicas. Representação, nessa perspectiva, envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados - que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos - são construídos. São os sistemas de representação social que constroem os "lugares" nos quais indivíduos e grupos se posicionam (ou são posicionados) e a partir dos quais podem falar (ou podem "ser falados"), uma vez que estes sistemas providenciam respostas para questões acerca de "quem eu sou?" ou "o que eu posso ser?" ou ainda "quem pode dizer o que, acerca de quem, a quem, em que circunstâncias?" Todas as práticas

de significação e processos simbólicos, através dos quais significados são construídos, envolvem relações de poder: o poder de nomear, de descrever, de classificar, de identificar, de diferenciar; o poder de definir, enfim, quem está incluído e quem está excluído.

Os sistemas de representação, ao construírem "lugares" que nos posicionam ou, ao proporcionarem respostas que nos possibilitam entender aquilo que somos, constroem posições de sujeito, produzem identidades. Em um instigante artigo acerca das políticas de representação, Tomaz Tadeu da Silva (1997, p. 15) refere que:

A identidade cultural ou social é o conjunto daquelas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são. Aquilo que eles são, entretanto, é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos. Identidade e diferença são pois processos inseparáveis ... aquilo que 'é' é inteiramente dependente daquilo que 'não é' ... identidade e diferença são construídas na (e através da) representação: não existem fora dela.

O autor segue dizendo que os processos de produção lingüística da identidade e da diferença, bem como os processos de produção cultural e social da identidade e da diferença, estão estreitamente relacionados e que esta produção se dá, em grande parte, nos (e através dos) sistemas de representação social. Os sistemas de representação, em conexão com o poder que opera na linguagem, estão envolvidos de forma fundamental com aquilo que nós somos e nos tornamos e isso significa dizer que os processos de produção do eu/outro, nós/eles não podem ocorrer fora da representação (op.cit., p. 35-6).

Que implicações têm, para os Estudos de Gênero, estas reflexões? Se aceitarmos a argumentação até aqui desenvolvida, podemos começar afirmando algumas coisas que, supostamente, já se tornaram óbvias, como por exemplo, que homens e mulheres, masculino e feminino são produzidos e se produzem, enquanto identidades de gênero (múltiplas), no âmbito de redes de poder que estão em ação na linguagem, nos sistemas de representação social. Uma decorrência imediata dessa afirmação (supostamente óbvia) implica o reconhecimento de que a produção das identidades de gênero envolve, simultaneamente, um processo de diferenciação dos gêneros. Estes processos de diferenciação/identificação estão sempre implicados com relações de poder, relações estas que estão em ação na linguagem e instituem o "diferente" a partir de um determinado "lugar", um determinado referente, que passa a funcionar como norma, como padrão de medida. O pensamento moderno - no qual estamos todas/os, mais ou menos, mergulhadas/os -- se estrutura, como vimos, em termos de oposições binárias fundamentais, entre elas a suposta oposição entre identidade e diferença. Se aceitarmos o desafio de Scott e das/os estudiosas/os que compartilham deste modo de pensar, ao desconstruirmos a oposição homem/mulher (mostrando como um polo está contido no outro e as formas pelas quais eles se dividem internamente) podemos começar a visibilizar os mecanismos de funcionamento e os efeitos de poder de múltiplas instituições sociais e variados campos de conhecimento que estão implicados com o posicionamento e a nomeação das mulheres e de alguns homens como diferentes. Uma diferença que se estabeleceu, historicamente, em relação a uma norma, a um padrão: o homem europeu, branco, heterossexual, burguês e cristão; uma operação de identificação/diferenciação que é datada e localizada, que tem história e se inscreve em diferentes sociedades e culturas, de maneira específica.

As diferenças, usualmente, são legitimadas por sistemas classificatórios, onde determinados princípios de diferenciação são

aplicados a uma população/grupo de tal forma que esta termina, no limite, dividida entre nós e eles, incluídos e excluídos, os de dentro e os de fora. Cada cultura possui, em épocas determinadas, suas formas distintivas de classificar o mundo, de representá-lo. As formas pelas quais se delimitam "lugares", se posicionam sujeitos, se demarcam fronteiras - se constroem identidades - com base no jogo diferença/identidade são cruciais de serem entendidas, se queremos investir tanto na compreensão de sua historicidade e especificidade quanto num movimento de deslocamento destes limites e lugares. Se nos remetermos às nossas posições de mulheres (ou homens), profissionais da saúde e da educação, preocupadas com estas questões, podemos nos perguntar o quanto os conhecimentos, práticas e instituições que configuram a singularidade destes campos, estão implicados ativamente com os processos de diferenciação de gênero (e de muitos outros que não estão em foco neste ensaio). Poderíamos, então, passar para a segunda parte do texto, onde pretendo fazer um pequeno exercício de problematização de algumas das dimensões da área de saúde da mulher, tomando como referência esta discussão conceitual.

2- GÊNERO E SAÚDE DA MULHER: INDAGAÇÕES POSSÍVEIS E AINDA NECESSÁRIAS.

Uma primeira pergunta que poderíamos nos fazer, neste ponto do ensaio, é se houve alguma ampliação ou mudança de foco nos estudos que, na área da saúde, deixaram de trabalhar com a categoria mulher e passaram a trabalhar com gênero. Como eu apontava no início de minha fala, a introdução deste conceito no campo dos Estudos Feministas teve importantes desdobramentos teóricos, analíticos e políticos, sobretudo no que se refere à sua ênfase na relação social feminino/masculino (que engloba, mas vai muito além de relações interpessoais) assim como pelo reconhecimento da impossibilidade de existência de uma mulher (e de um homem) essencial e universal. Um balanço inicial e

provisório inclina-me a responder que, em muitos casos, simplesmente substituímos um termo pelo outro, sem que tivéssemos incorporado, na análise, as implicações decorrentes do deslocamento de um campo de estudos da mulher para um campo de estudos de gênero. São recentes e, ainda pouco numerosos, estudos que contemplem a relação entre saúde e produção de masculinidades ou que busquem discutir a produção dos gêneros de forma interrelacionada.

Isso não significa dizer que os Estudos de Gênero não possam, ou não devam, centrar-se em problemas que tenham a mulher como referência fundamental, desde que não percamos de vista que pensar a produção social de mulheres implica em pensar, também, de forma indireta, os homens produzidos no mesmo contexto. Centrar-se na mulher significa, na abordagem que faço, entender e problematizar a rede de instituições e relações sociais que produzem, normatizam e controlam as formas e os "lugares" nos quais mulheres e homens específicos vivem suas vidas conjuntas e/ou separadas, as formas pelas quais eles e elas se relacionam em diferentes instâncias profissionais e políticas, os jeitos pelos quais vivem e regulam seus amores, sua sexualidade, seus conflitos e seus confrontos.

Com este olhar, discutir a relação entre gênero e saúde, tomando como referência a área de saúde da mulher, pode tornar-se um exercício produtivo e instigante. Como eu enfatizava em trabalho anterior (1998), as ações de assistir/cuidar/educar, no campo da saúde, têm como maior clientela mulheres e crianças. De muitas maneiras, elas foram (e continuam sendo) o foco prioritário das políticas higienistas, sanitárias e preventivas, desde a estruturação e organização das cidades e do incremento da industrialização. Por quê? Que importância pode ter pensar sobre isso? Que significados e que efeitos esse fato assume e gera hoje, no contexto de concepção e implementação de programas como "Assistência integral à saúde da mulher" ou "Saúde da família", por exemplo? Em que contexto podemos entender as recentes e reiteradas declarações do Ministro

da Saúde, de que a área de saúde da mulher terá (mais uma vez!!) prioridade absoluta em sua gestão?

Muitas pesquisas têm documentado que as mulheres são as maiores freqüentadoras e /ou usuárias da rede de assistência à saúde. Como isso se dá e que relações se produzem aí? Que processos de construção de gênero estão atravessados e/ou imbricados nas relações que aí se desenrolam? Elas (as mulheres) continuam sendo interpeladas de forma central pelos programas de promoção da saúde e de prevenção de doenças, assim como constituem o público-alvo de muitas campanhas que representam a saúde como estando atrelada a determinados ideais de beleza física, ao consumo de determinados produtos "saudáveis", à opção por determinados estilos de vida. Não fosse isso suficiente, elas constituem, sem dúvida, o maior contingente profissional nessa área. Temos, pois, muitos motivos, muitas temáticas e diferentes abordagens para discutir as relações entre gênero e saúde, focalizando, aí, as mulheres.

Tomando como referência essa área de estudos e de atuação profissional que vem sendo chamada de Saúde da Mulher, eu gostaria de propor uma pergunta às minhas/meus leitoras/es: quais são os exames de saúde que nós, mulheres (ou as mulheres ligadas aos homens que me lêem) fazemos rotineira e obrigatoriamente, em determinados intervalos de tempo? Penso que tenho grandes chances de acertar se disser que a maioria de nós faz, basicamente, dois tipos de exames de saúde rotineiros, independentemente de estarmos sentindo/apresentando quaisquer sinais e/ou sintomas específicos: o exame ginecológico (com todos os desdobramentos que ele têm, nos diferentes tipos de instituição onde é feito) e o exame odontológico, provavelmente extensivo a homens e mulheres, o qual tem uma relação direta com nossa inserção sócio/cultural e profissional. Seria interessante que pensássemos um pouco sobre isso.

Por quê, enquanto mulheres, muitas de nós profissionais de saúde, muitas de nós envolvidas com estudos que problematizam e que procuram deslocar a oposição corpo/mente e a

fragmentação/redução do corpo a órgãos/funções/aparelhos isolados, reduzimos, na concretude de nossa vida, a noção de saúde à noção de saúde ginecológica (ou obstétrica)? O que é, exatamente, saúde da mulher? É sinônimo de saúde do sistema reprodutor? Se não é, o que mais está sendo incluído aqui ou, o que está sendo excluído daqui? Existe alguma área correspondente à "saúde da mulher", que se ocupe da "saúde do homem" e que seja concebida, desenvolvida e abordada com a mesma ênfase nas políticas, na pesquisa, no ensino e na assistência? Ou "saúde do homem" se confunde com saúde da humanidade, em toda a sua abrangência e saúde da mulher é um recorte desse todo, que merece ser estudado, tratado e controlado de formas específicas e particulares? Quais são as relações de poder que isso põe em funcionamento? Que representações de saúde e que representações de mulher (e homem) são aí produzidas?

Isso nos envolve diretamente numa outra importante pergunta: quem é a mulher em torno da qual a área de saúde da mulher se estrutura? Estaríamos, aí, lidando com a idéia da mulher (e do homem) essencial e universal que várias estudiosas de gênero vêm se empenhando em desconstruir? O referencial teórico que possibilita fazer as indagações que venho levantando, aqui, implica em aceitar o pressuposto de que seres essenciais e universais não existem, que eles são representados assim, dentro de determinados contextos que permitiram que se escamoteassem ou se "borrassem" as condições específicas de sua emergência.

Podemos, ainda, levantar outras questões: existe um enfoque homogêneo e unificado estruturando os conhecimentos e práticas no campo de saúde da mulher? De imediato eu diria que temos, pelo menos, duas instâncias bem distintas em que a saúde da mulher se desenvolve, enquanto prática assistencial: uma na rede pública de assistência à saúde e outra que envolve os serviços particulares e os seguros privados de saúde. A abordagem (aparentemente homogênea e unificada) de uma suposta especificidade que constitui a "saúde da mulher" no âmbito das políticas e no campo da

produção do conhecimento, a qual por sua vez conforma essas práticas assistenciais, toma como referência e interpela qual mulher?

As questões que venho levantando até aqui, nos permitem delimitar, então, alguns pontos importantes para reflexão:

- saúde da mulher engloba ou se restringe à saúde dos órgãos, das funções e das capacidades femininas envolvidas com a reprodução?
- quem é a mulher a quem esta área se dirige e em função de qual ela se estrutura desta forma?
- que mulheres, prioritariamente, as políticas de saúde da mulher representam e quais elas buscam atingir? Por quê? Com que efeitos?
- quem se atribui a autoridade para representar a mulher-alvo dos programas de saúde?
- saúde da mulher é uma área de conhecimentos e práticas que se propõe/possibilita incluir todas as mulheres? Isso seria desejável? Quais mulheres são excluídas, de quais conhecimentos, de quais práticas, de quais políticas, com que efeitos?
- em tempos de AIDS, de profundas transformações tecnológicas nos campos da Genética e da Reprodução Humana, de reconceptualizações radicais da concepção de família, como e o quê estamos ensinando sobre concepção, anticoncepção, maternidade, paternidade, sexualidade nos cursos de formação e nos programas de educação em saúde?

Por um lado, apontar para o fato de que a mulher a quem esta área se refere desdobra-se em muitas e diferentes mulheres, considerando-se a sua inserção em outras posições sociais como etnia, raça, classe, religião, geração, por si só já complica enormemente a aceitação de algumas das pressuposições tácitas (acerca da vivência da sexualidade, corpo, necessidades humanas básicas, concepção e anticoncepção, gravidez, dor, prazer, lactação, por exemplo) que estruturam ou subjazem aos saberes e práticas com os quais se lidam aí. Por outro lado, é preciso que nos demos

conta de que saúde da mulher não supõe, nem mesmo, a mulher essencializada e universalizada, que comecei questionando.

Saúde da mulher poderia ser chamada (penso que sem grandes problemas) de "assistência à saúde de mulheres que foram, são e/ou poderão ser mães". Não que eu veja algum problema no fato de que haja uma área, no campo da saúde, que se ocupe (e se preocupe) especificamente da maternidade, com todas as suas implicações. Muito pelo contrário! O que penso que precisamos problematizar aqui é, em primeiro lugar, a equivalência *natural* que se estabelece entre *mulher* e *mãe* e os desdobramentos de poder que isso tem e, logo em seguida, precisamos nos perguntar acerca das representações de *mulher enquanto mãe* que esta área produz e coloca em circulação. Que identidades maternas estão sendo produzidas/representadas no âmbito de programas como educação sexual, prevenção de gravidez na adolescência, métodos anticoncepcionais, planejamento familiar, aleitamento materno? Valérie Walkerdine (1995, p. 211 e seg.), fazendo uma análise histórica da emergência da psicologia infantil no final do séc. XIX, nos permite ensaiar algumas respostas para essa questão, quando ela discute o posicionamento da mulher como mãe nesses discursos: por um lado como a estimuladora primária e fundamental do desenvolvimento da autonomia (e hoje poderíamos acrescentar, aí, mais um conceito da moda - a inteligência emocional) da criança e, por outro lado, como culpada por qualquer fracasso individual e/ou social desse futuro adulto.

Em que medida as teorias e os conhecimentos que produzimos e reproduzimos na área de saúde da mulher têm contribuído para explicar a violência, a criminalidade, a mortalidade e a morbidade infantil, o aumento dos índices de gravidez na adolescência, a subnutrição, a drogadição, o fracasso escolar, por exemplo, a partir de vínculos inadequados entre mãe/filho? Ou através da ausência prolongada da mãe na infância, ou como consequência da dissolução da família (nuclear moderna) ou, ainda, em função da incapacidade, ignorância ou irresponsabilidade maternas? Que

estatuto de maternidade é este que está operando aqui? Com que efeitos? Como profissionais de saúde, engajadas em estudos de gênero, é esta maternidade que queremos tomar como referência? É esta a única forma desejável de se exercer a maternidade? E seu exercício prende-se a um desejo/capacidade individuais? Em que medida as mães de carne e osso podem, ou querem, reconhecer-se nestas representações? A que custo? Quem está incluído e quem está excluído delas? Quem produz estas representações de maternidade? Uma boa parte das teorias que dão suporte a elas estão inscritas na ciência masculina, branca, heterossexual e cristã, da modernidade ocidental, que as feministas vêm criticando nas últimas décadas.

Poderíamos estender e aprofundar muito mais estas reflexões mas, no contexto desta mesa redonda, as questões que foram levantadas até aqui me parecem suficientes para fazer algumas sínteses e argumentar que estas são algumas das possibilidades de problematização que se abrem com a articulação entre saúde e gênero, no âmbito do referencial teórico que delimitei no início desta fala.

ALGUMAS SÍNTESES E UMA INDAGAÇÃO FINAL

Penso que podemos, no contexto deste referencial teórico/analítico, fazer novas perguntas ou reformular outras, que nem são tão novas, instituindo e/ou ampliando debates que são, no mínimo, instigantes e necessários. Estes envolvem questionar o quanto, e como, conhecimentos e práticas que circunscrevem a área de saúde da mulher estão implicados com a produção de representações hegemônicas acerca de masculinidade, feminilidade, maternidade, infância ou, de que forma estas representações diferenciam e hierarquizam mulheres em relação aos homens e/ou diferenciam mulheres de outras mulheres, produzindo e/ou reforçando exclusões e desigualdades. Outros aspectos do nosso cotidiano profissional podem também ser colocados em questão: o

que pensamos, ensinamos e fazemos; o modo como aprendemos a pensar o que pensamos e a fazer o que fazemos; os sentidos que estudantes/clientes/pacientes atribuem ao que ensinamos a (e fazemos com) eles/as. Do mesmo modo, aquilo que não é dito, não é feito e, às vezes não pode, ou não consegue sequer ser pensado em determinados "espaços" (teóricos, políticos, institucionais) precisa também ser problematizado.

Pode-se perceber, ainda, como as diferenças se constroem negativamente, como exclusão ou como marginalidade. Elas, no entanto, têm sido também celebradas como recursos de diversidade, heterogeneidade, como inclusão de outras possibilidades de viver a vida, como o espaço que grupos (até aqui subjugados) conquistam para falar de si mesmos, para representar-se.

Algumas dificuldades se colocam a partir dessas discussões. Da problematização em torno da desconstrução, das relações de poder imbricadas na produção de identidades/diferenças ou da celebração das diferenças, por exemplo, emergem novos dilemas para o movimento feminista em todos os seus campos de atuação: como estruturar uma luta em que o reconhecimento das diferenças não obscureça o sofrimento, a opressão ou a exclusão a que elas geralmente estão associadas? Como falar de capacidades, de modos de ser e de viver e de habilidades diversas, sem cair na vala conservadora que produz, reforça e mantém a posição do *outro*? Como enfatizar diferenças sem "ressuscitar" essências inatas e universais? A questão da produção de diferenças e identidades, no campo dos Estudos de Gênero, precisa, então, ser tratada, sobretudo, em sua dimensão política.

Guacira Louro (1997) enfatiza que uma das coisas que é preciso ter em mente, hoje, quando nos metemos nesta discussão, é que o reconhecimento de que há uma amplitude de divisões sociais, provoca lutas e solidariedades bastante distintas e muito instáveis e provisórias. O mesmo sujeito pode viver situações de subordinação e dominação, ou, simultaneamente várias condições de subordinação e/ou dominação. Aceitar isso não implica desconsiderar que alguns

grupos, como os das mulheres e dos negros, por exemplo, tenham vivido histórias mais longas e mais persistentes de subordinação do que outros grupos sociais. Isso significa, sim, considerar que dominações e subordinações não se somam de forma linear e ascendente, mas que elas se combinam de formas especiais e particulares. Elas são construções sócio-históricas e precisam ser tratadas e questionadas em sua especificidade. E essa é uma das muitas e grandes dificuldades que temos tido, na atualidade, para nos reorganizarmos politicamente, nos movimentos sociais. Como costurar solidariedades que sustentem reivindicações por maior justiça social ou que denunciem desigualdades e exclusões, sem que os marcadores sociais que nos unem, reforcem ou neguem aqueles que nos separam? Acho que esta é uma importante aprendizagem que está ainda por ser feita nesta virada de século, sobretudo numa área que continua sendo tão estratégica e tão disputada em todos os discursos políticos quanto esta, que é a área de saúde da mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHEEK, Julianne, RUDGE, Trudy. Nursing as textually mediated reality. *Nursing Inquiry*, n. 1, p. 15-22, 1994.
- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 1997.
- _____. (Ed.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage & Open University, 1997.
- LOURO, Guacira. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul/dez 1995.

- _____. Nas redes do conceito de Gênero. In: LOPES, M. et al. (Orgs). **Gênero e Saúde**. Porto alegre: Artes Médicas, 1996.
- _____. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MEYER, Dagmar. Espaços de sombra e luz: reflexões em torno da dimensão educativa da Enfermagem. In: MEYER, D. et al. (Orgs). **Marcas da diversidade: saberes e fazeres da Enfermagem contemporânea**. Porto Alegre: artes Médicas, 1998.
- _____. A dúvida como postura intelectual: uma abordagem pós-estruturalista de análise dos estudos de gênero na enfermagem. *Nursing, Edição Brasileira*, v. 1, n. 1, Jun. 1998.
- SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 3, 1994.
- _____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul/dez. 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidades terminais. As transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *A poética e a política do currículo como representação*. Porto alegre, 1997 (mimeo).
- WALKERDINE, Valérie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, jul/dez, 1995.
- WEEDON, Chris. **Feminist practice and post-structuralist theory**. Oxford: Basil Blackwell inc., 1991.
- WOODWARD, Kathryn (Ed). **Identity and difference**. London: Sage & Open University, 1997.

FIOS DA MEADA: REFLEXÕES ACERCA DO MOVIMENTO FEMINISTA, GÊNERO E SAÚDE

Sônia Malheiros Miguel

RESUMO

Este texto discute a ação legislativa no que diz respeito à igualdade de direitos, independente de sexo ou orientação sexual; bem como a saúde e os avanços no âmbito reprodutivo, com novos desafios para mulheres e homens.

UNITERMOS

Ação legislativa; Ciência e saúde; Novos desafios.

ABSTRACT

This paper discusses the Congress action in respect to equal rights, independently of sex or sexual orientation; it also deals with health and the advances in reproductive field and the new challenges they bring to women and men.

KEYWORDS:

Congress action; Science and health; New challenges.

Este texto foi escrito para a Mesa de Abertura do Encontro Fazendo Gênero III e tem como propósito realizar uma reflexão mais sistematizada sobre interrogações que atravessam os temas do Encontro: gênero e saúde.

As presentes reflexões têm por base a experiência do Centro Feminista de Estudos e Assessoria - CFEMEA, uma ONG

feminista, com sede em Brasília, que tem por objetivo informar, articular e assessorar as organizações de mulheres sobre o processo legislativo federal, acompanhando e apoiando a tramitação das proposições que assegurem a igualdade de direitos para todos os seres humanos, independente do sexo ou da orientação sexual.

Pensar gênero ou saúde já é, por si só, bastante complexo. Mas pensar a saúde, a partir de uma ótica de gênero, é um desafio. Desafio este que vem sendo aceito e realizado por pesquisadores e militantes de diferentes áreas. Aqui, me proponho recuperar alguns passos, refletindo sobre a relação gênero/saúde/movimento feminista, a partir da questão da saúde sexual e reprodutiva, dos direitos dela decorrentes e da forma como eles vêm sendo tratados no legislativo brasileiro. Neste campo se expressam e evidenciam visões de mundo radicalmente diferentes. E, em muitos aspectos, incompatíveis.

Já está se tornando um consenso afirmar que o conceito gênero distingue a dimensão biológica da social. Ao usar a categoria gênero, estaríamos trabalhando com as construções simbólicas do feminino e do masculino em cada sociedade, havendo uma permanente articulação entre o que determina um gênero e outro, e onde a noção de assimetria seria determinante para a compreensão não só da dominação das mulheres pelos homens, mas também do espaço de poder feminino no interior de cada cultura. Gênero como um conceito, portanto, que visaria apontar para a não-continuidade entre o sexo biológico e o sexo social.

Mas, em decorrência mesmo desta afirmação do conceito, outras questões passam a ser colocadas. Fica, hoje em dia, cada vez mais evidente a impossibilidade de falarmos da Mulher - impossível falar de uma única identidade. Assim também como do Homem. A diversidade se impõe. O alargamento do campo do gênero, com o crescimento dos estudos sobre masculinidade, homossexualidade, bissexualismo, transexualismo, travestismo e outros ismos, relacionados à questão da orientação sexual, é um exemplo disso.

Quando pensamos o também chamado sexo social, ou a construção da identidade a partir deste dado, ou mais explicitamente o destino que cada um dá à sua sexualidade, nos distanciamos cada vez mais de uma lógica binária, da dicotomia simples e muitas vezes simplista: masculino x feminino, homem x mulher. Um terceiro, um quarto ... se impõem. Uma maior possibilidade (ou visibilidade) de circulação: bissexualismo, heterossexualismo, homossexualismo, transexualismo, travestismo, transformismo ... Como lidar com isso, com essas outras diferenças numa perspectiva de gênero? Como fica a questão da saúde em relação a estas outras especificidades?

A saúde incorpora, tem como objeto o próprio corpo, e quanto mais este corpo está investido de representações e imaginários, como é, por exemplo, o corpo da sexualidade e da reprodução, mais evidente fica a construção dos sujeitos a partir dos seus corpos e da sexualidade como organizadora da subjetividade. Quando se pensa em gênero e saúde temos de pensar seres humanos dos sexos masculino e feminino, bem como as suas diferentes formas de exercer a sexualidade. Formas estas distantes daquela tradicionalmente e exclusivamente aceita, que teria como único objetivo a reprodução da espécie.

Vem de algum tempo a discussão do movimento de mulheres e feminista em relação à questão da saúde em geral e, mais especificamente, a discussão sobre a saúde sexual e reprodutiva, bem como os direitos¹ dela decorrentes. A área de saúde foi, nas últimas décadas, uma das em que o movimento de mulheres, em especial o movimento feminista, mais investiu, também no Brasil. Uma série de organizações se estruturaram e estruturaram em torno

¹ É importante assinalar que existe uma discussão no interior do movimento feminista e de estudiosos destas questões, em relação à denominação mais adequada: uma concepção entende que são duas questões que se relacionam, mas são independentes - direitos reprodutivos e direitos sexuais; para outra os direitos reprodutivos englobariam os direitos sexuais. E por fim, para uma terceira, seria o inverso, isto é, os direitos sexuais incluiriam os direitos reprodutivos.

desse tema. Ele foi muito cedo incorporado aos ainda chamados "estudos sobre a mulher" e motivo de reivindicações do movimento, como foi/é, para citar apenas um exemplo, toda a formulação e articulação em defesa da implantação do PAISM - Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher.

Alguns poucos dados recentes sobre a organização do movimento feminista brasileiro, já ilustram esta afirmação. Desde 1991 está em funcionamento a Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, que congrega 129 organizações ligadas à área de Saúde e Direitos Reprodutivos. Na mala direta do CFEMEA, o número de organizações de mulheres de todo o Brasil que estão diretamente envolvidos com esta área, chega a 185. Em levantamento realizado em 1995, **Mapeamento dos grupos e organizações de mulheres/gênero/feministas dos anos 90 no Brasil**², dos 147 grupos pesquisados, 101 informaram estar ligados à área da saúde.

Os legisladores brasileiros vêm também discutindo estas questões. Das 198 proposições que o CFEMEA monitora no momento (entre projetos de lei e propostas de emendas constitucionais), 52 estão diretamente ligadas à área de saúde e sexualidade³. Os demais temas dividem-se em trabalho (43 proposições), Violência e Direitos Humanos (38 proposições), Direitos Civis (25 proposições), entre outras de menor expressão numérica.

² Mapeamento dos grupos e organizações de mulheres/gênero/feministas dos anos 90. Míriam Pillar Grossi, Sônia Malheiros Miguel e Roseli Buffon. Antropologia em Primeira Mão, n.º 5. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995.

³ Digo diretamente, não esquecendo do quanto a noção saúde está incorporada a outras esferas, como por exemplo a questão do trabalho e da violência.

ÁREA TEMÁTICA	Nº DE PROPOSIÇÕES
Saúde e Sexualidade	52
Trabalho	43
Violência e Direitos Humanos	38
Direitos Civis	25
Previdência Social	13
Educação	09
Direitos Políticos	07
Mulher Rural	06
Racismo	03
Desenvolvimento Urbano e Habitação	02
TOTAL	198

SIC/CFEMEA, dados de janeiro de 1998

Na área de Saúde e Sexualidade concentram-se proposições relativas ao aborto (11), atendimento preferencial à gestante (9) e biotecnologia (10).

ÁREA TEMÁTICA	Nº DE PROPOSIÇÕES
Aborto	11
Biotecnologia	10
Atendimento preferencial à gestante	09
Educação sexual	05
Planejamento familiar	05
Saúde materna	04
Orientação sexual	04
Prevenção câncer	02
Políticas públicas sobre saúde	01
Assuntos: outros assuntos	01
TOTAL	198

SIC/CFEMEA, dados de janeiro de 1998

Durante o último ano as discussões legislativas nesta área concentraram-se em alguns temas bastante polêmicos. Em destaque, o planejamento familiar e o aborto legal⁴. Outra discussão que toma corpo é a relacionada às novas tecnologias reprodutivas.

No que se refere ao planejamento familiar a discussão girou em torno dos vetos parciais do Presidente da República ao Projeto de Lei nº 209/91 que regulamentava o planejamento familiar no Brasil (Lei nº 9263/96). Os vetos diziam respeito aos artigos que asseguravam, e regulamentavam, a realização de esterilização de homens e mulheres, nos hospitais da rede pública de saúde⁵.

Com estes vetos, o Presidente da República passou por cima de decisão do Parlamento, fruto de cinco anos de ampla discussão com diferentes setores da sociedade brasileira. E o Congresso Nacional levou cerca de 20 meses para conseguir derrubá-los, mesmo com o Presidente alegando, logo após ter anunciado os vetos a estes artigos, que tinha havido um "erro técnico" e solicitasse sua derrubada⁶.

Outro tema que esteve em pauta foi o do aborto, através da discussão do Projeto de Lei nº 20/91, de autoria dos Deputados Eduardo Jorge (PT/SP) e Sandra Starling (PT/MG), que regulamenta a interrupção da gravidez nos hospitais da rede pública

⁴ Possibilidade esta já garantida, desde 1940, no artigo 128 do Código Penal Brasileiro.

⁵ Entre eles: ser maior de 25 anos, ou ter pelo menos dois filhos vivos; assegurar um prazo mínimo de sessenta dias entre a manifestação da vontade e o ato cirúrgico; propiciar à pessoa interessada o acesso a serviço de regulação de fecundidade, incluindo aconselhamento por equipe multidisciplinar, visando desencorajar a esterilização precoce; documento escrito registrando a manifestação da vontade; e a obrigatoriedade das instituições que forem realizar a esterilização cirúrgica, terem a disposição do solicitante todas as opções de meios e métodos de contracepção reversíveis.

⁶ Os vetos foram derrubados em 12/08/97, em sessão do Congresso Nacional.

de saúde, quando a mesma traz risco de vida para a mulher ou a gravidez é resultante de um estupro⁷.

As diferentes posições nessa discussão são emblemáticas. De um lado, aquelas e aqueles que entendem ser um direito da mulher a decisão sobre a interrupção da gravidez, recuperando toda a luta do movimento feminista, explicitada no lema "nosso corpo nos pertence", bem como a colocação dessa questão como um problema de saúde pública, e não de polícia; e de outro, o discurso da intolerância, daqueles (e também daquelas) que não admitem a possibilidade da interrupção voluntária e consciente de uma gravidez, nem quando esta é resultante de um estupro ou a mulher corre risco de vida. Esta posição, obrigando a mulher a ter o filho a qualquer custo, coloca-a numa posição de reprodutora, sem desejos e autonomia nas decisões sobre sua própria vida. Para se ter uma idéia de até onde chega o radicalismo fundamentalista destas posturas, em debates realizados, deputados chegaram a se referir a mulher como "matriz".

A discussão, que se começa a travar no Congresso Nacional, sobre as novas tecnologias reprodutivas, segue o mesmo caminho. Na medida em que estas novas tecnologias criam outras possibilidades, indo no sentido de desvincular, cada vez mais a sexualidade da reprodução, são raivosamente questionadas pelos mesmos grupos que combatem a possibilidade de um planejamento familiar e a realização da interrupção da gravidez.

As novas tecnologias reprodutivas, trazem para o debate possibilidades antes impensáveis, e desbancam "verdades" até há pouco imutáveis. Colocam em cheque todo um imaginário já

⁷ Este projeto de lei já foi aprovado (com pequena margem de votos) em duas comissões da Câmara (Comissão de Seguridade Social e Família e Comissão de Constituição, de Justiça e de Redação). No momento está aguardando ser apreciado um recurso que levaria a discussão para o plenário da Câmara e somente se aprovado em plenário, seguiria para ser apreciado pelo Senado Federal.

estabelecido. A clonagem, a fertilização in-vitro, a barriga de aluguel, o útero artificial, cada vez mais, separam sexualidade e reprodução - não há mais a necessidade, nem mesmo de um ato sexual, entre um homem e uma mulher, para a procriação da espécie. Hoje em dia a ciência torna possível a Virgem Maria, que concebeu sem "pecado".

O preconceito está mais uma vez visível quando se discute a questão da homossexualidade, e este anda de mãos dadas com o preconceito contra as mulheres, como fica claro no discurso do Deputado Costa Ferreira (PFL/MA) em pronunciamento sobre o Projeto de Lei nº 1151/95, de autoria da Deputada Marta Suplicy (PT/SP), que "disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo", que afirma: "*Seria de se interrogar como ficaria o lar onde dois homens contraem o matrimônio para manter conjunções carnavais. Isto é uma aberração e um desrespeito à mulher, que foi criada para ser companheira do homem e, assim, viver a seu lado procriando e cuidando de seus filhos no temor do Senhor*".

A discussão da saúde, em especial da saúde sexual e reprodutiva nos coloca, portanto, de frente com a questão moral, ética e religiosa e, em muitos momentos, em confronto direto com o moralismo e a intolerância. Isto fica bastante claro nas discussões do parlamento brasileiro. O discurso da intolerância se faz presente permanentemente. Intolerância esta que não leva em conta o outro/s e muito menos o desejo do/s outro/s e que coloca a mulher e na mulher a culpa pela transformações (para eles sempre maléficas, coisas do demônio) que as sociedades vêm sofrendo nas últimas décadas.

Outro exemplo destas posições é o pronunciamento do Deputado Philemon Rodrigues (PTB/MG) na sessão plenária extraordinária da Câmara dos Deputados, transformada em Comissão Geral para debate sobre o tema Aborto, realizada em 25 de novembro de 1997, que afirma: "*O que promove o aborto e acarreta a sua maior consequência é a imoralidade praticada neste País, é o desrespeito ao ser humano e, acima de tudo, a*

imoralidade oficializada neste País, a provocação da mulher ao homem, aparecendo nua nas televisões e nas bancas de revistas, provocando o homem a praticar o estupro".

Em todos estes temas o fundamentalismo religioso tem se colocado como um grande empecilho para novas conquistas, reforçando permanentemente as hierarquias, em especial as hierarquias de gênero, e combatendo a construção de uma perspectiva de gênero na formulação de políticas públicas, também na área da saúde.

O movimento de mulheres/feminista se defronta, permanentemente, com a questão da igualdade e da diferença. Num primeiro momento, pelo menos quando falamos das sociedades ocidentais, a busca da igualdade foi o eixo. Num segundo, a diferença precisou ser resgatada, ainda que seja "a mínima diferença"⁸. Novamente a igualdade, e assim vamos. A construção de novos direitos e de uma nova sociedade se dá a partir desta tensão: como assegurar a igualdade, levando em conta e respeitando as diferenças?

Mas a contradição também está presente, para as próprias mulheres, na discussão da igualdade. Como exemplo penso na polêmica em torno do filho. A mulher reivindica, justamente, o direito ao próprio corpo. Como fica a decisão sobre o aborto, que o movimento de mulheres reivindica, em última instância, para a mulher, com a reivindicação para que os companheiros, ou parceiros, assumam a paternidade?

É curioso percebermos que, normalmente, pensamos somente nas mulheres como beneficiárias nas mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais contemporâneas, mas não é bem assim. Houve perdas e ganhos, em muitos sentidos. Quando escrevo isso, penso na comodidade que, em alguns momentos, deveria ser para muitas mulheres, ser "simplesmente" dona de casa. Não se

⁸ Título de artigo de Maria Rita Khel.

preocupar com a sobrevivência, poder gerir, de uma maneira mais livre o seu tempo, usufruir o (também) prazer da convivência com os filhos. Sair desta posição, teve também um preço. Para os homens, em contrapartida, também não foram só perdas. E os ganhos? Na divisão das responsabilidades econômicas, na possibilidade de uma convivência mais próxima com os filhos ...

O mundo em que vivemos e o processo de globalização trazem à tona com extrema velocidade novas diferenças e novas igualdades. Novas possibilidades. A questão é o que vamos construir a partir disso. Que mundo, que sociedade, baseada em que valores, em que relações. Uma nova sociedade que, para ser democrática e justa, necessariamente tem de levar em conta o direito à saúde, para todos.

ACORDANDO A BELA ADORMECIDA - GÊNERO OU SEXISMO NO DISCURSO DA ENFERMAGEM¹

Maria Itayra Coelho de Souza Padilha²

Miriam Süsskind Borenstein³

Mauro Leonardo S. C. dos Santos⁴

Maria do Horto Cartana⁵

RESUMO

O estudo trata da análise da abordagem do gênero na enfermagem a partir dos anais dos congressos brasileiros que ocorreram no período de 1980 a 1997. Pretende contextualizar o aparecimento dos aspectos referentes ao gênero ao longo destes congressos, ou seja, de que forma eles se apresentam. Percebemos que as formas mais comuns de enfoque se dão através do uso do termo enfermeira, sem que necessariamente o assunto se refira ao gênero; das discussões relativas ao gênero nas temáticas centrais ou nos resumos de trabalhos e na utilização dupla do termo enfermeira/enfermeiro nos artigos. O futuro das relações homem/mulher, enfermeira/enfermeiro, enfermeira(o) equipe de saúde, apresenta uma tendência transformadora positiva no decorrer

¹ Todos os autores são membros do Grupo de Estudos da História do Conhecimento da Enfermagem (GEHCE). Participaram do estudo: Enfa. Lúcia A. de Souza e as Acadêmicas de Enfermagem Mariana M. Zanin e Giseli dos Santos.

² Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UFSC. Doutora em Enfermagem. Coordenadora do GEHCE. Pesquisadora do CNPq.

³ Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UFSC. Doutoranda em Filosofia da Enfermagem da UFSC.

⁴ Professor Assistente do Departamento de Enfermagem da UFSC. Doutorando em Filosofia da Enfermagem da UFSC.

⁵ Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da UFSC. Doutoranda em Filosofia da Enfermagem da UFSC.

da história. Embora a rigidez patriarcal ainda subsista, algumas rupturas nos papéis femininos e masculinos são indícios propulsores destas transformações emancipadoras da sociedade.

UNITERMOS

Enfermagem; Gênero; Sexismo; Mulher.

ABSTRACT

This study deals with issues of gender in the nursing profession as revealed in papers presented in Brazilian congresses between 1980 and 1997. It intends to contextualize the emergence of gender by analyzing how it surfaces in the academic discourse. We perceive that the most common form is the feminine marker when referring to the professional nurse, the inclusion of gender in the main points discussed and the use of the terms male/female. Although patriarchal attitudes still persist, some ruptures can already be perceived in relation to gender roles in nursing.

KEYWORDS

Nursing; Gender; Sexism; Woman.

I - INTRODUZINDO A TRAMA

O processo da construção do conhecimento em nossa realidade profissional parece que tem tido como uma de suas principais metas situar a enfermagem no contexto da ciência. Compreender como esse conhecimento tem sido construído, como a ciência da enfermagem tem se consubstanciado, é essencial para o desenvolvimento e progresso da profissão. Entendemos que uma das formas de compreender formalmente os caminhos traçados na construção do conhecimento da enfermagem brasileira, se deu

através dos Congressos Brasileiros de Enfermagem. Os Congressos Brasileiros de Enfermagem normalmente refletem a situação por que passa a enfermagem nos seus vários campos de atuação. Estes tiveram início em 1947, e desde então, representam ao nosso ver uma possibilidade de discutir a enfermagem enquanto profissão, propondo novos rumos, tentando compreendê-la para assim, transformá-la.

O grande passo dado por estas discussões, na verdade foi o despertar da enfermagem para olhar para o seu interior e a partir daí, de suas positivities e negatividades, encaminhar as respostas para suas grandes questões relativas ao **ENSINO, ASSISTÊNCIA, PESQUISA, IDENTIDADE PROFISSIONAL** dentre outras. Os congressos de enfermagem acompanharam e lançaram novos paradigmas na profissão, permitindo ao longo do tempo, que esta se tornasse mais crítica e participativa socialmente, e não uma mera executora de políticas de saúde nas suas áreas de interesse (Padilha, 1997).

Para este estudo, escolhemos, abordar mais profundamente a identidade profissional da enfermeira no interior das discussões relativas ao gênero nas últimas décadas, e para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos:

- Analisar as várias abordagens relativas ao gênero na enfermagem a partir do conteúdo dos Anais dos Congressos Brasileiros que ocorreram no período de 1980 a 1997.
- Contextualizar o aparecimento dos aspectos referentes ao gênero ao longo destes congressos, através dos movimentos evolutivos por que passaram a sociedade brasileira.

Este é um estudo de natureza sócio-histórica descritivo e qualitativo, que utiliza como fontes de dados, os ANAIS dos Congressos Brasileiros de Enfermagem que ocorreram no período de 1980 a 1997. Optamos por este período, por entendermos que as discussões sobre as questões de gênero disseminadas pelo mundo, principalmente a partir da década de setenta, já teriam um espaço no campo da enfermagem, o que nos possibilitaria evidenciá-las através

dos Anais dos CBen. Os movimentos e as reivindicações das mulheres se ampliaram, bem como os espaços sociais de discussão sobre as condições de vida da mulher, o acesso a cidadania plena, os direitos sexuais e reprodutivos, além de denunciar a exploração e agressão física e psicológica contra as mulheres em todas as partes do mundo.

As lutas feministas pelas conquistas sociais e políticas se iniciaram no Brasil, aproximadamente em 1919, quando foi criada a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher, no Brasil, por Bertha Lutz⁶. A questão do trabalho da mulher seria uma das mais constantes e vigorosas preocupações do movimento feminista brasileiro. O ano de 1975 é considerado um divisor de águas para o movimento feminista mundial. A Assembléia Geral da ONU proclamou este ano como o Ano Internacional da Mulher. Esse movimento veio ao encontro das reivindicações de vários grupos feministas, em favor dos direitos das mulheres e das minorias. Ainda em 1975, na Conferência Internacional da Mulher foi aprovado na cidade do México, o primeiro Plano de Ação, cujas recomendações foram dirigidas a ONU e às outras organizações internacionais. Naquela ocasião, foi proclamado o período de 1976 a 1986, como a Década da Mulher. As mulheres, já organizadas, agregaram a luta contra a ditadura e por melhores condições de vida, com a discussão dos problemas específicos das mulheres, como aborto, sexualidade, contracepção, dupla jornada de trabalho e a discriminação econômica, social e política (Colling, 1997).

Na seleção de documentos com foco na abordagem de gênero, optamos por centrar nossa procura a partir de alguns critérios:

⁶ Bertha Lutz fundou também a União das Funcionárias Públicas e a Liga Eleitoral Independente em 1922 e a União Universitária Feminina em 1929. Além disso, foi uma das responsáveis pela inclusão do artigo 108, na Constituição de 1934, relativo ao voto feminino (Saffioti, 1969).

- 1- Procurar o momento em que deixamos de ser ENFERMEIRA, e interiorizamos algo como inferioridade genérica passando para a denominação ENFERMEIRO;
- 2- Detectar a partir de que momento no período estudado, as autoras(es) utilizavam indiscriminadamente os termos ENFERMEIRA e ENFERMEIRO;
- 3- Identificar temáticas em que algumas autoras(es) abordavam algum aspecto relativo ao GÊNERO na enfermagem, e a partir daí, que tipo de abordagem se evidenciava.

Foi utilizada a análise de conteúdo preconizada por Bardin (1979) para análise dos dados, considerando que "*utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens*". Em consideração ao grande volume e à diversidade de formas que apresenta a comunicação entre as pessoas (Richardson, 1985) exemplifica algumas aplicações da análise de conteúdo, e dentre estes está a "análise de estereótipos sociais, culturais ou raciais", que é o caso deste estudo.

II - GENUS, ERIS - A COMPREENSÃO DE UM CONCEITO

Optamos por introduzir uma discussão conceitual acerca de gênero, para tornar mais clara a forma como o mesmo está sendo abordado neste texto, assim como, para tomarmos uma posição crítica frente aos diversos conceitos. Etimologicamente, gênero (do latim *genus, eris*) "*é o conjunto de espécies com características comuns 'espécie, ordem, classe'*" (Cunha, 1996, p. 383).

Na língua portuguesa gênero é definido como uma "*classe cuja extensão se divide em outras classes, as quais, em relação à primeira, são chamadas espécies*". "*Conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns convencionalmente estabelecidos*". Gramaticalmente, é uma categoria que indica "*por meio de desinências, uma divisão dos nomes baseada em critérios, tais como, sexo e associações psicológicas*" (Ferreira, 1986, p. 844).

Martins (1997) define gênero descrevendo filosoficamente o conceito em cuja extensão se acha incluído um outro, enquanto que a este se dá o nome de espécie. Já em termos gramaticais, gênero funda-se, em princípio, nas distinções do sexo, donde o masculino, e feminino e o neutro, servindo este último para designar os seres assexuados ou de sexo desconhecido. Desta maneira, vemos que as palavras já estão comprometidas com valores morais vigentes na sociedade, assim a palavra mulher, homem, intersexuados, feminino, masculino, gênero, trazem uma carga responsável por qualquer frase que formulamos com interesse ou não, sobre algum aspecto.

Estas definições, embora devam ser levadas em conta, representam apenas uma idéia geral do conceito, não aprofundando questões, principalmente aquelas que tratam do gênero enquanto construção histórica e relação social. Desta forma, o conceito tem sido debatido por pensadores de várias linhas filosóficas e não é nossa pretensão discuti-las uma a uma.

Louro (1996, p. 10), discutindo acerca do conceito de gênero, coloca que, se entendermos o gênero como uma construção histórica, *"teríamos que supor que o conceito é plural, ou seja haveria conceitos de feminino e masculino, social e historicamente diversos. A idéia de pluralidade implicaria em admitir não apenas que sociedades diferentes teriam concepções diferentes de homem e mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça a idade, etc."*

O conceito de gênero passa então pela cultura social de papéis sexuais estabelecidos pela sociedade e estabelecem como se dão as relações homem-mulher, homem-homem, mulher-mulher e não necessariamente apenas a relação homem-mulher, como a maioria dos estudos coloca. A construção dos papéis sexuais direciona inclusive a escolha profissional, que segundo Michel (1989), estabelece que a mulher, atendendo ao condicionamento recebido desde a infância, escolhe uma carreira condizente com a sua

condição "feminina", como: "professora primária, secretária, enfermeira, etc", que são menos qualificadas e competitivas no mercado de trabalho. Para enriquecer esta informação colocamos a noção de gênero, difundida no mundo anglo-saxão e introduzida nos meios acadêmicos brasileiros definida por J. Scott (1988, p. 125): *"Gênero é uma noção que postula que o sexo social é o produto de uma construção social permanente que dá forma, no interior de todas as sociedades humanas, à organização das relações sociais entre homens e mulheres. Esta noção surgiu da necessidade de insistir no caráter fundamentalmente social das diferenças fundadas no sexo. O gênero é o elemento constitutivo dessas relações sociais fundadas nas diferenças perceptíveis entre os sexos, e é um primeiro modo para dar significado às relações de poder"*.

A autora refere-se não mais à uma identidade biológica sexuada, mas à construção social como sujeito masculino e feminino que se produzem em relação, não mais fixa e imutável, mas sim sujeita a todas as transformações histórico-sociais. Isto significa também que a idéia de gênero pode ser revista e modificada, na medida em que se modificarem as relações sociais entre as pessoas. Os estudos de gênero englobam a estrutura e a percepção concreta de toda vida social, tomando como ponto de referência a relação entre homens e mulheres, entendendo que o gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder entre os sexos (Scott, 1995).

Percebemos que os nossos conceitos vão sendo revistos a cada momento em que recebemos novas informações a respeito dos assuntos, no caso, aqui, do gênero. Faz parte das questões existenciais do homem e da mulher na sociedade, que a partir do momento, em que um dos personagens rompe com as estruturas pré-estabelecidas de sujeito omissos na história e começa a questionar, o conceito vai sofrendo modificações. De acordo com a Folha de São Paulo (1996, p. 394), gênero é a distinção segundo as características sexuais biológicas de cada indivíduo. O trabalho,

status social e as expectativas de comportamento pessoal são atribuídos diferencialmente aos indivíduos, de acordo com o gênero. Essas diferenças (também designadas como divisão sexual) constituem a base da dominação masculina nas sociedades do mundo todo - isto é, são geralmente os homens quem detêm o poder e o prestígio.

É comum observarmos que, desde o nascimento, as crianças são tratadas diferentemente e aprendem a imitar os papéis sociais característicos de seus respectivos gêneros: a distinção sexual, embora embasada em diferenças biológicas, tem um aspecto social. Como não há certeza sobre até que ponto os fatores biológicos específicos de cada sexo (como os hormônios) podem afetar o comportamento humano, há intensos debates entre os biólogos, psicólogos e cientistas sociais a respeito dos determinantes dos comportamentos, tidos como característicos de cada sexo. Portanto avaliamos que além do gênero se caracterizar como uma espécie com características comuns, como o homem e a mulher, ele transcende o biológico ligando-se ao plano histórico e social, ou seja, tanto o gênero feminino como o masculino são construídos pela própria sociedade.

III - GÊNERO OU SEXISMO⁷? - UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

A abrangência do conteúdo das falas nos CBEns relativa as questões de gênero da profissão é limitada, mesmo quando as questões apontadas dizem respeito não só a Enfermagem, mas também a outros segmentos da área de saúde e de outros setores da

⁷ Exercício discriminatório pelo qual se agregam características psicológicas, formas de comportamento, atribuindo-se às pessoas papéis sociais fixos pelo simples fato de pertencer a determinado sexo, restringido e condicionado deste modo, a possibilidade de um desenvolvimento pleno para todos os sujeitos sociais, sejam estes varões ou mulheres (Michel, 1989).

sociedade. Fonseca et al (1996) afirmam que, "... as questões relativas à enfermagem enquanto profissão feminina só tem sentido se colocadas também no conjunto da problemática enfrentada pelas mulheres na sociedade atual, dado que a condição de gênero nos determina a todas, uma situação de subalternidade social, pois antes de Enfermeiras somos mulheres, gente ...".

É portanto essencial enfrentar os estudos de gênero e seu desdobramento no exercício de Enfermagem. Colocando-se a questão de forma mais explicativa, diríamos que o uso dos termos ENFERMEIRA ou ENFERMEIRA/ENFERMEIRO vem perpassando ao longo de todos os Anais analisados, em uma ou duas temáticas centrais, mas nunca em sua maioria, o que indica que as pessoas que ocupam o poder estabelecem as formas de relação, estão assumindo a linguagem no masculino, embora saibamos sem sombra de dúvida que a produção intelectual e prática é realizada por mulheres na quase totalidade do corpo de enfermagem.

A análise dos Anais dos CBEns indica que ainda uma minoria de autoras (es) ao designar a categoria profissional, o fazem no feminino. A grande maioria das temáticas ao se referirem às Enfermeiras, o fazem sim, porém privilegiando o uso do termo no masculino. (Anexo I).

A que isto se deve? Qual a necessidade intrínseca de nos denominarmos ENFERMEIROS? Nem mesmo após a última Constituição Brasileira que se refere especificamente a existência no Brasil de "homens e mulheres", serviu de parâmetro para mudar o discurso.

Como já frisamos anteriormente, concordando com muitos estudos que tratam deste assunto, com a entrada dos homens nas escolas de enfermagem, houve um acentuamento da inversão no tratamento genético da categoria, identificada nas comunicações diárias, nos discursos escritos e falados e nas pesquisas pelo tratamento no masculino. O ocultamento do gênero feminino foi

produzido por muitas Enfermeiras/mulheres que haviam acreditado que os problemas seriam resolvidos se assumissemos a designação no masculino, gênero socialmente valorizado.

Enfermeiras se autodenominam Enfermeiros, professoras se autodenominam professores e alunas se autodenominam alunos. Pouco a pouco a partir da reforma universitária, a identidade profissional feminina foi transferida para o gênero masculino pelas próprias Enfermeiras, como um tipo de renúncia à responsabilidade do desenvolvimento da profissão ou como se elas (nós) não soubessem o valor da identidade que possuem (Lima, 1993). Da mesma forma, também posterior à esta situação, viemos escolhendo/elegendo figuras masculinas para os diversos cargos de responsabilidade nas instituições de saúde, escolas, entidades de classe, mesmo quando estes não representam a maioria da categoria, o que reforça a posição feminina de submissão e mentalidade patriarcal.

Coincidência ou não, os estereótipos sexistas internalizados desde a infância analisados por Padilha (1990) indicam tanto a escolha profissional feminina, quanto a presença de atitudes de inferioridade e depreciação da própria enfermeira diante do sexo oposto, quer seja na relação com os médicos, com os Enfermeiros e com os demais profissionais do sexo masculino e até mesmo alunas e alunos de Enfermagem.

O agir das Enfermeiras reflete a socialização desta para exercer os papéis tradicionais femininos em simbiose com o exercício profissional. A desigualdade não é uma condição necessária das sociedades, mas um produto de cultura e como tal, passível de mudança. A observação da desigualdade sexual em si possui significados diferentes em lugares diferentes, e as modificações nos papéis e poderes sociais no status público e nas definições culturais estão vinculadas a estas desigualdades e seus tempos próprios de mudança. Esta discussão permite questionar qual o conteúdo cultural que está sendo neutralizado com a negação do sexo feminino nos discursos, lembrando sempre que as palavras que vão

sendo introduzidas no cotidiano expressam novos significados para os grupos e, conseqüentemente, novas configurações de realidade.

A palavra é o lugar de memória mais amplamente conhecido e divulgado. A palavra é capaz de produzir efeitos, e em particular, efeitos subjetivos, o que desemboca na idéia de ação e transforma a linguagem que é pública em representação. Através do uso que se faz da palavra é possível perceber seu significado, ou melhor, é o uso da palavra que lhe dá sentido; ela é performática porque é capaz de alterar as coisas ou estado de coisas (Sobral, Loyola e Santos, 1996).

"A subjetividade é um efeito das palavras, das linguagens, das práticas linguísticas que determinam suas regras de formação e reconhecimento privado e público. As subjetividades então são uma decorrência do uso de nossas palavras ou da maneira como ensinamos e aprendemos a ser sujeitos" (Costa, 1992).

Será a palavra, o uso casual e corriqueiro do termo Enfermeira no masculino, a grande questão que nos incomoda?

"A integração do público e do privado corresponde à do homem e da mulher que, por sua vez, dão origem, nas novas gerações, à integração, dentro de cada ser humano, do corpo e da mente, da emoção e da racionalidade na ciência e no conhecimento à expensas da emoção e da ética. Assim, o dualismo platônico que caracterizou o mundo ocidental e a tecnologia nos últimos milênios pode ser superado, dando origem a novas formas de conhecimentos mais integrados" (Muraro, 1992, p. 205).

A superação da estereotipia patriarcal tem sido buscada na direção da construção de uma nova ética, que visa incorporar a identidade feminina, em relação dialética com a identidade masculina. As bases dessas novas condições podem ser definidas pela integração do público e do privado, mediante a superação de paradigmas ultrapassados e insuficientes para a construção de novos conhecimentos (Fonseca, 1995, p. 85).

Uma das formas da grande confusão de identidade na enfermagem (Enfermeiro-Enfermeira), mostra que identidades sexuais, baseadas nas questões de gênero, permitem um agir e falar no masculino, como "ENFERMEIRO" legitimando a prática do poder, porém como a praxis é essencialmente feminina, permanece o papel submisso das mulheres no cotidiano, apesar da utilização do termo no masculino, servindo apenas aos membros da categoria que são homens e que foram se apossando desse poder sem ao menos terem conquistado o mesmo, como o fizeram as mulheres/Enfermeiras.

As Enfermeiras em quase a sua totalidade são mulheres e historicamente elas tem sido sujeitas a lugares de inferioridade, parecendo ter suas raízes na religião e no patriarcalismo. As Enfermeiras enfrentam a dualidade em se libertarem de sua opressão e ao mesmo tempo sentem-se receosas de assumir um comportamento de poder (Lopes, Meyer e Waldow 1996, p. 125).

Gilligan (1982) apud Lopes, atribui as diferenças de atitudes em realização entre as pessoas do sexo feminino e masculino, ao desenvolvimento moral de ambos. As meninas se identificam pelas relações de intimidade e cuidado, valorizando os relacionamentos. Evitam decisões que possam causar dor e constrangimento. Gilligan relaciona o conceito de cuidado, indicando um laço bastante íntimo no modo de pensar das mulheres com relação aos conceitos de moralidade e de *self*.

A análise dos Anais dos CBEns demonstra que a preocupação em introduzir temáticas que discutam ou reflitam sobre as questões de gênero na Enfermagem, não é prioritária, ou seja, emergem três categorias de análise, as quais denominamos: **GÊNERO E IDENTIDADE PROFISSIONAL**, **GÊNERO E SAÚDE E GÊNERO E TRABALHO**, que passaremos a detalhar (Anexo II).

GÊNERO E IDENTIDADE PROFISSIONAL

Por identidade profissional entendemos àquelas temáticas que discutem a predominância do gênero feminino na enfermagem, a construção de estereótipos e a manutenção do discurso profissional no masculino. Esta categoria foi identificada nas temáticas dos CBEns, a partir de 1982, como sub-tema, sessão simultânea, peça de teatro, oficinas de trabalho, de certa forma permeando o tema central, mas não assumido como tal. No CBEn de 1982, Ieda Barreira e Castro ao analisar o papel social da (o) Enfermeira (o), traça uma comparação entre um escrito de Galbraith sobre a dona de casa americana e o papel da Enfermeira nos serviços de saúde. Para esta autora, a similaridade reside no fato de ambas serem agentes favorecedoras do consumo de mercadorias e serviços de interesse dos detentores do capital, e ao mesmo tempo, o não reconhecimento deste papel.

No Congresso de 1987 na Bahia, a temática de gênero volta a tomar corpo, quando num dos cursos pré-congresso é realizada uma Oficina coordenada por Maria José de Lima, sobre "Planejamento familiar no contexto da educação em saúde", na qual discutiu-se acerca da identidade sexual e profissional e coletiva das Enfermeiras. Neste mesmo CBEn, a autora apresentou uma conferência sobre "A questão da saúde das mulheres sob a ótica da Enfermeira", na qual mais uma vez traz a tona a necessidade das mulheres tomarem consciência de sua identidade de gênero e profissional, enquanto sexo feminino, e como tal carregando toda a sua representação frente a sociedade. Em 1989, no CBEn realizado em Florianópolis, o gênero volta a ser abordado, utilizando-se para isto o espaço reservado aos cursos durante o evento. Desta forma, é realizada uma Oficina intitulada "A enfermagem na pós-modernidade e a questão da mulher", na qual Maria José de Lima mostra a importância da enfermagem enquanto profissão feminina e da necessidade de sua integração em todos os espaços sociais. Esta porém não consta dos Anais dos CBEns e, portanto, sua

importância se perde no programa do congresso, não permitindo a visibilidade de sua significação.

Em 1990, no 42º CBEn em Natal, mais uma vez Maria José de Lima realiza uma Conferência intitulada "Vislumbrando a prática de enfermagem edificante pela consciência da Enfermagem tecnicizada" e Oficina de Sensibilidade e Criatividade sobre o mesmo tema, na qual a autora aborda a importância do cuidado de enfermagem sensível, criativo e solidário, além de discutir as questões relativas a identidade sexual, profissional e coletiva da mulher/Enfermeira na sociedade pós-moderna. O conteúdo da Conferência não consta dos Anais. Além disso, o gênero é abordado de forma caricata e estereotipada em peça de teatro apresentada na abertura do CBEn. No palco, as situações se sucedem mostrando tipos de profissionais que lembram a Enfermeira militante, a masculinizada, a pobre sujeita a dupla ou tripla jornada de trabalho, a casada, a religiosa, a sensual, mas em todas as situações discutem-se os aspectos relativos à submissão e a pouca valorização profissional. No final faz uma chamada à reflexão das (os) congressistas para o início de uma nova prática de enfermagem.

Percebe-se, portanto, que a década de oitenta, configura-se com um movimento em retomar a linguagem da enfermagem no feminino em sua totalidade, ou de forma equilibrada, Enfermeira/Enfermeiro assumindo-se como uma profissão feminina, por sua maioria, incluindo o masculino, quando de fato, pessoas profissionais do sexo masculino estiverem envolvidas nas ações e na construção do pensamento de Enfermagem.

Contextualizando os resultados do estudo com a situação do Brasil e da enfermagem em seus aspectos social e político, detectamos um avanço em vários aspectos. A década de oitenta para a Enfermagem se caracteriza como de avanços, representados pela Lei nº 7498/86, que regulamenta o exercício profissional, e apresenta para a Enfermagem o grande desafio de qualificar sua força de trabalho, face a sociedade. Delinea-se de maneira clara, por outro lado, a preocupação com a inserção da Enfermagem no

contexto da estrutura política da sociedade brasileira da época, particularmente através de organizações associativas, grupos de estudos, publicações de artigos, livros, realização de seminários, etc.

Nesta realidade, os Congressos Brasileiros de Enfermagem se apresentam em dois momentos distintos: antes e depois do Movimento Participação na ABEn. Ainda segundo Fonseca et al (1996) a primeira metade da década se caracteriza por manutenção da tendência da década anterior, isto é, da assistência de Enfermagem centrada na visão individualizada do processo saúde-doença, respondendo desta maneira, aos interesses da ordem social vigente. Na segunda metade da década, ao assumir o Movimento Participação, muda a condução política da Associação, sendo transformada a condução dos Congressos. A escolha dos temas passa a ser mais política e participativa, e ainda na criação do CONABEn, que visa garantir a democratização da Associação (Fonseca et al, 1996). Isto permitiu a abertura a temáticas que representassem o desejo das Associações Brasileiras de Enfermagem regionais, e, conseqüentemente, democratizou a opção temática dos CBEns. Neste processo de politização da ABEn são redirecionadas as concepções que embasam o trabalho da Enfermagem, mas também a inserção do trabalho da Enfermagem no movimento da reforma sanitária.

No 43º Congresso realizado em Curitiba - 1991, inclui-se uma mesa redonda em que se discute a questão do Gênero, Poder e Saber na Enfermagem. Nesta década aparece a perspectiva da questão de gênero como as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres na sociedade, sendo abordados vários aspectos de gênero nas temáticas dos CBEns com uma frequência mais acentuada. O 45º CBEn de 1993 em Recife, teve como temática central a "enfermagem na perspectiva de saúde com qualidade" e tratou de algumas questões relativas ao gênero nas chamadas Sessões Simultâneas, ou seja, sessões temáticas que acontecem paralelamente umas às outras e participam delas apenas àqueles

interessados em temática específica. A abordagem central da sessão foi a Saúde da mulher, dividida em três assuntos. Maria José de Lima no primeiro assunto, situa a discussão de gênero a partir da análise da situação geral da mulher na sociedade relacionando-a com a enfermagem, enquanto profissão feminina. Analisa prioritariamente a importância deste fato, enfocando pontos positivos e negativos enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho, além das posturas adotadas por estas, muitas vezes estereotipadas, para conviver no universo que foi por muito tempo masculino. Discute também com muita propriedade o sexismo na enfermagem, apresentado no discurso que identifica a profissão apenas no masculino, e chama a atenção para a análise do conteúdo cultural e histórico contido nestes discursos.

Em 1996, durante o 48º CBEn, as(os) autoras(es) Sobral, Loyola e Santos, ao abordarem o gênero e identidade profissional em seu trabalho "Os segredos de uma princesa", reforçam que, apesar da Enfermagem ser eminentemente feminina, verifica-se ainda a forma masculina de tratar as Enfermeiras, quando nos textos aparece o termo "Enfermeiro", ao invés de se usar a palavra Enfermeira.

Percebemos nas leituras que, apesar de ter se passado uma década da primeira abordagem de gênero e identidade profissional, o discurso da enfermagem como profissão feminina vem sendo apontado pelas (os) autoras (es) que o discutem como uma necessidade de uma tomada de consciência por parte das (os) profissionais, para uma transformação da prática da enfermagem, enquanto profissão. Podemos questionar: Por que continuamos repetindo o mesmo discurso? Será que não houveram transformações neste período? Será que estas transformações ocorreram e não foram percebidas? Será que os CBEns estão influenciando e sendo influenciados pelas transformações da realidade profissional?

GÊNERO E SAÚDE

Entendemos por gênero e saúde àquelas temáticas que discutem o gênero como um componente da saúde da mulher, enquanto aspecto biológico, políticas de saúde e familiar. Esta temática é vislumbrada em 1991, quando Dowbor realiza uma análise da situação de saúde no mundo e no Brasil. Este autor se reporta a questão de gênero, relacionando-a com o empobrecimento de famílias chefiadas por mulheres, e em relação ao aumento do número de mortes maternas.

Em 1993, encontramos nesta categoria duas temáticas abordadas a partir de conteúdos semelhantes. A primeira, apresentada por Paiva et al, traça um perfil do atendimento à população feminina nos serviços públicos de saúde em capitais do nordeste e Belém, com base no Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM). As autoras colocam a preocupação de que embora o programa esteja funcionando efetivamente em termos de atendimento às necessidades biológicas das mulheres, mantém uma grande distância das práticas educativas pelos profissionais que as atendem, tanto do ponto de vista do cuidado com o próprio corpo, mas também com relação à consciência de cidadania, que é um dos objetivos do PAISM. A segunda, apresentada por Diniz, discute o PAISM propriamente dito, enquanto programa e política de atendimento à mulher. Neste aspecto, valoriza a criação do programa, porém traça uma crítica ferrenha às contradições existentes no momento da sua implementação. Reforça também como no texto anterior a priorização do atendimento exclusivamente biológico em detrimento do modelo assistencial preconizado pelo SUS que destaca a integralidade da assistência, com a adoção de métodos participativos que promovam a reflexão.

Em 1996, o 48º CBEN não abordou a questão de gênero como temática central, porém uma das mesas redondas do evento se dirigiu à questão das relações de poder entre homens e mulheres, centralizando a discussão na subjetivação do masculino e feminino

da linguagem na enfermagem, apresentando, assim, mais uma forma de sustentação do discurso masculino dominante. Porém, dois cursos pré-congresso⁸ focalizaram a questão do gênero e saúde, redimensionando a assistência à saúde da mulher, tratando de discussões acerca do feminismo, das tecnologias reprodutivas e das políticas de saúde.

Chamou-nos bastante a atenção pelo fato da pouca frequência de estudos publicados nos Anais dos CBEns sobre a temática de gênero e saúde, embora saibamos da grandeza de sua importância. A que isto se deve? Como falamos anteriormente, o movimento participação na ABEn foi muito importante para um redirecionamento na condução dos CBEns, porém a nova política da ABEn, retira a Comissão de Estudos sobre a mulher e a enfermagem, priorizando os compromissos partidários coletivos, em detrimento de outros aspectos, dentre estes, os estudos que pudessem propiciar avanços nas discussões de gênero e saúde.

GÊNERO E TRABALHO

Em 1989, a questão de gênero é discutida apenas como complementação da temática central, como pano de fundo sem a devida importância histórica e cultural. Castellanos e colaboradoras, abordaram neste CBEn, os desafios da Enfermagem para os anos 90. Na discussão da temática, apontaram a necessidade de repensar o papel da mulher no mercado de trabalho, oferecendo uma análise crítica da Enfermagem ser vista como um trabalho desvalorizado, por ser predominantemente constituída por mulheres. Em outro sub-tema, no mesmo CBEn, Almeida e colaboradoras, analisando a situação da Enfermagem nos anos 80, descrevem a história da organização do hospital como local de cura,

⁸ Taveira e Scavone, 1996 - "Novas tendências na assistência à saúde da mulher". Fomseca e Oliveira, 1996 - "O feminino e o masculino na intervenção em saúde coletiva. Mito ou realidade."

e referem que a enfermagem até o século passado era caracterizada por ser uma prática artesanal, realizada por mulheres sem nenhum preparo específico. Ao analisar o mercado de trabalho na enfermagem, contemplam a discriminação da força de trabalho feminino como um dos itens analisados nas condições de trabalho.

Esta categoria encontra-se ricamente representada nos Anais do 47º CBEn, realizado em 1995, em Goiânia, cujo tema central foi "O poder (in)visível da enfermagem". Encontram-se muitos discursos dirigidos para o problema da mulher enfermeira, no trabalho de enfermagem. Os autores entendem a divisão social do trabalho como da ordem do gênero masculino e feminino, destacando-se o lugar do masculino como ainda auto-referente na maioria das situações. No entanto, nota-se uma urgência do feminino que se constrói e desconstrói historicamente como categoria de gênero.

Revelam que as saídas no poder seria o pano de fundo na questão do trabalho, como via de se alcançar um trabalho feminino em igualdade com o masculino, nas formas de ganho econômico, social e cultural. Esta discussão permeia o interior de quatro sub-temas do CBEn, abordando a inserção de trabalhadores não qualificados na enfermagem, prioritariamente do sexo feminino e as consequências disto na configuração da submissão da enfermagem. Outro aspecto amplamente discutido refere-se às relações entre o poder do saber que legitima a ação e o poder técnico, como forma de autoridade. O terceiro trabalho apresenta a discussão de gênero a partir da divisão do trabalho institucional. E o último trabalho complementa os demais traçando uma análise entre gênero, poder, saber, a partir das pesquisas relativas ao feminino na enfermagem.

A década de 90 consolida a visão hegemônica da visão individual do processo saúde-doença, enfatizando o relacionamento interpessoal, a comunicação, o reconhecimento do próprio corpo e da subjetividade, tanto quanto a estrutura social mais ampla, neste processo. Por último, a questão do aperfeiçoamento dos seres humanos na Enfermagem aparece como tendência, quando as (os) trabalhadoras (es) vivem uma intensa desvalorização social, baixos

salários, más condições de trabalho, estigmas da mulher trabalhadora, entre outros (Fonseca et al, 1990).

Os paradigmas adotados sofrem uma revisão, aparecendo concepções respaldadas no processo saúde-doença, enquanto resultante de situações de classe e grupo social, como também pelo gênero, geração, raça, etnia, preferência sexual, entre outras. Em relação ao avanço tecnológico, aparece não só a discussão sobre as invenções, como também sua disponibilidade a apenas uma pequena parcela da população, em contrapartida à assistência de saúde coletiva, tida como menos complexa por demandar menos das tecnologias, mas que requer, por outro lado, a adoção de instrumental das ciências sociais, reformulação de todo o ensino nos três níveis, desenvolvimento intelectual da classe dominante.

VI - O DESPERTAR DA BELA ADORMECIDA

Há indícios de transformações sociais nas relações de gênero, percebidas como parte do cotidiano, mas sua evolução depende de mudanças profundas no comportamento da sociedade como um todo, da formação de novas maneiras de pensar. Pretendemos, neste estudo, indicar como se dão as tramas das questões de gênero dentro da enfermagem, mostrando alguns problemas como algumas propostas reflexivas para a questão da enfermagem enquanto profissão predominantemente feminina.

O futuro das relações homem-mulher, enfermeira-enfermeiro, enfermeira (o)/equipe de saúde apresenta uma tendência transformadora positiva no decorrer da história. Embora subsista a rigidez patriarcal, algumas rupturas nos papéis femininos e masculinos são indícios propulsores destas transformações emancipadoras da Enfermagem como parte da humanidade. Provavelmente estas transformações estão intimamente relacionadas com os novos estudos sobre as mulheres, as quais vem assumindo na sociedade, papéis de trabalhadoras, chefes de famílias, mãe e pai, enfim papéis antes obscurecidos e sempre destinados

exclusivamente aos homens, apesar de em toda a história da humanidade terem sido da responsabilidade de mulheres e homens.

Finalizando, acreditamos que é um verdadeiro desafio a ampliação do leque de idéias para restaurar e reestruturar os estudos da enfermagem como profissão, incluindo as questões relacionadas aos gêneros feminino e masculino e respectivas relações sexistas, lançando luzes em antigas concepções sobre a natureza da sociedade patriarcal, levantando pontos de discussão para iniciar novos estudos sobre as relações de gênero no interior da Enfermagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- COLLING, A.M. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.
- COSTA, K.F. *A inocência e o vício: estudos sobre o hemoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- CUNHA, A.G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Nova enciclopédia ilustrada folha*. São Paulo: Folha de São Paulo, 1996.
- FONSECA, R.M.G.S. et al. Historicidade dos congressos brasileiros de enfermagem. *Anais do 48º Congresso Brasileiro de Enfermagem*, São Paulo: 70-101, de 06 a 11 de outubro e 1996.
- FONSECA, R.M.G.S. Mulher, trabalho e enfermagem: o nexco coesivo. In: *Anais do 47º Congresso Brasileira de Enfermagem*. Goiania, de 19 a 24 de nov./1995. p. 81-104.
- LIMA, M.J. As questões de gênero no âmbito da enfermagem. *Anais do 6º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem*, p. 77-83, Rio de Janeiro, 19 de julho a 1º de agosto de 1991.

- LIMA, M.J. **O que é enfermagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LOPES, M.J.M., MEYER, D.E., WALDOW, V.R. **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LOURO, G.L. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M.J.M. et al. **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MARTINS, H. **Gênero, sexualidade e educação**. Seminário avançado - tarefa 1, 1997. Mimeo.
- MICHEL, A. **Não aos estereótipos. Vencer o sexismo nos livros para crianças e nos manuais escolares**. São Paulo: UNESCO, 1989.
- MURARO, R.M. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.
- PADILHA, M.I.C.S. **O resgate das raízes - a influência da formação familiar e social na escolha e exercício da enfermagem**. Tese (Livre Docência) - apresentada a UNIRIO, Rio de Janeiro, 1990.
- RICHARDSON, R.J. e cols. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- SAFIOTTI, H.I.B. **A mulher na sociedade de classes - mito e realidade**. São Paulo: Quatro Artes, 1969.
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Rev. Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.
- SCOTT, J. **Genre: une catégorie utile d'analyse historique**. In: _____. **Cahiers du grif**. Paris: Teirce, n. 37-38, p. 125-153, 1988.
- SOBRAL, V., LOYOLA, C.E., SANTOS, M. **Os segredos de uma princesa**. *Anais do 48º Congresso Brasileiro de Enfermagem*, de 6 a 11 de outubro de 1996, São Paulo, p. 136-140.

ANEXO I

DISTRIBUIÇÃO DAS TEMÁTICAS DE ACORDO COM A UTILIZAÇÃO DE TERMO ENFERMEIRA OU ENFERMEIRO/ENFERMEIRO

	TERMO	
	FEMININO	FEMININO/MASCULINO
1980	03	05
1981	04	07
1982	-	06
1983	04	01
1984	-	-
1985	11	08
1986	-	-
1987	01	-
1988	-	-
1989	03	01
1990	01	03
1991	01	01
1992	11	01
1993	05	01
1994	03	02
1996	02	09

ANEXO II

DISTRIBUIÇÃO DAS TEMÁTICAS DE ACORDO COM AS CATEGORIAS ESTABELECIDAS

	TERMO		
	GÊNERO E SAÚDE	GÊNERO E TRABALHO	GÊNERO E IDENTIDADE
1982	-	-	01
1985	01	-	-
1986	-	-	-
1987	-	-	01
1989	-	01	01
1990	-	-	01
1991	-	-	01
1992	-	-	-
1993	02	-	01
1994	-	-	-
1995	-	02	-
1996	01	-	01

PRÁTICAS TERAPÊUTICAS E CICLO DE VIDA ENTRE AS MULHERES KAINGANG

Angela Célia Sacchi¹

RESUMO

Neste paper abordo alguns aspectos da sociedade indígena Kaingang, de Manguoeirinha/PR, sobre as noções de 'corporalidade' e 'ciclo vital'. Entre as mulheres Kaingang, as práticas terapêuticas envolvem o uso de 'remédios do mato' (medicina tradicional), os quais são usados para auxiliar no momento do parto e na amamentação. Esses procedimentos tradicionais eram possíveis com o auxílio das mulheres idosas, quem também indicavam a dieta para a nova mãe e a criança. A cultura tradicional Kaingang também organiza certos procedimentos rituais em relação ao recém-nascido; esses cuidados especiais são: o enterro do cordão umbilical, o batismo e a nomeação.

UNITERMOS

Medicina tradicional; Gênero; Ciclo de vida.

ABSTRACT

In this paper I discuss some aspects of the Kaingang notions about 'body' and 'life cycle' (Kaingang community of Manguoeirinha/PR). Among the Kaingang women, healing practices involve 'remedios do mato' (native medicine), which are mainly used to help parturition and breast feeding. Traditionally delivery was made possible through the help of old women, who also

¹ Mestranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFSC.

indicated the correct diet for the new mother and the infant. The traditional Kaingang culture also organizes some ritual procedures concerning the health of the newborn; of special interest are: the burial of the child's umbilical cord; the baptism; and the nomination.

KEYWORDS

Traditional medicine; Gender; Life cycle.

A sociedade Kaingang têm uma das três maiores populações indígenas do Brasil, com cerca de vinte mil indivíduos, e habitam os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esta pesquisa foi realizada na Área Indígena Mangueirinha, situada no sudoeste do estado do Paraná, especificamente na aldeia Campina. A sede do posto indígena, onde está situado o escritório da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), é chamada de aldeia Campina, Campina dos Índios ou Campina do Cretã (Helm, 1996, p. 3).

Na sociedade Kaingang foram muitas as transformações ocorridas após o contato com a sociedade nacional, como a alteração no seu sistema de organização social, a redução de suas terras e de seus recursos naturais, a miscigenação devido aos casamentos com "brancos", as doenças do homem "branco" que lhes eram desconhecidas ocasionaram epidemias e reduziram ainda mais o seu quadro populacional. As mudanças tem sido profundas e irreversíveis e neste processo tem transformado o papel da mulher e do homem nesta sociedade.

Neste paper, faremos algumas descrições quanto à utilização de ervas medicinais nas suas práticas terapêuticas e curativas. Observando também algumas das alterações sofridas quanto às práticas relacionadas à gravidez e ao nascimento, como o modo de realizar o parto com o auxílio da assistente de parto; a dieta alimentar e os costumes relacionados ao puerpério (isolamento,

tabus especiais); os cuidados com o cordão umbilical e a placenta; e a amamentação. Os aspectos ligados ao ciclo de vida e cosmovisão Kaingang compreendem, ainda, uma análise do batismo da criança onde se dá a nomeação.

"Remédio do mato"

"Nem feiticeiros, nem médicos" é assim que se refere Horta Barbosa aos cuidados terapêuticos desenvolvidos pelos Kaingang. De acordo com alguns autores (Horta Barbosa 1947, Mabilde 1983, Melatti 1976), são principalmente as mulheres velhas que participam do processo de cura Kaingang. A mulher trata dos seus parentes próximos, como seus filhos e marido. É a *medicine woman* quem faz os remédios para as outras mulheres, principalmente no momento do parto e na dieta.

Quando se trata da cura nos dias atuais, embora muitas pessoas recorram freqüentemente à assistência dada no posto de saúde situado na cidade ou na enfermaria da área indígena, são principalmente as mulheres idosas que detêm o conhecimento e fazem uso de "remédios do mato". Conforme revelado por uma das senhoras, *"nunca levei filhos no médico, curava com remédio do mato. Agora remédio do mato não faz mais efeito. De primeiro, índio não bebia remédio de farmácia, era só do mato"*. Quando tomam o remédio conseguido na enfermaria, dizem que *"fiquei boa, mas não gosto muito não, prefiro o remédio do mato. Às vezes, quando vou pra cidade, estou com uma dorzinha do estômago, vou mascando algum remédio do mato, canelinha, carqueja, e até chegar na cidade fico boa"*.

As jovens mães estão envolvidas com a saúde de seus filhos pequenos, levando-os para consultar com os agentes de saúde na área indígena. Algumas delas, porém, ainda mantém o hábito do uso de remédio do mato com suas crianças. Nesse caso, se seus filhos não ficarem curados ou se tratar de doença mais grave que não sabem cuidar, somente a partir disso vão à enfermaria ou ao posto

de saúde. Como revela uma jovem mãe, “dou um chazinho às vezes pra gripe eu dou, agora quando eu não sei o que que é, tenho que levar, eu não posso dar remédio sem saber o que ele tá sentindo”. Esta jovem tem mãe e avó que são “remedieiras”.

Assim como as mulheres conhecedoras de diversas ervas medicinais e de suas práticas terapêuticas, há entre os Kaingang outras pessoas que possuem tal saber indígena. “Especialistas em cura” é o termo usado por Haverroth (1997, p. 74) ao *kujà* (xamã em Kaingang), curandeiras, curadores, remedieiras e parteiras existentes nas áreas indígenas Kaingang, que são as diversas pessoas conhecedoras de remédios elaborados a partir de recursos naturais. A maioria das plantas são coletadas “no mato”. As remedieiras, segundo Haverroth (1997, p. 84), preparam os remédios “a partir de uma só espécie de planta ou com várias misturadas. Depende do tipo de doença e da pessoa que irá tomá-los”. As parteiras, segundo o autor (1997, p. 85), “são mulheres especializadas em atividades ligadas ao parto (...) O conhecimento desses recursos é relativamente restrito às parteiras, que dificilmente os revelam. Os remédios são basicamente oriundos das plantas. Há os específicos para o aborto, para diminuir a dor do parto, para lubrificar o canal vaginal a fim de facilitar a passagem da criança, para não dar tremor, para limpar depois do parto feito, remédio para a mulher ter mais leite e assim por diante”.

TABELA DE REMÉDIO PARA A MULHER

ETNOESPÉCIE	PARA QUE DOENÇA (KAGA)	PARA QUE PARTE DO CORPO
Bassorin-ta (kafêj-ger) + “oropa” (fô’gri ou kuhur-venh-kagta) + canela (kātān)	quando a mulher está com “tremura”	
Caitê-de-cutia, miolo vermelho (kysô-ty)	se a mulher grávida chupá-lo, a criança nasce ruiva	
Cipó-mil-sone (m rur-ger)	dor (mulher de dieta)	cabeça
Cipozinho-verde (m rur-tanh)	para depois do parto, para limpar	
Erva-de-aposa (ketôj)	para o parto	

Fumeiro-brabo (kafêj-mâg ou pêtôr) + carrapichinho-do-mato (??)	“para a mulher ganhar neném”, para quando está para ganhar, a fim de facilitar o parto	
Guabiroba, três folhas (penva, kafêj um tégutu)	mulher quando está grávida, depois de quatro meses, usar uma colher por dia, a noite, do cozido. Quando está para ter o bebê, tomar um copo cheio.	
?? (kògtaprè)	“remédio para a mulher não ter mais família; resseca a mãe do corpo (útero)”	
Poejinho-d’água (poejo-kupri)	a mulher que vai ter nenê toma água e come junto aquela planta	
Rabo-de-irara (kònhkò-my)	para o parto	
Sabugueiro (kety-nâr) + incenso (?)	é o primeiro remédio para o parto, para não dar tremor	
Samambaia-amarela ou mole (pòvêj)	para ter leite quando seca o peito	
Samambinha do mato (pri-fa-sà)	“é o primeiro remédio”	
Samambaia-preta (não é o xaxim), “batata” (pri-kāsir)	para recaída de mulher	
Sete-sangrias (èri-fej ou kâg-fun ??) + manjerona (??)	para o parto	

FONTE: Haverroth, 1997, p. 121-122.

A prática da medicina indígena em relação ao remédios “para a dor” do parto, para “descer o leite” e anticoncepcional, são os que mais temos informações por parte das mulheres Kaingang e de acordo com alguns pesquisadores.

As indígenas confirmam a prática do uso do remédio “para a dor” do parto: “minha mãe cozinhava remédio do mato (...) se a mulher estava doente, já punhava numa chaleira, tomava, levava duas horas e tava com filho no braço”; e, “tinha remédio também pra dor (...) e já tá pronto o remédio quando a mulher, quando der hemorragia, lá tava a lata o remédio ... tomava ... tava bem bom”.

Em Palmas/PR, Pourchet (1983 apud Tommasino 1995, p. 251) constatou o uso do remédio para “descer o leite”, embora não conseguisse identificar a erva. Em São Paulo, Melatti (1976, p. 103) observou que “a mãe tinha de tomar mingau frio de milho torrado (penfuro) e água morna em quantidade. Se a mãe bebesse água fria, ela morreria. Tomava estes líquidos para ‘descer o

sangue' (leite)". Esta prática é recorrida principalmente pela avó e/ou a senhora idosa que cria um neto ou outra criança: *"ela já era bem velhinha, os filho dela tinha casado tudo, ela pegou o menininho pra criar daí ela tomou remédio do mato, daí desceu leite, desce ..."*.

O uso de plantas anticoncepcionais foi constatado por Baldus e Pourchet na região de Palmas/PR. Ambos não conseguiram saber de que planta provinha tal remédio, segundo Pourchet (1983 apud Tommasino 1995, p. 251) "por se tratar de um segredo que só poderia ser revelado a alguém que a sucederia" e conforme Baldus (1937, p. 31), "não falam sobre ele porque, do contrário, não produz efeito (...) o remédio das nossas velhas só serve para uma Kaingang". Baldus observou que a mulher torna-se estéril depois de comer a planta duas ou três vezes. De acordo com as índias, há o remédio que *"não pode ter filho nunca mais"*, pois *"resseca o útero, para a menstruação"*. Nos dias de hoje, constatamos o uso da pílula anticoncepcional por parte de algumas mulheres.

"A mulhé dos portugueses não sabe nem pari!"²

Na sociedade Kaingang os partos eram feitos em casa, pelo método de cócoras. Esta prática é confirmada em diversos autores (Ambrosetti 1894; Métraux 1946; Hanke 1950; Melatti 1976). Conforme Métraux (1946, p. 463), a mulher dá a luz acocorando-se enquanto uma parteira a abraça e aperta pelas costas, erguendo-a de quando em quando até o término da tarefa. Em Mangueirinha, uma antiga enfermeira da área fazia o parto de cócoras, utilizando um banco para a mulher sentar durante o trabalho de parto. O parto de cócoras foi estudado e adotado por Moyses Paciornik (1979), denominado por ele de "novo-velho método".

² O Dr. Claudio Paciornik quando, por motivo de sua pesquisa, mostrou às índias como era o parto num hospital com as pernas para cima, a platéia soltou uma grande gargalhada e disse: "a mulhé dos portugueses, não sabe nem pari!" (s.d., p. 3).

As mulheres Kaingang informam que *"antes tinha parto de cócoras"*, mas *"filho agora é tudo no hospital, nunca fui no hospital, sempre tive com a mãe, tudo de cócoras"*. Esses depoimentos indicam a constatação da existência das assistentes de parto do gênero feminino, as parteiras, que eram geralmente suas parentes como mães, sogras, tias e avós³. Suas experiências eram obtidas através de um conhecimento passado de geração à geração pela "tradição oral". As mulheres idosas aconselhavam às mais jovens e estas também observavam as suas práticas, como explicou uma senhora *"quase que aprendi, se ela (mãe) não morre sou atendente formada. Fiz em duas crianças, nasceu em minha mão"*.

Autores como Baldus (1937), Métraux (1946) e Horta Barbosa (1947), observaram que na ausência da assistente de parto, as mulheres Kaingang tinham seus filhos sozinhas, no "mato". Métraux (1946, p. 463) diz que, no passado, as mulheres davam a luz na floresta, protegidas de supostos raios lunares maléficos. Conforme Baldus (1937, p. 15), entre os Kaingang de Palmas, *"a mulher não faz preparativos especiais para o parto (...) e se ninguém está perto para auxiliá-la, arranja-se sozinha"*. Esta prática é confirmada por uma senhora de 84 anos: *"M. ganhei sozinha, não tinha ninguém, vim na cozinha, peguei uma tesoura, cortei e ... bem são, não sofria dos meus filhos e não sabia o que era médico também"*.

Algumas mudanças em relação à concepção ocorreram nos tempos atuais, *"pararam de fazer este parto, por causa do médico, as índia agora vão pra cidade"*. O antigo modo de parir, o parto em casa feito pelo método de cócoras, era preferível pelas mulheres idosas e também esta é a opinião de mulheres mais jovens que já o praticaram. Os motivos desta preferência pelas mais jovens são *"desde a comida que comia, não sofria de doença. Hoje no hospital, como de tudo, tem claridade, tem TV"*; ou *"acho melhor*

³ As assistentes de parto são conhecidas em diferentes culturas, tais como as parteras no México, as comadronas em Porto Rico e as nanas na Jamaica.

o da casa, porque no hospital eles levam a gente naquelas mesa lá, põe a gente deitada, em casa não”.

Um fator que contribuiu para a mudança no comportamento das índias em relação ao parto foi a construção de enfermarias nas diversas áreas indígenas. Como apontou o Dr. Cláudio Paciornik, nas suas pesquisas junto às mulheres indígenas, “ocorria que havia sido construída uma enfermaria, e as atendentes do posto insistiam em que as mulheres que a procuravam na hora de parir, o fizessem na cama, deitadas. Essas atendentes tinham seu aprendizado em hospitais e com médicos, e para elas essa era a verdade. Os médicos do interior imitavam os da capital, estes a Universidade, e esta as verdades dos países considerados avançados” (s.d.:3). O fator econômico também influenciou as mudanças relativas às práticas de concepção. Em Manguelirinha, a ex-enfermeira declarou que recomendava que as mulheres fizessem seus partos com o médico, pois assim receberiam o auxílio maternidade vindo do Estado. Uma consequência dos partos ocorridos nos hospitais é a laqueadura, prática bastante recorrente inclusive nas mulheres jovens.

Vãkrenh (dieta)

Embora alguns relatos encontrados na literatura antropológica indiquem que as atividades do dia a dia da gestante não são alteradas e que a recém-mãe continua nos seus afazeres cotidianos logo no dia seguinte, as mulheres Kaingang seguem uma série de procedimentos no cuidado com o corpo. A mulher grávida e a recém-mãe, juntamente com o recém-nascido, estão sujeitos a certos tabus e rituais que devem ser cumpridos. Ambos estão vulneráveis e esses cuidados implicarão nas etapas posteriores do ciclo de vida, pois assim ficam “fortes” e não adquirem doenças. Conforme Oliveira (1996, p. 85), “de um modo geral para os Kaingang ter saúde é sinônimo de ‘força’ (*Tar*) sendo que a perda da mesma, traz como principal consequência a vulnerabilidade às doenças (*Kaga*)”.

A dieta “encontrando-se inserida em uma ampla concepção e visão do mundo Kaingang ligadas à idéia de *prevenção e proteção*”.

Oliveira (1996, p. 97), coloca algumas normas e restrições a serem cumpridas em relação às atividades, alimentação, banhos, cuidados, isolamento, intercurso sexual, etc.. Antigamente, a parturiente ficava isolada em cabanas no mato e só retornava depois do nascimento do filho. Para a antropóloga Oliveira (1996, p. 101), a dieta da futura mãe começa desde o início da gestação e torna-se mais acentuada a partir do quarto mês, “quando os intercursos sexuais devem ser mais espaçados e a gestante deve usar determinados chás (...) para *‘esquentar a criança’*”. Estas medidas para esquentar são uma espécie de fortificante.

É após o nascimento que a mãe e o recém-nascido seguem uma dieta alimentar mais rigorosa. Esse procedimento, juntamente com o resguardo, são marcos importantes da dieta, como observado no depoimento de uma Kaingang: “*fiquei seis dias deitada, só levantava pra me lavar ... tudo ela (mãe) não deixava eu fazer, decerto por isso que não tenho problema de doença*”. Em sua dieta, revelou que somente “*tomava água doce, não comia nem pão ... fiquei branca!*”.

A dieta pós-parto inclui em seu procedimento o uso de “remédio do mato”, em forma de banhos, bafações e ingestões. A “água doce” que o depoimento acima se refere é, segundo Oliveira (1996, p. 103), queimada com casca de laranja, vassourinha, marcela e folha de guavirova, tomada no café da manhã. Este composto deve ser acompanhado com pishé, uma farinha de milho torrado e socado com pilão. Há também outro procedimento, a “bafação”, que serve para “cortar o frio”, suar e diminuir o edema⁴. Somente se deve

⁴ A bafação é feita da seguinte forma: numa grande panela ferve-se arruda, erva-doce, sabugueiro e bagaço recente de erva de chimarrão; durante trinta a sessenta minutos a mãe deve ficar tapada, dos pés à cabeça, com um pano que a cubra e que cubra a panela onde está o composto. Após secar-se deve cobrir o corpo todo e ir para a cama descansar, sem apanhar vento (Oliveira, 1996, p. 103).

proceder ao banho após o terceiro dia, quando a mãe deve usar água morna com chá de alecrim e secar-se rapidamente.

No passado, alguns relatos sobre os Kaingang (Ambrosetti 1894, Borba 1908) referem-se aos banhos da criança em água fria logo após o nascimento. O recém-nascido no "*tempo de dantes, no tempo de indiada*" era submetido a um banho onde usavam remédio do mato, socado no pilão e misturado com água para passar sobre a criança, "*viu como eles não tinham medo de água fria, de fazer mal pro nenê ... hoje em dia se nos fizer assim matamos o nenê de água fria ...*". Atualmente, este costume está um pouco alterado, conforme informou uma índia sobre o nascimento de seu filho: "*porque de uns tempos pra cá, eles lavavam o nenê na hora, minha sogra já pegou uma bacia de água morna, ascendeu uma brasa dentro daquela água, disse que é pra remédio e lavou o nenê, lavou bem ...*". Nesses casos, a água (fria ou morna) "é para remédio".

Quanto às atividades, segundo Oliveira (1996, p. 102-3), a mãe não deve: molhar o pé, mexer na água fria, caminhar muito, fazer serviços pesados, ter intercurso sexual antes de quarenta dias. Entre os alimentos que não deve ingerir estão: ovos fritos, torresmo, carne de porco, leite, feijão ou qualquer comida "molhada" e só deve comer "comida enxuta". Tommasino (1995:250) verificou que elas consumiam alimentos vegetais, como emi, um bolo de milho azedo, e *piché*. Tanto a bafação quanto o regime alimentar, segundo Oliveira (1996, p. 104), devem ser efetuados até o décimo quinto dia após o parto. Se a mulher sente-se bem continua nos seus afazeres cotidianos, se está "fraca" mantém estes procedimentos durante mais alguns dias.

Ambrosetti (1894, p. 317) e Borba (1908, p. 12) registraram que amamentam o recém-nascido por dois a quatro anos, coincidindo a ruptura da amamentação com a gravidez do próximo filho. Estas informações valem para os dias de hoje, conforme o depoimento de uma senhora de 84 anos: "*dá leite de montão para os filhos, alguma dá de mamar 1,2 anos e alguma dá de mamar e*

já tem outro. P (seu filho) dei de mamar com 6 anos... até agora eu tinha leite, agora que secou". Conta que "*minha mãe tinha remédio pra descer leite, eu sei fazer*".

Cuidados com o cordão umbilical e a placenta

O destino do cordão umbilical e da placenta é um aspecto, ligado ao puerpério, que é fundamental nas posteriores etapas do ciclo de vida Kaingang. Nesta sociedade, autores como Ambrosetti (1894, p. 324) e Métraux (1946, p. 463) registraram que o cordão umbilical é cortado com a unha e amarrado com fibra de ortiga brava ou gigante. Melatti (1976:102) observou que a placenta (*prat*) também recebia cuidados especiais: "a placenta era colocada numa pequena vasilha de cerâmica e enterrada à beira do córrego, plantando-se em cima, uma samambaia: *preiti*. A pessoa que lavava a criança também enterrava o *prat*"⁵. Nos dias atuais, a pessoa que corta o umbigo "*enterra a placenta do bebê também. Por motivo de enterrar a placenta, o bebê cresce sadio*" (depoimento de Fá Kanh apud Tommasino, 1995, p. 250).

Os depoimentos referem-se ao enterramento do umbigo embaixo de uma pedra ou colocado dentro do pinheiro. Ambos os cuidados são "para dar longevidade, para a criança crescer forte, viver muito bem". O umbigo não pode ficar exposto a determinados animais, "*é para enrolar o umbigo numa folha para dar para a vaca comer, só não pode dar pro gato*". O cordão umbilical também pode ser enterrado no chão de terra, "*cavocam o chão, colocavam aí, daí pegavam um pouco de cinza com brasa e colocavam em cima, daí punhavam a terra, assim que eles faziam*". Uma parteira revelou que "*eu que enterrava o umbigo, pra não pegar ar no umbigo, pra*

⁵ A prática simbólica ligada a este procedimento é relacionada à sobrevivência da criança: se a samambaia se desenvolvesse o recém-nascido viveria, se murchasse, a criança morreria, ou teria vida curta se comesse a chorar e a *preiti* murchar.

se criar ... daí pra enterrar a placenta no chão, a gente pega põe água quente e depois põe a placenta em cima, pra nunca guardar frio no umbigo". A expressão "pra não pegar ar/frio" no umbigo e na placenta se refere às "doenças do ar" a que estão suscetíveis os recém-nascidos. A criança "não deve 'pegar' Ar: do sol, da lua (orvalho ou da cerração), do vento, da água, do mato, da terra e do relâmpago" (Oliveira, 1996, p. 104).

Como descrito, há uma série de procedimentos ligados ao destino do cordão umbilical e da placenta. O plano simbólico a que se referem estas práticas é muito importante, o qual visa principalmente a saúde e proteção da criança. Estas práticas estão inseridas na cosmovisão Kaingang, pois nesta sociedade é atribuído um valor sagrado ao território, o local onde enterram os seus umbigos e também os seus mortos.

Batismo e nomeação

Cada criança é submetida a três batismos na sociedade Kaingang: o primeiro é o "batismo de casa" ou "batismo de nome", que ocorre até o terceiro dia de vida da criança⁶; o segundo batismo acontece num riacho próximo à área, conhecido como Água Santa; e, finalmente, o terceiro batismo é realizado na igreja. É no primeiro batizado que o recém-nascido vai receber o "nome do mato", o nome Kaingang. A criança será nomeada por uma "pessoa velha" que conhece os costumes antigos (Wiesemann 1960:180 apud Veiga 1994:138) e o acervo dos nomes Kaingang⁷.

⁶ Para Oliveira (1996, p. 107), "se, por algum motivo, como o umbigo custar para secar, ou a criança estiver doente ou fraca, de preferência se fará o batismo no nono dia de vida, porque o 'dia do batismo tem que ser sempre imparceroado'".

⁷ De acordo com Veiga (1994, p. 142) os nomes Kaingang prescindem de gênero: não são nomes propriamente femininos ou masculinos, podendo ser usados indistintamente; uma mulher receberá um nome que foi de outra mulher, e um homem um nome que pertenceu a outro homem. Há nomes de homens e de mulheres que coincidem, mas não dentro da mesma aldeia.

A criança receberá um nome através da descendência patrilinear. No caso em que a criança corre risco de vida, Veiga (1994, p. 137) observou que ela pode receber um nome forte, isto é, um *jiji korég*. O nome, "atua como um fortalecimento, uma proteção - tanto na ocasião do nascimento (para o recém-nascido) como no decorrer das diferentes etapas do ciclo de vida. (...) A noção de *força* e portanto de saúde, ligadas ao nome acompanha os indivíduos em toda a sua trajetória de vida" (Oliveira, 1996, p. 110).

Atualmente, a nomeação é um processo que foi alterado pelos novos costumes. O fato da maioria dos partos ocorrerem no hospital, implica na ausência do "batismo de casa", onde se recebe o nome Kaingang. Embora muitos mantenham o nome "índio", o nome utilizado no dia a dia é o "português" ou "civilizado".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, observamos que as mulheres detêm um papel preponderante no nascimento do novo membro da comunidade, são elas as assistentes de parto e conhecedoras de remédios do mato utilizados nas práticas ligadas à concepção. Da sabedoria das mães, tias e avós do recém-nascido depende sua sobrevivência e saúde nas etapas futuras do ciclo de vida. A mãe precisa observar a dieta e o resguardo, cuidados fundamentais que estão relacionados às crenças da fragilidade da criança.

Para o bem-estar da criança, tomam-se ainda outras precauções. O destino do cordão umbilical e da placenta devem ser tratados com certos cuidados, pois deles dependem a proteção da criança. Outros aspectos interessantes são os que se referem ao batismo e à nomeação. Como os Kaingang são uma sociedade patrilinear, o pai tem um papel fundamental na transmissão do nome à criança, que se dá na ocasião do batismo. O nome atua como fortalecedor, se a criança está fraca, ela pode vir a receber um "nome forte" para protegê-la nas etapas futuras do ciclo de vida.

Como qualquer outro grupo, os Kaingang possuíam medicina própria. Esse tempo antigo terminou com o contato com o homem não-índio, e agora as tradições não são mais respeitadas e os costumes dos antigos estão sendo esquecidos. O que preocupa e tem acontecido, como aponta Fassheber (1998, p. 15), é "uma reprodução e mesmo imposição da medicina do 'branco', sem levar em conta os saberes e demandas específicos de tais sociedades". De acordo com Fassheber (1998, p. 20), os Kaingang não esperam resolver seus problemas relativos à saúde com o especialista, mas não dispensam seu atendimento nos casos graves de doença que lhes são desconhecidas. Isto também se refere aos cuidados com as crianças. A geração das mulheres idosas ainda contam com seus conhecimentos curativos e algumas se recusam a utilizar as práticas biomédicas impostas por nossa sociedade. Podemos, então, inferir a existência de um saber indígena a respeito da sua saúde que ainda tenta se prevalecer face às mudanças ocorridas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBROSETTI, J.B. Los Indios Kaingángues de San Pedro de Misiones. *Revista del Jardín Zoológico de Buenos Aires*, 1894.
- BALDUS, H. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1937.
- BARBOSA, L.B. Horta. *O Problema Indígena no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- BORBA, T. *Atualidade Indígena*. Curitiba, 1908.
- FASSHEBER, J.R. Políticas Públicas em Saúde Indígena entre os Kaingang de Palmas/PR. XXI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Vitória/ES, 5 a 9 de abril de 1998.
- HANKE, W. Los Caingangues de la Serra de Apucarana. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba, n. 8, p. 67-72, 1950.

- HAVERROTH, M. *Kaingang um Estudo Etnobotânico: O Uso e a Classificação das Plantas na Área Indígena Xapecó (oeste de S.C.)*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1997.
- HELM, C.M.V. *A UH Santiago e os Índios da Área Mangueirinha, PR. A Implantação de Usinas Hidrelétricas e os Indígenas no Sul do Brasil*. Relatório para a GTZ/PIAB/IAB. Curitiba, 1996.
- MABILDE, P.F. *Apontamentos sobre os Indígenas Selvagens da Nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul (1836-1866)*. São Paulo: IBRASA/INL, 1983.
- MÉTRAUX, A. The Caingang. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians*, Washington, DC, n. 1, p. 445-475, 1946.
- MELATTI, D.M. *Aspectos da organização social dos Kaingang paulista*. Brasília, FUNAI, 1976.
- OLIVEIRA, M.C. de. *Os Curadores Kaingáng e a Recriação de suas Práticas: estudo de caso na Aldeia Xapecó (oeste S.C.)*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1996.
- PACIORNIK, C. *A Saúde da Mulher Índia*. Mimeo. s.d.
- PACIORNIK, M. *O Parto de Cócoras: aprenda a nascer com os índios*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- TOMMASINO, K. *A História dos Kaingáng da Bacia do Tibagi: uma sociedade Jê Meridional em movimento*. Dissertação de doutoramento. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1995.
- VEIGA, J. *Organização Social e Cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê Meridional*. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP, 1994.

FAMÍLIAS DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS: OS EFEITOS DA DOENÇA E DA INTERNAÇÃO

Maria Aparecida Crepaldi¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo mostrar como as famílias de crianças acometidas por doenças crônicas vivenciam a situação de adoecimento e hospitalização de seus filhos e, como se organizam para enfrentar esta situação. Foram estudadas famílias acompanhantes de crianças internadas na enfermaria de Patologia Geral do Instituto da Criança do HC-USP. Os resultados mostraram que o início da internação é marcado pela negação da doença e da necessidade de internamento. A família apresenta medo de perder a afiliação que une seus membros; vivencia alterações de papéis e os outros filhos se sentem abandonados. Tal situação provoca, ainda, desavenças familiares; desencadeia ou gera problemas conjugais; além de ser responsável, em muitos casos, pelo desequilíbrio econômico, tendo em vista a perda de emprego de um ou de ambos os cônjuges.

UNITERMOS

Família; Hospitalização na infância; Alojamento conjunto.

ABSTRACT

This article discusses how families of chronically ill children react to the sickness and hospitalization of their children and how they organize themselves to handle this situation. The study sample

¹ Doutora em Saúde Mental pela UNICAMP-SC. Professora do Departamento de Psicologia da UFSC.

consisted of families that remained 24 hours beside their children in a pediatric unit of a large Brazilian children's hospital called Instituto da Criança HC-USP. The results indicate that the parents' first reaction is to deny the illness and the need of hospitalization. The family fears to lose the bond among its members, experiences new roles, and the sibling of the sick child feel abandoned. This situation raises family disturbance like marital maladjustment and economic troubles when the parents lose their jobs.

KEYWORDS

Family; Hospitalization in childhood; Parents in pediatric wards.

INTRODUÇÃO

A literatura que aborda a participação das famílias no atendimento da criança hospitalizada tem se tornado significativa nas últimas décadas. A começar por trabalhos publicados nos anos de 50 e 60, que influenciados por autores como Spitz (1945) e Bowlby (1960), preocuparam-se com os efeitos da separação mãe-criança, sobretudo para a criança, recomendando aos hospitais que adotassem o sistema de alojamento conjunto (Hohle, 1957; Fagin, 1962). Partindo desta preocupação, os trabalhos passaram a estudar como a equipe de saúde avalia a participação dos pais na assistência prestada, e qual a recomendação dos profissionais sobre a melhor forma de participação da família (Lisboa, 1973; Ayer, 1978; Zetterström, 1984). Estudos mais recentes importam-se em mostrar como a família vê sua participação, além de enfatizarem relatos das próprias famílias sobre suas necessidades, desejos e sua forma de viver e avaliar a assistência recebida (Brunnquell & Koren, 1991; Cameron et al., 1992; Crepaldi, 1998). Além disso, considera-se inquestionável, hoje em dia, a aceitação das famílias no espaço hospitalar (Kazak, 1997).

Os trabalhos de pesquisa que desenvolvemos nos últimos anos têm como temática central a proteção do desenvolvimento de crianças doentes, e para tanto acreditamos ser imprescindível a participação de familiares no atendimento das mesmas. Esta medida, por outro lado, além de beneficiar as crianças ajuda também as famílias no enfrentamento da situação que se configura a partir da instalação da doença (Crepaldi, 1989).

Este artigo tem por objetivo mostrar como as famílias de crianças acometidas por doenças crônicas vivenciam os efeitos da doença e conseqüente hospitalização de seus filhos e deriva-se de um amplo trabalho de pesquisa que, originalmente, objetivou estudar as representações sociais destas famílias, sobre a doença e hospitalização de suas crianças (Crepaldi, 1998). Esta pesquisa foi realizada na Enfermaria de Patologia Geral do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da USP, e utilizou uma metodologia diversificada que compreendeu: observação participante de campo, observação sistemática de grupos de pais e de acompanhantes, além de entrevistas abertas e semi-estruturadas. Participaram da amostra 38 famílias que mantiveram pelo menos um dos seus membros durante 24 horas na enfermaria, por períodos que variaram de uma semana a um ano, pertencentes aos segmentos pobres da população, por excelência. Os dados coletados foram analisados segundo técnicas de análise do discurso.

OS EFEITOS DA DOENÇA E HOSPITALIZAÇÃO SOBRE A FAMÍLIA.

Os efeitos da doença estão interligados aos efeitos da hospitalização, pois assim que a criança adoece e vai para o hospital em busca de ajuda, a família mostra-se temerosa e reage de maneira ambígua. Deseja saber o que o filho tem, pois alega que conhecendo a doença poderá fornecer-lhe assistência mais adequada; mas por outro lado, nega a doença em si mesma e a necessidade de internação, por ter dificuldade de enfrentar a

realidade que se antevê. Observou-se que o mecanismo de negação é utilizado, quer a doença seja, ou não, grave.

O início da internação configurava-se como uma situação difícil para os pais e desencadeava muita ansiedade, ainda que já tivessem passado pela experiência de estar no Pronto Socorro, ou se tratasse de reinternação da criança. Os pais alegavam dois fatores básicos que contribuíam para que isto ocorresse: aspectos ligados diretamente ao hospital e fatores externos, que extrapolam o ambiente hospitalar. Os sentimentos relativos a esta vivência permeavam todas as impressões.

Para o familiar, aceitar a situação tal como esta se lhe apresentava tornava-se penoso, ou seja, ver o filho doente, sem diagnóstico definitivo, a possibilidade de se tratar de uma doença grave, a hospitalização, a distância de casa e da família. Os pais relatavam ser muito difícil acreditar no que estava ocorrendo e, muitas vezes, não conseguiam traduzir em palavras seus sentimentos.

Esta condição levava-os a experimentar estados de confusão diante de tantas situações inusitadas, como o acúmulo de informação que lhes era transmitida logo que chegavam, e/ou a vivência de situações desagradáveis, desencadeadas, entre outros fatores, por presenciarem cenas de sofrimento no cotidiano do hospital. Outro fator que gerava muita ansiedade decorria da necessidade de se submeter o filho a muitos exames, que freqüentemente eram invasivos, e cujo resultado demandava uma longa espera.

Este estado de confusão levava a conseqüências dispendiosas e cansativas, tal como o caso de uma mãe que deixara a criança no hospital, num dos primeiros dias de internação, indo dormir em casa. Devido à incerteza e aflição sobre o que estaria ocorrendo ao filho, decidira voltar. Tomou o ônibus errado duas vezes e chegou no hospital de madrugada.

A ansiedade provocava, ainda, sintomas físicos que freqüentemente perturbavam os familiares, como desarranjos

gastro-intestinais, dores de cabeça, tonturas, sudorese, palidez e cansaço.

A maioria das famílias atribuiu ao hospital sua experiência negativa no início da internação. Referiram a má impressão que tiveram ao chegar. No discurso estavam presentes considerações sobre a capacidade do hospital em resolver o caso, uma vez que trata-se de um hospital-escola, que tinha médicos "muito jovens" (referindo-se aos residentes e estudantes) e que por isso não inspiravam confiança. Esta dúvida persistia mesmo depois de terem sido informados sobre o tipo de responsabilidade que caberia a cada um dos profissionais que ali estavam. Descreveram seu estranhamento perante o ambiente e o descontentamento com as instalações². Por outro lado, conheciam o conceito que o Hospital das Clínicas tem no Brasil e aguardavam confiantes.

Dentre os fatores externos que concorriam para que o início da internação fosse experienciado como difícil e ansiogênico, apresentava-se a dificuldade em enfrentar uma metrópole como São Paulo. Vindos de toda parte do Brasil, os familiares relatam seus temores em viajar com uma criança doente para a cidade grande, desconhecida e perigosa, muitas vezes sem parentes e amigos a quem recorrer. Mais complexo, ainda, era confrontarem-se com esta circunstância inesperada e sobretudo em uma situação de doença. Ver o filho pela primeira vez no hospital causava preocupação e a idéia de deixá-lo sozinho era muito perturbadora para os pais.

A primeira consequência desastrosa para a família, neste contexto, era a sua desintegração temporária, ou eventualmente definitiva, em vista do afastamento do lar, da mãe e às vezes do pai, assim a família sentia-se dividida. Para lidar com este fato a família adotava estratégias que estavam ao seu alcance, mas que nem sempre considerava satisfatórias, como deixar os filhos menores aos

² Esta enfermaria funcionava temporariamente em um conjunto de salas cedido ao ICR por um dos hospitais de retaguarda do HC, o Hospital de Cotoxó, tendo em vista a reforma de suas instalações originais.

cuidados dos maiores, recorrer à parentes, amigos ou vizinhos, entre outras alternativas.

A divisão da família trazia uma sensação de perda da afiliação, decorrente da separação forçada e do descontrole sobre situação que a doença impõe aos pais, que se sentiam responsáveis pela coesão familiar. A sensação provocada por tal condição era a de desamparo e impotência e o sentimento de que estavam sendo irresponsáveis e negligentes.

Os pais enfrentavam problemas com os outros filhos que se sentiam abandonados, e cobravam, cada qual à sua maneira, a falta de atenção. Julgavam-se preteridos em relação ao irmão que estava doente, pois além deste estar recebendo maior atenção dos pais, encontrava-se num lugar ao qual eles não tinham acesso, já que o hospital não admitia a visita de outras crianças. Mesmo as explicações mais detalhadas dos pais, sobre o fato, não diminuía a sensação de abandono que as crianças experimentavam, pois o que parecia contar era a concretude da ausência deles.

Além da cobrança dos outros filhos, a doença interferia na convivência familiar quando esta era descrita pelos pais como agradável e acolhedora. A família enfrentava ainda, alteração dos papéis e do cotidiano, o que podia provocar desavenças entre seus membros, pois os adultos também estranhavam a nova configuração familiar.

A alteração de papéis, se por um lado causava desavenças, como no caso de famílias que funcionavam mais rigidamente, por outro, podia inovar e trazer novos padrões de comportamento e organização para famílias consideradas mais flexíveis. Em ambos os casos, porém, a doença e o restabelecimento da criança era o fator que mais mobilizava a família naquele momento.

A ausência da mãe de casa podia também desencadear ou mesmo agravar problemas conjugais, sobretudo para o caso de mães vindas de regiões muito distantes, como o Nordeste do país, que permaneciam por períodos prolongados longe do lar, o que se

agravava pela falta de condições da família, que não tinha acesso fácil aos meios de comunicação disponíveis hoje em dia.

Quando a criança adoece, a família parece ficar doente também. Este "ficar doente" traduz-se de várias formas. O familiar podia referir-se a uma doença orgânica e/ou psicológica anteriormente presente, que reaparece, interferindo na nova situação e dificultando ainda mais a vida familiar.

A doença do familiar pode aparecer também, como consequência da situação que se configurou a partir da enfermidade da criança. Ficar no hospital provocava sintomas que em casa desapareciam. O familiar, porém, não se permitia ficar em casa, pois desejava acompanhar a internação e ver o que acontecia ao filho. Assim colocava-se diante de um stress inevitável em consequência do conflito insolúvel, estar bem em casa e mal no hospital. Descreviam a experiência como "é como se a vida tivesse parado", todas as alegrias são interrompidas e a doença da criança funde-se à do familiar para trazer uma infelicidade ainda maior.

A situação das famílias agravava-se também pelas contingências do contexto sócio-econômico em que viviam, uma vez que dependiam do trabalho diário para sobreviver. A doença e hospitalização colocava-os diante de mais este obstáculo, o de conciliar hospital, cuidados à criança e trabalho. Muitas vezes o pai ou a mãe viam-se prejudicados no trabalho e no sustento da família.

O surgimento de uma doença, e sobretudo da doença grave, gera para o familiar um questionamento existencial. Ele se pergunta sobre o sentido da vida, sobre os motivos pelos quais fora "eleito" para vivenciar aquela situação. As explicações encontradas estão quase sempre ligadas ao fatalismo, à vontade divina e, por isso vê-se propenso à resignação.

A explicação pautada na vontade divina, conforta a família, minimiza a inquietação, o sofrimento, que é visto como uma forma de crescimento e o convívio no hospital pode fornecer a "lição" de que, para outros que ali estão, a realidade é mais dura ainda.

A doença pode provocar, ainda, a revolta do familiar e em decorrência deste fato, gerar uma atribuição, mútua, de culpa nos cônjuges, que procuram buscar no outro, ou na família dele, a origem do problema.

O sofrimento geralmente é visto como uma provação, como o caminho que leva à conformação, à descoberta de que o desfecho da história não depende deles, mas do poder que a divindade possui de conduzir a vida. Este mecanismo era uma arma poderosa que os pais tinham para a resolução dos conflitos emocionais, derivados do sentimento de culpa provocado pela doença. Assim, Deus determina o destino, mas pode dar força para enfrentar a dificuldade.

Pode-se observar ainda como, seguidamente, a equipe era alvo dos sentimentos da família, quer fossem eles de afeto ou de revolta. Estes últimos podem trazer consequências desastrosas para uma equipe que desconhece os mecanismos que a família utiliza neste contexto, pois esta pode mostrar-se exigente, fazendo reclamações constantes.

Os exames em geral são considerados eventos geradores de grande stress, sofre a criança e a família, vendo-a sofrer, formando um círculo, do qual participam os profissionais envolvidos nestes procedimentos, como observamos na enfermaria.

Os pais não suportavam a idéia de presenciarem o sofrimento do filho e se sentiam impotentes para livrá-lo daquela condição. Assim, sempre que havia oportunidade, procuram falar. Ter a chance de serem ouvidos lhes trazia grande alívio.

Quando os meios utilizados para diagnosticar e combater a doença revelavam-se ineficazes, não oferecendo garantia de cura, os pais gradativamente elaboravam seus próprios recursos para lidar com a realidade.

A crença no poder de Deus para a obtenção da cura estava sempre presente. O lugar da medicina, como diz Lepagneur (1987), é neutro e ocupa um honroso segundo lugar ao lado de Deus.

A esperança de cura era um sentimento permanente, ainda que os pais conhecessem a gravidade da doença, e quão remota era a possibilidade de recuperação da saúde do filho.

Valle (1991) que estudou o discurso de pais de crianças portadoras de câncer, revela que há esperança de cura por parte dos pais, mesmo quando o filho está em fase terminal, pois não ter esperança é eliminar a possibilidade de ser, não ter perspectivas, não ter futuro.

Embora ocorram momentos de desespero, a esperança retorna. Às vezes o familiar expressava medo de que Deus não o atendesse, por não ter sido um bom cristão e temia represálias.

A doença crônica grave traz um sentimento ambíguo quanto ao seu desfecho. Se, por um lado, a família tem esperanças no restabelecimento da criança, por outro, é impelida a admitir a realidade dos fatos, ou seja, o agravamento do caso, a espera de um transplante quase impossível, por exemplo, e a possibilidade de morte.

Esta situação colocava os pais diante de um conflito inevitável, o da escolha do que provocaria menor sofrimento. Preferiam que o filho morresse ao vê-lo sofrendo, o que, segundo Raimbault (1979), é uma manifestação do amor que sentem pela criança. Esta decisão é importante também para amenizar a dor da família. Em virtude disto, o familiar, muitas vezes, delegava a Deus o poder de escolher o melhor desfecho, expressando o desejo de que a criança não sofresse.

A ambigüidade apareceu também com relação à morte. Negavam a possibilidade de morte, mas admitiam-na à medida em que relatavam que ter o filho doente era ter que pensar na possibilidade de perdê-lo. Por isso era preciso preparar-se. Preparar-se, porém, parecia impossível, pois implicava em ter que conformar-se com a idéia da morte do filho, o que podemos traduzir pelo dizer de um dos pais como: é o "fim de mundo", "uma dor só".

CONCLUSÃO

Como vimos, ao longo da internação pudemos observar os processos que a família enfrenta por ocasião do adoecimento de um de seus membros.

É fundamental que a equipe de saúde conheça os efeitos da doença e conseqüente hospitalização da criança sobre sua família, caso queira prestar-lhes uma assistência eficaz. A atenção para estes aspectos tem levado algumas equipes de saúde a atenderem tanto a criança, quanto a família, no que se refere aos aspectos psicossociais. Pudemos mostrar em outra ocasião (Crepaldi, 1989) como uma equipe que considerava relevante a participação de familiares, pode beneficiar-se da presença deles, treinando-os para exercerem o papel de acompanhantes, sem, no entanto, utilizá-los como mão de obra para prestar cuidados. Os pais podiam exercer esta atividade, caso desejassem.

Assim, familiares podem participar, tanto como coadjuvantes no atendimento da criança, quanto como beneficiários, tendo em vista que também necessitam de atendimento, pois estão igualmente afetados pela condição de doença e internação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYER, A.H. Is partnership with parents really possible? *Maternal child nursing*, v. 3, n. 2, p. 107-110, 1978.
- BOWLBY, J. Separation Anxiety. *The international journal of psycho-analysis*, n. 41, p. 89-113, 1960.
- BRUNNQUEL, D., KOREN, D.P. Emotions in pediatric emergencies: What we know, what we can do. *Children's health care*, Fall, v. 20, n. 4, p. 240-247, 1991.
- CAMERON, S.J., SNOWDON, A., ORR, R.R. Emotions experienced by mothers of children with development disabilities. *Children's health care*, Spring, v. 21, n. 2, p. 96-101, 1992.

- CREPALDI, M.A. **Hospitalização na Infância: representações sociais da família sobre a doença e hospitalização de seus filhos.** São Paulo/Taubaté. Cabral Editora Universitária, 1998. (no prelo).
- CREPALDI, M.A. **Hospitalização Infantil: estudo das interações família-equipe hospitalar.** Rio de Janeiro, 1989. Dissertação (Mestrado) - PUC-RJ, 1989.
- FAGIN, C.M. Why not involve parents when children are hospitalized? *American journal of nursing*, New York, v. 62, n. 6, p. 78-79, June, 1962.
- HOHLE, B. M. We admit parents too. *American journal of nursing*, v. 57, n. 7, p. 865-867, July, 1957.
- KASAK, A E. - A contextual family/systems approach to pediatric psychology: introduction to special issue. *Journal of pediatric psychology*, 22(2): 141-148, 1997.
- LEPARGNEUR, H. **O doente, a doença e a morte: implicações sócio-culturais da enfermidade.** Campinas: Papirus, 1987.
- LISBOA, A.M.J. Programa de hospitalização conjunta mãe-filho. *Jornal de pediatria*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 7-8, p. 191-194, 1973.
- RAIMBAULT, G. **A criança e a morte.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- SPITZ, R.A. Hospitalism: an inquiry into the genesis of psychiatric condition in early childhood (I). *The psychoan. study of the child*, v. 1, p. 53-74, 1945.
- VALLE, E.R.M. O discurso de pais de crianças com câncer. In: CASSORLA, R.M.S. (ed.). **Da Morte: estudos brasileiros.** Campinas: Papirus, 1991.
- ZETTERSTRÖM, R. Responses of children to hospitalization. *Acta paediatr. scand.*, v. 73, p. 289-295, 1984.

AS MARCAS DO FEMININO NAS RELAÇÕES DE TRABALHO: COLOCANDO ALGUMAS QUESTÕES PARA A DISCUSSÃO

Tania Mara Galli Fonseca¹

RESUMO

O artigo analisa alguns aspectos das implicações entre gênero e trabalho, partindo de um referencial teórico que entende o gênero como elemento constitutivo não apenas das identidades subjetivas mas também como elemento ordenador e hierarquizador do mundo social. Estabelece, ainda, conexões entre organizações de trabalho e sociedade, analisando as relações capital e patriarcado e seus efeitos na subordinação/exploração de mulheres trabalhadoras.

UNITERMOS

Gênero; Trabalho; Sociedade.

ABSTRACT

This paper analyzes some implications between gender and work, from a theoretical perspective which sees gender as constitutive of subjectivity and as determinant of the social world and its hierarchies. It also examines the connections between work and society, as well as the complex relations between capital and patriarchy and their effects on subordination/exploration of women workers.

¹ Psicóloga. Doutora em Educação. Professora Titular em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da UFRGS. Coordenadora do Mestrado em Psicologia Social e Institucional - UFRGS.

KEYWORDS

Gender; Work; Society.

Falar das marcas do feminino nas relações de trabalho implica considerar que o processo de feminização inculca-se não somente nas identidades subjetivas dos agentes sociais, como igualmente impregna-se na própria estruturação do universo, em suas normas e instituições. Tal impregnação - seja tomando a forma de subjetividade como de ordenação do social -, não apenas classifica e agrupa espécies, como também as hierarquiza e desiguala. Falar, portanto, das marcas do feminino no trabalho, poder-se-ia simultaneamente dizer se estar falando para além de marcas, visto que neste caso, elas constituem-se mais propriamente como estigmas. Parece-me importante ressaltar que a discussão não pode ser iniciada desde o pressuposto que o feminino, atributo de mulheres, possua, se evidencie e mesmo seja reconhecido com atributos de superioridade nos processos de trabalho. Isso equivaleria a iniciar a discussão desde um referencial que exclui as relações de poder na constituição da divisão sexual e social do trabalho. O fato de se encontrar, no mercado de trabalho, verdadeiros "guetos" feminizados, não pode servir de base a qualquer exaltação do feminino como condição social dotada de poder e força próprios para transformar as relações de trabalho em relações sociais de direitos igualitários.

Ao contrário, estudos que utilizam o gênero como categoria de análise lidam, em comum com os que utilizam as categorias de raça e geração, com atributos naturais impregnados de significados políticos, culturais e econômicos, organizados por hierarquias, privilégios e desigualdades. Ser mulher, em nossa sociedade, significa estar inserida, enquanto agente social, num sistema cujo conteúdo, pautado por subordinações. Nascer mulher, manifesta-se como um ato primeiro e involuntário de inscrição em relações sociais marcadas pelo poder da dominação masculina. Implica em

ver-se inscrita em um sistema de privilégios e hierarquias que consolida a mulher como ausência, como falta, como o oposto do homem, este concebido e percebido como objeto positivo de valor e ideal social, ao qual é atribuída a distinção de herdeiro da cultura.

Ao homem a positividade, à mulher a negatividade; ao homem, a cultura e as realizações que transformam o mundo em mundo humano, à mulher as tarefas naturais, derivadas de sua biologização e restrição aos atributos reprodutivos. Mulher-natureza, homem-cultura, juntamente à idéia imanente de que a mulher nasce pronta, o homem deve ser feito. Ora, sabe-se não se tratar disso. Interessamos, aqui, apontar para a existência de estruturas objetivas, anteriores aos sujeitos, que atuam com força estruturante sobre os mesmos, interiorizando-se neles, como subjetividade e identidade. O reconhecimento da existência, na própria cultura, de tais sistemas apriorísticos de privilégios e hierarquias, nos leva a formular, no mínimo duas questões: a primeira delas trata de indagar se o gênero possui força estruturante/"marcante" tão somente sobre a constituição de sujeitos ou se igualmente estrutura a própria divisão social do mundo?

Maria Luisa Heilborn (1992) apresenta o gênero como um componente classificador e hierarquizador do próprio universo, confirmando, com Joan Scott (1990) a idéia de tratar-se de um sistema estruturado que se manifesta para além das identidades individuais, nas instituições, nas organizações, nos valores e nas normas sociais. Pierre Bourdieu (1990), em seu trabalho intitulado "A Dominação Masculina", igualmente permite reconhecer que a categoria gênero não se reduz ao estudo dos indivíduos corporificados como homens e mulheres. As idéias do sociólogo, referidas ao poder/violência simbólicos, permitem compreender que uma das primeiras formas de dividir, classificar e hierarquizar o mundo passa pela questão do gênero que, instalada na mente dos agentes sociais como sistema de crenças, atua como motor simbólico, revelando-se força modelizadora da noção de um mundo sempre e primariamente classificado por duas visões (divisões)

hierarquizantes, produzidas e imersas, por sua vez, em relações de poder.

A segunda questão traria de perguntar da possibilidade das empresas ou quaisquer outras organizações de trabalho se constituírem de forma isolada, autônoma e independente da própria sociedade na qual se inserem. A resposta é evidente, não. Pode-se, inclusive, reforçar tal negação assumindo que, nas organizações de trabalho, manifestam-se os processos de (re)produção, o que equivale a reconhecer que nas relações capital x trabalho desenvolvem-se as mesmas hierarquias, privilégios e desigualdades constatadas na sociedade mais ampla, entre homens e mulheres. Capitalismo e patriarcado, como estruturas sociais reconhecidas, produzem, no interior das organizações de trabalho, alienações que subordinam as mulheres trabalhadoras ao poder masculino.

Nestes termos, nas relações de trabalho, as mulheres sofrem uma duplicação de sua opressão em relação aos homens, revelando, em suas trajetórias profissionais, o peso do "preconceito desfavorável" (Bourdieu, 1990). Herdeiras sociais de uma cultura sexista, classificatória, hierarquizante e excludente, apesar de se encontrarem maciçamente ativas no mercado de trabalho, as mulheres ainda carregam uma espécie de condenação a um lugar inferior e desvalorizado socialmente. Seja na cultura, como nas mentes das agentes sociais - homens e mulheres-, é alimentada a idéia de que o lugar ideal e natural da mulher, é o do lar, da família, do privado e da reprodução. A vida de trabalho que se desenvolve na esfera pública, mostra-se impregnada por esta crença que, do lado da gestão empresarial, pode assumir feições de justificativa às escassas oportunidades de qualificação e de carreira concedidas às mulheres, que são percebidas como recursos humanos cuja tendência é sempre a de voltar para a casa e, sobre os quais não compensa maiores investimentos. Do lado das trabalhadoras, tal crença pode assumir a força de um desígnio moral, capaz de promover a culpa pela ambição desviante do que "deveria desejar ser": mãe, esposa, dona-de-casa. Tanto externa quanto

internamente, as mulheres trabalhadoras se consolidam como tal dentro desta conflitiva.

Por outro lado, torna-se importante assinalar que, como referem diversos estudos (Humphrey, 1987; Hirata e Kergoat, 1994; Lobo, 1991), a força de trabalho é sexuada e que o próprio trabalho possui gênero. Tais idéias permitem reconhecer que, para o entendimento da divisão social do trabalho, de seus sistemas classificatórios e hierarquizantes, é necessário considerar a importância da própria divisão sexual do trabalho. Esta permite perceber que os campos ocupacionais são tecidos de acordo com a estrutura patriarcal de nossa sociedade, alocando sujeitos em ocupações mais ou menos valorizadas socialmente, de acordo com o seu sexo. Torna-se importante reconhecer não ser verdade que as mulheres não podem fazer o que os homens fazem. Elas, na verdade, o fazem, desde que eles deixaram de fazê-lo. O que determina, portanto, o conteúdo do trabalho feminino não é o trabalho tomado desde suas exigências e sim, a sua posição no ranking de (des)valorização ocupacional no mercado de trabalho. O sexo do trabalho, feliz título de uma obra a respeito da temática, denota que é o próprio trabalho que passa a ser apreciado e avaliado de acordo com os valores sociais atribuídos ao ser homem e ao ser mulher, na nossa sociedade. Não é a mulher que desvaloriza o trabalho; ela tem acesso a ele e o executa por ter ele já se mostrado desvalorizado como mercadoria.

Baixos salários, desqualificação, baixos índices de promoção funcional, sistemas diferenciados de controle e condução disciplinar, refletem-se como efeitos de tambores silenciosos que, ecoando, no coração das fábricas e das organizações em geral, cotidianamente (re)produzem a ancestralidade da mentalidade social, mentalidade que, graças ao feminismo e a tudo o que lhe diz respeito, encontra-se, hoje, mais visível, mais audível e, portanto, mais passível de tornar-se objeto de estudo, estudo, questionamento e luta.

É preciso, contudo, acrescentar que o social, uma vez reconhecido como campo complexo de forças movidas pela conflitualidade, não pode reduzir-se à questão do gênero, tal como

foi realizado pela ciência, no passado, em relação à categoria classe social. Em artigo denominado "Alquimia de categorias sociais na produção de sujeitos políticos", Mary G. Castro (1992) coloca que, trabalhar na perspectiva do gênero, implica reconhecer que o gênero condiciona práticas, mas não as determina de forma exclusiva, como não limita alienações construídas em nome de algumas outras categorias sociais, como as emergentes de raça e geração. Na perspectiva feminista, deve-se insistir no reconhecimento da pluralidade de sistemas de privilégios e hierarquias, o que, em si mesmo, se constitui numa condição capaz de complexificar o objeto de estudo e discussão. Outrossim, tal complexificação nos permitir reconhecer a pluralidade do feminino, nos impedindo de alocar as mulheres, suas vivências e práticas em um único lugar, de modo homogêneo, unívoco e compacto.

Apreender a diversidade, sem perder-se na fragmentação, vem se tornando, hoje, um dos maiores desafios do trabalho de corte feminista. A luta feminista retira grande parte de seu ímpeto do conflito entre homens e mulheres. Constata-se, de acordo com Elizabeth Fox-Genovese (1992), a existência de um fosso entre os sexos, num conflito que se torna pungente em virtude da atração que enlaça os adversários nos braços uns dos outros. Contudo, torna-se importante ressaltar que, a partir da pluralização do objeto mulher, emerge, com igual desconforto outro plano de fragmentação e de desigualdades: o campo das relações entre as próprias mulheres. Para Elizabeth F. Genovese (op.cit., 51), em seu artigo "Para além da irmandade", "o pior pesadelo que as feministas sérias devem encarar é o de que, dentro de uma década ou duas, o movimento de mulheres passe a ser visto como tendo executado o trabalho sujo do capitalismo". O apego aos ideais românticos da irmandade e solidariedade, como o problema de estabelecer a problemática do gênero nos estritos campos das relações entre homens maus e mulheres virtuosas, pode levar ao risco de que se torne realidade o mais absurdo pesadelo de indivíduos à mercê de um poder funesto e sem custo.

Nestes termos, e para finalizar, gostaria de trazer à discussão, mesmo que de forma breve, implicações políticas emergentes da constituição do sujeito feminino- a mulher. Segundo Celi Pinto (1994) a teoria feminista desorganizou as formas como os pactos políticos vinham sendo pensados. Segundo a autora, "o novo sujeito subverte a ordem da democracia: tida como o governo da diferença na igualdade, enfrenta agora a questão da igualdade na diferença. Distingue duas formas fundamentais: a diferença enquanto expressão da dominação e a diferença enquanto direito" (p.4). Assim é que a mulher emerge como sujeito no reconhecimento de sua opressão. Entretanto, a superação da diferença constituidora não se dá pelo esvaziamento do sujeito, mas por sua transformação de sujeito da opressão em sujeito de direito. A mulher luta e deve lutar pelo direito de ser mulher. Necessita, contudo reconhecer-se como sujeito múltiplo, constituído pelos atravessamentos de classe, raça, religião e geração. Assim, a abrangência das proposições do feminismo contemporâneo, enquanto teoria, e movimento social, propõe pensar as diferenças entre o sujeito-mulher e a sua condição de mulher, entre as mulheres e o mundo do sexualmente misto (Silvia C. Yannoulas, 1994).

Inserir-se na discussão da construção social dos sujeitos sexuais permite, por sua vez, que psicólogos/as e a própria Psicologia se reconheçam, desde suas tradições teóricas e práticas, como sexualmente cegos, dotados/as da capacidade de universalizar, homogeneizar e masculinizar o objeto de seu trabalho e estudo. Se as discussões implicadas com a epistemologia feminista permitem explodir totalidades e personificar os atores da história, o que esperamos, nós psicólogas e psicólogos para auxiliarmos a reescrever e resignificar nossos discursos e práticas acadêmicos e profissionais?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. La Domination masculine. Actes de la recherche. Paris, França, 1990.
- HEILBORN, M.L. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. Em Costa
- OLIVEIRA, Albertina de, BRUSCHINO, Cristina. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 93-126.
- HUMPHREY, John. Gender and work in third world. Sexual divisions in Brazilian. Lindon, New York: Tavistock Publ., 1987.
- HIRATA, Helena, KERGOAT, Daniele. A classe operária tem dois sexos. Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 93-100, 1994.
- YANNOULAS, S.C. Iguais, mas não idênticos. Estudos feministas, v. 3, n. 2, p. 7-16, 1994.
- GENOVESE, E.F. Para além da irmandade. Estudos feministas. p. 31-56, 1992.
- LOBO, E.S. A classe operária tem dois sexos. Trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PINTO, Céli. Desafios do feminismo à ciência política. 1994 (mimeo).
- CASTRO, Mary G. Alquimia de categorias na produção de sujeitos políticos. Estudos Feministas, p. 57-73, 1992.
- SCOTT, Joan. O gênero como categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, v. 16, n. 2, 1990.

ESTÉTICA E SAÚDE: A CONSTRUÇÃO DOS CORPOS MASCULINO-FEMININO NAS ACADEMIAS¹

Cristiane Ker de Melo²

RESUMO

Trata-se de um estudo o qual visa destacar as representações que permeiam o imaginário social acerca da construção dos corpos masculino e feminino em relação às gestualidades presentes na prática da atividade física em academias, especificamente, através das modalidades ginástica e musculação.

UNITERMOS

Gênero; Estética; Atividade física.

ABSTRACT

This study aims at pointing out representations in the social imaginary about male and female bodies in relation to gestures present in physical activities such as gymnastics and body building.

KEYWORDS

Gender; Aesthetic; Physical activity.

¹ As idéias e dados aqui apresentados compõem parte de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado - *A malhação do lazer ... ou seria a malhação no lazer? Uma análise sobre a multidimensionalidade da cultura expressa através dos corpos nas academias* -, defendida na Faculdade de Educação Física - Área de concentração: Estudos do lazer/UNICAMP.

² Professora da disciplina Recreação e Lazer do Departamento de Educação Física/Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina.

O objetivo deste trabalho consiste em apresentar e discutir um dos aspectos de maior destaque quanto às diferenciações de usos e ocupação dos espaços, aparelhos, horários, acessórios, movimentos e atividades nas academias de ginástica/musculação: a questão de gênero. Apresentando alguns exemplos de atitudes observadas e falas coletadas através de entrevistas, tentarei mostrar como a busca por uma determinada estética corporal, em geral associada a uma concepção de saúde, firma as marcas dos adjetivos masculino-feminino manifestos na gestualidade e nos modos de relações dos corpos no interior das academias.

Por essa temática fazer parte de um estudo mais amplo, alguns aspectos referenciais necessitam ser evidenciados preliminarmente. Considerando que as academias de ginástica/musculação, bem como de outras práticas corporais, correspondem a uma das mais significativas opções de lazer na atualidade, busco neste estudo compreendê-las enquanto um espaço de manifestação cultural, pois além de possibilitar a vivência de práticas corporais as quais concebem o corpo, a natureza e o movimento de maneiras diferenciadas constitui, também, um espaço significativo quanto à busca de novas formas de *sociabilidade lúdica*³ na sociedade contemporânea. Sua função, em geral, parece estar ligada a uma certa produção corporal, na qual o indivíduo tem a possibilidade de construir e desconstruir o seu próprio corpo, conforme a representação de alguns conceitos, valores e objetivos que permeiam o imaginário social acerca das diferentes modalidades oferecidas. As academias, enquanto espaços de manifestação cultural, podem ser visualizadas como um dos palcos de vivência e legitimação de numerosas práticas construídas no interior de um contexto sócio-

³ *Sociabilidade lúdica* é um termo que utilizei para especificar o fato do interesse dos indivíduos ao se matricularem em uma academia, não corresponder somente à preocupação com o corpo em relação à estética/saúde como pode-se pensar, mas também, à busca da constituição de novas relações sociais.

histórico-econômico-político-cultural determinado, portanto, parte integrante de um amplo universo simbólico onde saberes, valores e tabus podem ser ao mesmo tempo reafirmados, transformados, produzidos, apreendidos, transmitidos e, não apenas reproduzidos.

A importância que a prática da atividade física ganhou, principalmente, nas últimas duas décadas, vem revelando uma associação dessa prática a sinônimo de saúde. Tal associação tem revestido os corpos de novos valores éticos e estéticos de acordo com um modelo burguês. À idéia de corpo saudável vincula-se a difusão de um modelo de corpo baseado em vetores como velocidade, performance, produtividade, agilidade, jovialidade, magreza, força e beleza, elementos esses condizentes aos interesses e valores de nossa sociedade capitalista e urbano-industrial.

De um modo geral, em nossa sociedade, observa-se a existência de uma variedade de práticas culturais diferenciadas entre os sexos. Aos homens é "delegada" a execução de algumas atividades, enquanto às mulheres outras. Para cada ação realizada, valores diferentes são associados em função do sexo a que pertence o indivíduo que as executa. Esses valores, então, construídos culturalmente, surgem carregados de adjetivos femininos e masculinos, sendo capazes de estabelecer um determinado código de relações entre homens e mulheres. Através desse código de relações, toma-se possível identificar as marcas, os interesses, os limites dos espaços e dos movimentos de cada um desses grupos, tanto em outras esferas de atuação humana como o trabalho e a família, quanto nas esferas do lazer, em nosso caso, os espaços das academias. A adjetivação masculino-feminino existente nesse código de relações colabora ao estabelecimento de processos de aceitação e recusa de determinados comportamentos entre os indivíduos.

Discutindo a questão da construção cultural do corpo feminino estruturar-se distintamente do corpo masculino, Jocimar Daolio aponta a existência de hábitos corporais distintos entre os sexos. Com isso, os valores, as expectativas de comportamentos associadas a um e outro também serão diferentes. A aprendizagem

social de tais comportamentos, a incorporação desses valores, portanto, estarão definindo e determinando os espaços e práticas dos indivíduos.⁴

Conduzindo essa discussão para o "universo da *malhação*", ou melhor, as academias, identificamos espaços e práticas distintos para cada um dos sexos. Isto é, manifestam através dessas delimitações sócio-culturais seus pensamentos acerca das ações que se tornam "permitidas" e "proibidas" - entre os sexos - em seu interior. Tais limites podem se explicitar em razão da escolha quanto à frequência nas modalidades musculação e ginástica - principais atividades cujas características definem o termo *malhação*. A primeira, possibilitando a conquista de uma maior hipertrofia muscular/força, tende a uma maior concentração de homens; ao passo que a segunda, uma atividade considerada mais "leve" que a musculação, pois o trabalho de resistência muscular localizada e/ou aeróbico, geralmente, realizado com menor quantidade de peso e com acompanhamento musical, tende a concentrar mais mulheres. Havendo essa diferenciação na opção de frequência a essas modalidades, a construção (física) desses corpos terão as marcas simbólicas dessas diferenças.

Nas academias, identifica-se uma preocupação masculina relacionada à busca de uma estética corporal denotadora de força e potência, desenvolvendo mais acentuadamente o tórax - e a musculação contribui eficientemente a esse objetivo. Já as mulheres, a importância está na valorização das partes inferiores do corpo - glúteos e pernas. Não se preocupam com a hipertrofia, principalmente a dos braços; desejam alcançar formas corporais

⁴ Jocimar DAOLIO, *A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em "antas"*, passim. Maiores detalhes a esse respeito, ver Fúlvia ROSEMBERG, *A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira*. A autora discute as distintas representações e usos da educação física e da ginástica para meninos e meninas em vários períodos, mostrando os diferentes objetivos que a justificaram.

mais "harmônicas". A "definição da musculatura", como denominam alguns frequentadores, não faz parte dos objetivos dessas mulheres.

Estando relacionadas à estética corporal que cada uma das modalidades acima citadas pode oferecer, essa diferença na escolha surge a partir de formulações do imaginário social acerca do que se considera "aceitável" socialmente enquanto prática desses grupos, quer dizer, enquanto valores masculinos e femininos, caracterizando uma predominância no tipo de comportamento dos indivíduos. A definição dessas práticas encontra seu fundamento e justificativa nesse imaginário, que mais uma vez nos coloca a velha associação da figura do homem ao "sexo forte" e da mulher ao "sexo frágil". Evidentemente, tais posições não são estanques, mas esses argumentos evidenciam as marcas e os limites corporais colocados através das relações de poder entre sexos estabelecidas na sociedade atual, como bem mostra Denise B. de SANT'ANNA:

"a insistência em associar a feminilidade à beleza não é nova. A idéia de que a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino, atravessa os séculos e as culturas. Todavia, no seio desta permanência, as formas de problematizar as aparências, os modos de conceber e de produzir o embelezamento, não cessam de ser modificados. Compreender essas mudanças implica perceber a coerência das representações que, ao longo do tempo, acentuam a repulsa pelas aparências feias"⁵.

A restrição na escolha não apenas vincula-se a modalidades específicas, o mesmo processo ocorre, em relação a determinados

⁵ Denise Bernuzzi de SANT'ANNA. *Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil*, p.121.

movimentos. Exemplo disso, a utilização da cadeira abdução⁶ na musculação, imensamente disputada pelas mulheres, é significativamente rejeitada pelos homens. No entanto, quando se trata de levantamento de peso, as mulheres cedem o lugar para eles. Durante as próprias aulas de ginástica há uma diferenciação entre determinados exercícios, como a "flexão de braço". Justificando que os homens possuem mais força que as mulheres, realizam a flexão com as pernas estendidas, tocando somente as pontas dos pés no chão. Já as mulheres fazem o movimento com os pés e joelhos apoiados no solo. Como se essa força tivesse de ser desenvolvida com mais intensidade apenas pelos homens.

Muito embora haja essa delimitação simbólica em relação à ocupação dos espaços da ginástica e da musculação para homens e mulheres, quando se trata de professor essa polaridade se modifica. Há uma preferência por contratar homens para ministrar aulas de ginástica, pois a maioria do público é mulher. Estrategicamente, as aulas ocorridas nos horários com maior frequência de público são ministradas por professores do sexo masculino. Parece haver uma espécie de discriminação em relação ao trabalho das mulheres, chegando isso a ser evidenciado no valor do salário entre eles. Os professores homens são mais bem pagos.

Embora isso ocorra, a definição dessas relações entre homens e mulheres não pode ser vista em termos da dicotomia dominação-submissão. A percepção de que a representação dos papéis

⁶ Neste aparelho o indivíduo senta-se como se estivesse em uma cadeira; existe um suporte lateral nesta funcionando como uma espécie de resistência, este suporte serve para dar apoio aos joelhos, o movimento executado é de abdução (afastamento) e adução (aproximação) dos membros inferiores. O objetivo esperado é o fortalecimento da parte interna da coxa. Devido ao fato da composição dos tecidos nas mulheres acumularem uma maior quantidade de células adiposas nessa região, levando mais facilmente à flacidez, há uma preocupação maior das mulheres em fortalecer essa parte do corpo. Por outro lado, a recusa de utilização deste aparelho pelos homens pode ser considerada também devido à execução do movimento de abrir e fechar as pernas.

masculinos e femininos encontram-se em oposição, deve-se ao fato das concepções de mundo e valores serem bastante específicos entre homens e mulheres, como bem mostra Heloísa Bruhns.⁷ Segundo a autora, essas oposições necessitam ser vistas a partir da incorporação do princípio do equilíbrio dos contrários, os quais existem em interdependência, pois a oposição é também complementaridade. Isso significa entender que na dinâmica social, as concepções e valores não são estanques, portanto, esses espaços de domínio específico podem ser visitados e experimentados por ambos os sexos. E parece ser o que vem ocorrendo a partir da influência da mídia/indústria cultural, dos métodos de treinamento físico associados aos conceitos de saúde, "qualidade de vida" e *fitness*, divulgados no interior de algumas academias, que têm possibilitado tanto aos homens quanto às mulheres transitarem entre os espaços da musculação e da ginástica redimensionando a incidência desse tipo de preconceito.⁸ Pois, durante muito tempo se alimentou a idéia de que os homens que treinavam musculação se feminilizavam, e as mulheres se masculinizavam. Este tipo de preconceito contribuiu para afastar muitos indivíduos dessa prática.

Segundo Courtine, essas marcas de diferenças vêm de longe, desde os

"primeiros anos do século, o desenvolvimento da massa muscular do tipo masculino ideal é uma contestação implícita à transformação simbólica

⁷ Heloísa Turini BRUHNS, *Corpos femininos na relação com a cultura*, p. 77. Em parte deste trabalho a autora discute as esferas de domínio e poder entre homens e mulheres, na relação entre o espaço público e o privado. E assim estabelece as oposições existentes a nível de representação: o homem está associado a sexo forte, dominação, esfera pública, o poder e o frio; a mulher associa-se sexo frágil, subordinação, esfera privada, o poder de manipulação e o quente.

⁸ MELO, op. cit., p.78. Neste trabalho, há uma discussão acerca dos preconceitos existentes em relação à prática da musculação.

dos lugares respectivos de homens e mulheres e à modificação já em curso das relações entre sexos”.⁹

Podemos recordar que o começo do século foi marcado por um acelerado processo de transformações sociais - industrialização, urbanização, automação e divisão do trabalho. Assim, pode-se dizer das transformações geradas por questões políticas econômicas, sociais etc., tendem a repercutir na forma das relações estabelecidas entre esses grupos. A preocupação com o desenvolvimento muscular constitui um dos indícios das consequências dessas transformações, pois essas mudanças corporais se relacionam à posição que os indivíduos vêm assumindo na sociedade atual. A mulher começa a deixar a esfera privada/doméstica para se projetar e conquistar outros setores, agora da esfera pública. Isso parece ter gerado para os homens, um certo sentimento de perda do espaço que sempre foi de seu inteiro domínio.

A possibilidade de tempo disponível para se frequentar as academias, também, torna-se um fator diferencial. Devido ao fato da constituição do tempo disponível do homem e da mulher serem diferentes em nossa sociedade, em função das obrigações sociais e do trabalho que executam, a frequência à academia igualmente será dependente deste. Tendo jornada de trabalho duplicada, a mulher frequenta a academia por menos tempo que o homem. Em

⁹ Jean-Jacques COURTINE, *Os stakhanovistas do narcisismo. Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo*, p.97. Acrescenta ainda o autor que “no imaginário masculino confrontando com a redefinição dos papéis específicos dos dois sexos, o *body-building* testemunha um sentimento de perda da potência viril. O estufamento contínuo da imagem ‘ideal’ do corpo masculino é uma inflação fálica: uma resposta, de ordem mimética, à ameaça pela ameaça. Mas é também o trabalho de luto negado, a nostalgia travestida de uma representação bastante antiga da potência masculina”. p. 104.

compensação, a frequência de mulheres ultrapassa a dos homens de um modo geral.

Todo esse movimento citado, além de interferir na forma das relações sociais, interfere igualmente na concepção de beleza corporal. Impensável há alguns anos, hoje vemos também várias mulheres buscando certa hipertrofia.¹⁰ São mulheres que participam de competições de fisiculturismo, braço de ferro e levantamento de peso, fazendo com que o corpo delas se modifiquem significativamente, mas que, apesar dos preconceitos, são consideradas por muitos como belas (e fortes). Pois, hoje a concepção da mulher frágil tem sido desconstruída em função dos espaços que vêm ocupando na sociedade. Comenta Courtine que,

“o corpo, qualquer que seja seu sexo, vai, desde então, desempenhar um papel essencial no imaginário (...) de promoção individual. A beleza é um capital, a força, um investimento; todos dois são mercadorias cujo valor de troca vai crescer ao longo do século”.¹¹

Essa necessidade e valorização da força e da beleza apontada pelo autor, nos permite afirmar que as academias colaboram em suprir essa necessidade. Deste modo, tendem a reproduzir as mesmas relações travadas na sociedade. Segundo Courtine, o músculo marca, impõe-se e constitui hoje uma das formas privilegiadas de visibilidade do corpo no anonimato urbano dos grandes centros.¹² Dessa perspectiva, pode representar força, poder, dominação. Aspectos que tanto homens quanto mulheres têm lutado para conquistar nessa época de globalização, influenciadora da

¹⁰ Em nenhuma das academias investigadas encontrei essas mulheres. Evidentemente encontrei mulheres fortes, mas não fisiculturistas.

¹¹ COURTINE, op. cit., p.98.

¹² COURTINE, op. cit., p.53.

exacerbada competitividade, principalmente, no mercado de trabalho.

Mas, as linhas demarcatórias ao serem ultrapassadas, revelam outros valores de nosso tempo. No interior das academias, quando homens utilizam bermudas de *cotton* ou *lycra*, parece ser algo de difícil aceitação perante o grupo. A utilização desse tipo de vestimenta pelos homens parece estar associada a uma condição duvidosa de sua masculinidade, como no comentário de uma aluna em relação a um professor: "*com uma bermudinha justa daquela, eu duvido que seja homem*". Entretanto, para as mulheres há a permissão em vestir roupas desse material, colocando as formas corporais em evidência; para o homem, a situação é justamente inversa. Sendo assim, manifestações dessa natureza, possibilitam a inferência de que, encontrando-se a utilização de determinados acessórios delimitados por esses adjetivos, qualquer "invasão" no espaço do outro pode representar uma inversão de sexo. Quer dizer, ao usar a bermuda de *lycra*, vestimenta associada à figura da mulher, o homem invade o território considerado feminino, colocando assim em dúvida sua masculinidade.

Ainda sobre essa questão, mas a partir de outros aspectos, parece haver tanto no interior das academias, como fora delas, uma idéia a qual associa músculo, exposição do corpo masculino, à estética gay. Courtine, discutindo a dimensão e os significados que a hipertrofia do músculo assume na sociedade atual, menciona esse tipo de associação.¹³

Dessa forma, pode-se dizer que as academias congregam em seus espaços a possibilidade de vivência e entendimento do movimento sob diferentes perspectivas. Essa dimensão traz indicadores da existência de um universo de práticas, representações e significados, estabelecidos por níveis diferenciados de expectativas, mostrados a partir das práticas, dos vestuários e

¹³ COURTINE, op.cit., p.83.

crenças de seus frequentadores. Confirmando assim que as relações de interesses travadas no interior das academias explicitam conceitos e preconceitos de diferentes grupos.

Destaco nesse contexto que o abdome parece ser a única parte do corpo cuja preocupação excessiva com sua forma coincide entre homens e mulheres. No abdome, os efeitos do *stress*, da vida sedentária, dos automatismos modernos, dos maus hábitos alimentares etc., se concentram. Por isso, a necessidade de se "eliminar" a barriga, essa parte do corpo "maldita" que teima em pronunciar seu volume, seu excesso. Essa parte do corpo, concentrando tal preocupação, ao mesmo tempo que define uma certa comunhão de interesses entre os sexos, traça uma linha divisória entre as expectativas masculinas (tórax-braços) e femininas (quadril-pernas) em relação aos próprios corpos.

O fato de haver no espaço das academias uma certa reprodução de determinados valores de nossa sociedade, não elimina a possibilidade de considerar a existência de "brechas" capazes de transformar esses valores e romper com alguns tabus e preconceitos. Neste caso, pensar estes espaços de lazer como campo de atuação profissional, necessário se faz atentar a esses detalhes, senão, corre-se o risco de deixar as academias reforçarem os preconceitos existentes em nossa sociedade. Porém, essas "brechas" são colocadas a partir do reconhecimento das academias enquanto um espaço onde "trocas" são possíveis de se estabelecerem, pois os indivíduos estão ali em constante movimento de relações através de seus corpos. Apesar de ter destacado essas oposições entre os gêneros, a necessidade de estarem próximos se faz muito presente. A busca por amizades e outras formas de relacionamentos constitui também uma característica significativa nas academias. Fazendo-as constituírem no que denominei anteriormente, espaços de *sociabilidade lúdica*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUHNS, Heloisa Turini. Corpos femininos na relação com a cultura. In: ROMERO, Elaine. (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas - SP: Papirus: Coleção Corpo e Motricidade, 1995.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em "antas". In: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas - SP: Papirus: Coleção Corpo e Motricidade, 1995.
- MELO, Cristiane Ker de. **A malhação do lazer ... ou seria a malhação no lazer? Uma análise sobre a multidimensionalidade da cultura expressa através dos corpos nas academias**. Campinas - SP: DEL / FEF / UNICAMP, 1997. (Dissertação de mestrado)
- ROSEMBERG, Fúlvia. A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira. In: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas - SP: Papirus: Coleção Corpo e Motricidade, 1995.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

"DA PRIMEIRA VEZ O SEXO QUE SE CONTA É TEXTO"

Pedro de Souza¹

RESUMO

Tomando como objeto de análise o texto autobiográfico *Depois daquela viagem*, de Valéria Piassa Polizzi, pretendo apresentar alguns elementos para uma análise textual e discursiva, visando desenvolver a hipótese de que a emergência da sexualidade como fator de subjetivação pode se situar no momento em que a primeira experiência de encontros corporais torna-se texto. Quero tentar mostrar que, em se tratando do plano lingüístico da expressão textual, a sexualidade que se constrói em si é da ordem do dobramento do sujeito sobre a escrita e sobre as condições enunciativas e discursivas nas quais ela funciona.

UNITERMOS

Sexualidade; Gênero; Discurso; Texto; Enunciação

ABSTRACT

Through the analysis of Valéria Piassa Polizzi's autobiographic text *Depois daquela viagem* (After that trip), I intend to present some elements for textual and discourse analyses which show that the emergence of sexuality as a subjective factor might be found when the first body encounter experience becomes text. I will show that, as far as the linguistic domain of the textual production goes,

¹ Doutor em Lingüística pela UNICAMP-1993. Professor Adjunto no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e dos Cursos de Pós-Graduação em Literatura e Pós-Graduação em Lingüística, na Universidade Federal de Santa Catarina.

building up sexuality has to do with the discursive conditions in which it works.

KEYWORDS

Sexuality; Gender; Discourse; Text; Enunciation.

A leitura de relatos autobiográficos tematizando a sexualidade, dispersos em revistas de banca de jornal ou editados em livros, quase sempre inscritos no campo discursivo da literatura de auto-ajuda, leva-me aqui a desenvolver a hipótese de que o momento em que a primeira experiência do contato sexual de uma pessoa torna-se texto pode ser um dispositivo relevante para a emergência da sexualidade como fator de subjetivação. Quero tentar mostrar que, em se tratando do plano lingüístico da expressão textual, a sexualidade que se constrói para si e para os outros é da ordem do dobramento do sujeito sobre a escrita e sobre o discurso no qual ela funciona.

Neste trabalho, tomo como objeto de análise o livro *Depois daquela viagem*, texto autobiográfico de Valéria Piassa Polizzi que já se encontra na oitava edição. Neste texto, a autora relata o rumo que tomou sua vida depois que, aos 16 anos, descobriu-se infectada pelo vírus da AIDS. Estabelecendo uma analogia com os relatos de primeira vez publicados por adolescentes em revistas femininas, vou ater minha análise ao trecho em que Valéria conta como foi a primeira vez em que fez sexo com o namorado e não usou preservativo.

Sempre que solicitado a narrar oralmente, ou por escrito, sua história de vida, ou passagens dela, o inquirido vê-se ante a contingência de como estruturar uma narrativa cujo efeito seja o de atingir o mínimo de coerência ou sentido. Trata-se de saber, no fluir aleatório da memória discursiva, o que pode e não pode ser dito, bem como que feição deve tomar no texto o que se deixou

emergir como efeito de memória e que agora redonda em um efeito de texto.

Ilusão supor que a ordem seqüencial resultante de um relato surge de uma transparente e imediata correspondência entre o que aconteceu e o modo de narrar. É que tomado no aqui e agora das interpelações que demandam do sujeito o relato de sua história pessoal, tudo se passa como se, em esfera pública, fosse exigido dele um documento civil imprescindível ao seu direito de existência como cidadão.

A problemática que quero ressaltar aqui gira em torno da forma textual em que o relato solicitado deve se apresentar e do discurso que a determina. Há que se considerar, tal como se pode descrever na narrativa em análise, os elementos da enunciação, pois nesta imbricam-se uma discursividade e um efeito-texto. Falo de discursividade nos termos teóricos² que designam as condições de produção sob as quais um não-texto torna-se texto.

Há princípios e parâmetros³ pelos quais se pode definir o que chamo aqui de não-texto. O plano dos princípios é o da ordem do discurso. Refiro-me ao texto no âmbito da virtualidade. Trata-se do momento enunciativo em que o sujeito é interpelado em meio a uma corrente difusa de efeitos de sentido. Dito de outro modo, o não-texto define-se pelo instante em que a dispersão discursiva está em vias de adotar uma forma textual de expressão. Em outros termos ainda, de um lado, o não-texto aponta para o escrevente em vias de tomar-se sujeito, por outro, indica virtualmente o texto que deve aparecer como forma material de dado efeito de sentido.

No contexto das incertezas sobre o que para o sujeito escrevente será o texto de sua história, cabe levantar as mesmas perguntas que

² LEMOS, M. T. G. De "Sobre o que faz texto: uma leitura de Cohesion in English". *Delta*, v. 8, n. 1, 1992.

³ Estou metaforizando um dos modelos gerativistas proposto para julgamento de gramaticalidade dos enunciados de uma língua.

Guilhaumou⁴ e sua equipe levantam diante de um corpus de narrativas de vida constituído no quadro de uma pesquisa sobre a exclusão na Europa:

“Como tornar disponível aqui e agora a profusão de lembranças e esse após a origem das lembranças - e escolher entre seu aglomerado as que ressaltam na memória ou ressaltam na narrativa? Que caminhos escolher ou inventar como tendo sido a(s) mais pertinente(s), entre os do confronto infantil com a sociedade, os das peregrinações amorosas, os das fulgurações da adolescência, dos fracassos e os das reconstruções? Como encontrar também o “o estilo” que convém a essa narração improvisada?”

Penso que este conjunto de questões pode ser remetido ao ponto em que Valéria P. Polizzi começa a escrever sua história. O segmento inicial do relato traz índices da situação enunciativa, o tempo e o espaço de interlocução no qual a autora estabelece uma relação com seus leitores, dando-lhes conta do que a mobilizou a contar sua “primeira vez”. Nos quatro parágrafos iniciais do relato de Valéria, desenvolvido em 279 páginas, lê-se o seguinte:

“Já devia ter começado a escrever há algum tempo mas, como escrever sobre a vida da gente não é fácil, vivo adiando. Ainda hoje me ligaram a Priscila e o Cristiano, e os dois me cobraram:

- Já começou a escrever o livro?

Não. E já teria desistido se na semana passada não tivesse ido na Sylvia e, por coincidência ou sei lá o quê, ela tivesse dado a mesma idéia: escrever. Eu

⁴ GUILHAUMOU, J. “Récits de vie. Dynamiques et autonomie des récits de vie dans le champ de l'exclusion”. *Récits de vie. Histoire de vie. Cahiers de Littérature Orale*, n. 41. Paris, Publications Langues'O., 1997, p.93-126.

disse que já havia pensado naquilo, só que achava muita responsabilidade.

- Não escrever também é - ela respondeu. E isto não saiu da minha cabeça a semana inteira” (p. 7).

Na incerteza de escrever ou não escrever, há uma posição de sujeito que oscila no limiar da discursividade e da textualidade: para que haja texto, há que haver discurso, para que o discurso aconteça há que haver texto. O que se pode demandar como efeito simultâneo de texto e de sujeito já está dado pela ordem discursiva da responsabilidade. Ao finalizar a introdução de seu relato autobiográfico dizendo: - “*é simples, transei sem camisinha*”- Valéria anuncia aos seus leitores o preço que aceitou pagar para contar sua história e tornar-se dela o sujeito, a saber: ser, mediante a função da autoria⁵, responsável pelo que nela será possível dizer.

Entremeio ao ato da escrita e à submissão ao discurso pré-construído está já determinada para Valéria uma posição de sujeito - a da responsabilidade. Portanto, a textualização advém do problema preciso que se coloca para o indivíduo, a fim de que seja o sujeito de sua sexualidade. Mais adiante quero ressaltar o fato de que, neste caso, perante sua prática sexual, o sujeito é interpelado a responder não pelo prazer a ser atingido, mas pela saúde que deve manter em seu corpo.

O parâmetro pelo qual se pode definir o não-texto tem relação com o pressuposto segundo o qual coesão e coerência não é algo do que se parte⁶, mas um ponto a que se chega submetendo a linha da

⁵ ORLANDI, E. “*Autoria e Interpretação*”. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ, 1996. pp.63-78.

⁶ A propósito disso, Lemos observa: “Para Halliday parece bem natural dizer que o texto é um “todo” e um “todo unificado. Mas se ele se preocupa em mostrar como esse efeito é atingido é porque reconhece que a coesão ‘é algo a atingir, e não uma propriedade natural, automática da linguagem. Se há uma tendência, ou mesmo necessidade de coesão, é porque, na linguagem, opera algo da ordem do não-coesivo, do não-todo” (LEMOs, op. cit. p. 35).

textualidade ao movimento e direção demarcados pelo discurso. Tais linhas que demarcam pontos do dizer em um campo discursivo são as condições de que dispõe o narrador para, constituir-se em sujeito.

Já não se trata mais da indecisão entre o escrever e o não escrever, e sim do próprio ato da escritura. Neste plano, o sujeito está já colocado entre o emaranhado das palavras alheias e o acaso do discurso próprio. Tudo agora depende da trama singular que vai resultar em efeito de textualidade. Neste ponto, o não-texto apresenta-se em sua plenitude material sinalizada pelas suas mutilações, rupturas e equívocos. Observa-se em suas fraturas o jogo de progressões textuais imprevisíveis. Para dizer-se, revelar-se o sujeito passa por uma ordem de incerteza que o impele a narrar a si próprio no cruzamento do que deve esquecer e do que não sabe sobre sua condição subjetiva. Vejamos como o relato de Valéria Polizzi nos fornece um exemplar deste fenômeno. Aparece no trecho que transcrevo a seguir:

“Os pais dele tinham ido viajar e nós estávamos sozinhos em casa. Ele apagou a luz e começou a me beijar.

- Só que eu não quero fazer nada, tá?

- Tá, tá bom.

Ele tirou a minha roupa e a dele também. Ficamos nos acariciando quando senti que ele ia me penetrar.

- Pára. Você falou que não ia fazer nada.

- Só um pouco. Prometo que não vai doer.

Achei deixando, acho que mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa. De repente ele parou e saiu de cima de mim. Será que alguém pode me explicar o que é que está acontecendo?

- É que eu não posso gozar dentro de você, senão eu te engravidar.

É mesmo. Eu tinha esquecido deste detalhe. Quer dizer que já acabou? É isso que é transar?

- Ih ... Você não vai começar a chorar agora, né?

- É que eu pensei ...

- Pode ir parando que agora já foi.

Então é isso ... Nós já transamos. Mas como pode? Cadê o vinho, a lareira? Não é nada daquilo que eu esperava. Pára tudo! que estranho, que droga, que horrível! Por que é que ninguém explicou que era desse jeito? E que negócio é este de ficar me lambendo? É isso que é sexo oral? Poxa vida, outro dia lá na escola os meninos levaram uma Playboy e a gente ficou lendo. No meio de um dos textos apareceu uma nova expressão: “sexo oral”.

- O que é isso, Dé? - perguntei pra minha amiga.

- É quando as pessoas ficam gemendo enquanto estão transando.

É, Daniele, decididamente nós não entendemos nada de sexo.

Agora você me pergunta: onde é que estava a camisinha nesta história toda? É eu respondo: não estava. Se já existia a AIDS? Já, sim, só que era coisa de viado “viado”, de ‘grupo de risco’. E, além do mais, segundo meu namorado, camisinha era coisa de ‘puta’. Eu não era ‘puta; logo, não precisava de camisinha” (p. 11-12)

Alguma coisa se perde no fio desta sequência narrativa. Se neste gênero de história, o clímax se estrutura no instante imediatamente anterior ao gozo, registra-se aqui uma quebra, um anacoluto textual. Surge não se sabe que voz na cena, como quem surpreende um flagrante delito: ‘será que alguém pode me explicar o que é que está acontecendo?’

Aparece neste ponto da escrita de Valéria um embaralhar de vozes indistintas e um recurso à paródia. Pelo primeiro caminho, o processo narrativo desloca-se do discurso relatado direto, formulado em primeira pessoa, para o discurso indireto livre. Ao se introduzir, este estilo indireto provoca uma dúvida acerca de se quem diz eu ao narrar o ato sexual de que é protagonista coincide com o eu de quem pergunta pelo que está acontecendo relativamente ao mesmo ato.

O caminho da paródia, que perpassa todo o relato em foco, produz o que Linda Hutcheon⁷ chamaria de *'bouncing'*. Ou seja, graças ao efeito de ironia da paródia, leitor e autor encontram-se em um mesmo espaço intertextual onde ocorre uma espécie de oscilação entre distância e cumplicidade. A subjetividade possível aí para quem escreve e para quem lê emerge no limite do deboche e da reprovação. Ressalta no relato a crítica como efeito discursivo de memória, enquanto que a memória do prazer não faz texto senão fora do discurso. À margem deste, o prazer só pode ser textualmente formulado sob o modo da interrogação: *'e que negócio é este de ficar me lambendo? É isso que é sexo oral?'*

No discurso, tudo se passa como se o prazer pairasse narrado no intertexto como algo que se deixou escapar, ou que não passou de ilusão. Tem-se aqui um caso em que abriu-se ao sujeito o espaço para narrar a si próprio perante sua sexualidade, mas sob a égide da responsabilidade. A alusão às sensações produzidas pelo contato corporal não tem no relato lugar para fala. O esquecimento da camisinha é o que deve ficar ressaltado como a lembrança mais

⁷"Parody in its ironic trans-contextualization and inversion is repetition with difference. a critical distance is implied between the background text being parodied and the new incorporating work, a distance usually signalled by irony. but this irony can be playful as well as belittling; it can be critically constructive as well as destructive. The pleasure of parody's irony comes not from humor in particular but from the degree of engagement of the reader in the intertextual 'bouncing' (...) between complicity and distance" (Hutcheon, l. *A Theory of parody. The Teaching of Twentieth Century Art Forms*. London. Methuen, 1985, p. 32).

pertinente entre outras embutidas no conflito do não saber sobre sexo, ou sobre o que aconteceu quando o parceiro ergueu-se dizendo não poder gozar dentro dela.

Não importa se se escreve sobre o que não se sabe, importa o que, ao ser escrito, não pode ser esquecido. Embora fale de si, Valéria só pode fazê-lo escrevendo para outro. Esta é uma das fundamentais condições discursivas para a saída do não-texto. "O texto é sempre texto para alguém, de alguém, diz Lemos⁸. Não se trata de dirigir-se a pessoas reais, mas de uma exigência da linguagem que sempre demanda outro ao qual se pede significação. A inclusão do discurso do outro é condição para que se faça ao mesmo tempo texto no sujeito e este no discurso.

Tanto na formulação irônica, quanto no modo de finalizar este fragmento da narrativa, há um gesto de constituição de autonomia subjetiva. Entre o risível e o criticável, a subjetivação possibilita-se driblando palavras alheias. O sujeito, pela própria maneira de dizer, triunfa construindo seu álibi enunciativo. O que toma forma escrita não coincide com aquele que delineia os traços dessa mesma escritura no papel.

Mas o salto para o plano de enunciação em que escreve dirigindo-se diretamente para seu leitor mostra como o relato de Valéria abre mão de sua autonomia discursiva para incluir-se no discurso do outro. Assim é que discursivamente o texto se faz no escrevente e no leitor enquanto efeito de coerência, ou efeito-texto. A pergunta atribuída ao leitor: *"onde é que estava a camisinha nesta história toda?"* - e a resposta atribuída ao escritor *"não estava"* mostra em que domínio de discursividade o relato em questão torna-se texto.

Assim o estilo que convém ao texto prometido por Valéria aos seus supostos leitores é o mesmo que convém ao discurso verdadeiro sobre a primeira experiência sexual. O texto encontra aí

⁸Lemos, op.cit., p. 33

seu efeito de unidade através da relação do sujeito do relato com um discurso. Este determina o que deve ser falado em detrimento do esquecimento do que está nele colocado como indizível. Não me refiro aqui, adotando as proposições de Lemos⁹, às coisas que deixam de ser ditas, mas a “toda uma força proliferadora de sentidos”. Esta força é própria da linguagem e atua na superfície do discurso como a correnteza de palavras intransitivas sob a ponte.

O relato da primeira vez do contato sexual é - notadamente para a mulher - uma experiência singular permitindo, no âmbito das relações de gênero, uma certa conexão aos circuitos diversos de subjetivação. Aí a escolha da posição de sujeito a emergir depende dos discursos que circulam colocando em questão o sentido da identidade feminina perante seu corpo e sua sexualidade.

Contemporaneamente pode-se dizer que a memorialística em torno da primeira experiência sexual é a subjetivação que daí decorre tem como lugar discursivo e determinante de problematização os binômios corpo/prazer, corpo/saúde. Em termos de discursividade, cada um desses pólos de articulação designa uma topologia de posições no interior das quais o sujeito será constituído. Tudo isso passa por um regime de controle ao qual a mulher deve se submeter para expor-se como sujeito de sexualidade: a economia do prazer, ou a administração da saúde de seu corpo.

Em tempo de AIDS, minha hipótese é de que se acentua o controle sobre a articulação corpo/saúde. Daí que, ao contar sua primeira vez, a prática discursiva na qual deve se incluir o sujeito não equivale mais ao treino para não exceder-se a si mesmo na vivência do prazer, mas sim ao exercício contínuo da auto-vigilância que o leva a responsabilizar-se e a prevenir-se contra a possibilidade de contrair uma doença sexualmente transmissível, no caso atual o vírus da AIDS.

⁹ Lemos, *ibid*, p. 37.

Isto explicaria porque, nos dias atuais, sessões específicas de cartas de leitores em revistas femininas do gênero *Capricho*, *Nova*, ao suscitar a fala das adolescentes sobre os encontros sexuais com seus pares, não demandam a descoberta do prazer e de sua gramática. Demanda sim a consciência preventiva quanto à saúde do corpo.

A reportagem de um dos números da Revista *Capricho* é o exemplo claro desta estratégia discursiva. Sob o título “Aconteceu ontem à noite”, a matéria jornalística aglomera pequenos relatos que arregimentam leitores na reflexão sobre sua própria identidade no instante em que se percebem como sujeitos de sexualidade. Tudo isso, não sem antes submeter o sujeito a um jogo de verdade. Este é lapidarmente formulado conforme as seguintes palavras de ordem:

“Vocês usaram camisinha”? “Vocês usaram um método anticoncepcional? A gente não quer atrapalhar tudo, não ... mas, mesmo na primeira vez, é melhor se preocupar antes, do que ter problemas.

A narração a partir do indizível de uma experiência corresponde, no âmbito da sexualidade, ao contato com elementos pré-construídos. Estes intervêm impondo uma desarticulação enunciativamente ativada entre a atenção ao prazer desconhecido e a manutenção da saúde necessária. Certamente, sob difíceis condições, o não enunciável da experiência vai gerar, no ato de dizer, uma opacidade centrada em um dos dois pólos. Desta maneira, é que circula o sexo que se faz no discurso e que, nos limites dele, faz texto.

CYBERSEXO: A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE NOS 'CHATS'¹

Tade-Ane de Amorim²

RESUMO

No decorrer da pesquisa foi analisada a construção de personagens nas "salas" de sexo virtual da Internet. Com o intuito de identificar a forma de apropriação social dessas novas tecnologias, traço um breve histórico da informática e da Internet. Utilizando teorias que abordam as relações de gênero destacamos as diferenças na construção de personagens masculinos e femininos, basicamente a partir de três variáveis: a escolha do pseudônimo, as apresentações ou maneiras de abordagem na rede e as descrições físicas. A Internet abriu, principalmente através dos *chats*, novos canais de sociabilidade, possibilitando anonimato total ao *internauta* e configurando estes "espaços virtuais" como locais privilegiados para a transgressão. A nossa pesquisa revelou, porém, que isso não implicou uma "quebra" dos papéis sexuais correntes na sociedade "real".

UNITERMOS

Internet; Gênero; Pornografia.

¹ Este trabalho foi desenvolvido sob a orientação da Dra Tamara Benakouche, professora do Departamento de Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, aluna do Curso de Graduação em Ciências Sociais.

ABSTRACT

This paper deals with the virtual sex rooms at the Internet. In fact, it analyses the character constructions at these rooms. I start with a brief history of Internet to identify the social appropriation forms of this new technology. Then, using gender theories, I emphasize the differences between male and female character construction, focusing on three main variables: nicknames choice, ways of approaching the "netmate" and physical descriptions. Internet opened new social channels making possible complete anonymity for users. Consequently, it established the virtual space as a privileged one for infringement. My research showed, however, that this behavior has not caused a "break" in real society.

KEYWORDS

Internet; Gender; Pornography

As inovações tecnológicas que vivenciamos hoje, sobretudo no campo da informática, trazem mudanças na ordem social vigente, fazendo emergir novas práticas sociais. Diferentes campos do conhecimento têm buscado compreender como essas inovações tecnológicas são utilizadas e reinventadas por seus usuários.

Com a difusão da rede INTERNET - hoje com aproximadamente 60 milhões de usuários em 160 países (Newsweek, 22/04/96) - um dos serviços que tem encontrado grande número de adeptos é o chamado chat³, que proporciona o encontro

³ O CHAT é abreviatura usual para o IRC (Internet Realy Chat); foi criado em 1988, na Finlândia. O chat liga pessoas em um mesmo canal, possibilitando conversas através do teclado do computador. Os canais de IRC podem ser abertos facilmente, em torno de um tema de interesse qualquer, por região ou idade. Podem ser acessados diretamente na WEB, pois vários sites criam canais de conversação.

de pessoas para "bate-papos", nos quais o conteúdo erótico está quase sempre presente. Estes serviços criam oportunidades para que os usuários "recriem" suas identidades, e o que vem sendo observado é a manifestação de construções bastante intrigantes, onde se expressa um rico imaginário ligado às representações do que a sociedade considera feminino e masculino.

O chat não é totalmente original. Trata-se, na verdade, de uma adaptação, para um sistema técnico novo, de um serviço mais ou menos semelhante que já existia (e ainda existe), usando-se a rede telefônica: o "Disque Amizade", oferecido pelas "teles" de todo o Brasil, pelo número 145⁴. A existência desse tipo de serviço parece indicar que a comunicação erótica, via meios eletrônicos, apresenta-se como um fenômeno da sociedade contemporânea.

Na INTERNET, como no Disque Amizade, a manutenção do anonimato é fundamental. Como afirma Bernardo (op. cit. p.2),

"(...) a perspectiva do anonimato possibilita aos seus usuários realizar o que venho denominando de migração de projetos de identidade. (...) o anonimato permite aos usuários do sistema travestir e transformar suas identidades, recriando suas realidades. (...) Está-se aqui diante de um tipo de produção de identidades negociadas, marcada fortemente pelo contexto da interação."

No Brasil, diversos provedores da rede INTERNET criaram espaços onde pessoas de todos os lugares comunicavam-se através de seus computadores em "salas" de sexo virtual, com total

⁴ Este serviço foi estudado por Bernardo (1996, p. 4), que o define assim: "o 'Disque Amizade' é um sistema de interligação múltipla que reúne indivíduos em grupos de até cinco pessoas, estranhas entre si (...) que interagem apenas por telefone".

liberdade de expressão e onde o anonimato é mantido, criando um local privilegiado para o surgimento de personagens.

Este estudo busca fazer a análise de como se dá a construção do feminino e do masculino nas "salas" de sexo virtual da INTERNET, através dos personagens criados pelos usuários da rede. O ponto de partida foi o conceito de gênero, adotando-se a seguinte perspectiva:

"(...) Compreender a categoria gênero, é estar trabalhando com construções simbólicas do feminino e masculino, nas diversas sociedades, determinando-se uma permanente articulação entre o que define um gênero e outro (...)" (Grossi e Miguel, 1990, p. 21, apud. Buffon, 1992).

A identificação de gênero é fundamental no processo de interação, na medida em que define "o conjunto de expectativas acerca dos comportamentos sociais apropriados para pessoa que possuem um sexo determinado." (Dio Bleieirchmar, 1987, p.33, apud Buffon, op. cit., p. 59). Assim, as sociedades em geral, inclusive a brasileira, que é organizada de forma hierarquizada, criaram uma dicotomia nos papéis sexuais. Tem-se a idéia de que "(...) masculino é aquele que não se mostra passivo, que é senhor de si" (Carvalho, 1987, p. 27). E o ideal feminino encontra-se na submissão, dependência e ignorância (Vieira, 1996).

No espaço "virtual", proporcionado pelas redes eletrônicas, criaram-se oportunidades para o rompimento dessas hierarquias, na medida em que predomina uma ampla liberdade, que tem por base o total anonimato dos interlocutores, chamados também de "internautas".

As perguntas que orientaram nosso estudo foram: essa quebra de hierarquia realmente se processa? Ou seja, os papéis sexuais assumem no espaço virtual conotações novas? Ou, ao contrário, reproduzem-se as mesmas expectativas presentes no mundo real? Em quais situações? Por que isto acontece?

Para responder estas questões elegemos três indicadores básicos: a escolha de pseudônimos pelos usuários; as formas de abordagem nos chats e a descrição física dos "personagens", ou seja, a construção dos seus corpos. Porém, antes de prosseguirmos na abordagem desses tópicos, falaremos brevemente da evolução da informática e da Internet, situando o leitor nas mudanças provocadas pelos seus usos.

Ao procurarmos compreender a difusão de uma nova tecnologia, torna-se necessário entendermos o contexto social em que essa tecnologia foi desenvolvida, pois é a sociedade - e não o espírito genial de algum inventor - que, através de suas demandas, estabelece as diretrizes para o desenvolvimento tecnológico. Além disso, a sociedade está permanentemente dando novas utilidades para as mais diferentes tecnologias, utilidades às vezes nem de longe imaginadas por seus inventores. Foi assim, por exemplo, com o telefone, pensado inicialmente por Graham Bell para servir de amplificador de voz capaz de auxiliá-lo na sua tarefa de professor de surdos-mudos. Foi assim também com a informática e com as redes de comunicação eletrônica.

Hoje, a Internet pode ser considerada uma grande teia formada por mais de 40 mil redes no mundo inteiro. Para que possa haver comunicação entre todas as redes, elas têm em comum o protocolo TCP/IP (Transmission Control Protocol). Esse protocolo pode ser considerado como uma língua em comum utilizada pelos computadores que integram a Internet.

No Brasil, a Internet foi introduzida com o apoio do governo, que através do Ministério da Educação, em 1991, criou a RNP (Rede Nacional de Pesquisas) para regulamentar e desenvolver a implementação da Internet educacional brasileira.

Em 1995, o uso comercial da Internet no Brasil foi liberado. O Ministério das Comunicações em conjunto com o Ministério da Ciência e Tecnologia criaram um Comitê Gestor da Internet, para um acompanhamento da Internet no Brasil. Mas a gerência da Internet no Brasil continua sendo feita pela RNP.

Um dos maiores provedores de informações do Brasil, ou talvez o maior, é o Universo Online, ligado ao jornal Folha de São Paulo; segundo este mesmo jornal, na edição de 17/07/97, este site registrava a marca recorde de 19 milhões de page views. Os provedores de informação são empresas ou instituições que oferecem os serviços disponíveis na rede, inclusive bancos de dados e o que nos interessa: os chats.

Os chats do Universo Online (UOL) são certamente os mais frequentados do Brasil. No início da nossa pesquisa, em agosto de 1996, os usuários dispunham de nove "salas" de conversação sobre sexo, para uso de heterossexuais⁵; em julho de 1997, esse número elevou-se para 27. Isto demonstra o crescente interesse do público por questões consideradas como eróticas ou pornográficas.

Gênero e pornografia: o interdito como forma de expressão

Estudar a pornografia enquanto construção histórico-social não estava contemplado nas preocupações iniciais de nossa pesquisa. Entendíamos ser possível compreender a construção e o comportamento dos participantes dos chats nas salas de sexo virtual da INTERNET, exclusivamente a partir do referencial teórico sobre a questão de gênero. Mas, no decorrer de nossas observações e participações nos chats, pudemos constatar que um forte conteúdo erótico-pornográfico permeava as conversas, estando presente desde a construção da grande maioria dos personagens, até o seu comportamento. Percebemos, então, que deveríamos também buscar indicações do que é hoje considerado pornográfico em nossa sociedade, para compreendermos por que a pornografia desempenha

⁵ Optamos por deixar de lado as salas usadas por homossexuais, pois isto traria uma complexidade adicional ao nosso trabalho, a análise da situação exigindo outros referenciais teóricos, com os quais não estávamos suficientemente familiarizados.

um papel estruturador na construção e no comportamento dos personagens nas salas de sexo virtual.

Ter a pornografia como objeto de estudo é desafiador, pois implica discorrer sobre um assunto polêmico e difícil de ser abordado. A dificuldade consiste sobretudo em dar visibilidade a algo que se encontra sempre na margem, no interdito. Afinal, o que é pornografia?

Na tentativa de responder a essa pergunta, nosso primeiro desafio consistiu em delimitar o campo da pornografia, ou seja, definir o que é pornografia e mais ainda, distingui-la do que é erotismo. Onde esses conceitos se cruzam? No que diferem?

A produção acadêmica sobre pornografia na perspectiva da sociologia é restrita no Brasil. De um modo geral, trata-se a questão da pornografia adotando-se um cunho psicanalítico. Mesmo assim tivemos algumas pistas para a presente análise. Segundo Moraes (1985, p. 7),

"A palavra pornografia provem do grego pornographos, que significa literalmente "escrito sobre prostitutas". Assim, em seu sentido original a palavra refere-se à descrição da vida, dos costumes e dos hábitos das prostitutas e seus clientes.(...) Já a palavra erotismo surgiu no século XIX, a partir do adjetivo erótico, este derivado do grego Eros, Deus do desejo sexual no sentido amplo".
(grifo do autor)

Se pornografia e erotismo possuem origem diversa, na prática estabelecer suas diferenças e os seus limites se torna muito difícil ou até impossível. Ou seja, a questão é culturalmente atravessada por ambigüidades, mas não cabe aqui buscar explicitá-las, e sim entender o seu sentido geral. Como observa Abreu (1996, p. 16),

"De algum modo, os dois conceitos parecem estar sempre juntos, ou contidos um no outro. Ambos se referem à sexualidade e às interdições sociais e se expressam pela transgressão. São, cada qual a seu modo, expressões do desejo que triunfam sobre as proibições. As tentativas de separá-los têm sido historicamente inúteis, posto que se projetam num campo de contradições e ambigüidades, sempre presente quando se trata de definir conceitos referentes à sexualidade e suas representações. A fronteira entre eles, se há uma, é certamente imprecisa, já que não depende somente da natureza e do funcionamento das mensagens, mas também de sua recepção, de seu posicionamento entre o admissível e o inadmissível, cuja linha divisória flutua no espaço e no tempo".

Ou, como escreveu Grillet: "Pornografia é o erotismo dos outros" (apud Moraes, 1985, p. 8).

Nesse sentido, a pornografia é sempre definida fora dela, e tem um caráter relacional e fluido. Logo, o que em determinada época, cultura, ou até mesmo por certo indivíduo é considerado pornográfico, não o é por outro.

A tecnologia a serviço da pornografia

Provavelmente, um dos usos menos esperados para uma inovação tecnológica é o relacionado à pornografia. No entanto, vários são os exemplos de inovações cujas destinações foram "desviadas" para atenderem a essa forma de expressão cultural. Segundo Moraes (1985, p. 37),

"Há uma indústria pornográfica que desabrocha mundo afora, erotizando a vida social. (...) O cinema erótico se desenvolve de forma invulgar, e o mesmo acontece com a fotografia. Grosso modo, pode-se dizer que todas as formas de expressão artística passam a abordar temas sexuais."

Mas a pornografia, principalmente a que utiliza as tecnologias da imagem, colocam em exposição, de forma fragmentada, tanto o corpo feminino como o masculino. Nessa perspectiva, podemos observar que a pornografia, mesmo quando pretende ser machista, é opressora também dos homens. Com relação aos vídeos pornográficos, Simões (apud ABREU) observa - e observamos situação semelhante nos chats da INTERNET, sobre sexo:

"(...) o macho perfeito, dotado de um repertório extenso de virtudes evidentes - boa aparência, força física, desenvoltura pessoal - é paradoxalmente um oprimido. (...) a potência sexual parece ser o único instrumento de afirmação. Se a chave do prestígio é a potência sexual - e por isso a sexualidade nunca é livre em si mesma - a consequência imediata é a tensão permanente. Preso a um papel rígido que não lhe permite deslizes, (...) ele não pode falhar, tendo que demonstrar diuturnamente uma disposição ilimitada para os embates sexuais. É assim que, paradoxalmente, o machismo tradicional, pano de fundo desses filmes, não serve ao homem, ao personagem masculino" (Abreu, 1996, p. 179).

Nessas duas últimas décadas, com o desenvolvimento das tecnologias da imagem, a produção pornográfica encontrou espaço dentro do lar. Através do vídeo cassete, os filmes pornôns migram do cinema para as salas de visitas e quartos de dormir; e com as novas tecnologias de comunicação, os personal computers que se ligam na rede INTERNET, o espaço para apreciação do erótico pode ser considerado ilimitado.

A pornografia consegue penetrar sempre por novos caminhos para atingir um público ávido a consumi-la. No entanto, as mensagens produzidas pela indústria pornográfica de hoje pouco se diferenciam dos repetitivos enredos dos folhetins eróticos do século XVII e XVIII; nesse sentido, as imagens pornográficas continuam privilegiando o público masculino e mostrando os corpos de forma fragmentada. Assim, e este é um ponto que gostaríamos de chamar a atenção, a narrativa pornográfica pouco se modificou: a novidade dessa prática são as formas de penetração no cotidiano dos indivíduos, facilitadas pela difusão contínua das tecnologias da imagem.

"Os pornovídeos já circulam em Cd-rom em sistema digital. Surgem aparelhos que introduzem o espectador (individual) numa cena sexual explícita em realidade virtual. Grande espaço da Internet e de outras redes de personal computers é ocupado com transmissão de imagens "pornográficas", que também oferecem soft core como revistas masculinas etc. Há um universo (pornotópico) cibernético em expansão, uma Cyberporn, que vem demonstrar a imensa capacidade da narrativa pornográfica de se adaptar (e se apropriar) com rapidez aos novos contextos produtivos e sociais, tornando a forma que o frasco tecnológico proporciona para seu líquido sedutor, corrosivo e transgressor" (Abreu, 1996, p. 191).

Na INTERNET, a pornografia tem grande espaço nos sites⁶, que oferecem fotografias e filmes eróticos⁷, sexshops que vendem os mais inusitados “brinquedos para as práticas sexuais”, até strip-tease ao vivo. Um dos espaços mais utilizados pela pornografia na INTERNET - como já dissemos - são os chats com temas relacionados ao sexo, que não privilegiam apenas heterossexuais, mas oferecem também espaço ao público de gays e lésbicas. Nesse sentido, a INTERNET é mais um canal que permite à pornografia manifestar-se. Nos sites em que os usuários podem ver strip-tease, fotos e filmes eróticos, eles experimentam, como voyeurs, a experiência da violação, pois eles não estão na cena.

Nos chats onde é oferecida ao usuário a participação ao vivo nas conversas, o sentido de transgressão pode ser experimentado pela criação de um personagem, que é possibilitada pelo anonimato oferecido aos seus usuários.

Os pseudônimos garanhões e gatinhas

O personagem deixa de ser somente um projeto, passando a ser externalizado, quando é solicitado ao participante do chat um apelido para a sua participação em uma das salas. Nesse momento todo um mecanismo de imaginação é ativado, tanto para quem está criando o personagem, como para aqueles que, através do bate-papo, irão interagir com esse personagem, que não é a própria pessoa que criou o personagem e sim a idéia da pessoa com quem você interage.

⁶ Há grande quantidade de sites sobre sexo na INTERNET; ao colocarmos a palavra ~~sexo~~ num serviço de busca nacional como o Cadê, ele nos mostra 1425 sites; ao utilizarmos o Yahoo, serviço de busca americano, a palavra sex nos leva a 2566 sites.

⁷ A maior parte desses sites cobram acesso; o internauta é convidado a ver uma foto ou filme na categoria de sua preferência e depois convidado a se associar, o que lhe garante acesso a várias fotos ou filmes eróticos.

A escolha de um “bom” pseudônimo é o primeiro desafio que os participantes do bate-papo devem ter para conseguirem “sucesso”⁸ durante a sua permanência no chat. A descrição física “ideal” e uma maneira “interessante” de abordar outros personagens também podem garantir o tão sonhado prestígio⁹; esse conjunto de variáveis são os elementos constitutivos do personagem. Nesse universo materializado na tela do computador, onde a imagem, o toque, a beleza física e a preferência sexual são descritas unicamente por cinco vogais, vinte e uma consoantes e alguns sinais de pontuação, quem utilizá-los com perspicácia é capaz de ocasionar verdadeira metamorfose, ao passar de um participante gordo, careca, com sono, a um personagem bonito, atlético, ativo. E consegue um verdadeiro milagre ao fazer com que suas mensagens sejam lidas como se fossem doces palavras ouvidas de alguém muito especial.

O pseudônimo é a primeira visualização do personagem por todos os participantes, sendo portanto muito importante. Geralmente, não é escolhido ao acaso, mas está relacionado com o tipo de personagem que o participante deseja construir. Exigência semelhante¹⁰ foi observada por Bernardo, em seu estudo sobre o Disque Amizade de Florianópolis:

“(...) a alteração do nome não se dá aleatoriamente, e, ao que tudo indica, já está comprometida com a intenção voltada para a construção de um possível encontro. Optam-se desse modo, por nomes considerados “bonitos”

⁸ O sucesso pode ser medido pelo grande número de participantes enviando-lhe mensagens tanto nas conversas reservadas como nas públicas, ou pelo encontro de uma pessoa que lhe dê especial atenção, enviando-lhe várias mensagens.

⁹ Num outro nível de preocupação, fazer a conjugação correta dos verbos, bem como utilizar a pontuação e a ortografia adequadamente ajuda a atrair ‘bons de papo’.

¹⁰ A diferença nessas situações consiste no fato de que, no bate-papo virtual, o encontro não é uma expectativa para grande parte dos participantes.

e, de certa forma, "atraentes". Há, ainda, nomes considerados comuns no "145", pois eles se repetem, tais como Paulo, Renata, André, Marcelo, Marcos, Márcia, Patricia, entre outros" (1994, p. 92).

Nos chats os personagens utilizam pseudônimos que nós classificamos como: masculinos, femininos e andróginos.

Os pseudônimos masculinos são numericamente superiores aos femininos e aos andróginos, o que deu margem para fazermos duas interpretações. Primeiramente, esse maior número de personagens masculinos pode ser entendido como um indicador de que os participantes dos chats, ao construírem seu personagem, utilizam normalmente o seu próprio sexo. No Brasil, o público masculino que utiliza a INTERNET é bem superior ao público feminino, como foi verificado através da pesquisa realizada pelo IBOPE e CADÊ - 1997 sobre o perfil do internauta brasileiro. Segundo essa pesquisa o universo de usuários da INTERNET no Brasil é formado por 83% de homens e apenas 17% de mulheres.

Outra interpretação possível seria a preferência, tanto de homens como de mulheres, por construir personagens masculinos, o que de certa forma legitimaria a utilização da pornografia no período de permanência nos chats. De fato, é corrente na sociedade a idéia de que pornografia é "coisa de homem" ou de mulheres "da vida". Nesse sentido, fica mais fácil para uma mulher ou um homem encarnar um personagem sexualmente ativo, se esse personagem for do sexo masculino.

Ao analisar os pseudônimos masculinos nos chats, verificamos que grande parte deles se repetem. Por razões metodológicas acreditamos ser mais eficaz classificá-los dentro de três grandes segmentos: os nomes próprios; os que têm conotação sexual e os cinematográficos.

Os participantes que utilizam nome próprio para construírem seus personagens, geralmente utilizam nomes comuns, facilmente

encontrados e valorizados como bonitos na sociedade tais como: Eduardo, Marcelo, M@rco, Leonardo, Carlos, Guilherme, Pedro, Lucas, Roberto. Dificilmente, encontramos: Severino, Sebastião, Robervaldo, Cleôncio.

O tipo de pseudônimo mais utilizado por personagens masculinos são os que possuem forte conotação sexual, indicando força e vigor físico, como: Gostoso, Gostosão, Gostosinho, Garanhão, Surubão, Galanteador, Hromeupinto, Pirocão, Comedor, Pé de Mês@, Pelado, O Britadeira, Moreno 30cm, Teseu Tesudo, KCTão.

A preferência por esses pseudônimos pode ser compreendida se considerarmos que, em nossa sociedade, a transformação de um indivíduo que nasce biologicamente homem, para o ser masculino, não se dá através de nenhum rito de passagem como em sociedades indígenas; tampouco o homem tem marcas biológicas periódicas como acontece com a mulher. Se a natureza ou a cultura não oferecem ao homem moderno formas ritualizadas para que sua masculinidade seja marcada, ela deve ser construída constantemente. No extremo da idealização do "macho", temos um homem que necessita provar sua masculinidade constantemente; para isso, procura mostrar apetite e disponibilidade sexual ilimitada. Como as salas de sexo virtual permitem o anonimato total de seus participantes, o exagero, a idealização em torno de um comportamento esperado, ficam muito marcados nos personagens.

A construção de um personagem masculino pode não ser uma tarefa das mais simples; afinal, a construção de um personagem dá trabalho e exige criatividade. O participante que não deseja correr o risco de cometer deslizos na elaboração de um personagem tipo "macho perfeito" pode utilizar famosos "machos" cinematográficos, como: Bradock, Zorro, Dom Juan, Mike Rourke, Rambo, Vandame. Afinal, quem vai duvidar da masculinidade desses personagens tão fortes, tão valentes, e portanto tão homens?

Os pseudônimos utilizados por personagens femininos também foram separadas por nós dentro de três grandes 'segmentos': os nomes próprios, os que apresentam conotação sexual e os delicados.

Na construção dos personagens femininos os pseudônimos predominantemente utilizados são os que utilizam nomes próprios e, tal como os masculinos, são comuns na sociedade e igualmente repetitivos nos chats. Assim, predominam: Cláudia, Patrícia, Carla, Luana, Andreia, Roberta, Cris. E nunca Sebastiana, Creuza, Socorro, Custódia. A opção feita por muitos participantes das salas de sexo virtual da INTERNET por dar nomes próprios aos pseudônimos femininos pode ser entendida como expressão da sociedade, que vê a mulher não como uma construção social, mas como ser natural. Foi exatamente na tentativa de demonstrar que a mulher é construída socialmente, que o movimento feminista, na década de 60, lança uma de suas mais fortes bandeiras de luta. E tem na célebre frase de Simone de Beauvoir: Não se nasce mulher, torna-se mulher, a emergência de questionamentos sobre a naturalidade dos atributos dos papéis ditos femininos, como: meiguice, ternura, falta de racionalidade e objetividade.

A busca por igualdade de direitos, encabeçada pelo movimento feminista, encontra na antropologia ferramentas para demonstrar que a relação assimétrica entre homens e mulheres ocorrida em nossa sociedade é uma construção social, pois vários antropólogos relatam diferentes culturas, nas quais o que é considerado ser homem e ser mulher são dados de maneira radicalmente diversa da nossa. Nesse sentido, Buffon (1992, p. 52) comenta o livro *Sexo e Temperamento*, de Margareth Mead:

"O estudo das diferenças entre o feminino e o masculino e a constatação de que elas variam de cultura para cultura, não derivando, portanto, de determinantes biológicos, não é nenhuma novidade para a antropologia, e pode ser atestado pelo pioneiro estudo realizado por

Margareth Mead, na década de 30, entre três sociedades da Nova Guiné (...)

Através da comparação dos comportamentos apropriados a homens e mulheres nestas três sociedades, Mead constata não apenas variações nos atributos femininos e masculinos entre elas, como também, para sua surpresa - como ela mesma assinala - que na sociedade Arapesh, apenas para citar um exemplo, os homens assumiam traços que, em sua própria sociedade, eram considerados "naturalmente" femininos".

Os pseudônimos utilizados por personagem femininos que apresentam conotação sexual, diferentemente dos masculinos, são numericamente inferiores; alguns trazem embutida a idéia de ternura. Durante nossa pesquisa, encontramos personagens que respondiam por: Gostosinha, Gata Gostosa, Loira Safada, Tesuda, Peladinha.

Outro tipo de pseudônimo utilizado são os que demonstram leveza, delicadeza, tais como: Baby, Gata; Flor, Lindinha, Barbie, Doçura. Através desses pseudônimos, os participantes inserem em seus personagens a idéia de fragilidade do sexo feminino.

Sobre os pseudônimos por nós classificados como andróginos, estão aqueles que a priori não revelam o sexo do personagem, tais como: Tesão, Amor, Anjo, ponto G; @69; Cybersex, AJC; ccc. Com esses pseudônimos, o sexo do personagem pode ser definido no decorrer das conversas, dando liberdade para um mesmo participante definir-se como homem ou mulher, dependendo de seu interesse momentâneo.

As apresentações ... Oi, alguém a fim de um papo quente?

O internauta embriagado de paciência (só assim ele tolera a espera), entra nas salas de sexo virtual da INTERNET, e, como já

descrevemos acima, já criou seu pseudônimo. O próximo passo para continuar sua viagem pelo cyberspaço é apresentar-se aos demais personagens, e isso pode ser feito das mais variadas e inusitadas maneiras.

Há personagens que optam por cumprimentar a todos os demais: Oi pessoal; Daí, putada; e os que preferem apresentar-se diretamente a outro personagem: Oi gata; Oi gato. Para enviar suas mensagens o internauta tem duas opções: mandá-las de maneira que todos os participantes possam lê-la (o que denominamos de linha pública), ou reservadamente, assim, somente lerá a mensagem o destinatário (o que denominamos linha privada). Ao analisarmos as maneiras dos personagens femininos e masculinos se apresentarem, verificamos diferenças marcantes.

Os personagens femininos utilizam técnicas de apresentação que comparadas as dos personagens masculinos podem ser considerados como mais suaves. As transcrições abaixo traduzem o que estamos querendo dizer: Ola alguém afim de conversar¹¹, Oi, Alguem quer conversar; OI GALERA, EU SOU DE PORTUGAL E MORO NO RIO, ESTOU AFIM DE UM PAPO BEM QUENTE, QUEM SE CANDIDATA; oooooiiiiiii, sou mulher. Mas no meio de tanta delicadeza encontramos uma pequena parcela de personagens femininos com posturas mais ousadas, como essas: OI PESSOAL, ESTOU AFIM DE DAR ESSA MINHA B. PARA QUEM QUISER COMER. ALGUEM ESTA AFIM?; Quero sexo em todos os sentidos. Tem alguém que possa satisfazer meus desejos?

Diferentemente, os personagens masculinos na maioria das vezes adotam técnicas de abordagem que vão mais cruamente ao assunto - sexo - e o fazem de várias maneiras, muitas delas realmente grosseiras, chulas. Dentre elas, destacamos: EU QUERO CHUPAR UMA B ...; Alguma gata afim de conversar. Faça-a gozar até secar; Ai putada cheguei; Oi meninas preparem-se pois

¹¹ O uso de maiúsculas e minúsculas, bem como a ortografia das transcrições, respeita a maneira de apresentação na tela.

chegou a maior r. da sala; QUERO CHUPAR TODAS AS X ...
DESSA SALA.

Mas tem também poucos personagens masculinos que optam por abordagens mais suaves, tais como: *Eu cheguei e queria contatar uma mulher para bater um papo, tem alguma disponível?; ola tat ... afim de papear?; Quem ta afim?; Alguma mina de sampa?*

Além dessa forte diferenciação nas apresentações ou maneiras de abordagem dos personagens masculinos e femininos, observamos que em grande parte das vezes é o personagem masculino que inicia a conversa, cabe a ele abordar e tomar a iniciativa das conversas. Os personagens femininos, ao contrário, adotam uma postura mais passiva, e ficam aguardando a iniciativa do outro¹².

Essa diferença tão marcante no comportamento dos personagens masculinos e femininos pode ser compreendida como uma dificuldade das mulheres, em nossa sociedade, se afirmarem sexualmente ativas. Algumas das principais raízes desse comportamento estão fixadas na doutrina cristã, onde o ideal feminino deve espelhar-se no sofrimento vivido por Virgem Maria, mulher que concebeu seu filho sem sexo, e em toda sua existência, foi abnegada. (Vainfas, 1992)

As descrições físicas ... você usa calcinha ou cueca?

Essa pergunta nos fizeram em uma das nossas participações nas salas de sexo virtual da INTERNET e nos levou a pensar nas categorias utilizadas socialmente para descrever o ser homem e o ser mulher. E nos chats, como se mostrar homem ou mulher?

¹² Essa diferenciação ficou muito evidente quando observávamos as conversas sem participar: quando utilizávamos pseudônimo masculino (Gato), não nos enviaram nenhuma mensagem; ao utilizarmos o pseudônimo feminino (Gata), recebíamos várias mensagens de personagens masculinos querendo conversar.

Nos itens acima descrevemos a importância do pseudônimo e da apresentação na construção do personagem. Agora procuraremos exibir como as descrições físicas podem indicar o sexo dos personagens.

No referente às descrições físicas de personagens masculinos, verificamos que muitas vezes elas precisam ser dadas logo no início da participação do personagem, no pseudônimo, na apresentação; ou ao ser abordado por outro participante que lhe faz a pergunta: Como você é?

As respostas são dadas geralmente através da linha pública, e os personagens para se descreverem utilizam características físicas como : cor do cabelo, cor dos olhos; altura, idade e tamanho do pênis. As descrições abaixo ilustram o que queremos mostrar:

(15:50:01) *Rodrigo fala para Tat: Moreno, 1,78m, ex atleta, 24 anos.*

(15:51:24) *Sid 23 fala para Carolina: tenho 23 anos, 1,82 74kg, olhos claros (esverdeados) pele clara, e vc?*

(17:08:33) *Moreno suspira por Thelma: Moreno, forte, 18anos e vc?*

Nas salas de sexo virtual da INTERNET, quando a pergunta - como vc é? - é direcionada a um personagem feminino, a resposta muitas vezes vem através da linha privada, e as características físicas privilegiadamente descritas são, cor dos cabelos e dos olhos, altura, idade, formato do bumbum e seios. As descrições abaixo indicam o que procuramos mostrar:

(18:33:44) *MARY fala para Marcos: Sou morena (super bronzeada), cabelos negros e longos e possuo uma baita de uma saúde, modesta a parte. E voce*

(19:18:42) *Fabiana, a gata fala para Garanhão: Eu sou mestiça, linda pra caralho, 22anos, safada, acesissima, tenho seios empinados e duros.*

A grande diferença na descrição dos personagens masculinos e femininos não se encontra exatamente nas características físicas, pois nos dois casos essas características vão seguir um padrão do que é considerado bonito e saudável na sociedade, tal como: Como: olhos verdes ou azuis; magreza para as mulheres e força aos homens; cabelos e pele clara.

A diferença é realmente marcante a respeito do "local" onde ocorrem essas descrições, se nos personagens masculinos essas descrições são facilmente visíveis, dadas geralmente em linha pública, nos personagens femininos elas são menos visíveis e, quando ocorrem, geralmente são em linha privada. Isto denota que os internautas, ao criarem seus personagens femininos repassam a eles um comportamento mais "reservado", se comparado aos personagens masculinos.

Vale ressaltar que as características utilizadas na sociedade brasileira "real" para descrever o homem e a mulher permeiam as salas de sexo virtual da Internet. A construção de personagens masculinos e femininos pelos internautas fica presa às características de macho e fêmea correntes na sociedade: o macho ativo, sempre disponível para novas experiências sexuais, e a fêmea passiva, que deve esperar a abordagem dos personagens masculinos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Nuno Cesar. *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Sangue, suor e sêmen: masculinidades na aldeia*. In: *Senhores de si - Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim do Século Edições, 1995.
- ARANHA Filho, Jayme. *Tribos Eletrônicas: metáforas do social. Comunicação & Política*, v. 3, n. 1, p. 64-74. 1995.
- BERNARDO, Aglair M. *Um novo tipo de impulso na cidade: um estudo do serviço telefônico disque amizade de Florianópolis*. Florianópolis, 1994. Dissertação (Mestrado) - Antropologia Social, UFSC - 1994, 163 p.
- BRANCO, Lúcia Castelo. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRETON, Philippe. *A história da informática*. São Paulo: UNESP, 1982.
- BUFFON, Roseli. *Encontrando o homem sensível: reconstruções da imagem masculina em um grupo de homens de camadas médias intelectualizadas*. Florianópolis, 1992. Dissertação (Mestrado) - Antropologia Social, UFSC - 1992, 246 p.
- CARVALHO, José Jorge de. *O Jogo das Bolinhas de Vidro: uma simbólica da masculinidade*. Anuário Antropológico. Brasília: Tempo Brasileiro, 1987.
- FLANDRIN, Jean-Louis. *A vida sexual dos casados na sociedade antiga: da doutrina da igreja à realidade dos comportamentos*. In: ARIÈS, P., BENJIN, A. (Org.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MARC USE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MORAES, Eliane. *O que é pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Que homem é esse? o masculino em questão*. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

- PISCITELLI, Alejandro. *Enredados. Cuidanos de la Cibercultura*. In: DABAS, Elina, NAJMANOVICH, Denise. *El language de los Vinculos. Hacia la Reconstrucción y el Fortalecimiento de la Sociedad Civil*. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- SANTOS, Marcílio dias dos. *A INTERNET em Santa Catarina: implantação da Rede Catarinense de Ciência e Tecnologia*. Florianópolis, 1995. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, 1995, 138 p.
- VAINFAS, Ronaldo Casamento. *Amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática (Série Princípios), 1986.
- VIEIRA, Laura Helena Chaves Nunes. *Articulando Gênero, Sexualidade e subjetividade*. Texto apresentado no Encontro Fazendo Gênero na UFSC, maio 1996, mimeo.
- VEYNE, Paul. *A Homossexualidade em Roma*. In: ARIÈS, P., BENJIN, A. (Org.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Wose Internet is It? Newsweek. Abril de 1996, p. 44-48.

VOZES DISSONANTES: O DITO E O OCULTO SOBRE AS VIVÊNCIAS LÉSBICAS

Rosane Maria de Godoy¹

RESUMO

Pesquisa realizada com mulheres que se auto-identificaram como homossexuais. Foram entrevistadas 12 (doze) mulheres na faixa etária de 20 (vinte) a 60 (sessenta) anos, residentes na Grande Florianópolis-SC. Os dados foram obtidos através de entrevista gravada, com roteiro abordando questões de identificação pessoal e questões definidas por algumas temáticas: como identidade lésbica, vivências da homossexualidade, práticas sexuais, representações simbólicas.

UNITERMOS

Homossexualidade; Modos de vida; Relações de gênero.

ABSTRACT

This research was done with women who identified themselves as homosexuals. Twelve women between twenty and sixty years old living in Florianópolis, SC were interviewed. The data was obtained through taped interviews and the script included questions about personal identification, lesbian identity, homosexual experience, sexual practice, symbolic representation.

¹ Formada em Pedagogia – Orientação Educacional; Pós-Graduação, *lato sensu*, em Educação Sexual (FAED/UDESC); Mestranda em Psicologia (UFSC).

KEYWORDS

Homosexuality; Life style; Gender relationships.

Esta pesquisa aborda os resultados obtidos num estudo com mulheres que se auto-identificaram como homossexuais, realizado a nível de Especialização em Educação Sexual, na Universidade de Estado de Santa Catarina². Teve como objetivo procurar desvendar o discurso oculto, as vivências e o imaginário erótico, possibilitando a ampliação dos conhecimentos de aspectos do lesbianismo e da sexualidade feminina, em geral. Foram entrevistadas 12 (doze) mulheres na faixa etária de 20 (vinte) a 60 (sessenta) anos, residentes na Grande Florianópolis-SC. Na obtenção dos dados, optou-se por entrevista gravada, com roteiro abordando questões de identificação pessoal e questões definidas por algumas temáticas: como identidade lésbica, vivências da homossexualidade, práticas sexuais, representações simbólicas.

Destacamos algumas reflexões que foram importantes: a história com muitos pontos em comum relatada por essas mulheres, incluindo busca da identidade, a consciência de serem lésbicas - o sentirem-se "diferentes" - e todas as dificuldades enfrentadas. O *imaginário comum*, representado através do desejo pelo feminino, da eroticidade e sensualidade da mulher, muito embora tivessem vivido a mudança de papéis - o sentirem-se "homem". Ainda destacamos a satisfação pessoal e a cumplicidade presente na relação das mulheres entrevistadas. A *utopia possível* foi manifestada na vontade de conviverem na sociedade ao lado de suas companheiras, sem serem alvo de violência, discriminação, podendo expressar afetividade em público, como os pares heterossexuais.

² Pesquisa desenvolvida entre 1996/1997, que culminou na monografia: GODOY, Rosane Maria de. *A voz das mulheres lésbicas: do discurso oculto ao desvendamento das vivências e do imaginário erótico*. Florianópolis: FAED/UDESC, 1997, sob orientação da Profª Jimena Furlani.

Em pesquisa realizada na década de 80 Teresa Sell (1987) descreve as dificuldades encontradas em entrevistar mulheres lésbicas, tais como desencontros, adiamentos, não atendimento de telefonemas, etc, o que a fez optar por não investigar a homossexualidade feminina, naquele momento, concentrando-se na homossexualidade masculina. Tal comentário torna-se importante na medida em que destaca, na época da realização do seu estudo, a dificuldade de aproximação e a não abertura das mulheres para falar sobre a temática.

Hoje, o cenário parece que aponta para outras perspectivas e, nesta pesquisa há quase que uma “explosão”, ou seja, foram encontradas muitas mulheres dispostas a falarem sobre suas vivências. Isso nos leva a pensar na possibilidade de graduais mudanças sociais, e de construção de novas relações, menos normativas e mais tolerantes. Os grupos ativistas acreditam que a construção um mundo melhor para os homossexuais passa pelo aumento de sua visibilidade e a livre expressão da sexualidade, diz respeito a questão da cidadania. Esta visibilidade talvez se constitua no principal impulso/incentivo a um comportamento assumidamente político, por parte dos grupos homossexuais, na luta pela conquista de seus direitos.

Dentro da compreensão da sexualidade humana, a orientação sexual tem se constituído numa das discussões necessárias. Orientação sexual é conceitualizada em Cardoso (1996) como o sentido do desejo sexual, relativizado quanto as muitas possibilidades do prazer, compreendendo a homossexualidade, a heterossexualidade e a bissexualidade. O autor destaca ainda:

“... orientação sexual não é o mesmo que prática sexual (aquilo que as pessoas fazem no sexo) nem identidade sexual (como as pessoas se sentem ou são nominadas a partir de suas práticas sexuais)” (p. 07).

Essa compreensão é fundamental, pois o ser humano é potencial e diverso, com vontades e desejos, muitas vezes aprisionados pelos códigos sociais externos que reprimem e limitam as vivências sexuais.

Identidade lésbica

As questões apresentadas às entrevistadas para discussão da identidade lésbica objetivavam destacar: 1. como estas mulheres adquiriram noção de serem lésbicas; 2. em que situação e circunstância isto aconteceu; 3. tratava-se de uma tomada de consciência individual ou de influência externa?

A análise de seus depoimentos permitiu algumas reflexões. Quando questionadas sobre as *possibilidades de relacionamento sexuais que um ser humano pode experimentar*, as mulheres colocaram respostas abertas, tais como: relacionamento homossexual, heterossexual ou bissexual (dando grande ênfase a esta vivência).

Por outro lado, a pressão social, que leva à heterossexualidade normatizada socialmente, reforçada pela educação conservadora que tiveram, é apontado como uma questão limitante das vivências lésbicas.

“Já existe todo um preconceito em cima da homossexualidade. O encaminhamento é sempre para os relacionamentos heterossexuais. Podem não ser verdadeiros, mas a tendência é essa”.

É preciso discutir estas questões para que seja possível a reflexão e a mudança de condutas na sociedade, contribuindo para o rompimento de mitos e tabus criados acerca da homossexualidade.

Uma questão observada, tanto nas indagações, como também no discurso das mulheres, é o uso freqüente, para sua identificação

sexual e afetiva, da palavra "homossexual"³, e não "lésbica". Este fato talvez revele que o discurso veiculado pela mídia, é de certa forma incorporado pelas mulheres.

Numa análise mais política do contexto discursivo, o movimento ativista-lésbico tem procurado homogeneizar a categoria lésbica, no sentido de não ignorar as diferenças no universo da homossexualidade. As mulheres tem sua especificidade, tanto do ponto de vista político-social, como afetivo. Dentro do "leque" de possibilidades da vivência da homossexualidade⁴ (que é abrangente) podendo ser gay, lésbica, travesti, transexual, etc) a expressão que melhor identifica esta vivência afetiva, amorosa e sexual das mulheres, é aquela definida pelo lesbianismo.

Homossexual é um termo geral, amplo, abordando a diversidade de vivências sexuais dentro desta categoria, não definindo, contudo o gênero. A expressão lésbica, no caso, identifica o gênero. Para os grupos homossexuais, a palavra lésbica é que melhor designa as mulheres, pois além de não esconder o gênero, ao contrário da palavra gay (homossexual) traz consigo imagens de força,

³ O autor Freire Costa (1992) faz uma discussão acerca da terminologia "homossexual", propondo o termo "homoerotismo". Destaca vários aspectos do uso do termo, sendo um deles: "... quando emprego a palavra homoerotismo refiro-me meramente à possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico" (p.22).

⁴ Para aprofundamento ver FRY, Peter, MAC RAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 126p (Coleção Primeiros Passos, 81).

independência, liberdade e beleza associados à figura da poetisa Safo de Lesbos, de cujo nome deriva⁵.

Muito embora a militância lésbica defenda tal terminologia, as mulheres entrevistadas não se auto-definem como tal. A preferência por "homossexual", ou a gíria "entendida", pode derivar ainda de outras possibilidades: a falta de conhecimento político-histórico que torna a expressão lésbica uma identidade universal, e carga pejorativa e negativa atribuída à palavra lésbica na língua portuguesa.

Na tomada de consciência da identidade sexual, as mulheres entrevistadas passaram por momentos de dúvidas e angústias. Este processo de obter explicações da sua orientação sexual é retratado pelo depoimento:

"... me descobrir realmente foi uma crise, um momento difícil. Me achava um pouco diferente dos outros. Uma coisa muito importante na vida da gente é assumir a sexualidade. Acho que a partir daí muito campos ou se abrem ou se fecham também. Se a gente está bem sexualmente com alguém na relação, acho que todas as outras coisas de alguma forma também se abrem".

Na tentativa de entender "o que está acontecendo comigo?", as mulheres passaram por uma busca individual na procura de respostas para a compreensão de sua sexualidade:

⁵ O termo lesbianismo deriva da ilha Grega de Lesbos, onde morava Safo, uma sacerdotisa autora de livros de poemas que, embora tenham sido queimados em Roma, trazem discretamente, os encantos do amor entre mulheres. Encontramos em Mott (1987): "Eu vou cantar pela minha querida amante um agradável canto. O Amor que amortece os membros, vem de novo agitar-me, serpente doce e cruel que se não pode destruir...Foi uma hora encantada aquela em que dormi com minha amada! E que doce despertar presa nos braços da amante singular" (p. 21).

"Eu não falava sobre isso com ninguém. Uma coisa que fazia, devorava livro, tudo o que eu podia e achava bibliografia que pudesse ler, eu ia atrás".

Este depoimento mostra como o "complô do silêncio" é eficiente, isolando as lésbicas de qualquer informação positiva, obrigando-as a procurar outras formas para entender o processo de construção de sua sexualidade.

Outras mulheres apontaram que muitos homossexuais buscam a proteção dos "guetos". Espaços onde expressam livremente sua sexualidade, na tentativa, inclusive, de assumir para si próprios e para a "sociedade". Neste aspecto é importante destacar que o processo de "assumir-se" é mais um ato individual, um voltar-se para si próprio, ter consciência de ser lésbica. Trata-se de um entendimento pessoal, mas que é construído na história e na cultura de uma sociedade, uma vez que vivemos em interação com os outros. É neste processo de interação social que vamos estabelecendo nossas vivências e representações das coisas que nos cercam. Em se tratando da dimensão sexualidade, não poderia ser diferente. Temos vontades, desejos e múltiplas possibilidades da vivência sexual, que muitas vezes, em função dos preconceitos, mitos ou tabus, não experimentamos.

O depoimento abaixo reforça a necessidade de lésbicas buscarem a proteção dos "guetos" e, de, amigos para viverem felizes. Muitas lésbicas procuram circular em ambientes onde encontram seus pares, que as entendem e acolhem:

"... Dizer que eu sou homossexual não. O pique de dizer foi uma coisa muito mais minha. Normalmente as pessoas usam 'guetos', criam grupos para poder se assumir mais fácil".

No entanto, é preciso compreender e também considerar que nesta sociedade, a convivência "dos diferentes" é o primeiro passo

para a superação do preconceito. Ver a sexualidade como potencialmente diversa e, admitir a existência de inúmeras manifestações do desejo e do prazer humano, passa, também, pela convivência entre pessoas (independente de sua orientação homo, hetero ou bissexual), respeitando e considerando essas possibilidades.

Outro aspecto constante na fala das mulheres, que aponta para seu forte caráter de construção social e cultural, refere-se às relações de gênero. Scott nos possibilita uma reflexão a partir do entendimento do conceito de gênero, como sendo:

"[...] uma maneira de indicar 'construções sociais' - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e as mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo esta definição, uma categoria social sobre um corpo sexuado" (1990, p. 07).

Esta concepção se contrapõe às considerações essencialistas e naturalizantes sobre as fragmentações entre "masculino" e "feminino", resgatando a noção de construção histórico-social-cultural de homens e mulheres nas sociedades.

Neste sentido, as mulheres expressaram suas opiniões em relação à construção de suas identidades dentro do contexto em que viveram e em que consolidaram suas representações de "feminino" e "masculino":

"... Desde que eu me percebo por criança, eu sempre tive umas características de menino, até porque entre os meus amigos a maioria era menino e a gente brincava. As meninas também entravam na história. Subir na árvore, jogar

bola. Quando eu entrei na puberdade eu comecei a sentir atração por mulheres e não por homens. Os homens eu adorava conversar, brincar, amigos. Mas a atração mesmo era pelas mulheres”.

Embora aqui estejamos trazendo à tona a identificação com o “masculino” e/ou “feminino”, desde a infância, o mecanismo de definição da orientação sexual das entrevistadas, não passa, necessariamente, pela identidade masculinizada. A identificação com pessoas de outro sexo e com os atributos ligados a ele, é um processo independente dos mecanismos eróticos que definirão o prazer e as práticas sexuais. Tal compreensão é fundamental para a ruptura com os estereótipos tão comumente associados aos homossexuais. Sobre esta questão, temos a afirmação de Rosa Azeredo:

“Nosso grande desafio é ajudar nossas crianças e adolescentes a viver a liberdade do ‘experimental sem culpa’, é dar-lhes a chance de entender e construir as suas identidades sexuais. Para isso não devemos nos prender às diferenças tão somente genitais e reprodutora dos sexos. É preciso manter o mais elástico possível os padrões culturais desse processo de construção da identidade. Agindo dessa forma, poderemos construir uma sociedade mais humana e íntegra, na qual as pessoas poderão ser aceitas em suas singularidades de tons e meio-tons. Estaremos valorizando o que nos deve ser mais caro: as trocas entre as pessoas, as relações de afeto e a complementaridade entre os seres” (1993, p. 49).

As vivências da homossexualidade

“Assumir” a homossexualidade não é levantar bandeiras públicas de luta. “Assumir” passa pelo reconhecimento pessoal, dentro de um processo individual, que se constitui numa ponte para assumir-se publicamente.

Sobre as dificuldades de auto-aceitação e aceitação social da homossexualidade Azeredo destaca:

“... negamos o nosso ‘eu’ genuíno, a nossa verdade, na qual “ser” é poder coexistir homem e mulher em nuances harmoniosamente conjugados. Abandonamos o nosso ser-pessoa para vivermos os modelos impostos de homem e mulher. Sofremos diante do abismo que se cria entre o ser interno e o ser externo, e nos torturamos quando percebemos que nosso mundo interno não se identifica com os modelos aceitos pela sociedade” (op. cit. p. 45-46).

Um importante aspecto observado no “assumir”, discutido nos depoimentos das mulheres retratam o quanto este é um processo individual, ou seja, constitui-se como vivência dos “grilos” internos e pessoais, primeiro para si mesma, e só posteriormente para a sociedade.

O “assumir” a vivência homossexual aparece, nos movimentos lésbicos, como fator fundamental para a ampliação da visibilidade que almejam, pois pressupõem que, a partir do momento que as pessoas tiverem maior conhecimento e informações acerca do lesbianismo, parte do sectarismo também acabará. No entanto há a consciência de que o “assumir” publicamente por si só, não levará à superação do estigma. É preciso, também, garantir as conquistas políticas pelos direitos civis, em todos os níveis, inclusive o sexual.

Em virtude de falsos estereótipos e preconceitos o “assumir” a vivência lésbica é um processo difícil, para a maioria das mulheres entrevistadas. Existe o medo de serem rejeitadas pela família, amigos, trabalho e outros setores onde convivem, como expressa o depoimento:

“... No profissional, [...] lá onde tu trabalhas, eles te cobram um parceiro. A tua família até que antecede esse profissional, te cobra muito isso: porque te separou e não casa de novo”.

Em algumas situações as entrevistadas desabafam sobre a hipocrisia social que impregna as relações entre as pessoas. Longe de uma aceitação (pelo reconhecimento do direito de cada pessoa), o silêncio (ou o ato de ignorar a orientação sexual) revela a falsidade com que as pessoas estabelecem suas convivências.

“... A sociedade escamoteia. Ela usa uma máscara. Ela tem o discurso: ‘hoje eu aceito, mas não quero perto de mim. [...] Eu aceito, é legal, eu não discrimino, mas no entanto passa uma ‘bichinha’, ah que ‘bichinha’ ridícula, ah como fala, aquele é bicha, aquela guria que te mandou um recado é ‘sapatão’. Tem discurso ainda pejorativo, preconceituoso, diz que não é, mas tem discurso ainda muito pejorativo. Eu vejo a sociedade hoje pior do que antes, porque antes era declarado, era o bichinha, o mariquinha e ela dizia que não queria mesmo. Hoje ela finge que aceita, mas no fundo é com o pé atrás”.

A televisão, como principal agente da mídia, tem buscado colocar em pauta a discussão sobre a homossexualidade, sobretudo

a partir do projeto de lei da Deputada Marta Suplicy acerca da união civil de homossexuais, hoje denominada *parceria civil registrada*. No entanto, percebe-se que ainda prevalece a visão preconceituosa e discriminatória frente a possibilidade.

“... A televisão abre a discussão. Acho que muitas pessoas assistem televisão, todas as classes sociais e intelectuais e a partir daí eu acho que a tv contribui. A imprensa geral sempre contribui, e é um assunto que não pode ser esquecido porque existe milhões de pessoas homossexuais. Não dá, mesmo que se queira, de ser negado, porque tá aí”.

O assumir o lesbianismo para muitas mulheres é poder expressar sua vontade, seu desejo, questionando o estigma colocado pela sociedade normatizadora, que institui como modelo o heterossexualismo:

“... assumir o homossexualismo é muito mais dentro da linha de colocar: olha vocês fazem sexo heterossexual, bissexual, eu faço homossexual. Somos acima de tudo seres humanos e manifestamos formas de gostar e querer diferentes. A minha forma de manifestar o homossexualismo é simplesmente ‘ser o que sou’ sem ficar espalhando. Claro, eu gosto. É uma coisa que me faz bem discutir estes temas para esclarecer as pessoas. Para as pessoas que até convivem comigo que são heterossexuais foi legal porque a gente consegue discutir. O assumir para mim é muito mais colocar o que o homossexual sente, que ele não é um bicho, que ele não é doente, não é isto nem aquilo.

Esclarecer, para mim assumir a postura é deixar claro que nós somos iguais, simplesmente com opção diferente”.

A sociedade atual associa virtudes e valores morais às práticas sexuais que são reconhecidas por ela. Trata-se de uma artimanha perversa de definir os grupos que ficarão à margem social, a serviço da segregação. É preciso descaracterizar essa idéia. A prática sexual de alguém ou, sua orientação sexual não é condição que defina seu caráter, de acordo com as mulheres entrevistadas nesta pesquisa.

Neste sentido, é preciso encarar o lesbianismo sobre outro prisma, não moralista, mas sim como uma das possibilidades de vivência da sexualidade, como expressa o depoimento a seguir:

“... A sexualidade é uma coisa tão importante quanto teu caráter. Eu falo isso quando eu tenho intimidade pra falar da minha intimidade, pra falar da minha sexualidade como eu acho que outras pessoas fariam de sua sexualidade. Eu não preciso colocar isso na frente: assim, eu sou homossexual pra depois ser fulana. Primeiro eu sou fulana e também homossexual, isso é consequência do eu ser”.

Práticas sexuais

Na discussão deste tema tínhamos como objetivo desvendar as preferências, os envolvimento afetivos e sexuais das mulheres, e até mesmo as diferenças entre uma relação homossexual e heterossexual. Os depoimentos abordaram o nível do imaginário, mostrando como as lésbicas entrevistadas gostam de se relacionar afetiva e sexualmente:

“... Por estar vivendo uma relação onde a minha parceira é muito mais feminina do que eu, e eu, na época mesmo gostando de pessoas até mais fortes a coisa aconteceu, então eu acho que eu não posso dizer: ah, não eu gosto de me relacionar com pessoas que sejam mais fortes. Quem me pegou pelo pé, atualmente, foi uma estupidamente feminina”.

É evidente a possibilidade de flutuação que adquire a atração erótica. Há uma possível inversão de papéis que as mulheres assumem, em determinados momentos, em virtude dos estereótipos criados pela sociedade. Algumas mulheres, que no passado buscaram em suas companheiras o estereótipo da “mulher-macho”, não expressam em seus relacionamentos, comportamento masculinizado. Hoje buscam preferentemente, companheiras com cuja feminilidade se identificam. O mito para a homossexualidade feminina, onde difunde-se a idéia de que as lésbicas devem mostrar socialmente uma identificação masculina, não foi observado nesta pesquisa. As mulheres entrevistadas não sentem menos femininas, por amarem e desejarem outras mulheres.

A vivência sexual e afetiva com parceiro do mesmo sexo, configura-se também - num par - num casal. Na concepção hegemônica de casal, definida pela valorização social do heterossexualismo, fundamenta-se na existência de uma figura masculina (o homem) e outra feminina (a mulher). O assumir os gêneros no casal é um aspecto integrante da identidade sexual e não está, necessariamente, associado à orientação sexual. As mulheres entrevistadas nesta pesquisa, no entanto, relataram suas contradições sobre estas questões:

“Há uma confusão na cabeça da gente. Mulher com mulher: uma daquelas deve ser o homem. Por má informação até teve uma época eu

parecia um homem, apesar de ter jeito fortzinho ainda. Teve uma época que eu era muito forte, apesar de sempre me sentir mulher. Mas eu confundi, eu achava que ser homossexual tinha que ser homem, e é ridículo isso, muito ridículo”.

Percebemos na fala das lésbicas, que o preconceito entre elas próprias, de certa maneira, também assume, no ato sexual, padrões pré-definidos pela conduta heterossexual que prevê um homem e uma mulher.

“Eu tinha um certo preconceito contra mim mesma por transar com dedo. Pensava: então se tu podes transar com dedo, tu podes transar com um cara. Daí, eu parei e disse para minha companheira, queres transar com homem? Preferes homem? Eu sou uma mulher, não sou homem. Mas eu vi que não tem nada a ver entendeu? A transa pra mim se estende de qualquer forma, de qualquer maneira, 69, etc, etc, etc”.

Homens e mulheres precisam entender-se como seres potencialmente diversos, passível de mudanças, inclusive do ponto de vista de práticas e fantasias sexuais.

As entrevistas apontaram também para uma sexualidade não apenas genital, demonstrando que para muitas lésbicas, o prazer pode estar associado ao ato de “proporcionar o prazer” à sua parceira:

“... Eu sinto tesão, eu entro na história de sentir tesão quando a pessoa tá sentindo, quando eu tô fazendo carinho, quando eu penetro alguém com

a mão. Eu procuro sentir o útero, eu procuro sentir o ponto ‘G’, eu começo a explorar o caminho e vou sentindo tesão também, às vezes sem eu ter. Aí é um orgasmo psicológico, às vezes sem ter feito nada em mim eu já fico toda gozada. Eu tenho um orgasmo. Fortalece quando eu começo a me esfregar na pessoa ou me fazer carinhos”.

Representações simbólicas - desejos e fantasias

No transcorrer das entrevistas as mulheres ficaram à vontade expressando suas opiniões. Um aspecto que nos chamou a atenção foi a grande dificuldade em abordar questões relacionadas a seus desejos e fantasias. No entanto, destacamos o acentuado desejo pelo feminino, pela sensualidade e eroticidade da mulher.

As mulheres entrevistadas que buscam a felicidade e a satisfação sexual e afetiva com outras mulheres, destacaram que, nesta relação, há companheirismo, sintonia, cumplicidade, amizade e acima de tudo, o prazer é compartilhado, vivido intensamente entre elas.

“... Primeiro era mais uma questão do proibido entende, era o desejo do proibido, porque é muito mais fácil ficar com um namoradinho e tal. Existia sempre aqueles meninos que vão atrás, mas o que interessava era o proibido que tinha por detrás disso, a emoção de conquistar o proibido, depois foi o grito de independência. Eu não precisava mais me esconder de nada. Foi aquela coisa mais legal, de desejar ter a pessoa do teu lado. Agora a coisa é totalmente diferente porque eu já vivo com uma pessoa. O desejo é de

compartilhar a vida, é o desejo de ter a pessoa por inteiro do teu lado. Antes era uma coisa do momento, era o desejo do proibido. Depois uma coisa de tentar conhecer um pouco mais e agora de conviver realmente, de ter essa convivência plena, desejo de dividir tudo”.

O imaginário que permeia a relação homossexual pode adquirir significados múltiplos. O depoimento acima é particularmente interessante, na medida em que situa momentos distintos onde, a própria vivência homossexual se constitui no fator excitante: primeiro como mecanismo de transgressão consciente, depois como possibilidade do “novo”, da busca de novas experiências, terceiro como meio indireto de “grito de independência” - talvez extravasando questões de ordem familiar, profissional, social, etc. - e finalmente como busca real de assumir o “desejo de compartilhar a vida”, reconhecendo ser a vivência lésbica, a forma de alcançar a felicidade sexual e afetiva.

O componente erótico, mais do que físico, prevalece na determinação do prazer e na realização do relacionamento:

“... Há homens que eu conheço mas que não me excitaram psicologicamente. Me excitam enquanto pessoa, me agradam, mas é a sensação de corpo. Não é o ser penetrada ou fazer o carinho que vai mudar a relação. É algo anterior a isso, acho que é uma coisa muito mais psicológica. Uma sensação do erótico mesmo. Sensação, é o erótico de gostar de uma mulher, a eroticidade, a sensualidade que tem em torno disso”.

“... Me atrai o feminino entende, eu gosto da postura feminina, da sensualidade que existe no relacionamento feminino ...”.

Ao nível de desejos e fantasias a atração das mulheres foi bastante acentuada para o feminino. Os depoimentos revelaram o quão forte é o peso da educação que cerceia as práticas sexuais homocróticas, ao impor a atração direcionada aos homens, através da constante normatização da sexualidade:

“... Sempre senti que sempre gostei muito de mulheres. Minha mãe dizia muito: a minha filha sempre arranja uma amiga que ela idolatra, que ela faz tudo. As minhas fantasias, pela minha educação, eram com homens e hoje não. Hoje são justamente com mulheres porque eu consegui me libertar. Eu consegui colocar para fora aquilo que eu tinha de sentimento com amiga, com professora, com a minha médica. Eu não conseguia ver a parte sexual, eu só via para homem, porque eu fui educada pra ver a minha parte sexual pra homem. Então a partir do momento que eu consegui “vomitar” tudo isso aí, aí todo esse desejo é pra mulher”.

Katz (1996, p. 25) contesta os argumentos pelos quais a idéia de uma heterossexualidade tem sido admitida tradicionalmente, como a forma de vivência sexual estável e natural. Primeiro, a relação com o aspecto reprodutivo e a conseqüente manutenção da espécie. Segundo, as diferenças básicas (biológicas e culturais) entre os sexos masculino e feminino reconhecidas em todas as sociedades garantindo uma sexualidade heterossexual. O terceiro argumento estaria relacionado ao prazer físico proporcionado pela união entre um homem e uma mulher.

Esta discussão é importante, pois é preciso entender e contestar a naturalidade do conceito de heterossexualidade, que não reflete a pluralidade de relações afetivas e sexuais que vivem os sujeitos.

Considerações finais

Sabemos que os estudos a respeito do lesbianismo são fundamentais para a ampliação do conhecimento sobre a sexualidade feminina, em geral. Sobretudo, por estarmos inseridos numa sociedade diversa e plural. Esta temática tem sido investigada, na tentativa de auxiliar na desconstrução de concepções normatizadoras e naturalizantes sobre a sexualidade humana.

Neste trabalho, encontramos também, muitas mulheres homossexuais dispostas em contribuir para a discussão. Fundamentalmente com o intuito de possibilitarem maiores esclarecimentos sobre a vivência homoerótica.

Um outro fato relevante que a pesquisa mostrou foi a "rede social" constituída entre as entrevistadas. Este componente revela o quão foi importante para as mulheres participar deste estudo, inclusive indicando outros nomes para a entrevista.

Neste momento, é importante indicar que este estudo teve desdobramentos, sendo alvo de novos olhares e abordagens no mestrado em psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, Rosa Helena S. Identidade sexual. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 39-50.
- CARDOSO, Fernando Luiz. **O que é orientação sexual**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 74p.
- FREIRE COSTA, Jurandir. **A inocência e o vício - estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

- FRY, Peter, MAC RAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 126 p (Coleção Primeiros Passos, 81).
- GODOY, Rosane Maria de. **A voz das mulheres lésbicas: do discurso oculto ao desvendamento das vivências e do imaginário erótico**. Monografia (Especialização em Educação Sexual). Florianópolis: FAED/UDESC, 1997.
- KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 272 p.
- MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987. 220 p.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez. 1990.
- SELL, Teresa Adada. **Identidade homossexual e normas sociais: histórias de vida**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987. 182 p.

**"HOMEM SOLTEIRO PROCURA ..."
ANÚNCIOS CLASSIFICADOS NO DC COMO CAMINHO
PARA O RELACIONAMENTO AMOROSO¹**

Rita Maria Xavier Machado²

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo a investigação das representações de conjugalidade, feminilidade e masculinidade entre homens que propunham casamento através de anúncios classificados no Diário Catarinense. Foram analisados anúncios coletados na seção de recados pessoais durante o período de um ano. A análise das informações contidas nos anúncios indicou uma idealização da figura feminina e do amor. As entrevistas pessoais, realizadas posteriormente com cinco anunciantes, reforçaram esta análise e apontaram para a consideração de que os anúncios foram utilizados como estratégia para diminuir o risco de exposição ao fracasso, nas abordagens às mulheres.

UNITERMOS

Anúncios; Relações de gênero; Masculinidade.

ABSTRACT

The objective of this research was the investigation of the conjugal representations, femininity and masculinity among men

¹ Monografia apresentada para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, UFSC, dezembro de 1996, sob orientação da Professora Maria Regina Azevedo Lisboa. Este artigo foi elaborado sob orientação da Professora Dra. Mara Coelho de Souza Lago.

² Formada em Ciências Sociais (CFH/UFSC); mestranda em Psicologia (UFSC).

that proposed marriage through advertisements in Diário Catarinense. Advertisements collected in the personal message section, during one year, were analyzed. The analysis of the information contained in the advertisements indicated that love and the feminine image were idealized. The personal interviews, accomplished late on with five advertisers, reinforced this analysis and suggested that the advertisements were used as a strategy to decrease the risk of failure when approaching women.

KEYWORDS

Advertisements; Gender relations; Masculinity.

INTRODUÇÃO

A idéia para esta pesquisa surgiu da curiosidade despertada por três anúncios em jornal, colocados por homens com idades em torno de 40 anos, com nível superior de escolaridade, interessados em conhecer mulheres para um relacionamento com vistas ao casamento. A tentativa de contato com mulheres, via jornal, feita por estes homens levantou algumas questões: onde vivem, trabalham ou estudam, não existem mulheres? Se a população se divide mais ou menos equilibradamente entre homens e mulheres, e estas se encontram por toda parte, por que procurar pelo jornal? O quê o anúncio estaria garantindo que outras estratégias de abordagem não estão? O quê estes homens estão realmente procurando? Por outro lado, o modelo dominante de conjugalidade traz implícita a idéia de que as escolhas passam pelo sentimento, que a base para o namoro e o casamento deva ser o amor³. No caso dos anúncios, no entanto, o sentimento amoroso não está colocado, ou melhor, sua possibilidade de surgimento está explicitamente

³ Entre os autores que desenvolvem esta idéia conferir Giddens (1993); Trigo (1989) e Vainfas (1986).

condicionada à satisfação de exigências prévias, do tipo: "... mulher não fumante" ... (Hélio); "...séria, de confiança ..." (Gianni); "... uma mulher jovem, de mente jovem ... um tipo físico bem conservado ..." (Hélio).

A partir destas questões pretendi verificar as representações sobre conjugalidade, feminilidade e masculinidade, deste grupo de homens, para descobrir como se colocam frente a um modelo hegemônico de masculinidade⁴, que propõe o homem como o conquistador. Na suposição de que a utilização do anúncio poderia ser um sinal de reconhecimento de que o papel de conquistador é um fardo pesado para carregar, coloquei a pergunta: será que os homens que põem anúncios no jornal à procura de uma companheira, usam esse artifício como uma tentativa de corresponder a esse modelo idealizado de masculinidade?

MÉTODO

Para a execução da pesquisa foram colhidos os anúncios colocados na seção de recados pessoais do Caderno dos Classificados do Diário Catarinense no período compreendido entre os meses de set/95 e set/96. No total foram colhidos 25 anúncios que serviram aos propósitos da pesquisa, numa média de dois anúncios por mês. Alguns se repetiram por várias semanas, outros só apareceram uma vez. A seleção final dos anúncios teve como critério a presença, no texto, de uma das propostas: casamento, relacionamento sério ou compromisso.

Dentre os 25 anúncios coletados, apenas 16 atendiam plenamente às exigências do recorte da pesquisa. Para facilitar a

⁴ "Masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino" (Almeida, 1995, p. 17).

análise das informações contidas nos anúncios, foi organizada uma planilha dividida em duas partes: a primeira, contendo as informações dos anunciantes a seu próprio respeito e a segunda, suas expectativas em relação às mulheres procuradas. (Tabelas 1 e 2). Para tornar a pesquisa exequível, foi descartada a possibilidade de entrevistar anunciantes de outros estados e países, apesar de seus anúncios, por atenderem ao critério do recorte, terem sido selecionados. Em virtude disso, apenas os treze anunciantes do Estado de Santa Catarina foram contatados.

Tabela 1 - Características apresentadas pelos homens⁵, nos anúncios.

	NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	SITUAÇÃO FINANCEIRA	ESTADO CIVIL	OBJETIVO
1	David					Sério compromisso/ União feliz
2						Amizade ou futuro compromisso
3		40				Compromisso
4		40	Culto		Viúvo	Relacionamento sério
5		33				Amizade ou namoro
6	Hélio	43	Universitário		Divorciado	Relacionamento sério
7	Henk	40			Solteiro	Amizade ou futuro compromisso
8	Gianni	59	Nível médio	Aposentado	Divorciado	Companhia ou futuro compromisso
9	Mano	34	Superior		Solteiro	Relacionamento sério
10	Paulo	30	Superior		Solteiro	Relacionamento sério
11	Orlando	35	Arquiteto		Solteiro	Compromisso sério
12	Saulo	34		Contabilista	Solteiro	Compromisso
13		35	Superior	Empresário		Construir família
14	Markus	44	Engenheiro		Viúvo	Relação séria
15	Juarez	44	Superior, culto		Viúvo	Relação séria
16	Victor	45	Nível Universitário			Relacionamento sério

⁵ Todos os nomes utilizados são fictícios.

	CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	CARACTERÍSTICAS MORAIS	CARACTERÍSTICAS AFETIVAS	CARACTERÍSTICAS DIVERSAS
1				
2		Responsável		Senhor
3				
4	Atraente	Bons princípios		
5			Romântica	
6				
7	1,68m, 64Kg, olhos azuis, cabelos castanhos			
8	1,75m, 75Kg, moreno, boa aparência			Italiano
9				
10	1,70m, 69Kg, moreno claro			
11	1,79m, olhos esverdeados, branco			
12	1,71m, claro, boa aparência	Católico		Bom nível
13	1,70m, 75Kg, olhos azuis		Sensível	
14	1,73m			
15	Atraente			Estrangeiro radizado
16			Simpático, muito carinhoso	

Tabela 2 - Características procuradas nas mulheres pelos anunciantes.

	EXPECTATIVAS FÍSICAS	EXPECTATIVAS MORAIS	EXPECTATIVAS AFETIVAS	EXPECTATIVAS DE IDADE
1	Bonita por fora	Honrada	Bonita por dentro	Entre 30 e 45 anos
2		Sem vícios		Até 55 anos
3				Entre 30 e 35 anos
4		Dama		
5				Moça
6	Bonita, físico bem conservado	Responsável	Simpática, interessante	
7				Moças de 20 a 40 anos
8	1,65m, magra, boa aparência	Séria e de confiança		Entre 30 e 40 anos
9				Moça de 19 a 29 anos
10				Mulheres
11	Magrinha, loirinha	Virgem	Romântica	Garota
12	Branca ou morena clara			Moça de 18 a 27 anos
13	Muito bonita	Sem vícios	Romântica, meiga	30 anos
14	Morena			Moça de 26 a 30 anos
15	Esbelta	Dama	Sincera, carinhosa	De 35 a 50 anos
16	Esbelta	Dama séria	Amável	De 35 a 50 anos

	EXPECTATIVAS ESCOLARES	EXPECTATIVAS DIVERSAS
1		
2		
3		Não fumante, sem filhos
4	Nível superior	Sem filhos
5		Solteira
6		Mulher de mente jovem
7		Solteiras
8		Disponível para viajar ao exterior, cor branca não é indispensável
9		
10	Bom nível cultural	Sem filhos. Cartas com fotos
11		
12		Simples
13		Boa família
14		Sem filhos. Cartas com fotos
15	Ótimo nível social	Sem filhos
16	Ótimo nível	Sem filhos e que more na ilha

O primeiro olhar

O primeiro contato foi realizado através de carta ou telefone, dependendo do meio proposto no anúncio, sendo explicitada a proposta da pesquisa e solicitada a participação na mesma. Inicialmente, foram obtidas duas entrevistas exploratórias, feitas por telefone, que serviram de base para a execução do projeto e foram incorporadas ao trabalho. Três anunciantes foram entrevistados pessoalmente, um recusou-se, três cartas foram devolvidas (destinatário desconhecido) e quatro não responderam. As entrevistas foram abertas e, duas delas, gravadas.

Os homens que se utilizaram do jornal para conseguir casamento durante o período da pesquisa, estavam na faixa etária entre 30 e 59 anos e na sua maioria possuíam nível superior. Seus anúncios continham, via de regra, nome, idade, estado civil, situação financeira, algumas características pessoais e os atributos buscados nas pretendentes.

No texto dos anúncios, é notável a diferença entre o que os homens oferecem e o que procuram. O que oferecem está associado a critérios objetivos e o que procuram nas mulheres, está associado a critérios subjetivos. Para se descreverem, os homens usam atributos físicos (peso, altura, cor dos olhos, idade) e aspectos que envolvem seu status sócio-econômico, como o grau de escolaridade, a situação financeira ou a profissão. No entanto, quando solicitam as características procuradas nas mulheres, referem-se mais a qualidades morais e afetivas. Embora também requisitem atributos físicos, estes dizem mais respeito a atrativos no sentido mais genérico, como: ser esbelta, bonita, magra, de boa aparência. A escolaridade feminina é um item pouco solicitado, parecendo indicar que não é muito relevante para a seleção das candidatas. Apenas um anúncio solicitava mulheres com nível superior.

Essas associações de masculino/objetivo e feminino/subjetivo estão impregnadas de uma noção de complementaridade pertinente ao modelo tradicional de conjugalidade. Nesse modelo, as diferenças entre os gêneros são naturalizadas cabendo a cada um, papéis, campos e espaços distintos. A pesquisa de Freire Costa⁶, sobre as origens e a forma de instituição do casamento monogâmico no Brasil, mostra como foram concebidas essas diferenças e como foram definidos os campos feminino e masculino na nossa sociedade, após a substituição do "casamento por interesses", que vigorava no século XIX, pelo "casamento por amor"

"- a mulher: fisicamente frágil com relação ao homem, delicada e débil na sua construção moral, a inferioridade manifesta-se pela predominância das faculdades afetivas, a imaginação fértil mas fugaz, indisposta

⁶ Freire Costa, J. Ordem médica e norma família. Rio de Janeiro: Graal, 1979. cf. cap. VI citado por Neves, S.P. Homem, mulher e medo. Petrópolis: Vozes, 1986.

às tarefas intelectuais.

*Virtudes essenciais: fraqueza, sensibilidade,
doçura, indulgência e submissão;
criada para sentir e para amar.*

*- o homem: feito para pensar, sua força e vigor físicos
acrescentam-se a um intelecto forte;
firmeza e atividade predominam nele e o levam
a predominar sobre a mulher;
menos propenso ao amor, é menos abnegado
do que a mulher
autoritário,
vinculado ao sexo,
altivo, racional, duro ..."*

Quanto à conjugalidade, Giddens (1993) faz uma distinção entre três tipos de amor: o "amour passion", o "amor romântico", derivação do primeiro, e o "amor confluyente", que contém elementos do segundo e a ele se opõe. De acordo com o autor, o "amour passion" é aquele que se exprime pela idealização temporária do outro e pela ligação sexual, sem caráter de permanência. A atração sexual é o elemento motivador/mantenedor da relação.

No "amor romântico", apesar de também estar presente a idealização do outro, esta ocorre associada a um envolvimento de caráter mais permanente. A "atração à primeira vista" ou "apreensão intuitiva das qualidades do outro", elemento crucial do "amor romântico", é uma identificação projetiva do parceiro que o transforma num complementar, na "pessoa especial" que traz a sensação de totalidade, de completude da existência. Há o predomínio de um "amor sublime" sobre o "ardor sexual" e a felicidade sexual está ligada ao romance.

No caso do "amor confluyente", a identificação projetiva dá lugar à identificação das particularidades do parceiro e portanto, não ocorre a busca da "pessoa especial". A ênfase, neste caso, está

colocada no "relacionamento especial" cujo elemento central é a busca do prazer sexual recíproco.

Embora os três modelos expostos sejam pertinentes às relações amorosas atuais, nos anúncios de jornal predominam elementos que pertencem, a meu ver, ao complexo de idéias associado ao amor romântico. A solicitação de características/qualidades específicas como: "... garota magrinha, loirinha, romântica e virgem ..." (Orlando); "... bonita por dentro e por fora, honrada ..." (David); "... 30 anos, muito bonita, sem vícios, romântica, meiga ..." (anônimo) indicam alguém já emocionalmente envolvido com uma imagem idealizada de mulher e que procura, portanto, alguém em quem possa projetar essa imagem.

Maria Helena Trigo (1989) cita autores de obras sobre o amor, que estão de acordo em associar um caráter projetivo ao mesmo:

"... há consenso em torno da idéia de que amor é potencial a ser atualizado, ou seja, uma disposição dirigida aos objetos na qual a capacidade de amar tem prioridade sobre o objeto. Stendhal fala mesmo da 'cristalização' como uma fase do processo de enamoramento em que a projeção é tão intensa que torna-se quase impossível distinguir o original" (Trigo, 1989, p. 92).

Esta autora coloca-os em sintonia com a psicanálise quando essa

"... descreve o caráter projetivo e imaginário do amor fazendo com que seja muito mais uma questão do Ego do que do Outro; como se o 'eu' estivesse à espera do objeto para revesti-lo de partes do que ele é, do que procura e necessita naquele determinado instante" (Idem, p. 92).

Como o espaço no anúncio só permite um pequeno número de solicitações, as características escolhidas por cada anunciante devem ser as que imagina necessárias para despertar, na ocasião do encontro, a “atração à primeira vista” e assim realizar a alquimia que transforma uma pessoa comum naquela “pessoa especial” que dá sentido à vida do ideário romântico.

Aproximando a lente

O grupo que concedeu entrevistas pessoais foi composto por:

- Gianni, um italiano de 59 anos, nível médio, divorciado e aposentado, que veio para o Brasil com o firme propósito de casar-se e aqui fixar residência. Ele foi entrevistado por telefone através de um intérprete porque na época Gianni não falava nem uma palavra em português;
- Hélio com 43 anos, nível superior e também divorciado, que procura uma companheira “simpática, extrovertida, de físico bem conservado, interessante”. Hélio destacou-se entre os outros informantes por ter sido o único que conseguiu manter-se no anonimato;
- Juarez, viúvo há muitos anos, nível superior, 44 anos. Afirmou ter colocado “uns tres ou quatro os anúncios e procura para o convívio: “Alguém que eu possa tolerar Ah! E que me tolere também”;
- Paulo, economista, solteiro, 31 anos. Simpático, bem falante, destaca-se pela empolgação. Disse que adora festas, sair com amigos, namorar;
- Henrique, solteiro, 40 anos, primeiro grau, mantém correspondência, exclusivamente com mulheres, já há quinze anos. Disse-me que prefere ter amigas a amigos e, estas, de locais distantes. Afirmou ter várias amigas de outros estados que o visitaram e que ele também visitou. Tem grande orgulho do que chama seu “esporte”.

A masculinidade que se revelou no campo

Mesmo proporcionando um ótimo material para análise, o trabalho de campo teve dificuldades inesperadas. Os contatos iniciais para marcação das entrevistas e elas próprias foram permeados por tensões e até mesmo conflitos. Senti medo, raiva, mágoa, entre outras emoções menos violentas. Meus entrevistados também. O método utilizado, cuja ferramenta principal é a entrevista pessoal, favoreceu o envolvimento muito mais do que, por exemplo, um questionário enviado pelo correio. Também é relevante o fato de que a pesquisa se desenrolou num contexto de relação entre gêneros, onde a tensão subjacente denuncia que o conflito entre subjetividades e a “ameaça” de sedução, são possibilidades sempre presentes.

“A dimensão relacional do contato entre duas subjetividades - marcadas não só pela diferença de gêneros, mas também pela “vertigem” dos jogos intersubjetivos - teve a oportunidade de constituir-se, por excelência, em arena máxima de emergência desta tensão” (Almeida, 1996, p. 142)

Apesar de não ter pretendido encontrar similaridade entre os meus informantes me deparei com ela em, pelo menos, três aspectos. Apenas para efeito de exposição, esses aspectos são tratados isoladamente. Na realidade se apresentaram como, digamos, um “conjunto de sintomas” entre os sujeitos entrevistados, que juntos compõem um quadro que revela a “... natureza ‘irrelativizável’ da diferença entre os sexos no imaginário masculino” (Almeida, 1996, p. 90)

Em primeiro lugar, chamou-me a atenção a atitude de meus entrevistados de não dizer não. Mesmo demonstrando de várias maneiras seu desconforto em relação à entrevista, todos disseram

sim, sendo que dois deles, pareciam estar movidos por uma espécie de obrigatoriedade, um certo senso de dever a cumprir. Mas, se era tão difícil, por que simplesmente não recusaram?

Almeida atribui essa disponibilidade, essa obrigatoriedade por parte dos homens em relação à uma mulher, ao que chama de uma espécie de

“... auto-exigência de um desempenho ... que se deixa reger por princípios do seguinte tipo: ao sexo masculino cabe, a todo momento, registrar com toda a deferência a presença do sexo oposto - feminino - naquela interação, em tudo que este registro é capaz de cobrir, como, por exemplo, a própria atitude 'irrecusável', por parte de um homem, de conceder aquela entrevista a uma mulher que a pede” (Almeida, 1996, p. 89-90).

Em segundo lugar, efetuou-se pela maioria deles a tentativa constante de tomar o controle da situação durante a entrevista. A dificuldade desses homens em aceitar a possibilidade de uma relação de simetria com uma mulher, demonstrou, inequivocamente, que vêem a relação entre os gêneros como intrinsecamente assimétrica. Creio que a constante tentativa de subverter o “arranjo” estabelecido para as entrevistas por si só expôs sua posição de extrema vulnerabilidade diante de uma situação onde se sentem em desvantagem em relação a uma mulher. A circunstância de ter me utilizado do anúncio veiculado por eles, com o intuito de se manterem no anonimato, para identificá-los agravou ainda mais a situação. A esse respeito, Jardim afirma que essas *“... atitudes trazem como pano de fundo a idéia de que o autocontrole e o controle sobre os outros é valor fundamental relacionado a masculinidade”*.

As “táticas” empreendidas foram variadas, mas a intenção era a mesma : colocar-me “no meu lugar” pois, pelo jeito, eu estava fora

dele. Mas, qual era o meu lugar? A julgar pelas atitudes tomadas, cada um me destinou um lugar diferente.

Juarez, primeiro foi evasivo, desinteressado; depois indelicado e por fim, abertamente grosseiro, me impondo uma série de humilhações. Me destinou a submissão.

Ao final da entrevista, já com a segurança recuperada, Henk inflou-se, adotou um ar compenetrado e solicitou eu escrevesse para ele, dando as “minhas impressões” acerca da entrevista para que ele soubesse “o que eu pensava de tudo aquilo”. Henk quis inverter nossos papéis, assumindo o que até então me cabia, de sujeito/entrevistador e legando-me o de objeto/entrevistado.

Hélio adotou a “cantada”, numa tentativa de me encaixar no universo das interessadas em sua proposta e Paulo fez algumas gozações que, a meu ver, deixaram claro que, definitivamente, não me levou à sério. Digo, a meu ver, e quando digo isso quero lembrar que é um olhar feminino, porque recebi valioso insight a esse respeito. As gozações de Paulo foram encaradas por mim como uma tentativa de me “diminuir”, de tornar evidente minha incompetência para executar o trabalho a que me propunha. Entretanto, quando contei o ocorrido para um homem, ele deu uma explicação diferente para o fato. Na “interpretação masculina”, o que Paulo tinha em mente ao fazer aqueles questionamentos era me dar a “deixa” para que eu revelasse que na verdade estava interessada nele, que a pesquisa era um subterfúgio para encontrá-lo sem me identificar logo como uma pretendente. Hélio, com a sua cantada, teria o mesmo propósito. - Mas porque eles pensaram isso? - perguntei - *“Porque eles não acham possível que você não esteja interessada”*.

Nesse momento, lembrei-me que sempre que saía de casa para fazer uma entrevista, era acompanhada pelo eco de um sombrio vaticínio lançado pelo meu marido: -“Você vai levar uma cantada!”- O que a princípio poderia parecer apenas expressão de ciúme, na verdade revelou-se como importante informação sobre a visão

masculina do contato homem/mulher e da dificuldade de sua naturalização. Almeida (1996) descreve essa atitude como:

“... uma espécie de “prontidão” incondicional, da parte deles, para atender ao preenchimento da função do homem, em seu aspecto mais sumário e “basilar”: como agente potencialmente “interessado” na figura da mulher, ou ainda, como alvo, não menos “interessado” de anseios recônditos dessa última” (Almeida, 1996, p. 89; grifos meus)

Para aqueles homens, o simples fato de tê-los procurado, não importa sob qual pretexto, expunha, no fundo, a minha disponibilidade para um envolvimento.

Minha conclusão inevitável foi a de que, no imaginário masculino, a recusa a uma mulher, a simetria no relacionamento homem/mulher e a ausência de um caráter de sedução subjacente ao mesmo, podem levá-los a se perceberem como “menos” homens.

O masculino e o feminino ...

Apesar de todos os meus informantes terem declarado que a experiência do anúncio foi excelente, apenas um conseguiu alcançar seu objetivo. O nível de exigências era muito rigoroso e explicitamente colocado: *“acho que sou muito exigente ... Quero uma mulher com os mesmos gostos e hábitos que eu”*.

Hélio encontrou uma mulher “extrovertida, simpática e interessante” como queria no entanto, descartou-a por achá-la *“... muito independente. Tem uma profissão como a sua. É jornalista”*.

Meus informantes, apesar de se dizerem interessados num relacionamento, compararam as candidatas que se apresentaram com a hipotética mulher perfeita de seus sonhos e usaram qualquer

discrepância entre elas e seu ideal para justificar sua solidão em função da inadequação das candidatas. Eles procuraram, estão interessados. Foram elas que não serviram. Paulo contou que o relacionamento com *“a mulher dos seus sonhos”* terminou porque *“ela não queria ir ao pagode”*.

O caráter projetivo também apareceu na hora da avaliação das candidatas, quando esses homens afirmaram ser capazes de detectar “seriedade, honestidade, sinceridade” e outras qualidades subjetivas esperadas, à primeira vista. Sobre isto Giddens (1993) esclarece: ainda que “amor romântico” implique em atração espontânea, esta atração é dissociada das compulsões eróticas do “amor apaixonado”.

“O ‘primeiro olhar’ é uma atitude comunicativa, uma apreensão intuitiva das qualidades do outro. É um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém, digamos assim, ‘completa’” (Giddens, 1993, p. 51).

Conjugalidade, por sua vez, foi definida por meus informantes como um sinônimo de companheirismo e fundamental para um relacionamento. Entretanto, descobri que para um bom relacionamento, em primeiro lugar, a mulher deve ser companheira. Paulo, apesar de ter elogiado a namorada (“companheira, leal, amiga, irmã, amante”) não se dispôs a ser seu companheiro e dividir com ela o cuidado com o filho dela de cinco anos, a quem atribuiu a culpa de todos os desentendimentos que tiveram até hoje.

O companheirismo ao qual estes homens se referiram parece tratar-se de disponibilidade. Suas próprias palavras expressaram isso. Quando Hélio disse que a mulher que encontrou lhe pareceu “muito independente”, não estava dizendo que preferia uma mulher “mais dependente”, porém mais disponível. Paulo não queria dividir a companheira nem mesmo com um filho seu. Queria exclusividade. *“Quando ela não fica inteiramente disponível para ele, as*

situações de prazer vividas pela mulher o incomodam" (Cushnir, 1994, p. 44)

A companheira ideal, a mulher perfeita com a qual sonham, aquela que vai trazer a sensação de completude da existência, é "bonita, fiel, honesta", e principalmente, "disponível". Não é de se admirar que meus informantes estejam tendo problemas com os relacionamentos. A emancipação das mulheres que, não só trouxeram o direito à iniciativa dentro do mercado da sedução como também a possibilidade de escolhas segundo critérios que estão fora do alcance da percepção dos homens, dificulta sobremaneira que alcancem seu intento. Pelas informações que meus entrevistados me forneceram e muito mais, por suas atitudes durante nossos contatos, pude concluir que enfrentar essa emancipação constitui grande desafio para eles. Se em sua maior parte, têm dificuldade de travar uma relação de simetria com uma mulher, pergunto, como podem conquistar essa nova mulher? Nem sequer a conhecem. Perguntados sobre o que imaginam que as mulheres desejam dos homens, quatro responderam que basta a fidelidade. A "honrosa" exceção foi Henk que pensa que elas desejam um homem que tenha "um carro ou pelo menos uma moto". Simplesmente não podem conquistá-la.

A posição masculina que, em matéria de sedução, sempre foi muito confortável, transformou-se de repente, principalmente para os mais tímidos, numa posição das mais instáveis, insegura. De um lado, estão premidos pela nova mulher e, do outro, por um modelo cultural de masculinidade, que balizado por critérios como tamanho, força, exige os papéis de macho, conquistador, provedor.

Por se apresentarem desconectados com as mudanças que se processaram no cenário social, após a década de 70, meus informantes apresentam grandes dificuldades na aproximação e na manutenção de um relacionamento com as mulheres.

Bruckner/Finkielkraut (1981) descrevem o momento do encontro, da abordagem, como fundamental para o estabelecimento ou não de uma ligação. Este é o momento em que as palavras tem que ser escolhidas com critério redobrado. Nesse aspecto, o anúncio

no jornal surge como um espaço privilegiado. Espaço onde é possível exprimir o desejo pelo encontro, sem a exposição ao risco da recusa por, digamos, "imperícia nos começos" e, de quebra, manter, ainda que através de um artifício, a posição da iniciativa, do conquistador. "*Você não se expõe, não se desgasta, não aparece. Está convocando alguém que também esteja afim, se sentindo da mesma forma*" (Hélio).

A utilização do anúncio, portanto, inverte a ordem dos começos pois, se "*na vida, é o outro que faz nascer a paixão; no anúncio, é necessariamente o desejo que precede o contato*" (Bruckner/Finkielkraut, 1981, p. 248).

Considerações finais

Creio ter se descortinado que há um grande dilema sendo vivido por estes homens. Sua representação de feminino deixa claro que o modelo de conjugalidade ao qual se reportam é o modelo tradicional, onde a complementaridade de papéis atribui ao homem a objetividade e à mulher a subjetividade. As formas utilizadas nos anúncios para definir homem e mulher evidenciam isto.

Sem dúvida, as mudanças ocorridas com as mulheres têm papel preponderante neste dilema⁷. As dificuldades nos relacionamentos afetivos que o grupo apresenta estão intimamente ligadas com o seu desconhecimento acerca da mulher independente, emancipada. Como não a conhecem, não conseguem confiar nessa mulher. Meus informantes demonstraram muita dificuldade neste aspecto.

A circunstância de lhes escapar à percepção os critérios utilizados pelas mulheres para fazer suas escolhas afetivas confronta-os com a possibilidade de serem recusados. Como equacionar esta situação? Como continuar a atender as expectativas do modelo idealizado de masculinidade sem perigo de exposição ao

⁷ Embora esta conclusão seja problematizada por alguns autores, entre eles Nolasco (1993).

fracasso? O desejo desses homens por um relacionamento afetivo é evidente. Eu diria até que estes homens já estão se relacionando com a mulher dos seus sonhos. Resta-lhes tentar corporificá-la, de preferência sem o desgaste e o risco da abordagem. Mas, como? Colocando um anúncio no jornal solicitando exatamente isto. Uma "companheira, sincera, honesta e disponível" para eles. Com a utilização do anúncio, demonstram que não aceitam ficar de fora do jogo de sedução. Buscam, sim, estratégias de participação com menor chance de risco. E não é com facilidade que enfrentam o emprego do anúncio como estratégia. Prova disso, é a persistente busca pelo anonimato que estes homens empreendem.

Creio que posso então, responder a minha pergunta inicial: o quê estes homens estão procurando? Uma forma de poder continuar a viver a masculinidade que conhecem, sem serem excluídos no jogo da sedução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino/Feminino: Tensão Insolúvel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**. São Paulo: Fim de Século Edições, 1995.
- BRUCKNER, P., FINKIELKRAUT, A. **A Nova Desordem Amorosa**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CUSHNIR, Luiz. **Masculino, Feminina**. São Paulo: Saraiva, 1994.
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993.
- JARDIM, Denise F. **O Riso e os Corpos: traduzindo falas masculinas das camadas médias intelectualizadas**. Mimeo.
- NEVES, Siloé Pereira. **Homem, Mulher e Medo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- TRIGO, Maria Helena Bueno. **Amor e Casamento no Século XX**. In: D'INCAO, Maria Ângela (Org.). **Amor e Família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

MASCULINIDADE E COMPLEXO MATERNO: A OBRA DE FRANKLIN CASCAES COMO ESTUDO DE CASO

João Baptista Soares de Faria Lago¹

RESUMO

Muitos "causos" populares da Ilha de Santa Catarina, tal como retratados na obra de Franklin Joaquim Cascaes, permitem entrever, em suas personagens masculinas e numa dimensão coletiva, a existência de um acentuado complexo materno. A imagem da bruxa representaria, na cultura ilhoa, uma maternagem inadequada. Nesse sentido, tanto o excesso quanto a falta de Eros na relação mãe-criança, provocariam um processo de dissociação psíquica nos filhos, prejudicando nos meninos a sua capacidade de integrar os mundos interno e externo ("eu" e "não-eu"). Ocasionando-lhes assim ou um investimento libidinal excessivo nos objetos do mundo externo, ou um investimento libidinal excessivo nos objetos de seu próprio mundo interior: movimentos estes que, por sua vez, contribuiriam para a existência de determinadas características em suas masculinidades.

UNITERMOS

Complexo materno; Embruxamento; Masculinidade.

ABSTRACT

Many popular stories of the Santa Catarina Island, such as those revealed in the work of Franklin Joaquim Cascaes, allow us to

¹ Psicólogo formado pela PUC-SP, onde tornou-se, também Mestre em Psicologia Clínica. Docente da Faculdade de Psicologia UNICASTELO.

get a glimpse of their male characters and, to perceive the existence of a great maternal complex. The image of the witch would mean, for the native culture of the island, an inadequate mothering. In this sense, the excess or the lack of Eros in the mother-child relationship would promote a process of psychic dissociation in the children, damaging in the boys their capacity of making the integration of the inner and outer world causing an excessive libidinal investiture on the objects of their own inner world: those movements would contribute to the existence of specific characteristics in their masculinity.

KEYWORDS

Maternal complex; Bewitchment; Masculinity.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi escrito a partir de alguns aspectos presentes em minha dissertação de mestrado, *O Embruxamento e a Psique Masculina na Obra de Franklin Joaquim Cascaes*². Possui como referencial teórico a psicologia analítica a partir da contribuição de seu fundador, Carl Gustav Jung, bem como a partir da contribuição de autores pós-junguianos da atualidade, sobretudo Ann Ulanov. Será através da psicologia analítica que entraremos em contato com uma das mais antigas, quanto sinistras, imagens arquetípicas da Humanidade: a imagem da bruxa. Nesse sentido, serão estabelecidas relações entre esta, o embruxamento (processo através do qual ela inflige sofrimento às suas vítimas) e determinados aspectos da vida psíquica da criança na tenra idade, em sua relação com a mãe e o pai. A bruxa e as suas vítimas embruxadas serão examinadas, também, no contexto da obra de

² Dissertação orientada pela Professora Dra. Denise Gimenez Ramos e defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, em 13/06/97.

Franklin Joaquim Cascaes, para desaguardarmos, finalmente, na hipótese central deste trabalho: a masculinidade açorianocatarinense seria mais influenciada pelo arquétipo da Grande-Mãe, do que poderíamos supor, até o presente momento. Finalmente, ao encerrar este artigo, estarei convidando o leitor para algumas reflexões acerca de algumas implicações presentes no atual momento histórico, em que o recém-destronado Patriarcado ainda não foi substituído por uma nova ordem.

A imagem da bruxa e seu significado psicológico

Se pararmos para refletir sobre a imagem da bruxa ao longo de nossas vidas, nos daremos conta de que esta sempre nos acompanhou em nossas existências, embora muitos dentre nós, provavelmente, jamais tenha percebido este fato. Esteve presente em nossa infância, através das histórias infantis. Continua presente em nosso dia-a-dia: se prestarmos atenção aos produtos artesanais expostos à venda, nas praças de muitas de nossas cidades, não raras vezes perceberemos a presença, ali, de bonequinhas que reproduzem a sua imagem. Bonequinhas com as quais poderemos nos deparar, ocasionalmente, até mesmo nos congestionamentos de trânsito, penduradas no espelho retrovisor de algum automóvel. Ou então nos quartos de muitas adolescentes, para não dizer na mesa de muitas mulheres adultas, em diversos locais de trabalho. Se, desde tempos imemoriais, esta imagem sempre esteve presente no dia-a-dia das pessoas, isto se deve ao fato de se tratar de uma imagem bastante forte em nosso imaginário coletivo. Contudo, a imagem da bruxa que estamos habituados a ver é diluída e um tanto açucarada, em comparação ao modo como encontra-se representada em diferentes culturas de todos os cantos do planeta, nas versões mais primitivas de mitologias cujas origens perdem-se na longa noite dos tempos. Assim, ao contrário das bruxas suavizadas pelos desenhos animados dos estúdios Disney ou pelo visual *clean e new age* que costumam ostentar, nas prateleiras perfumadas das lojas de artigos esotéricos

de assépticos *shopping centers*, as bruxas da Mitologia costumam ser retratadas como realmente são: criaturas femininas fascinantes e, ao mesmo tempo, extremamente perigosas. Segundo A. Ulanov em *Bewitchment*³, nestas mitologias a bruxa não é um ser-humano convencional. Ela possui poderes muito superiores aos da grande maioria das pessoas, além de viver numa dimensão psíquica muito distante da nossa. Distância que, em diversos mitos, é ilustrada simbolicamente pela sua moradia, situada geralmente num lugar muito longínquo e muito alto. Moradia, aliás, de ar putrefato, cujo mau cheiro emana dos refugos e pedaços de corpos humanos em decomposição, já que a bruxa é uma grande devoradora de pessoas. Devora os seus corpos e engole as suas almas, fazendo jus à imagem em que surge representada em determinados contos-de-fada: lambuzada com o sangue de suas vítimas, que pinga de seus dentes e escorre pelos seus lábios. Suas "virtudes", todavia, não páram por aí. Além de devoradora, a bruxa é tremendamente invejosa. Manifesta uma raiva hiperbólica ao encontrar-se tomada de ódio, possui uma sede insaciável de poder e de dominação sobre o Outro, associada muitas vezes a um apetite sexual extraordinário - através do qual drena, para si, todas as energias do parceiro.

Assim como as bruxas, as demais personagens mitológicas não eram personagens quaisquer. Possuidoras de características humanas universais em seu modo de ser, faziam da Mitologia uma instância coletiva de leitura, explicação e explicitação da realidade. O que os contos-de-fada sobre bruxas têm a nos dizer? Para a psicologia analítica, a bruxa é um arquétipo: uma imagem mitológica correspondente a determinados padrões instintuais de comportamentos inerentes à nossa espécie, que, enquanto possibilidades repousando em nossos interiores em estado latente, poderão ou não se constelar em nós, conforme as peculiaridades de nossas histórias de vida e do meio social em que estivermos

³ ULANOV, Ann. *Bewitchment*. In: Quadrant, New York, v. 11, n. 2, 1978.

vivendo. Os arquétipos possuem dois pólos (como, por exemplo, o claro e o escuro) e a imagem da bruxa representa o pólo sombrio de um dos mais importantes arquétipos existentes, o arquétipo materno⁴. Esse arquétipo, em seu pólo luminoso, representa os cuidados maternos em relação ao Outro, tais como o proteger, o nutrir, o acalantar afetivamente: representa a mãe, enquanto doadora de vida. Já em seu pólo sombrio, o arquétipo materno representa a mãe enquanto doadora de destruição e morte, sendo muito comumente representado, em diversas mitologias, pela imagem da bruxa. Que, longe de representar as virtudes de uma mãe idealizada (como a imagem de Maria na mitologia cristã ou a de Oxum, na mitologia nagô), representa exatamente o seu inverso: enquanto a mãe idealizada alimenta, a bruxa devora as energias psíquicas de seus filhos. Enquanto a mãe idealizada protege e acalenta, a bruxa ameaça e semeia o terror. Enquanto a mãe idealizada cuida, a bruxa tira proveito de nossas fragilidades, para nos "derrubar" mais facilmente. Em outras palavras: o que todos os contos-de-fada e outras representações envolvendo a imagem da bruxa tentam nos dizer, é que as mães podem ser muito mais destrutivas e perigosas, do que as nossas idealizações acerca da maternidade nos permitiriam supor.

Aspectos psíquicos do embruxamento

O embruxamento poderia ser definido como o estado psíquico e físico vivido por personagens que, em contos-de-fada e outras histórias mitológicas, foram vitimados por uma bruxa. Em *A Bela e a Fera*, esta última era na verdade um belo príncipe, transformado por uma bruxa num animal de aparência horrorosa. Em outro

⁴ JUNG, Carl Gustav. "Psychological Aspects of the Mother Archetype". In: *The Archetypes and the Collective Unconscious*. The Collected Works of C.G. Jung, vol. 9, part I.

conto-de-fadas francês, *Le Mouton*⁵, ela transforma o destemido príncipe num carneiro efeminado, que portava uma coroa de flores no pescoço e dormia sobre perfumadas pétalas de jasmim. Neste conto-de-fadas há, simbolicamente, uma alusão à mãe do príncipe: a bruxa que o transformara em carneiro, conhecia-o desde pequeno. Na *Odisséia*, Ulisses, ao chegar à ilha da sedutora e atraente bruxa Circe, descobre que os porcos que a habitavam eram, na verdade, homens que, após haverem sucumbido à armadilha fascinadora dos encantos sensuais de Circe, haviam sido transformados, por ela, em suínos. Já na mitologia açoriano-catarinense retratada pela obra de Franklin Cascaes, as vítimas de *empresamento bruxólico* adoecem, muitas vezes até a morte, ou enlouquecem. Por vezes apresentam manchas roxas pelo corpo, indicando que o embruxamento poderia causar, inclusive, distúrbios de natureza psicossomática. Em termos psicológicos, o que estas e outras histórias têm a nos dizer? Se, para interpretar os comportamentos dessas personagens mitológicas, procedêssemos como se estivéssemos interpretando pacientes da vida real em nossos consultórios, quais poderiam ser as nossas conclusões? Nesse sentido, diria que o embruxamento, que vitimiza as personagens masculinas e femininas nas mais diversas mitologias, poderia ser definido como um processo de **definhamento**, tanto psíquico quanto físico, dos que foram vítimas dos poderes de uma bruxa, e as suas causas repousariam em determinadas modalidades de vivências do sujeito, no início de suas vidas, em sua relação com a mãe.

Passemos agora a determinados aspectos da vida psíquica dos bebês, para que possamos compreender melhor este processo. O bebê, que inicialmente encontra-se completamente voltado para si próprio, irá aos poucos deixando de ser tão "ensimesmado", passando a relacionar-se com o mundo à sua volta. A mãe, por ser a

⁵ GAD, Irène. "Le Couple Dans Deux Contes de Fées: 'Le Mouton' et 'La Belle et La Bête'". In: *Cahiers de Psychologie Jungienne*, n.º 41. Paris, 1984.

primeira pessoa importante com a qual se relacionará, será o primeiro modelo que irá estruturar, no pequeno ser, o seu modo de relacionar-se com as demais pessoas e com a realidade externa ao seu redor, que perceberá de um modo similar à percepção que realiza em relação à mãe. Vimos, no tocante ao arquétipo materno, que este possui dois pólos extremos, nos quais a mãe se situa, numa ponta, como doadora de vida, e na outra ponta, como doadora de morte: extremos que se refletirão nas melhores e mais confortadoras mas, também, nas piores e mais aterrorizantes fantasias do bebê. Pois este, ao nascer, encontra-se vulnerável a uma vasta gama de estímulos (como os ruídos, o frio ou o calor, etc.) percebidos como muito desconfortáveis, que desconhecia num útero que mal acaba de deixar. Além disso, sua fragilidade e dependência é tal, que, se o abandonássemos à sua própria sorte, simplesmente morreria, seja pela falta do alimento sob a forma de comida, seja pela falta do alimento afetivo, seja pela falta de cuidados de outra ordem. Assim, à menor ausência de cuidados, a psique do bebê é inundada por fantasias que lhes são devastadoras, nas quais se vê sendo aniquilado e morto. Perceberá a mãe, por conseguinte, como um ser todo-poderoso que detém, em suas mãos, a sua vida e a sua morte: um ser extremamente confortador ao alimentá-lo ou um ser extremamente ameaçador ao não o alimentar, dentre outros possíveis cuidados ou descuidos. Na medida que vai crescendo, no entanto, o bebê vai adquirindo recursos psíquicos que lhe permitirão suportar, melhor, tanto os estímulos desagradáveis provenientes do ambiente à sua volta, quanto os seus temores de ser destruído, pela falta de cuidados maternos. Assim, se num momento inicial de sua tenra idade, entraria em pânico ao acreditar que a mãe, ao sair cedo de casa para ir trabalhar, nunca mais retornaria, posteriormente o mesmo não ocorrerá: agora, tendo desenvolvido uma certa - ainda que precária - noção de tempo, não entrará em pânico, por exemplo, antes de ouvir a música da novela das 19:00 hs, caso a associe ao retorno da mãe. Deixará aos poucos de se sentir tão ameaçado, deixando assim de perceber a mãe de um modo tão radicalmente

maqueísta, “ou” confortadora “ou” ameaçadora. Consequentemente, isso afetará o seu modo de perceber o próprio mundo à sua volta: deixando de perceber a mãe - primeiro ser a estruturar a forma de percepção do mundo ao seu redor - desse modo maniqueísta, também deixará de perceber, de uma forma dividida, o mundo externo e as pessoas ao seu redor, bem como a sua própria realidade interna.

Contudo, nem sempre isso acontece. Seja pelo fato de a mãe ser desorganizada e não possuir horários relativamente fixos para alimentar e cuidar do bebê, seja pelo fato de não poder cuidar dele adequadamente em função de penúrias econômicas e outros fatores mais (como problemas pessoais de diversas ordens), o medo de morrer continuará sendo intenso no bebê que, por conseguinte, tenderá a continuar percebendo a mãe e o mundo de um modo maniqueísta, dividido, cindido. Muitos, mesmo já tendo atingido a idade adulta, poderão continuar percebendo a realidade desta maneira, como se esta fosse uma laranja cortada em duas metades, devido a uma ausência de integração entre o mundo interior do sujeito (“eu”)⁷ e a realidade do mundo ao seu redor (“não-eu”)⁸. Seria esta, segundo a analista junguiana norte-americana Ann

⁷ e ⁸ Os termos “eu” e “não-eu” são do psicanalista britânico D.W. Winnicott, frequentador assíduo dos círculos junguianos de Londres. Seu modelo psicanalítico, que possui profundas afinidades com a psicologia analítica, é de grande valia para uma melhor compreensão dos processos de embruxamento. Em termos winnicottianos, poderíamos afirmar que o embruxamento corresponderia a uma dissociação entre “eu” e “não-eu”, cuja origem residiria num processo inadequado de maternagem: a mãe, não sendo *suficientemente boa*, não lograria êxito em favorecer, no bebê, a existência de *áreas transicionais* que pudessem servir de “ponte” entre o seu mundo interno e o mundo externo. Não lograria êxito em favorecer na criança, pois, o desenvolvimento vivências tendo como referência o *espaço potencial*; cuja equivalente, em termos junguianos, é a *função transcendente*, que permite ao sujeito vivenciar e ser no mundo de um modo tanto consciente quanto inconsciente, simultaneamente.

WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Ulanov, a essência do embruxamento. Que seria caracterizado em termos psíquicos, justamente, por esta dissociação, através da qual haveria um verdadeiro fosso praticamente intransponível, no sujeito, entre seu mundo interior e a realidade à sua volta, como se fossem as duas metadas separadas da laranja. Esta dissociação poderia produzir os seus efeitos, de dois modos. Num primeiro modo, o sujeito mobilizaria as suas energias psíquicas (libido) em direção à realidade externa, de uma forma exacerbada, realizando muitas atividades de modo mecânico, automático, compulsivo e repetitivo, sem que a sua consciência estivesse participando daquilo que estivesse fazendo. Como alguém que, há muitas horas diante da televisão, passasse a agir como se estivesse hipnotizado pelas imagens a desfilar diante de si, no vídeo: se lhe perguntássemos sobre o que teria assistido há alguns minutos atrás, provavelmente não se recordaria e não saberia nos responder. Já num segundo modo de dissociação, o sujeito não obteria um êxito satisfatório ao mobilizar as suas energias em direção ao mundo exterior: suas energias, pura e simplesmente, estariam se direcionando para o seu próprio mundo interno. Assim como no primeiro modo dissociatório, neste segundo modo o sujeito também veria desfilar, diante de si, muitas imagens. Contudo, ao invés de serem imagens do mundo externo, estas pertenceriam ao seu próprio mundo interior: imagens arquetípicas do inconsciente coletivo, provenientes de camadas profundas de sua própria psique. Assim, enquanto no primeiro modo de dissociação encontraríamos *work a holics* e viciados em atividades mecânicas e compulsivas de todo tipo, já no segundo modo nos depararíamos com diversos tipos de

pessoas voltadas para dentro de si⁹. O embruxamento destas últimas, que gravitariam ensimesmadas ao redor de suas próprias fantasias interiores, poderia ser mais brando ou mais severo. Nos casos mais brandos, estaríamos diante de pessoas por assim dizer "no mundo da Lua", com tendências à dispersão e ao "desligamento", em relação ao que ocorre às suas voltas. Já nos casos mais severos - isto é, nos estados psicóticos - estaríamos diante de pessoas de tal modo fascinadas ou mobilizadas pelas imagens de seu mundo interno, que os acontecimentos da realidade externa lhes estariam sendo percebidos como algo distante e vago, se é que os estariam percebendo.

Triângulo edípico e embruxamento

Vimos, até aqui, que um dos fatores potencialmente geradores de estados de embruxamento, residiria na deficiência dos cuidados maternos. Uma outra possibilidade seria, justamente, o seu oposto: o excesso. Assim, se a ausência de cuidados em relação à criança, tornaria a psique desta última propensa a ser povoada por fantasias relacionadas à sua morte, o mesmo poderia ser afirmado em relação ao excesso de cuidados maternos. A morte, neste caso, seria de outra natureza. Ou seja: se, na ausência de Eros e de cuidados

⁹ O voltar-se para o mundo interior é uma atitude narcísica. Contudo, há uma diferença significativa no modo pelo qual o narcisismo é visto pela psicanálise e pela psicologia analítica. Para esta última, há o narcisismo negativo e o narcisismo positivo (para a psicanálise, o narcisismo seria apenas negativo). Assim, enquanto o narcisismo positivo seria saudável por possibilitar, ao sujeito, um maior contato com o seu mundo interior de um modo psicologicamente enriquecedor, o mesmo não poderia ser afirmado em relação ao narcisismo negativo. É neste último que o sujeito embruxado encontra-se imerso, numa modalidade de narcisismo na qual a sua viagem ao mundo interior em nada lhe enriquece psicologicamente: pois, ocorrendo sem a participação da consciência, desta viagem ao reino do inconsciente o sujeito nada trará de volta, em termos de conteúdos que enriqueceriam o campo de sua consciência - além de deixá-lo confuso e com as energias psíquicas exauridas.

maternos, a morte que a criança teme em suas fantasias é a morte física, no excesso de Eros e de cuidados maternos, a morte temida - fantasiosamente ou não - pela criança seria a de sua consciência, que naufragaria e submergiria nos mares de uma presença materna a inundá-la de incesto. Pois para a sua consciência, seu ego e sua identidade própria se desenvolverem, a criancinha deverá, justamente, perceber a mãe como um *outro* ser, condição *sine qua non* para perceber-se como um ser único e, não mais, como uma mera extensão do corpo e da psique maternas. Em outras palavras: a criancinha deverá renunciar à mãe, dela afastando-se até um certo ponto, para que possa desenvolver a sua consciência - processo que costuma tornar-se obstaculizado por mães que "grudam" excessivamente nos filhos e favorecem o incesto, ainda que este último costume ocorrer, na esmagadora maioria dos casos, numa dimensão psicológica.

O papel do pai, assim como o da mãe, é de suma importância para o desenvolvimento psicológico da criança. A presença paterna, ao contribuir para que os únicos objetos de amor da mãe não sejam, apenas, os seus filhos, possibilita um maior distanciamento entre estes e a mãe, dificultando, pois, relações demasiadamente "grudadas" entre ambos e facilitando, pois, o afastamento necessário entre a mãe e a criança, para que esta última possa desenvolver - de modo mais satisfatório - a sua consciência. Através do pai, inclusive, a criança descobre um outro ser além da mãe, acedendo assim a novas possibilidades e a um novo chão afetivo, além daquele do solo materno. A função paterna é para o menino, conseqüentemente, muito importante: coloca freios em sua relação incestuosa com a mãe, contribuindo para que se diferencie desta com menos dificuldades, o que favorece o desenvolvimento de sua consciência. Já a ausência paterna em relação aos filhos - seja no caso de casais separados, seja no caso do pai que, apesar de viver com a mãe e os filhos sob o mesmo teto, é fraco e não consegue realizar satisfatoriamente a função paterna - costuma obstaculizar o desenvolvimento psicológico da criança. Além disso,

no menino, a ausência paterna costuma ser bastante prejudicial ao desenvolvimento de sua masculinidade: para desenvolvê-la e aprender a ser homem, ele precisará conviver com outros homens, dentre os quais o pai terá uma importância relevante. Todavia, se ficar apenas sob a influência materna, poderá constelar excessivamente a feminilidade, asfixiando a sua própria masculinidade inerente. Nesse sentido, viveria frustrado por não partir em direção ao mundo, fecundar o campo da terra, já que se encontraria, psicologicamente, preso à mãe. Não percamos de vista que, agir ativamente em direção ao mundo exterior, demandaria tanto o abandono do protegido mundo materno, quanto uma postura individual caracterizada pela capacidade de tomar iniciativas, coisa que este homem, pouco - ou, na melhor das hipóteses precariamente - teria desenvolvido: pois tomar iniciativas, agir, enfim, ir à luta para conquistar estes ou aqueles objetivos, é algo que necessita do desejo, enquanto combustível propulsor. Este homem, entretanto, não deseja ou deseja muito pouco, por sempre haver sido suprido, em suas necessidades, pela mãe - e a condição *sine qua non* para a existência do desejo é, justamente, a ausência de algo que não possuímos, do qual não nos encontramos supridos.

Contudo, o aprisionamento psicologicamente umbilical deste homem, ao mundo sedutor e protegido da mãe, poderá em muitos casos fazê-lo padecer, não apenas, de uma passividade bovina. Pois a mãe, enquanto primeiro ser e modelo a estruturar a capacidade de relacionamento na criança, costuma permanecer, mesmo em homens de idade avançada, como o seu principal modelo de relacionamento

com as pessoas, com o mundo à sua volta e consigo próprio¹⁰. Assim, seja em suas relações no trabalho, seja em suas relações de amizade ou em suas relações amorosas, este homem estará relacionando-se, geralmente, através de um modo que adquiriu junto à mãe. Estará mutilando, por conseguinte, possibilidades de relacionar-se de um modo diferente daquele que adquiriu junto à progenitora e abrindo mão, portanto, de possibilidades de renovação e enriquecimento em termos de relacionamento humano. No entanto e paradoxalmente, o próprio Patriarcado e a mentalidade coletiva masculina têm, historicamente, se esquivado da função paterna, como se os cuidados em relação à criança fossem uma prerrogativa única e exclusiva das mães. Se para estas a maternagem já é, por si só, um fardo pesado, vêem-se diante de uma tarefa hercúlea, quando da ausência paterna, quer o pai viva ou não sob o mesmo teto: ser mãe e pai ao mesmo tempo. A função paterna exercida pela mãe, todavia, deixaria a desejar, em comparação à função paterna exercida pelo pai. Pois, por ser homem e haver vivenciado a sua dimensão masculina mais que a própria mãe, a masculinidade do pai costuma ser, na maior parte dos casos, melhor elaborada, o que não costuma ocorrer com a maioria das mulheres: cuja dimensão masculina, sendo demasiadamente latente e menos vivenciada que aquela dos homens, costuma "funcionar" de um modo ainda

¹⁰ A capacidade de relacionamento do homem é possível, em termos junguianos, graças ao *arquétipo da anima*, isto é, a sua dimensão feminina interior. Quando o homem encontra-se demasiadamente preso à mãe, encontra-se preso a um *complexo materno*. Embora a anima represente, para o homem, infinitas possibilidades emocionais, afetivas, eróticas e intuitivas, nos casos de complexo materno ela estará bastante restrita aos limites estreitos das possibilidades presentes na imagem da mãe, interiorizada pelo homem. Este, conseqüentemente, veria reduzidas as suas possibilidades, não apenas em suas relações com o mundo e com as demais pessoas (já que se relacionaria através do modo que aprendeu com a mãe, tomando-a como referência) mas, inclusive, em suas relações consigo próprio, pois, segundo Jung, a anima também possui a finalidade de servir, ao homem, como uma espécie de guia em suas incursões pelo seu próprio mundo interior.

demasiadamente instintivo, ou seja, pouco flexível, dogmático e rígido. Tanto estas últimas qualidades quanto o seu extremo oposto, o excesso de Eros por parte da mãe, costumam estar representadas, simbólica e arquetipicamente, nas imagens de muitas bruxas. Quanto às personagens que, em diversas mitologias, foram vítimas do feitiço de uma bruxa, estas costumam apresentar comportamentos e fantasias muito parecidos com aqueles dos bebês e criancinhas da vida real, quando tomados por fantasias de aniquilação ou, ainda, fantasias relacionadas à morte de suas consciências ainda incipientes. É o que veremos nas páginas a seguir, tendo como referência as bruxas da mitologia açoriano-catarinense, na obra de Franklin Cascaes.

Bruxas e embruxamentos na obra de Franklin Cascaes

Franklin Joaquim Cascaes é considerado quem melhor registrou a cultura e a sociedade dos descendentes dos colonos açorianos que, no século XVIII, estabeleceram-se no litoral catarinense. Dentre os diversos aspectos e seres que retratou de seu imaginário coletivo, encontra-se a imagem mitológica da bruxa, que registrou - assim como o restante de sua obra - através de esculturas em argila, da pintura em tinta Nanquim e da coleta de inúmeros "causos" (histórias) populares, envolvendo tais seres folclórico-mitológicos das comunidades litorâneas da costa catarinense. Embora muitos destes "causos" tenham sido deformados pelas inúmeras transformações sociais e culturais que ocorreram ao longo dos três últimos séculos na Ilha de Santa Catarina, outros não o foram, razão pela qual muitas das bruxas da mitologia açoriano-catarinense possuem um valor arquetípico bastante valioso para a psicologia, em seus estudos. Desta forma, ao contrário das empobrecidas estórias "água com açúcar" sobre bruxas, produzidas pelo mercado editorial, assim como, diferentemente das bonequinhas artesanais que a indústria do turismo e o modismo pseudo-esotérico produzem, as verdadeiras bruxas catarinenses não

usam chapéus cônicos pretos na cabeça, não são dadas a incensinhos e cristaizinhos mágicos, não sorriem simpaticamente para nós e, menos ainda, vieram ao mundo para nos transmitir "bons fluidos". Longe disso, são tenebrosas: "... feia quiném os sete pecado capitáli [...], quiném noite escura [...], com o corpo coberto de escamas negras e eriçadas, as unhas dos pés feito lanças e espadas, para me valer de algumas definições de Cascaes¹¹. Que, também através de suas várias esculturas sobre as bruxas ilhoas, nos permite estabelecer, de imediato, uma relação bastante sombria entre estas e a maternidade. Numa dessas esculturas, uma bruxa, com uma expressão tão calma quanto sinistra no olhar, com os seus seios pontiagudos, as suas asas e os seus pés em forma de pata de animal, segura uma faca afiada sobre a sua comida: um bebê morto cujo corpo, de bruços e com a cabeça submersa, bóia nas águas borbulhantes de seu caldeirão¹².

Entretanto, não é apenas pela sua feiúra tétrica, que as bruxas açoriano-catarinenses parecem-se com as de outras mitologias. Assim como nestas últimas há bruxas belíssimas e com elevado poder de fascínio e sedução sobre os homens, o mesmo pode ser afirmado em relação a certas bruxas da Ilha de Santa Catarina, como aquelas do "causo" *Orquestra Selenita Bruxólica*¹³. Versadíssimas no violão, bandolim, gaita e pandeiro, elas utilizam os seus dons musicais tão encantadores, para seduzir os homens. Através de sua música irresistível tentam atraí-los ao planetóide Eros, onde pretendem dar uma festa. No entanto, uma armadilha os espera: se comparecerem à tal festa erótica e musical, perderão a sua consciência. É o que poderemos concluir, se interpretarmos

¹¹ CASCAES, Franklin Joaquim. *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, UFSC, 1983. p. 29. Vol. I.

¹² Esta imagem de Franklin Cascaes encontra-se no Museu Universitário da UFSC e representa a bruxa Cobuche, da obra *Conjunto Sabá Bruxólico*. Escultura em argila crua, pintada, 1978.

¹³ CASCAES, Franklin Joaquim. *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, UFSC, 1983. Vol. I, p. 29.

alguns dados de realidade presentes neste "causo", a partir de seus significados simbólicos: Marte, um dos símbolos mais significativos da masculinidade, recusa-se a comparecer à tal festa. Até mesmo o Sol, mais poderoso que qualquer planeta e símbolo por excelência da consciência em muitas mitologias, também não aceita o convite. A única a confirmar - e o faz entusiasticamente - a sua presença, é a Lua: que em muitas mitologias, além de ser associada à maternidade, possui também o significado de predominância dos impulsos instintivos sobre a razão, representando a confusão mental e também a loucura.

Todavia, bruxas tão sensuais e femininas como as de *Orquestra Selenita Bruxólica*, são exceções entre as suas semelhantes e, não, a regra: de um modo geral, as bruxas catarinenses não primam pela feminilidade. São masculinizadas em seus corpos pela predominância dos traços pontiagudos, retos e cortantes, sobre os traços redondos. São masculinizadas em suas próprias almas bruxólicas, já que parte substancial de suas ações maléficas, ao invés de emanar de profundos e misteriosos poderes femininos inacessíveis aos homens, emana justamente de um ser masculino, o *Anjo Lucifêli*, ao qual servem com grande obediência e devoção. Segundo Cascaes, "*O Demônio [...] é o vigor mental e o gênio tutelar dos mundos do irreal e portanto, só a ele, e a mais ninguém, elas devem obediência original no desempenho de suas tarefas sombrias e malignas*"¹⁴. Ou seja: são bruxas e possuem muitos poderes femininos misteriosos aos homens, sim. Mas são, ao mesmo tempo, bruxas vivendo nas sombras de um contexto social patriarcal de constituição de subjetividades, fator que seria, provavelmente, responsável por algumas peculiaridades marcantes em seu modo bruxólico de ser. As bruxas catarinenses apresentam, pois, uma duplicidade em seu comportamento. Por um lado, fazem tudo o que as bruxas de outras mitologias costumam fazer: chupam

¹⁴ _____, *As Bruxas da Ilha*. Florianópolis, Arquivos Biblioteca UFSC, Seção de Folclore.

o sangue de crianças pequenas e de bebês, muitas vezes até a sua morte. Suas vítimas de qualquer idade podem, em estado de *empresamento bruxólico* (uma das formas pelas quais Cascaes definia o estar sob efeito de embruxamentos), ficar loucas, debilitadas fisicamente, apresentar inúmeras manchas roxas pelo corpo, adoecer até morrer. Essas bruxas, além disso, possuem também poderes para metamorfosearem seus corpos, parcial ou totalmente, em corpos de animais e, até mesmo, em utensílios domésticos. Conseguem atravessar as portas das casas, através de frestas e buracos de fechaduras. Voam pelos ares montadas em cavalos alados, possuem um apetite sexual extraordinário. Por outro lado, possuem uma estrutura hierárquica idêntica à estrutura de poder das sociedades patriarcais, competindo com a própria ordem patriarcal instituída, ao desempenharem papéis que, nas comunidades da Ilha de Santa Catarina, eram tradicionalmente destinados aos homens.

O contato com a parte da obra de Franklin Cascaes referente às bruxas, permite-nos concluir que, nas comunidades da Ilha de Santa Catarina tal como ele as retratou, a maior parte dos casos de embruxamento se originaria a partir de dois fatores primordiais: o excesso ou a ausência de Eros na relação mãe-criança, de um lado, e uma acentuada ausência paterna em função das atividades pesqueiras, de outro. Como vimos, a função paterna é fundamental para a estruturação psíquica da criança, ao lhe possibilitar pisar num outro chão, além do solo materno. Ora: tanto na vida real dos habitantes do interior da Ilha de Santa Catarina, quanto nos "causos" de Franklin Cascaes, os homens costumavam permanecer semanas inteiras ausentes de seus lares e comunidades, pescando em alto-mar ou em outras localidades litorâneas. Tornando precário, pois, o exercício de sua função paterna e intensificando os efeitos negativos, de relações mãe-criança caracterizadas por uma deficiência ou excesso de Eros. Na relação mãe-criança o excesso de Eros se caracterizaria, como vimos, numa relação bastante "grudada" entre ambas: relação que, como também já vimos,

representaria um enorme obstáculo para a criança, no sentido de vir a desenvolver, satisfatoriamente, a sua própria consciência, o seu próprio ego e a sua própria identidade, deixando de ser, assim, uma mera extensão da psique materna. O excesso de Eros por parte da mãe, na obra de Franklin Cascaes, encontra-se presente diversos "causos", além do aqui já mencionado *Orquestra Selenita Bruxólica*. "causos" nos quais as bruxas, por andarem nuas, nos são descritas de um modo significativamente erotizado. Ora. As imagens dessas bruxas tão erotizadas representam, também, a imagem da mãe; sua erotização, pelo imaginário coletivo local, sugeriria, pois, a existência de fantasias incestuosas em relação às mães: dado de realidade a indicar, por sua vez, a existência de embruxamentos por excesso de Eros, na relação mãe-criança.

Como afirmei anteriormente, apesar de muitas das bruxas da obra de Franklin Cascaes serem portadoras de uma sensualidade remarcável, isto não seria a regra e sim a exceção, já que as bruxas masculinizadas predominam. Nesse sentido, do ponto de vista das possíveis causas dos processos de embruxamento, a masculinidade grotesca das bruxas da mitologia açoriano-catarinense desempenharia um papel relevante. Antes de expor minhas análises nesta direção, contudo, consideraria pertinente esclarecer o que seriam o masculino e o feminino, pela abordagem teórica utilizada neste artigo. Nesse sentido, as definições da psicologia analítica seriam bastante precisas: o feminino seria regido pelo princípio de Eros, relacionando-se pois aos sentimentos, às emoções, à sexualidade, aos desejos, à capacidade de comunicação e relacionamento humano, bem como à capacidade de fusão e indiferenciação dos elementos. Comportaria, também, a intuição. O masculino seria regido pelo princípio de Logos, relacionando-se portanto à racionalidade, à objetividade, à capacidade de separação e discriminação dos elementos. Implicaria, também, em capacidade de agir ativa e extrovertidamente sobre o ambiente. Embora estas definições possam nos parecer tão deterministas quanto conservadoras, não podemos perder de vista um dado fundamental:

se a psicologia analítica pontua claramente sobre o que seriam o masculino e o feminino, ao mesmo tempo não os considera um monopólio exclusivo do homem ou da mulher. Mais que isso, sustenta que cada um dos dois sexos vivencie e aprimore, em si, tanto o masculino quanto o feminino: que a mulher, ao invés de permanecer mutilada às limitações das relações de gênero tal como prescritas pelo Patriarcado, justamente vivencie, além de sua dimensão feminina, também a sua dimensão masculina. E que o homem, também o faça. Pois pela ótica junguiana a mulher, sem a sua dimensão masculina, não saberia agir objetivamente, pensar racionalmente, ir à luta quando fosse necessário. Ao passo que o homem, privado de sua dimensão feminina, seria incapaz de emocionar-se, desejar sexualmente, entrar em contato com os seus sentimentos, relacionar-se com outras pessoas.

Todavia, a possibilidade de o homem vivenciar, mais plenamente, a sua dimensão feminina, é algo fora de cogitação no contexto patriarcal açoriano-catarinense estudado por Cascaes, na medida em que este exerceria uma forte pressão para que os homens fossem, por assim dizer, "apenas masculinos" e as mulheres, "apenas femininas". Em termos junguianos, as consequências desta unilateralidade patriarcal são vistas como bastante sérias, pois, manter qualquer aspecto nosso (no caso, nossa dimensão masculina ou feminina) confinado nos porões de nossas psiques, não o incorporando portanto às nossas vivências pessoais, seria degenerá-lo e torná-lo potencialmente destrutivo. Isto porque não vivenciá-lo implicaria, também, em não elaborá-lo à luz de nossas consciências, em não humanizá-lo e socializá-lo, em nossas relações com as demais pessoas. Conseqüentemente, manter qualquer aspecto nosso, aprisionado nos porões de nossos inconscientes, significa mantê-lo sempre, também, restrito às suas características instintivas, em estado bruto. Em suma: se a masculinidade das bruxas açoriano-catarinenses, além de grotesca e ameaçadora, também dá mostras de ser mais masculina que aquela dos próprios homens, isso poderia ser interpretado como uma masculinidade que, cultural e

socialmente impedida de ser vivida abertamente, permaneceu em seu estado bruto, instintivo; e, por isso mesmo, potencialmente destrutivo. Jung denominou a feminilidade do homem de *anima* e a masculinidade da mulher, de *animus*. Quando o animus e a anima encontram-se em estado primitivo e portanto destrutivo, recebem, respectivamente, a denominação *anima negativa* e *animus negativo*, acerca dos quais E. Whitmont escreveu:

"O animus é o corolário da anima do homem e representa a 'masculinidade recessiva' ou aspecto Yang da mulher, seu ímpeto de ação, sua capacidade de julgamento e discriminação. Quando essas funções não são suficientemente conscientes, a mulher julga as pessoas, as coisas e as circunstâncias - mas especialmente os homens - pela autoridade da imagem inconsciente e pelo padrão emocional esperado ligado àquela imagem, e não por suas qualidades. Assim como o homem dominado pela anima é melancólico, inseguro e retraído, a mulher conduzida pelo animus é governada por preconceitos, noções e expectativas preconcebidas e é dogmática, argumentadora e hipergeneralizadora (...).

Em suas formas mais demolidoras, o animus opera como um impulso de poder inconsciente, como um demônio de opiniões disfarçado de sentimento cálido e feminilidade indefesa: o lobo em pele de cordeiro, a garra de aço de julgamento coletivo e de egotismo implacável na luva de veludo do suave comportamento feminino. Como todo complexo disruptivo, ele se exprime em identidade, compulsividade, primitividade, projeção, inflação e, sob esta

forma, como um ímpeto de separação inconsciente, primitivo e portanto cegamente destrutivo, interfere com a possibilidade de relacionamento, de amor e de compreensão"¹⁵.

Retornando às bruxas masculinizadas da obra de Franklin Cascaes, sua masculinidade grotesca e ameaçadora equivaleria, em termos junguianos, ao *animus demolidor*. Seria importante esclarecer que, se o animus é importante para que a mãe imponha limites à criança - evitando, assim, uma relação "grudada" e incestuosa -, o animus demolidor, por seu turno, seria um fator a contribuir, imensamente, para uma estruturação psicológica precária na criança. Poderíamos aliás concluir, pela leitura da citação de E. Whitmont: mães com um animus demolidor acentuado tenderiam a não respeitar as necessidades de seus filhos, quer se trate de necessidades tais como a alimentação e os cuidados higiênicos, quer se trate de necessidades como o afeto, a ternura, a atenção, a compreensão. O animus demolidor engendraria e potencializaria na psique da criança, portanto, fortes fantasias de abandono, rejeição, destruição e morte: engendraria, portanto, estados de embruxamento.

Embruxamento e masculinidade

O estado de embruxamento, como vimos, se caracterizaria por uma afecção que seria a antítese da capacidade de realização de nossas possibilidades psíquicas e físicas, quer sejamos homens, quer sejamos mulheres. No que diz respeito especificamente aos homens e tendo, como referência norteadora, as atribuições de gênero tal como (ainda) encontram-se definidas pelo Patriarcado, o embruxamento seria a ruína, por excelência, da masculinidade. O Patriarcado estabelece que o homem deve possuir um pensamento

¹⁵WHITMONT, Edward. A busca do símbolo. São Paulo: Cultrix, 1990. p. 186.

pautado pelas idéias claras e distintas, ser racional, disciplinado, auto-controlado, possuidor de uma vontade elevadamente desenvolvida, ativo, extrovertido, atento e dominador em relação à mulher. O embruxamento, por seu turno, subverte e inverte, ao avesso, todas essas virtudes patriarcais: vítima de um *empresamento bruxólico*, o homem torna-se mentalmente confuso, possuído pelos seus instintos, disperso, apático, passivo e ensimesmado, "desligado" do que ocorre à sua volta e, valendo-me de uma expressão de Jung, "um trapinho mole de pano, nas mãos da esposa".

Um fato sempre chamou-me a atenção, em relação às comunidades do interior da Ilha de Santa Catarina: a imagem da bruxa é um assunto tabu. Embora, atualmente, muitos aceitem conversar sobre bruxas, outros tantos continuam recusando-se, temendo "atraí-las". Um recusar que, há não muito tempo atrás, era coletivamente unânime. Ora: se nos pensamentos e fantasias infantis nada haveria de anormal, até uma certa idade, na presença da imagem da bruxa, o mesmo já não poderia ser afirmado em relação a pessoas que, há muitos anos, deixaram a infância para trás. Em outras palavras: se a imagem da bruxa, no interior da Ilha de Santa Catarina, continua a inspirar temor mesmo em adultos e pessoas idosas, devemos considerar, e considerar sériamente, a hipótese de estarmos diante de comunidades inteiras de pessoas embruxadas, o que apontaria para a existência de um razoável complexo materno negativo, atuando numa dimensão coletiva. Com um atenuante: em tais histórias populares a bruxa nunca está só, pois, assim que surge, imediatamente uma benzedeira é convocada para combatê-la. Em termos psicológicos, a imagem da benzedeira equivaleria a aspectos saudáveis do arquétipo materno e corresponderia aos recursos saudáveis do sujeito, que lhe permitiriam vencer a bruxa ou, melhor dizendo, determinados distúrbios ocasionados pelo seu

próprio *complexo materno negativo*¹⁶. Mas tal como a bruxa, a benzedeira também nos remete à mãe: sua função curadora dos males provocados pelas bruxas é, antes de tudo, uma função materna, na medida em que o que a benzedeira faz é, essencialmente, cuidar do Outro. Levando tudo isso em consideração, sugeriria aqui uma segunda hipótese, a ser melhor verificada, de que as comunidades do interior da Ilha de Santa Catarina, retratadas por Cascaes, seriam estruturadas psíquica e coletivamente pelo arquétipo da Grande Mãe, mais intensamente do que vínhamos supondo até aqui. Dado de realidade que, se comprovado, implicaria na constatação segundo a qual arquétipo do pai não teria aí uma presença coletivamente estruturante, tão intensa como vínhamos supondo, apesar das aparências em contrário.

Para a Psicologia Analítica, a definição do que seria patriarcal ou matriarcal, nem sempre coincide com as definições de outras áreas das Ciências Humanas. Em termos junguianos, o fato de que na estrutura formal de poder de uma determinada coletividade, os postos hierárquicos melhor posicionados estejam sendo preenchidos apenas por homens, possui pouco ou nenhum valor, para considerar esta comunidade patriarcal: o que realmente importaria, para ser considerada efetivamente patriarcal, seria o fato de estar sendo subjetivada coletivamente, ou não, pelo arquétipo do Pai, mais que pelo da Grande Mãe. Assim, em relação à nossa Ilha de imaginário tão povoado por bruxas, santas e benzedeiras - todas elas pertencentes à esfera do arquétipo materno, convém frisar novamente -, algumas indagações tornam-se inevitáveis. Sua cultura, apesar de suas aparências, seria tão patriarcal quanto vínhamos supondo até então? Até que ponto o seria, de fato? Pois

¹⁶ Um complexo é um campo de forças que possui, em seu núcleo, um arquétipo. Ao redor deste arquétipo, gravitam energias (libido) cujos conteúdos relacionam-se àquele de seu núcleo arquetípico. O arquétipo materno, nesse sentido, seria um campo de forças e conteúdos que, na psique do sujeito, diriam respeito às suas vivências com a mãe.

não é apenas o temor coletivo às bruxas, que sugere uma influência maior que a concebida até, então, do arquétipo da Grande Mãe, enquanto padrão coletivo de estruturação de subjetividades. É também o seu ritual mais significativo, considerado mais importante que o natal ou o carnaval: a *farra do boi*. Ora: segundo O. Serra, este ritual açoriano-catarinense teria as suas origens em rituais envolvendo o sacrifício de touros e bois em culturas matriarcais da Antigüidade no Mediterrâneo¹⁷, acerca das quais E. Neumann escreveu:

"No centro do grande culto de fecundidade de Creta está o touro, o instrumento masculino e a vítima da fecundidade [...]. Esse touro simboliza o deus jovem, o filho-amante da Grande-Mãe (...).

... o touro, que mais tarde serviu de substituto a Dioniso, era sacrificado [...]. Mais tarde, o sacrifício, a castração e o desmembramento já não eram realizados numa vítima humana, mas num animal [...]. Posteriormente, a decapitação do touro substituiu o sacrifício do falo e, do mesmo modo, os seus chifres se tornaram símbolos fálicos (...).

É amplamente fundamentada a nossa interpretação de que, também em Creta, o ritual da fertilidade era realizado, em sua versão original, entre a Grande-Mãe e o seu filho amante, culminando no sacrifício deste, o que

¹⁷SERRA, Ordep. "O Boi no Mediterrâneo: Reflexões Sobre Simbolismo e Ritual". In: *Comunicação à XVII a. Reunião da Sociedade Brasileira de Antropologia*. Florianópolis, UFSC, reprografia, 1990.

mais tarde foi substituído pelo sacrifício de um touro" (negritos meus)¹⁸.

Caso, futuramente, venha a ser comprovado que a cultura ilhoa seria, efetivamente, uma cultura com uma influência do arquétipo da Grande Mãe, maior do que supúnhamos até então, como a sua masculinidade poderia estar sendo, coletivamente, subjetivada? Não pretendo, com esta afirmação, dar a entender que esta masculinidade seria pior, nem melhor, que aquela de um contexto social francamente patriarcal, estruturado psiquicamente a partir de uma presença mais intensa do arquétipo do Pai, que pelo arquétipo da Grande Mãe. Mas, sim, que estaríamos diante de uma masculinidade com algumas diferenças, em relação àquela tão idealizada pelo Patriarcado. Estaríamos diante de um modo masculino de ser mais próximo, provavelmente, aos sentimentos, à espontaneidade, à criatividade, aos afetos. Esta masculinidade, contudo, apresentaria certas diluições, principalmente no tocante à racionalidade e a aspectos mais guerreiros do arquétipo do Pai. Também tenderia a subjetivar uma proporção maior de homens voltados para dentro de si, do que homens francamente expansivos e firmemente extrovertidos, dentre outros aspectos.

Antes de encerrar este artigo, gostaria de frisar que cada momento histórico possui tanto as suas grandezas quanto as suas misérias. Nesse sentido o Patriarcado ocidental, nos últimos quinhentos anos, possibilitou um modo racional de ser, mais aprimorado que em qualquer outro período da História. Promoveu também um retrocesso em outros aspectos, notadamente a coerção imensa, imposta sobre o feminino. Mas o Patriarcado, com a sua racionalidade sufocante e os seus limites patologicamente rígidos, agoniza e expele os seus últimos suspiros, neste final de século e início de milênio. Entretanto, a sua mera substituição por um novo

¹⁸NEUMANN, Erich. *História da origem da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 71-72.

modelo, iria nos livrar dos demônios que nos afligem interiormente? Não percamos de vista, nesse sentido, que cada momento histórico tende a favorecer a existência de diferentes afecções psíquicas, em decorrência direta dos valores, do modo de organização social, do modelo de família e do modo coletivo de constituição de subjetividades, que estiver privilegiando. E, do mesmo modo que o Patriarcado produzia milhões de histéricas e neuróticos obsessivos, novas formas de sofrimentos e misérias psíquicas parecem estar sendo geradas, agora, nestes atuais tempos pós-patriarcais. Assim, seja pelo enfraquecimento da função paterna no interior das famílias, seja pela pura e simples omissão masculina em relação aos filhos, seja pelos filhos gestados a partir da chamada "produção independente" (consciente ou acidental), muitos dos jovens adultos de nossos dias, principalmente os nascidos a partir de meados da década de 70, dão mostras significativas de encontrarem-se "embruxados"¹⁹. Vemos hoje: multidões de *work a holics* que, sob a égide do neo-liberalismo com seus "ISO" (9.000, 11.000, 14.000) e uma suposta "qualidade total no trabalho", labutam dissociada e

¹⁹ A criança necessitaria, para um desenvolvimento psíquico adequado, de uma figura materna e feminina e de uma figura paterna e masculina, condições que poderiam ser preenchidas quer o pai more sob o mesmo teto com os filhos, ou não: segundo Vizzotto (1995), em casais separados em que o homem não mais resida no mesmo lar mas mantenha um contato significativo com os filhos, estes tenderiam a se desenvolver de modo mais saudável, que aqueles crescidos em famílias nas quais o pai encontra-se fisicamente presente e morando sob o mesmo teto, porém ausente em termos psicológicos. Ao afirmar, aqui, que muitos dos que nasceram a partir de meados da década de 70, estariam atualmente "embruxados", o fiz levando-se em consideração não apenas o fato de tais pessoas haverem sido criadas muitas vezes quase que apenas por suas mães, mas, também, a tradicional omissão masculina em relação aos próprios filhos: omissão que se já era grande durante a gestação e criação dos filhos após o nascimento, tornou-se ainda maior, após o aumento significativo do número de separações conjugais.

VIZZOTTO, Marília. Sobre a importância da figura paterna no início do desenvolvimento. In: *Cadernos de Pesquisa NEP*. Ano I, n. 1 e 2, Campinas: UNICAMP, 1992.

compulsivamente, sob a tirania de exigências de perfeccionismo absoluto, no trabalho²⁰. Multidões de viciados em computador, para os quais a *internet* representa o mesmo que a cocaína, para o cocainômano, além dos quimicamente dependentes de drogas bem piores. Se, durante o Patriarcado, sofria-se pelo excesso de limites e normas sufocantes, atualmente sofre-se, ao que parece, justamente pela sua quase absoluta desregulamentação e liberação ampla dos desejos, tanto os geradores de vida quanto os disseminadores de destruição e morte. Nunca, as crianças dispuseram de tanta liberdade para fazer o que bem quisessem, em suas casas. Nunca, nas grandes cidades do mundo inteiro, tantos adolescentes assassinaram tantos outros, por meras futilidades. Nunca a exclusão social e a concentração de riquezas foi tão acentuada, nunca o outro foi tão desrespeitado. Em outras palavras: faltam-nos leis e limites, tornados ausentes após a derrocada do Patriarcado. Falta-nos, em suma, uma função paterna eficiente, que, através de suas restrições

²⁰ A cada modo coletivamente vigente de estruturação psíquica, na família, parecem corresponder respectivos modos, socialmente consagrados, de execução de tarefas no trabalho. Durante o Patriarcado urbano, burguês e ocidental, a dissociada estruturação psíquica proporcionada, coletivamente, pelo arquétipo do pai (que age no sentido de diferenciar, discriminar, separar) e suas dicotomias, teria sido responsável pela consagração da Organização Científica do Trabalho e do taylorismo, com seus modos fragmentados e super-especializados de execução de tarefas. Da mesma maneira, nestes tempos pós-patriarcais e em situações em que a ausência paterna (ou a diluição de sua importância no interior das famílias) ocorre juntamente com uma maior presença materna, as estruturações psíquicas "embruxadas" não estariam gerando, apenas, muitos filhos abúlicos ou imersos em seu narcisismo. Mas gerando também, em muitos outros, estruturações psíquicas caracterizadas por uma compulsão acentuada. Esta última, no campo das atividades profissionais, não seria mais aquela compulsão presente na labuta taylorista e patriarcal, acompanhada monotonamente pela repetição. Mas uma compulsão voraz pelo trabalho, cujo apelo irresistível seria semelhante ao fascínio exercido pelas drogas pesadas, nos *fissurados* em crise de abstinência. Favorecendo, pois, a sujeição do funcionário a ideologias fundadas sobre a "qualidade total", com as suas exigências patológicas de perfeccionismo absoluto.

ao caráter de “vale tudo” dos desejos infantis, estaria oferecendo, às crianças, não apenas uma estruturação psíquica mais adequada, ao afastá-las de relações incestuosas ou simbióticas com a mãe. Já que as leis da função paterna seriam o protótipo inicial, numa dimensão familiar, que permitiria ao futuro adulto, em sua futura existência coletiva, cumprir com outras leis: aquelas do contrato social, única garantia para a diminuição do narcisismo egocêntrico que hoje reina, soberano, nas grandes cidades de nosso mundo globalizado. Entretanto, o que significaria ser homem e ser pai nos dias de hoje?

Sejam quais forem os modos e formas que a paternidade e a masculinidade venham a assumir, nas próximas páginas da História, necessitamos, neste momento, reformulá-las e resignificá-las: seja retirando o que possuíam de destrutivo durante o Patriarcado, seja pela descoberta e inclusão de novos modos e novos papéis no ser homem e ser pai, caso desejemos uma vida pessoal e social mais saudável. E valorizá-las. Valorização da masculinidade e da paternidade que teria de se iniciar, evidentemente, pelos próprios homens, que, ao se eximirem de suas responsabilidades na criação dos filhos desde a gestação, desqualificam o seu próprio sexo: não bastassem os bancos de sêmem, a chamada “produção independente” e o acúmulo de funções exercidas por parcela considerável da população feminina (como principais provedoras econômicas da casa e como responsáveis únicas e exclusivas pela criação dos filhos), a omissão masculina em relação aos filhos, além de prejudicial a estes últimos, contribui para ampliar, ainda mais, uma noção cada vez mais difundida atualmente, segundo a qual os homens seriam “seres sem a menor utilidade”. Por outro lado, a valorização da masculinidade e da função paterna poderá ser obstaculizada caso se alastre, entre nós, o histrionismo moralista do “politicamente correto”, que muito possui em comum com a moral patriarcal tradicional: enquanto esta última promoveu uma asfixia intensa da feminilidade nas próprias mulheres, o “politicamente correto” parece agir no sentido diametralmente inverso ao promover, muitas vezes, a desvalorização da masculinidade, nos

próprios homens. Portanto, que a nova ordem que virá, após o atual momento de transição pelo qual atravessamos coletivamente, possua um caráter efetivamente libertador e, não, a mera substituição de uma forma de opressão, por uma outra. Que não seja, por conseguinte, nem masculina nem feminina, nem patriarcal e nem matriarcal. Uma ordem na qual possamos, homens e mulheres, viver mais plenamente tanto as nossas masculinidades e feminilidades, quanto os nossos lados femininos e lados masculinos. Uma ordem - na medida do possível - sem bruxas, nem barbas azuis.

DISCURSO, GÊNERO E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE SENTENÇAS JURÍDICAS EM CASOS DE ESTUPRO

Débora de Carvalho Figueiredo¹

RESUMO

Baseando-se nas idéias de Foucault, Norman Fairclough argumenta que "o discurso constitui a sociedade" (1992, p. 64 - minha tradução). Para Fairclough, o discurso não só reflete e representa a sociedade, mas também cria sentidos, constrói e constitui a sociedade. O presente trabalho apresenta uma discussão teórica de como um tipo específico de discurso oficial, o discurso do sistema jurídico criminal em casos de estupro, ajuda a moldar as identidades e as representações de gênero dos três principais participantes de um julgamento de estupro: o juiz (geralmente um homem), o réu e a reclamante. Para tanto, o discurso jurídico criminal é analisado sob uma perspectiva multidisciplinar: neste trabalho são utilizados conceitos e construtos não somente da área de análise crítica do discurso, mas também das áreas de teorias de gênero e teorias jurídicas.

UNITERMOS

Identidade; Gênero; Discurso jurídico.

ABSTRACT

Following the ideas of Foucault, Norman Fairclough argues that "discourse is socially constitutive" (1992, p. 64). For Fairclough, as

¹ Doutoranda do Departamento de Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente - Universidade Federal de Santa Catarina.

for other critical linguists, discourse not only reflects and represents society, it also signifies, constructs and constitutes society. In this paper, I will present a theoretical discussion on how a specific kind of official discourse, the discourse of the English criminal justice system, represents the three main participants of a rape trial: the judge (usually a man), the defendant (a man) and the complainant (a woman), and through these representations help to shape their identities. To do that, I will look at the discourse of the criminal justice system from an interdisciplinary perspective: I will deal with concepts and constructs not only from critical discourse analysis, but also from gender theories and legal theories.

KEYWORDS

Identity; Gender; Legal discourse

1 - Introdução

Baseando-se nas idéias de Foucault, o linguista inglês Norman Fairclough argumenta que "o discurso constitui a sociedade" (1992, p. 64 - minha tradução). Para Fairclough, o discurso não só reflete e representa a sociedade, mas também cria sentidos, constrói e constitui a sociedade. Podemos ver um dos efeitos construtivos do discurso na criação e modificação de identidades sociais. O discurso ajuda a construir tanto identidades sociais (ou posições subjetivas) quanto relações sociais. Segundo Fairclough, entretanto, o discurso não só constrói identidades, mas também contribui para processos de mudança cultural, nos quais as identidades sociais são rearticuladas, reconstruídas e redefinidas. Neste trabalho, eu apresento uma discussão teórica de como um tipo discursivo específico, o discurso de sentenças de apelação em casos de estupro, representa os três principais participantes de um julgamento de estupro: o juiz (geralmente um homem); o réu; e a reclamante, e através destas representações ajuda a moldar identidades sociais.

Para tanto, eu analiso o discurso de sentenças em casos de violência sexual contra a mulher² de uma perspectiva interdisciplinar, me utilizando de conceitos e construtos das áreas de análise crítica dos discurso (CDA), teorias de gênero e estudos jurídicos feministas.

Nossas experiências sociais diversas e nossas posições históricas e culturais exercem uma grande influência sobre o que somos, o que pensamos e como nos comportamos. Por isso muitas áreas das ciências sociais estão utilizando a noção da "construção social de sujeitos". Gunther Kress (1989) argumenta que o termo 'sujeito', originário da psicanálise, aliado à metáfora da 'construção', é uma expressão valiosa para a discussão da criação social de sujeitos linguísticos. Além de olhar os indivíduos a partir de uma perspectiva social, a noção do 'sujeito construído' envolve a presença de relações de poder na sociedade, e consequentemente no discurso (Kress *ibid*).

Para contextualizar meus comentários sobre o papel do discurso do sistema jurídico criminal na construção de identidades, começarei este trabalho com uma seção sobre discurso jurídico, suas características e seus laços com o poder. A seguir, discutirei em maiores detalhes as posições subjetivas dos juizes, réus e reclamantes num julgamento de estupro.

2 - Discurso legal: poder e controle através da linguagem

Os linguistas críticos acreditam que as práticas sociais e as práticas discursivas se apoiam mutuamente, i.e., a linguagem é tanto a base quanto o recipiente de processos discursivos, sociais e ideológicos mais amplos. Devido a esta interdependência entre discurso e sociedade, as instituições sociais dependem

² O embasamento teórico e os casos usados aqui como ilustração provêm do sistema jurídico inglês; portanto, várias considerações feitas neste trabalho podem não se aplicar exatamente ao sistema jurídico brasileiro, por se tratar de realidades jurídicas, culturais e sociais distintas.

profundamente da linguagem. A linguagem ocupa um papel particularmente importante no âmbito jurídico, uma vez que a maior parte dos eventos legais (entrevistas entre advogados/as e clientes, a confecção de textos jurídicos e leis escritas, audiências, julgamentos, etc) são basicamente linguísticos.

Como a linguagem é instrumental para o controle e a regulamentação do comportamento humano, podemos traçar um paralelo entre a linguagem e o poder. Poder, no contexto da análise crítica do discurso (CDA), é entendido como "a habilidade de certas pessoas e instituições em controlar o comportamento e as vidas de outras. É óbvio que trata-se de um conceito transitivo, envolvendo uma relação assimétrica: X é mais poderoso que/ tem mais poder sobre Y" (Fowler 1985, p. 61 - minha tradução).

Uma das premissas básicas da CDA é que as práticas linguísticas refletem e constroem noções ideológicas. O termo 'ideologia' aqui refere-se "às noções do senso comum que ajudam a legitimar as relações sociais vigentes e as diferenças de poder" (Wallace 1992, p. 61 - minha tradução). O uso contínuo, na fala e na escrita, de um tipo discursivo carregado de juízos de valor, como é o caso do discurso do sistema jurídico criminal, constrói e reconstrói as crenças e valores da instituição jurídica, e ajuda a manter os papéis e o status de seus membros. Além disso, o acesso e o controle sobre o discurso também ajudam a determinar que sujeitos sociais (e.g. juiz ou réu) detêm mais ou menos poder (van Dijk, 1996).

O discurso legal poder ser definido como um discurso de poder, tanto como um exemplo de discurso público oficial, quanto no que diz respeito à alocação do direito a fala entre seus participantes. Em vista disso, é importante considerar como, e de onde, o discurso jurídico adquire seu poder. Um discurso adquire poder através da naturalização de certos valores, crenças e ideologias, processo este que se dá principalmente através de práticas linguísticas: é a linguagem (tanto escrita quanto falada) que constrói versões da

realidade e de relações sociais de forma que estas versões pareçam naturais, únicas, inquestionáveis.

Em suma, as relações de poder, sejam elas explícitas ou simbólicas, formam a espinha dorsal da maioria dos processos legais, especialmente aqueles que têm lugar diante de um/a juiz/a. De modo geral, aqueles que detêm, como resultado de seu papel institucional, mais acesso à linguagem da lei, e mais direito de falar e controlar o discurso e os tópicos discutidos num tribunal, têm consequentemente mais poder. O poder legal, portanto, implica poder linguístico, i.e., familiaridade, acesso e controle sobre o discurso jurídico.

Peter Goodrich (1987) argumenta que a lei enquanto discurso é caracterizada por dois processos simultâneos: uma apropriação e valorização de certos significados e ideologias legais (*modos de inclusão*), e uma rejeição de significados ou ideologias alternativas e ameaçadoras (*modos de exclusão*). A interface entre modos de inclusão e de exclusão resulta numa univocalidade do discurso jurídico, isto é, o discurso da lei pertence a um grupo ou classe em particular, o grupo dos militantes do direito, e expressa relações de poder sobre indivíduos e sobre significados.

O discurso jurídico, talvez mais do que outras formas de saber, está profundamente ligado ao conceito de 'verdade'. Os militantes do direito (especialmente juízes/as), na tradição positivista, são não apenas indivíduos 'cultos' e 'educados', mas também indivíduos que representam e praticam uma disciplina racional, objetiva e neutra: o direito. Suas palavras, tanto 'sábias' quanto quase sagradas, carregam uma quantidade considerável de poder.

A linguagem desempenha um papel chave na manutenção da unidade do sistema legal. Para Goodrich (1987), esta unidade apoia-se em certas características do discurso jurídico, tais como: as restrições educacionais e hierárquicas com relação à quem tem acesso à linguagem da lei e a quem pode ser definido como um 'falante' desta linguagem; e a valorização de certos tipos de

cenários, textos, vocabulários e estruturas sintáticas como mais apropriadas para a comunicação jurídica do que outras.

As práticas legais, os militantes do direito, e o discurso legal representam e ajudam a manter em vigor certos padrões de desigualdades sociais, econômicas e de gênero. Nas palavras de R.M. Unger, as regulamentações legais "designam papéis fixos para as pessoas de acordo com a posição que as mesmas ocupam dentro de um conjunto predeterminado de contrastes sociais e de gênero" (em Goodrich 1987, p. 113). A próxima seção deste trabalho discutirá os papéis institucionais e sociais fixos que são atribuídos aos principais participantes de um julgamento de estupro: o/a juiz/a; o réu; e a reclamante.

3 - Identidades discursivas

3.1 - Juízes/as

De modo a podermos agir dentro de um campo institucional, é preciso que sejamos sujeitos definidos em grande parte pelas ideologias, regras e fronteiras da instituição na qual atuamos. Estas restrições institucionais influenciam não somente nossa identidade, mas também a forma como interagimos conosco, com nossos colegas e com aqueles que não pertencem à nossa instituição.

No contexto judicial, a formação acadêmica é talvez o primeiro passo no processo de aquisição de uma identidade institucional. E as identidades dos militantes do direito tendem a apresentar um certo grau de homogeneidade. Se considerarmos as restrições (sociais, financeiras, educacionais) e a forma competitiva de ingresso em uma faculdade de direito, podemos começar a visualizar uma certa uniformidade entre os futuros profissionais da área. E o ingresso na universidade é apenas um estágio preliminar num longo processo.

Na Inglaterra, por exemplo, os/as juízes/as são selecionados dentre os advogados de corte ('barristers') que tenham entre 15 e 20 anos de prática. Os/as juízes/as que presidem os tribunais de

apelação são indicados pelo Lord Chancellor, que é um dos membros do gabinete do primeiro-ministro. Uma vez que estes/as juízes/as são escolhidos por um membro do governo, depois de consultas com o primeiro-ministro, podemos nos perguntar até que ponto uma vida política ativa e um envolvimento com o governo do momento pode influenciar a indicação e as decisões de um/a juiz/a inglês/a da Corte de Apelação.

Também é interessante analisar o 'background' social e acadêmico dos/as juízes/as ingleses/as. Pesquisas cobrindo o período entre 1880 e 1970 indicam que a maior parte dos membros seniores do judiciário inglês pertence às classes média e alta, e foi educada em escolas particulares, Oxford e Cambridge. Com relação à idade, os/as juízes/as ingleses/as são geralmente indicados entre 52 e 53 anos. Juízes/as de apelação, devido ao sistema de promoção, são consideravelmente mais velhos: sua idade média está entre 65 e 68 anos (Griffith, 1977). A profissão de juiz na Inglaterra é também bastante homogênea com relação ao gênero: em 1983 haviam apenas três juízas de apelação num total de 77, e 10 juízas regionais de apelação (*circuit judges*) num total de 339.

Levando-se em consideração a homogeneidade de classe, de idade e de gênero dos/as juízes/as ingleses/as, não é surpresa que as decisões judiciais em casos políticos ou morais frequentemente indiquem uma grande uniformidade.

Entretanto, é importante lembrar que os/as juízes/as, como seres humanos, também variam em suas opiniões e decisões, sendo influenciados por preconceitos pessoais e estereótipos sociais. As premissas que embasam o discurso judicial, e as ideologias autoritárias e sexistas das quais muitas destas premissas provêm, são muitas vezes inarticuladas e desconhecidas num nível consciente. O discurso do sistema jurídico criminal, por exemplo, pode muitas vezes parecer insensível às perspectivas e pontos de vista femininos; entretanto, esta insensibilidade deve-se provavelmente mais a noções inconscientes sobre relações e papéis de gênero do que a um desejo intencional de oprimir as mulheres.

Embora possamos argumentar, a partir de um ponto de vista crítico, que o discurso jurídico expressa padrões de discriminação contra certos grupos sociais (e.g. negros, mulheres, homossexuais, pobres), este discurso ainda apresenta e descreve as decisões judiciais como neutras e racionais, e acredita que o judiciário decide disputas baseando-se apenas na lei e na imparcialidade. É importante frisar esta característica do discurso jurídico porque a neutralidade aqui vai além da imparcialidade: ela também significa que os/as juízes/as devem produzir decisões legais sem tocar em questões que não estejam estritamente relacionadas com o caso sob análise (Griffith, 1977). De acordo com o princípio da neutralidade, as questões sociais relacionadas a casos particulares não deveriam interferir ou influenciar as decisões legais. Os/as juízes/as são construídos por certos discursos oficiais (como o discurso jurídico) como meros árbitros em conflitos entre indivíduos ou entre indivíduos e o Estado, como se não tivessem posições e tendências políticas e sociais.

Questões de comportamento moral, como as que são levantadas num julgamento de estupro, muitas vezes são decididas levando-se em conta a noção de 'interesse público'. Entretanto, o conceito de interesse público pode chocar-se violentamente com a noção de direitos pessoais em casos que envolvam questões políticas ou controvertidas. Griffith (1977) traça um interessante paralelo entre a proteção de direitos pessoais e a estrutura social de poder. Segundo ele, os direitos pessoais [como os direitos sexuais conquistados pelas mulheres nas últimas três décadas - sexo desvinculado de casamento, métodos anticoncepcionais, aborto, etc.] não são direitos expressos e sim potencialidades de direito, precisando portanto ser constantemente reforçadas e protegidas. Mas o aumento da liberdades individuais implica numa diminuição dos poderes oficiais ou institucionais. Ao proteger tais expectativas de direito (o direito da mulher de dizer não, de sair sozinha a qualquer hora, de vestir-se como quizer sem ser sexualmente molestada, etc), o judiciário está na verdade *enfraquecendo* o poder

masculino e institucional. Não é surpresa, portanto, que muitos juízes relutem em proteger certos direitos individuais: sua função institucional, afinal, não é aumentar as liberdades individuais mas preservar o status quo.

Em termos gerais, o discurso judicial representa o 'establishment' e luta para manter as coisas como elas são. Quero ressaltar, entretanto, que ao argumentar que o discurso jurídico trabalha para proteger a ordem social vigente, não quero dizer que todos os/as juizes/as sejam indiferentes a mudanças culturais e sociais. Os/as juizes/as podem apresentar em seu discurso traços destas mudanças. Entretanto, as atitudes judiciais sempre mudarão mais tarde, se mudarem. Como argumentei acima, a função primordial do discurso judicial é manter o status quo e não desafiá-lo. Referindo-se às ideologias que moldam o discurso judicial inglês, Griffith (1977, p. 214 - minha tradução) diz que:

A lei e a ordem, a distribuição vigente do poder público e privado, as opiniões convencionais e unânimes entre aqueles que exercem o poder político e econômico, os medos e preconceitos das classes média e alta, essas são as forças que os juizes são chamados a defender e realmente defendem.

3.2 - Mulheres como reclamantes em casos de estupro

Uma das questões envolvidas num julgamento de estupro é a da violência contra a mulher. De forma geral, nós nos acostumamos tanto ao fenômeno social da violência que passamos a vê-la como algo bastante comum, quase como parte de nossas vidas diárias. Esse processo de naturalização e trivialização da violência é, em grande parte, um fenômeno discursivo; crimes sexuais contra a mulher, por exemplo, são diariamente descritos, discutidos e explorados nos discurso da mídia, da religião, da ciência e da lei.

Como resultado desta trivialização discursiva da violência contra a mulher, muitas mulheres são convencidas de que as agressões que sofreram são pouco importantes, ou que são culpadas pelas mesmas.

A legislação sobre o estupro e o discurso de julgamentos de estupro apoiam-se em várias noções ideológicas sobre o comportamento social e sexual da mulher. Uma destas noções é que muitas vezes são as mulheres as verdadeiras 'causadoras' das agressões sexuais. Os discursos oficiais tendem a naturalizar a idéia comum de que as mulheres 'provocam' os homens, dando-lhes oportunidades e desculpas para um estupro. Podemos ver uma evidência desta crença comum na descrição de comportamento feminino 'imprudente' encontrada no livro "Princípios de Sentenciamento" (Thomas, 1979, p. 113 - minha tradução e ênfase), um livro largamente utilizado como base para decisões judiciais na Inglaterra:

Conduta da parte da vítima que aumente as chances de um estupro, como participação voluntária em atividades sexuais menores ou (em menor grau) *comportamento imprudente*, como aceitar carona de estranhos, é geralmente considerada como razão para uma redução na sentença.

Essa atitude judicial em relação às mulheres vítimas de crimes sexuais é chamada de 'culpabilização da vítima' (Radford, 1987) ou 'destruição de caráter' (Liebes-Plesner, 1984): as cortes muitas vezes interpretam casos de agressão sexual contra a mulher como não-criminosos ou pelo menos como compreensíveis, especialmente quando o comportamento feminino é considerado imprudente, quando a mulher é retratada como 'promiscua', ou quando havia ou houve um relacionamento prévio entre vítima e acusado. Em tais casos, podem ser o estilo de vida e o comportamento da mulher, e

não o comportamento do agressor, que acabam sendo julgados e condenados.

No discurso de casos de estupro é dada uma grande ênfase à sexualidade, principalmente à sexualidade feminina. A lei tende a ver o corpo e suas atividades como uma área de jurisdição legal. Desde o surgimento das primeiras leis codificadas até os dias atuais, o corpo feminino (particularmente em seus aspectos sexual e reprodutivo) tem sido visto como objeto de regulamentação, controle e punição (Smart, 1989). Várias pesquisadoras tem argumentado que o discurso legal constrói o corpo feminino como doente, histérico ou imoral. Susan Edwards (1981, 1989), por exemplo, argumenta que o discurso de julgamentos de estupro utiliza-se de noções como a passividade feminina, a mulher como vítima e a culpabilidade feminina. Edwards diz que para o discurso jurídico as mulheres são definidas por seu sexo. Em outras palavras, para a cultura jurídica a sexualidade é o traço principal, aquele que contrói, define e modela a identidade feminina. Isto se dá pela descrição de uma característica específica do comportamento feminino (a história sexual da mulher) como dominante, dando a mesma um status predominante sobre todos as demais (Liebes-Plesner, 1984). Outras características são adaptadas à característica principal (tornando-se 'qualidades auxiliares') ou, caso entrem em conflito com a principal (o comportamento sexual), são diminuídas ou escondidas. O discurso de julgamentos de estupro nos remete a noção hegemônicas de maternidade, castidade, promiscuidade, e as imagens da 'boa moça', da mulher 'perdida', da mulher 'infel', da 'virgem', etc, criando um retrato plano e unidimensional da mulher.

O discurso desempenha um importante papel no controle da sexualidade. Em sua obra "A História da Sexualidade" (1979), Foucault argumenta que as proibições, exclusões e limitações à sexualidade estão ligadas a práticas discursivas específicas. De acordo com Foucault, as proibições e regulamentações sobre a sexualidade estabelecidas por discursos como o da medicina e da lei

ajudaram a tornar possível o controle do comportamento sexual feminino (em Edwards, 1981, p. 13).

As representações estereotipadas de papéis e relações de gênero encontrados nos discursos da família, da mídia, da academia, etc, também estão presentes no discurso da lei, como é o caso do discurso de julgamentos de estupro. Mesmo quando o estuprador é condenado o discurso do sistema jurídico criminal não questiona ou desconstrói desigualdades de gênero. O objetivo do discurso de julgamentos de estupro é avaliar, controlar e punir o comportamento de indivíduos específicos; a questão da violência e do poder masculinos é, de modo geral, fortalecida por estes textos.

3.3 - Homens como réus ou estupradores

Uma das premissas básicas desse trabalho é que o discurso ajuda a construir a sociedade, modelando e influenciando instituições, relações sociais e identidades. Nesta seção farei algumas considerações sobre como muitas práticas discursivas constroem a violência sexual como trivial, normal, ou pelo menos aceitável. Pesquisas na área de psicologia indicam que pessoas que praticaram atos definidos social ou legalmente como 'errados' tendem a usar o discurso para descrever a si e a seus atos como 'normais'. No contexto de casos de estupro, por exemplo, a psicóloga Diana Scully (1990) investigou o 'vocabulário de motivos' utilizado por um grupo de estupradores condenados, i.e, os mecanismos linguísticos usados por estes estupradores para interpretar e explicar seus atos, e também para torná-los socialmente e culturalmente aceitáveis.

Durante sua pesquisa, Scully observou que os estupradores encarcerados se dividiam em dois grupos: os que admitiam e os que negavam o estupro. Só tratarei do segundo grupo neste trabalho. O grupo dos que negavam o ato admitia que o estupro é, via de regra, proibido, mas argumentava que, em seus casos particulares, haviam justificativas que tornavam seu comportamento apropriado, senão

correto. Estas justificativas eram construídas linguisticamente. Scully concluiu que o domínio de um certo vocabulário parece ser vital no processo de aceitação, justificação e prática de um estupro. Este uso de explicações e manipulações discursivas para fazer com que o estupro e outros crimes sexuais pareçam normais também pode ser encontrado no discurso de julgamentos de estupro. Tanto estupradores quanto militantes do direito (advogados/as, promotores/as, juizes/as) constroem suas explicações para um caso de estupro baseando-se em valores e ideologias adquiridos do grupo social onde vivem, valores estes que representam o que cada cultura considera aceitável em termos de sexualidade.

Os estupradores estudados por Scully utilizaram estereótipos bastante conhecidos sobre as mulheres para justificar suas ações. Estes estupradores descreviam a vítima e seu comportamento de forma a tornar o estupro aceitável dentro das circunstâncias. Os estereótipos mais comuns mencionados nestes relatos foram: (1) as mulheres são sedutoras e provocantes; (2) as mulheres dizem 'não' quando querem dizer 'sim'; (3) as mulheres acabam 'relaxando e gostando'; e (4) 'moças direitas' não são estupradas (Scully 1990:102). Estes mesmos estereótipos podem ser encontrados em decisões legais em casos de estupro. Podemos traçar um paralelo entre o discurso de estupradores e o discurso judicial em casos de estupro: ambos recorrem a técnica de 'culpabilização da vítima', isto é, em ambos os tipos de discurso a mulher frequentemente é responsabilizada pelo que aconteceu (como o discurso judicial divide com o discurso dos estupradores várias noções preconcebidas sobre o comportamento feminino, podemos dizer que o discurso judicial apresenta uma crítica quase 'fraterna' do comportamento de estupradores). Os exemplos que se seguem, retirados de relatos de estupradores e de sentenças em casos de estupro, ilustram alguns dos estereótipos mencionados acima:

As mulheres dizem 'não' quando querem dizer 'sim'

"As mulheres que dizem 'não' nem sempre querem dizer 'não'. Não se trata apenas de dizer 'não', mas sim de como a mulher diz este 'não', como ela demonstra e torna isto claro. Se ela não quizer basta manter as pernas fechadas e o fato não aconteceria sem o uso de força, e haveriam marcas do uso de força" [extraído de uma sentença num caso de estupro julgado em Cambridge, Inglaterra, em 1982, na qual o réu foi absolvido] (em Patullo, 1982, p. 20-1 - minha tradução).

- "Todas as mulheres dizem 'não' quando querem dizer 'sim', mas é um 'não' social, para que elas não se sintam responsáveis mais tarde" [explicação dada por um homem de 34 anos que raptou e estuprou uma moça de 15 anos, ameaçando-a com uma faca] (em Scully, 1990, p. 104).

'Moças direitas não são estupradas', ou o mito da culpabilidade feminina

- "Não quero dizer que uma moça que esteja pedindo carona para voltar para casa tarde da noite não deva ser protegida pela lei, mas esta moça é em grande parte culpada por ter contribuído com sua negligência" [extraído de uma sentença num caso de estupro julgado na Inglaterra em 1982, no qual o réu foi condenado a pagar uma multa de duas mil libras por ter estuprado uma moça de 17 anos] (em Patullo, ibid: p. 21 - minha tradução).

- "O que o advogado de defesa tentou fazer neste julgamento (...) foi mostrar que a reclamante era promíscua, isto é, que ela havia tido experiência sexual com homens com quem não estava casada, e também que havia feito isso aleatoriamente e sem discriminação. Foi, é claro, fundamental para tal argumento o fato de que havia uma base factual para que se sugerisse a promiscuidade neste caso"

[extraído de uma decisão de apelação julgada em 1988 na Inglaterra, na qual a suposta promiscuidade da vítima foi utilizada como evidência de que ela teria consentido para o ato sexual] (em Metcalfe, 1989, p. 100 - minha tradução)

- "Para ser sincero, nós [a família do estuprador] sabíamos que ela não passava de uma prostituta e que não fazia diferença se ela transasse com um homem ou com cinquenta" [extraído do relato de um estuprador que atacou sua vítima com uma faca] (em Scully ibid: p. 108 - minha tradução)

Diana Scully apresenta uma explicação sociológica para a aparente insensibilidade dos estupradores estudados por ela em relação às mulheres. Scully argumenta que os estupradores têm dificuldade em colocar-se na posição de suas vítimas e de entender suas perspectivas. Esta falta de empatia está intimamente ligada à distribuição de poder entre os gêneros. Pessoas que têm poder (e.g. homens e juízes no contexto de casos de estupro) têm poucas razões para tentarem entender a posição de pessoas menos poderosas. Para aqueles/as que não detêm poder, entretanto, é essencial aprender a entender e antecipar o comportamento dos demais. Para os homens, portanto, trocar de papéis (ainda que teoricamente) com as mulheres não é importante, enquanto que para as mulheres entender a posição masculina "é uma estratégia de sobrevivência" (Scully, 1990, p. 115-116).

4 - Conclusão

Os julgamentos de casos de estupro são boas ilustrações de como a sociedade vê os papéis e as relações de gênero, e o fenômeno social da violência sexual contra a mulher. O discurso da maior parte dos julgamentos de estupro baseia-se na premissa de que as causas do estupro são individuais e não sociais, e podem ser encontradas principalmente no comportamento da vítima.

Entretanto, a questão do estupro envolve não somente a mulher agredida (suas roupas, seu comportamento social e sexual, sua profissão, sua aparência, o lugar onde ela se encontra, sua relação prévia com o agressor, etc.), mas principalmente as mensagens que seu agressor recebeu dos discursos que o cercam: estamos falando sobre homens e mulheres que foram criados numa sociedade que permite e até encoraja os grupos que detêm poder a comportar-se de maneira abusiva em relação a membros de grupos menos poderosos. Nesta linha de raciocínio, podemos encarar o estupro não somente como um tipo de crime sexual, mas como uma forma de abuso de poder, como um exercício de controle masculino sobre o comportamento da mulher, controle este que freqüentemente encontra eco nas práticas e no discurso da lei.

Os direitos legais e a proteção contra agressões sexuais não se aplicam a todas as mulheres, mas àquelas que se encaixam na categoria de pessoas contempladas por esta forma de proteção legal (a mulher 'honesta', a 'virgem', a 'boa moça'). Em nossa socialização, em nosso contato com os discursos sociais, nós mulheres somos treinadas a nos adaptar a um modelo de comportamento feminino que enfatiza valores como a castidade, a vergonha, a discrição, a submissão, o silêncio, a paciência, o perdão, e nos é dito que são estas qualidades que nos garantirão respeito e status social. O discurso de decisões legais em casos de estupro também nos ensina que a falta das qualidades acima citadas implica na perda não só de valor social, mas também de proteção legal.

O discurso de sentenças em julgamentos de estupro não só não promove os direitos femininos, como pode funcionar contra a mulher. Um dos efeitos mais perversos dos discursos sobre o estupro (e aqui podemos extrapolar para outros discursos, como os da mídia, da religião, da família) é que eles ajudam a influenciar e moldar a forma como as mulheres vêem a si mesmas, seus agressores e a violência que sofreram. Mulheres diferentes podem definir sua violação de formas diferentes, especialmente quando

seus casos não se enquadram nas definições populares e legais do que constitui um 'verdadeiro' estupro (preferencialmente aquele onde uma mulher jovem e virgem é atacada em sua casa por um desconhecido, e apresenta marcas físicas e psicológicas de sua agressão). A própria dificuldade de muitas mulheres em definir o que viveram como um caso de estupro (e.g. em casos onde o agressor é o marido, parceiro, namorado, etc.), acrescido de sentimentos de vergonha e culpa, e de um medo justificado da máquina policial e judiciária, leva inúmeras mulheres a não darem queixa de que foram estupradas.

Neste trabalho eu argumentei que o discurso constitui a sociedade e as identidades. Isto, entretanto, não quer dizer que as subjetividades sejam estáticas: o discurso ajuda a construir identidades tanto de forma convencional quanto de forma criativa. Fairclough lembra que, devido a heterogeneidade dos textos que consumimos, há uma negociação constante entre identidade e diferença; os textos expressam processos de articulação, desarticulação e rearticulação que influenciam e alteram as identidades sociais. Por outro lado, embora as posições de sujeito possam ser constantemente remodeladas em nossa sociedade pós-moderna pelas constantes mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas, as relações de poder e de dominação ainda marcam muitos textos, e os discursos oficiais em particular ainda recorrem a processos de naturalização para apresentar certas visões de mundo como estáticas e não-problemáticas.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUMILLER, Kristin. *Fallen Angels: The Representation of Violence Against Women in Legal Culture*. In: FINEMAN, M.A., THOMADSEN, N.S. (eds). *At the Boundaries of Law*. New York: Routledge, 1991.
- DOBASH, E.R., DOBASH, R.P. *Women, Violence and Social Change*. London: Routledge, 1992.

- EDWARDS, S. *Female Sexuality and the Law*. Oxford: Martin Robertson, 1981.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. Harlow: Longman, 1995.
- FOUCAULT, M. *The History of Sexuality*. London: Allen Lane, 1979. Vol. I.
- FOWLER, Roger et al. *Language and Control*. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.
- FOWLER, R. Power. In: van DIJK, T. (ed). *Handbook of Discourse Analysis*. London: Academic Press, 1985. Vol. 4.
- FOWLER, R. On critical linguistics. In: CALDAS-COULTHARD, C.R., COULTHARD, R.M. (eds). *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis*. London: Routledge, 1996.
- GIBBONS, J. *Language and the Law*. Harlow: Longman, 1992.
- GRIFFITH, J.A.G. *The Politics of the Judiciary*. London: Fontana, 1977.
- GOODRICH, P. *Legal Discourse: Studies in Linguistics, Rhetoric and Legal Analysis*. London: Macmillan, 1987.
- HALL, R. *Ask Any Woman: A London Inquiry into Rape and Sexual Assault*. Bristol: Falling Wall Press, 1985.
- KRESS, Gunther. History and language: towards a social account of linguistic change. *Journal of Pragmatics*, v. 13, n. 3, p. 445-466, 1989.
- MALEY, Y. The language of the law". In: GIBBONS, J. (ed). *Language and the Law*. Harlow: Longman, 1994.
- METCALDE, P. (ed). *The Criminal Appeal Reports*. Vol. 89. London: Sweet & Maxwell, 1989.
- PATTULLO, P. *Judging Women: A Study of Attitudes that Rule Our Legal System*. London: NCCL Rights for Women Unit., 1983.

- RADFORD, L. Legalising woman abuse. In: JALNA, H., MAYNARD, M. (eds). *Women, Violence and Social Control*. London: Macmillan, 1987.
- SAMPSON, Adam. *Acts of Abuse: Sex Offenders and the Criminal Justice System*. London: Routledge, 1993.
- SCULLY, D. *Understanding Sexual Violence*. London: Unwin Hyman, 1990.
- SMART, Carol. *Feminism and the Power of Law*. London: Routledge, 1989.
- THE REPORT of a Howard League Working Party - *Unlawful Sex*. London: Waterlow Publishers, 1985.
- THOMAS, D.A. *Principles of Sentencing*. London: Heinemann, 1979.
- van DIJK, T. Discourse, power and access. In: CALDAS-COULTHARD, C.R., COULTHARD, M. (eds). *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis*. London: Routledge, 1996.
- WALLACE, C. Critical literacy awareness in the EFL classroom. In: FAIRCLOUGH, N. (ed). *Critical Language Awareness*. Harlow: Longman, 1992.

THE GARRICK YEAR: ENCENANDO A FEMINILIDADE¹

Cíntia Schwantes¹

RESUMO

The Garrick Year, de Margaret Drabble, é um *bildungsroman* feminino que narra a formação da protagonista, Emma Evans, através das experiências de maternidade, casamento e adultério. Essa não é, no entanto, uma história de adultério, e sim de adequação a e de reação contra, papéis de gênero: Emma descobre qual é seu lugar de mulher, e a anorexia é uma das formas através das quais ela expressa sua insatisfação com a vida que está levando e seu desejo de controle de seu próprio destino.

UNITERMOS

Romance de formação; Saúde da mulher; Representação do feminino.

ABSTRACT

The Garrick Year, Margaret Drabble's third novel, is a female *Bildungsroman* which narrates Emma Evans' process of education through the experiences of marriage, maternity and adultery. However, this is not an adultery novel, but a story of adequacy and reaction to gender matters. Emma find out which is her place in the world, as a woman, and anorexia is one of the means available to her to express her uneasiness about her life and her desire of controlling her destiny.

¹ Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS. Professora de Literatura na Universidade Federal de Pelotas.

KEYWORDS

Bildungsroman; Woman's health; Writing the body.

O segundo romance da escritora inglesa Margaret Drabble, *The Garrick Year* (1964), é considerado um *Bildungsroman* feminino pela crítica. A narrativa se desenrola através dos eventos da vida da protagonista, Emma Evans, e seu aprendizado através do casamento com o ator David Evans, da maternidade e do adultério, não apenas o seu mas também o do marido, com uma das atrizes da mesma companhia teatral na qual ele trabalha, Sophy Brent.

O romance contém, igualmente, elementos góticos. A função destes elementos aparentemente estranhos ao romance de aprendizagem é desestabilizar a narrativa, abrindo novas possibilidades de representação. Tais elementos remetem a uma experiência especificamente feminina de formação na qual as pressões de um meio hostil ao estabelecimento de uma identidade de gênero feminina provocam uma reação de desequilíbrio na protagonista. Nesse romance, o desequilíbrio é expresso na forma de uma disfunção psicossomática considerada tipicamente feminina, a anorexia.

A melhor definição de *Bildungsroman* é provavelmente aquela fornecida por Bakhtin: a de um romance no qual o protagonista é uma "grandeza variável", e portanto o seu desenvolvimento constitui a própria matéria narrativa. Frederic Jameson ressalta que o *Bildungsroman* teve uma função social muito definida, a de estabelecer uma identidade de classe (burguesa) no início da Idade Moderna. Várias teóricas feministas, trabalhando com esse gênero literário, ressaltam que ele estabeleceu, igualmente, uma identidade de gênero (masculina) que dificulta sua apropriação por autoras escrevendo sobre o processo de formação de uma protagonista feminina.

Uma das estratégias de adaptação do romance de formação a uma protagonista feminina é a inclusão de elementos oriundos do

romance gótico. Iniciado, como gênero, em 1764, com a publicação de *The Castle of Otranto*, de Horace Walpole, o romance gótico teve vida breve, embora intensa (contam-se aos milhares os títulos filiados ao gênero). Didaticamente, seu final pode ser localizado em 1818, com a publicação de *Nothanger Abbey*, de Jane Austen, que ridiculariza o gênero. No entanto, como uma tendência, ele continua presente na produção literária, mesmo em gêneros completamente distintos dele, na forma de elementos apropriados para funções diversas.

A anorexia de Emma Evans, por exemplo, embora não seja uma patologia visível, é um elemento gótico na narrativa de *The Garrick Year*. Também como uma tendência, a anorexia pode ser encontrada em diversas pessoas aparentemente saudáveis, indicando uma grande vontade de exercer controle sobre a própria vida.

Quando começa a narrativa de *The Garrick Year*, Emma Evans, a narradora autodiegética, está distanciada no tempo dos fatos narrados. O que desencadeia seu processo mnemônico é a imagem de Sophy Brent em um comercial de bolo na televisão. A partir dessa moldura, Emma nos expõe, em ordem cronológica e com poucos *flashbacks*, o seu processo de aprendizagem através do casamento, da maternidade e do adultério.

Assim, a Emma Evans que encontramos desde o início da narrativa é uma mulher adulta, casada e mãe de dois filhos. Por esse motivo, seu aprendizado - a aceitação de seu lugar (de mulher) na sociedade, seu processo de auto-conhecimento - pode ser assimilado a *novel of awakening*, a modalidade de romance de formação feminina no qual a narrativa inicia depois que a protagonista já passou pelas experiências femininas tradicionais de casamento e maternidade.

Uma *novel of awakening* pressupõe a insatisfação da protagonista em relação ao papel feminino tradicional e às experiências ligadas a ele. Esse é o caso de Emma Evans: o casamento a conduz a uma situação de subordinação, na qual ela deve abrir mão de suas expectativas profissionais em favor das do

marido; de dependência econômica, que tanto é decorrência da subordinação quanto a reforça; de falta de perspectivas. Por fim, o casamento a conduz a uma maternidade indesejada.

Por isso, é significativo que a imagem de Sophy Brent, comendo um bolo de chocolate, abra a narrativa. Sophy é tudo que Emma não é. Ela é livre para ligar-se sexualmente a quem despertar seu desejo, ela é livre para perseguir suas próprias aspirações profissionais. Sophy é voraz enquanto Emma é anoréxica. Na falta de outras formas de controle de sua própria vida, Emma controla o próprio corpo através da negação de comida. No entanto, Emma é mãe: a maternidade revela-se uma das grandes alegrias de sua vida. Sophy não tem filhos, não apenas porque é muito jovem, mas também porque sua feminilidade voraz e fútil não parece possibilitar o exercício da maternidade.

O adultério de Emma não se deve apenas, como supõe David, à necessidade de preencher o vazio e a solidão. A maternidade os preenche, ao menos parcialmente. Emma sente-se deslocada em uma cidade pequena cuja sociedade não tem lugar para aqueles que, como ela, ainda não encontraram seu lugar, e por isso sente falta da diversidade social encontrada em Londres. Sua sensação de marginalização se traduz em vontade de exercer domínio sobre a própria vida. Ao brincar com a idéia de envolver-se com um homem mais velho, diretor da companhia teatral na qual David atua, famoso, e respeitado no meio artístico, Emma estava entrando em um jogo de exercício de poder. O caso, no entanto, segue o padrão de anorexia já presente em seu casamento. O poder de Emma sobre Farrar baseia-se muito mais na negação da satisfação sexual do que na capacidade de despertar uma paixão física. A paixão, afinal, é o domínio do incontrolável, e perder o controle é um risco que Emma não se dispõe a correr.

Em sua leitura de *The Garrick Year*, Ellen Cronan Rose afirma que Emma Evans é anoréxica: sua relação com alimentos, ao longo da narrativa, sugere os dois aspectos do distúrbio. Tanto ela recusa os alimentos - Wyndham Farrar reclama que ela prefere *hoeurs*

d'oevres aos pratos principais, e o enorme bife sangrento que é servido a ela parece-lhe definitivamente indigesto - quanto a questão da luta por poder inscrita na anorexia são evidentes: Emma, por várias vezes, conquista espaços através do ato de cozinhar, como aponta Ian Woicick-Andrews. Ser nutriz, por outro lado, também implica em algumas desvantagens, como ela destaca ao comentar a discussão com o marido, David, iniciada por ele no momento em que ela começa a amamentar o filho caçula: ... *one is at a hopeless disadvantage with a baby on one's knee...* (p. 9).

Quando espera receber um amigo de David - a quem ela não aprecia particularmente, mas cuja visita é uma bem-vinda quebra no seu cotidiano monótono - ela prepara uma mousse de chocolate. Frustrada a visita, Emma come três tigelas de mousse, uma após a outra. Essa indulgência não é apenas prática (uma vez feita, a mousse precisava ser comida com uma certa rapidez) mas também uma forma de compensação diante de um desapontamento. E quando David convida os atores da companhia a irem de surpresa para a casa deles, Emma, descontente a princípio, descobre as simetrias do rosto do marido, algo que lhe dá prazer, e sob o influxo da descoberta, resolve cozinhar uma macarronada para todo o grupo. Assim, comida, para ela, responde por mais do que apenas alimento. As atividades ligadas à alimentação - comer, cozinhar - estão entrelaçadas com questões ligadas às relações humanas, e principalmente, às relações entre os sexos: prazer e poder sentam à mesa com Emma Evans.

Sua relação com a comida reflete, naturalmente, sua reação à sexualidade. Nada na narrativa nos indica que Emma tivesse qualquer experiência prévia antes de casar com David. O casamento, para ela, é uma experiência de terror - esse é o nome que ela dá à forte emoção que David desencadeia nela. Essa impressão é reforçada pela sugestão de violência implícita na origem galesa do marido: quando Wyndham Farrar imputa aos galeses de um modo geral a fama de violentos, Emma não exime David. Sua experiência matrimonial é também uma experiência de exílio. A familiaridade,

para ela, liga-se ao caos e à morte, dada a sua condição de filha de uma mãe tornada inválida pela tuberculose e pelo alcoolismo. Assim, no momento em que deseja segurança, ela procura o não familiar. Sua recusa ao sexo, mesmo conjugal, é uma recusa à entrega que traz familiaridade, e se expressa em termos gastronômicos: quando David pergunta se ela o engoliu, Emma responde que ele está enganchado na garganta dela, e absolutamente não digerido, e quando ela sai pela primeira vez com Wyndham Farrar, ela refere-se aos três anos de casamento como uma "dieta exclusiva de David". Em sua relação com Farrar, Emma come *hoeurs d'oeuvres* mas se abstém dos pratos principais, da mesma forma que aprecia beijar e bolinar, mas não consegue consumir o ato sexual. Quando afinal ela o faz, é para salvaguardar o orgulho dele, e sem real prazer.

A transgressão sexual embutida no adultério acontece, enfim, por dois motivos. Em primeiro lugar porque, apesar de não consumado, o caso de Emma com Farrar tornou-se público, de modos que a "castidade teórica" de ambos teria um amplo descrédito, o que a tornaria inútil. Em segundo lugar, porque Emma descobre que David havia se adiantado, rompendo a fidelidade conjugal que ambos haviam guardado até então, tendo um caso com Sophy Brent, uma das atrizes da companhia.

De fato, como já foi referido, a narrativa abre com a descrição de um comercial no qual Sophy aparece comendo uma fatia de bolo de chocolate. É uma sequência de imagens muito sedutora. A própria Sophy - que encarna o protótipo da "loura burra" - é muito sedutora. Emma trata-a com condescendência: Sophy é inexperiente, muito jovem, é má atriz e não muito inteligente. Ao descobrir o adultério do marido, Emma não se sente tão traída quanto confrontada, e esse confronto faz com que ela conheça melhor a si mesma. Ela passa a considerar que não tem direito de ser condescendente com uma mulher que é capaz de algo que está fora de seu alcance: usufruir da própria sexualidade.

Emma não é, no entanto, desprovida de vitalidade. Ela diz a Wyndham Farrar que sente-se contente de saber que não parece tão inofensiva quanto realmente é, mas isso é apenas um mote dentro do jogo de sedução que se estabelece entre eles. Farrar afirma que ela é uma mulher perigosa, que estava vestida para matar, na primeira vez que ele a vira (no que estava enganado: na primeira vez que ele a vira, ele mal notara a presença dela, e não guardou memória desse encontro porque, como Emma o faz recordar, "eu estava grávida"), e que mulheres jovens apreciam bifes sangrentos, ... *you're a bloodthirsty lot* ... (p. 127).

Entretanto, Emma, evidentemente, não se encaixa nesse estereótipo feminino. Sua forma de controle é indireta, através da anorexia, e tem muito mais a ver com controle de seu corpo do que com controle de seu meio, embora ela afirme para Farrar que David não bate nela porque ela não é assim tão pusilânime. Emma não é, de fato, uma devoradora de homens. Sua energia e sua força não estão dirigidas para o sexo, mas para a maternidade, e seu primeiro encontro com Farrar é emblemático. Por isso, depois de expiar a culpa do adultério através do acidente que atinge suas pernas, ela retoma o casamento com o homem que é o pai de seus filhos. Devorar homens, bem como bifes sangrentos, está fora de suas capacidades. E é exatamente porque ela não tem a possibilidade de ser devoradora que Emma torna-se anoréxica. Ela não tem a possibilidade de utilizar o próprio corpo para dominar os homens, mas pode evitar que eles o dominem, através da negação.

O acidente expiatório de Emma atinge-a nas pernas e submete-a a algumas horas de terror quanto à possibilidade de tê-las amputadas. Além da perda de autonomia implicada na perda da auto-locomotoção, as pernas podem corresponder, simbolicamente, ao pênis, e assim o acidente de Emma é uma ameaça de castração. Uma mulher fálica deve encontrar uma punição adequada à sua desadaptação. Mas, embora ela tenha ficado com um dos meniscos seriamente danificado, amputação está fora de questão, e as manchas roxas que resultam do acidente, embora sejam as piores

que ela viu, são transitórias. De modos que o acaso ou a divindade maliciosa que pune Emma Evans por sua feminilidade não convencional faz mais armar um espetáculo teatral com direito a maquiagens e efeitos especiais do que executar uma sentença punitiva.

Dessa forma, o desenvolvimento de Emma é pontuado por suas doenças: ela começa o romance sofrendo de anorexia, mal que a acompanhará até o final da narrativa; é assombrada pela fantasma da tuberculose, embora seu sistema respiratório prove ser bastante resistente; contrai uma gripe e sofre, no momento climático do romance, um acidente que, à primeira vista, parece grave, embora quase não deixe sequelas. Esse é também o caso do adultério de Emma, que, por ser apenas parcialmente realizado, e precedido do adultério do marido, perde grande parte de sua gravidade. Ao contrário de sua homônima, Madame Bovary, ela não se torna uma adúltera compulsiva, e não precisa pagar com a morte por seu vício.

Isso se dá porque o "vício" de Emma é um vício por subtração, e não por adição. Bem ao contrário, Emma não adere, ela se mantém resguardada. Como uma heroína gótica, ela é assombrada pelo fantasma da mãe, que foi basicamente ausente em sua vida. Mas essa mãe é também o "segredo" de Emma - apenas David e sua melhor amiga, Mary Summers, sabem que ela era tuberculosa e alcoólatra, e Emma não conta a Wyndham Farrar a respeito dela. É provavelmente a maternagem dessa mãe dominada por suas fragilidades que leva a filha a preferir o auto-exílio, do qual a anorexia é um sintoma, como forma de controle daquilo que poderia ser sua própria fraqueza. Emma se abstém de exercer sua sexualidade, bem como se abstém de comida. Sua única paixão - aquela a que ela se entrega sem reservas, mimando os filhos por fazer-lhes todas as vontades, é a maternidade, talvez porque essa fora uma paixão ausente da vida de sua mãe.

Alguns elementos em *The Garrick Year* podem ser lidos como góticos, como por exemplo, a mãe inválida, tuberculosa e alcoólatra, a casa montada sobre uma garagem que funciona como

um porão onde, significativamente, Emma sofre seu acidente expiatório, a anorexia de Emma, que pode ser lida como um fantasma no sentido freudiano, o próprio acidente que a atinge nas pernas, e a cena final do romance, na qual, após uma tarde aparentemente perfeita no campo, Emma vê uma cobra mordendo a barriga de uma ovelha, e silencia sobre o fato, "pelo bem das crianças".

Essa profusão de elementos góticos em um romance relativamente curto tem uma função. Como traços de um gênero marginal e ligado à experiência feminina, tanto de autoria quanto de leitura, Tais elementos, na economia narrativa de *The Garrick Year*, respondem por uma estratégia de representação de um processo de formação especificamente feminino. Esse romance configura-se como uma variante do *Bildungsroman*, uma *novel of awakening*, subgênero criado para contornar as diferenças entre a formação feminina e a formação masculina. Enquanto a formação masculina, de um modo geral, se conclui na adolescência, a feminina, com frequência, se alonga além dos anos da primeira juventude, e inclui as experiências do casamento, gravidez, parto e maternagem. Dentro dessa narrativa, os elementos góticos subvertem a ordem progressiva da formação masculina ao imprimir um padrão circular.

De um modo geral, o *Bildungsroman* apresenta problemas quando é apropriado por escritoras mulheres que utilizam protagonistas femininas. O gênero tem, em sua gênese, uma especificidade muito grande, que é exatamente a identificação sexual do protagonista. O *Bildungsroman* versa sobre a construção de uma identidade masculina dentro de uma sociedade burguesa. Por isso, ao empregarem uma protagonista feminina, as escritoras precisam lançar mão de estratégias narrativas diversas, que re-escrevem o gênero.

Uma dessas estratégias, presente em *The Garrick Year*, é a localização do processo de formação fora da adolescência, configurando uma variante do *Bildungsroman* feminino, a *novel of awakening*. Outra estratégia frequentemente utilizada por mulheres

escritoras para adaptarem o gênero às necessidades narrativas de uma formação feminina é a inclusão de elementos góticos, que respondem pela representação de uma experiência especificamente feminina de subordinação, configurando, com frequência, um padrão de aprisionamento e fuga.

O corpo de Emma, assombrado pela ausência da mãe, é seu castelo gótico, e a anorexia é, ao mesmo tempo, sua libertação e seu aprisionamento. Como aponta Eve K. Sedgwick, os parentes próximos de uma pessoa viciada desenvolvem uma resistência ao vício que beira, ela mesma, a obsessão. Assim, ao alcoolismo da mãe, Emma contrapõe sua anorexia, que irá moldar sua vida e suas escolhas.

Ao descobrir o adultério de David - que significativamente preocupa-se que Emma possa contrair tuberculose, mas não que ela possa desenvolver o alcoolismo - Emma percebe que o pouco caso que ela havia votado a Sophy Brent era infundado, porque Sophy é capaz de usufruir da vida, e da própria sexualidade, sem fantasmas. Nesse momento, Emma chega a um auto-conhecimento que ela não tinha antes. Ela percebe que sua paixão é aquela à qual sua mãe não se entregara, a maternidade, e que sua abstinência é necessária para permitir tanto a entrega quanto o exercício de sua paixão. É por esse motivo que ela retoma seu casamento com David: ele é o pai de seus filhos e compartilha com ela o amor e o interesse absorvente pelas crianças. Se o seu padrão de anorexia a conduz a desistir do emprego ideal para ela para acompanhar o marido e, ao mesmo tempo, afastar a mão dele de suas coxas, esse padrão não a impede de encontrar na maternidade uma das maiores alegrias de sua vida. Quais, possivelmente, serão as outras, a leitora deverá imaginar.

Enfim, *The Garrick Year* é um romance de formação feminina no qual os elementos góticos são representados na forma de doenças que acometem algumas das personagens femininas. Por isso, eles respondem por um "adoecimento" das mulheres, no momento em que elas procuram estabelecer sua identidade, causado por uma sociedade que é hostil à independência feminina. Emma Evans

consegue negociar com seu meio e, embora precise renunciar a suas aspirações profissionais, alcança um autoconhecimento com o qual ela não contava anteriormente, e a certeza de que, acima de tudo, a maternidade é sua grande vocação. A partir desse autoconhecimento, ela irá construir sua identidade e sua inserção social, como todos os protagonistas de romances de formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEL, Elizabeth, HIRSCH, Marianne, LONGLAND, Elizabeth (eds). *The voyage In. Fictions of Female Development*. London: University Press of New England, 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRAIMAN, Susan. *Unbecoming Women. British Women Writers and the Novel of Development*. New York: Columbia University Press, 1993.
- MYER, Valerie G. *Margaret Drabble: Puritanism and Permissiveness*. London: Clarke, Doble and Brendon, 1974.
- ROSE, Ellen Cronan. *Critical Essays on Margaret Drabble*. Boston: G. K. Hall, 1985.
- SEDGWICK, Eve K. *Jane Austen and the Masturbating Girl. Critical Inquiry*, v. 17, n. 4, Summer 1991.
- VARMA, Devendra. *The Gothic Flame*. New York: Russel and Russel, 1966.
- WOICIK-ANDREWS, Ian. *Margaret Drabble's Female Bildungsroman*. New York: Peter Lang, 1995.

O DISCURSO SOBRE A HISTERIA NA LITERATURA MODERNA

Fábio de Carvalho Messa¹

RESUMO

Considerando que a obra literária pode ser fonte significativa de expressão da loucura e que, dentre as principais figuras da loucura, há o grupo da histeria, o objetivo da presente exposição é mostrar o que se tem dito sobre a histeria em textos literários modernos. Especialmente sobre aqueles que evidenciam maior preocupação em fundamentar o reconhecimento da doença em determinadas personagens. As marcas dessas figurativizações se dispõem enquanto informações explícitas - por meio de menções ou referências diretas às noções científicas - e enquanto informações implícitas - através de composições de verdadeiros quadros sintomatológicos na descrição de personagens. Portanto, no universo ficcional, o fenômeno da histeria se configura em, pelo menos, dois níveis distintos. O nível do conhecimento, quando os dizeres sustentam-se sob a influência dos discursos médico e jurídico. E o nível da percepção, quando os próprios autores tencionam transformar a histeria em instância de linguagem, criando o discurso próprio da personagem histérica.

UNITERMOS

Histeria; Discurso; Literatura.

¹ Jornalista, mestre em Literatura Brasileira e doutorando em Teoria Literária (UFSC).

ABSTRACT

The literary text can be a meaningful source of expression of madness. Among the different madness, there is hysteria. The purpose of this essay is to show what is said about hysteria in the contemporary novel, especially those that have a high preoccupation to justify the recognition of the illness in some characters. The signs of these appearances appear as explicit information - through direct references to scientific notions - and as implicit information - through compositions of true symptomatic portraits in the descriptions of the characters. So, in the fictional universe, the phenomenon of hysteria appears in, at least, two different levels: the level of knowledge, when the words are under the influence of the medical and juridical speeches, and the level of perception, when the writers themselves intend to transform hysteria into language, producing the discourse of the hysterical character.

KEYWORDS

Hysteria; Discourse; Literature.

Sabe-se que entre 1860 e 1880 em Paris, o médico Charcot era considerado o verdadeiro "Napoleão das Histéricas". Fascinado pelo teatro da histeria, Freud notou que a relação entre o médico e suas pacientes parecia uma história de amor. Ficou encantado com as aulas de Charcot, que demolira os seus próprios conceitos. A partir daí, Freud criou uma nova ligação entre histeria e sexualidade. Surgia, então, a doença da qual Freud se apoderou na virada do século para alertar os homens sobre suas feridas originais. Seria, portanto, a psicanálise um modo particular de falar da angústia, do esquecimento, da lembrança, do tempo e da tortura.

Quatorze anos depois, Freud rasgou e queimou muitos manuscritos e em seguida conheceu Joseph Breuer que lhe falara de um caso que tinha acontecido bem antes, em 1882. Tratava-se de

uma mulher que sofria do que viria a ser chamado de histeria aguda. Ela tinha esquecido sua língua materna, se recusava a beber água em seu copo e tinha um tipo de paralisia corporal. Tudo era muito estranho. Anna O. ou Bertha Papenheim era uma jovem da burguesia vienense. Tinha 20 anos quando surgiram os seus primeiros problemas. Condenadas a se tornarem esposas rígidas como suas próprias mães, essas jovens da alta sociedade aspiravam secretamente por outra vida, mas ninguém as escutava. Incapazes de enfrentarem seus destinos, elas adoeciam. A histeria era a linguagem desse desejo reprimido no âmbito da razão. Trabalhando com aquela paciente, Breuer desenvolveu o que se tornou a terapia pela fala. Ele a hipnotizou calmamente e pediu que ela se lembrasse de determinadas coisas. Então ela se lembrava e falava, o que contribuiu para que os sintomas desaparecessem, impressionando muito a Breuer, que trabalhou com ela durante uns dois anos. Nascera a primeira paciente analisada do mundo, e Freud foi muito além de Breuer, o que lhe permitiu desenvolver sua própria teoria sobre a sexualidade.

Logo publicaram o livro inaugural que se chamava Estudos sobre a Histeria, contendo várias histórias de casos, narrativas, inclusive a de Anna O. Não era um livro mentiroso, ali não se contava que curavam as histéricas. Era um livro que mostrava como tratá-las, dispondo de alguns resultados já obtidos pelo chamado método catártico, o que representava a invenção progressiva da psicanálise.

No terreno da literatura, existem alguns textos que consistem em relatos de casos de histeria, alguns de caráter apenas sugestivo, outros até com fundamentação teórica. No mais conhecido romance de Gustave Flaubert, a personagem-título Emma Bovary já fôra considerada um excelente exemplo de pequena histeria, principalmente no que se refere aos seus anseios em buscar novas emoções. Uma outra ocorrência, talvez mais pertinente, seria a da personagem Marnie, do romance homônimo do inglês Winston Graham, também brilhantemente levado às telas cinematográficas

pelas mãos do diretor Alfred Hitchcock com o título de Marnie - Confissões de uma Ladra. No romance, tem-se uma protagonista-narradora que vai compondo paulatinamente um possível quadro sintomático da histeria moderna. Marnie vive sozinha e tem por hábito realizar grandes desfalques nas firmas em que trabalha. Após cada roubo, ela muda de identidade, de contexto e já vai preparando o próximo golpe. De alguma forma, estas suas peripécias são mostradas com o intuito de justificar uma experiência traumática do passado, quando a mesma presenciara a mãe, uma prostituta, matando um cliente agressivo. Em vista disso, além de Marnie praticar seus atos como compensação de um possível trauma, ela ainda assume uma postura assexuada perante os homens. Vejamos a seguinte passagem:

"Creio que tenho um cérebro engraçado ou coisa parecida, mas cada coisa tem de ser feita como deve; e também gosto que seja assim com as pessoas. Essa é a razão pela qual a ligação com Ronnie Oliver era uma coisa de que eu queria livrar-me. Seres humanos ... bem, não estão dispostos a serem classificados, etiquetados, nisto é que são errados, metem o nariz onde não são chamados e estragam os planos da gente, não porque os cálculos falhem, mas porque eles falham. Ronnie, é claro, pensava estar apaixonado por mim. Paixão em alto estilo. Tínhamos tido apenas uma dúzia de encontros, porque eu vivia escapulindo, dizendo que tinha outros compromissos, etc. Aliás, era a velha história de sempre"².

² GRAHAM, Winston. Marnie. São Paulo: Abril Cultural, 1981. p.6-7.

Vale constatar que a própria personagem-narradora do romance registra suas impressões sobre os seres humanos, como se estivesse positivamente excluída dessa categoria, além de alegar que o seu procedimento com os homens era bastante corriqueiro, isto é, a velha história de sempre. E assim prossegue a heroína da história, sempre atestando seu estado emocional desequilibrado e defendendo suas teses com plena lucidez como podemos observar logo na primeira página do livro em que ela diz:

"Muita gente pode achar que a vida é solitária quando não se tem companhia nenhuma, porém nunca me senti sozinha. Sempre tive muito em que pensar, e, de qualquer forma, não sou dessas que gostam de gente"³.

Mesmo assim, Marnie acaba descobrindo a paixão com Mark, um homem de negócios que descobre suas artimanhas e também o principal veículo terapêutico para que Marnie resgate o seu trauma de infância através da fala. Até então vimos que a histeria muitas vezes surge através de sutis insinuações. No livro de Graham foi possível percebermos um investimento mais enfático no discurso próprio da personagem-narradora. Agora verificaremos um conto brasileiro contemporâneo, que tem como eixo temático uma instigante discussão, ora fundamentada ora distorcida, sobre as concepções de histeria.

Em 1987, é publicado o conto *Violetas & Caracóis*, de Autran Dourado, que narra a trajetória da menina-mulher Luizinha Porto, seus anseios e devaneios. Uma exposição minuciosa de sintomas, praticamente uma paródia de história clínica. Não como contribuição à psicopatologia da neurose, é evidente, mas como uma narrativa destinada a entretenimento peculiar. Logo de início, há um

³ Idem, p. 5.

questionamento do narrador quanto ao nome da personagem. Verifica-se que a intenção de atribuir o grau diminutivo tanto pode ser a de criar um vínculo afetivo, independente do seu tamanho real, como pode ser para previamente camuflar o desenvolvimento precoce da menina. Pela união dos três adjetivos que esboçam o perfil da garota (triste, fechada e solitária), nota-se que a personagem já não possui condições favoráveis para travar relacionamentos interpessoais. Fato que se supera na mocidade quando a mesma forma suas primeiras amizades e se destaca do grupo pela performance de sua risada.

Para complementar a descrição da personagem, já efetuam-se os primeiros comentários dos demais personagens sobre Luizinha:

"Essa menina é doente, dizia a avó Georgina com seu olho clínico, certa na mezinha caseira, infalível nas simpatias. Preparava então para a neta caçula chá de folha ou suco de maracujá (a filha Clementina, hipocondríaca, era mais chegada aos remédios de farmácia) fruta a que o culto e arrevesado dr. Viriato de Abreu chamava de *passiflora triangularis*. (...) Consultado um dia o dr. Alcebiades, velho médico da família Porto, ele não achou nada demais na menina. Esquisitice de criança arredia, disse na sua modesta ciência"⁴.

É fácil notificar que o problema da cura já é exposto aqui numa visão dialética: a recomendação de tratamento homeopático(a referência ao maracujá enquanto calmante para os nervos) em oposição à cultura dos procedimentos alopáticos convencionais. Por último, tem-se a declaração do segundo médico que justifica as esquisitices da menina como atitudes típicas da infância.

⁴ DOURADO, Autran. *Violetas e caracóis*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 163.

"Pois Luízinha Porto era uma menina estranha, tinha convulsões quando a febre chegava a trinta e sete e meio, pedia cama por qualquer gripinha, ficava jururu, arrepiadinha feito galinha no choco. O pai, major Orlando Porto dizia oracular essa menina me cheira a quarta-feira, histérica, já prevendo terrível futuro para o seu último e retardatário rebento feminino, pai de cinco mulheres"⁵.

Preocupados com a suspeita de histeria, os pais correm aos médicos para submetê-la a tratamentos. Daí surgem as duas opções de terapias ocupacionais. A primeira sugerida pelo sensível e tímido dr. Alcebiades: o cultivo de violetas. A segunda solicitada após o fracasso da primeira, pelo cínico e sedutor dr. Viriato de Abreu: a criação de caracóis. Flores e moluscos são os signos que conduzirão os delírios de Luízinha.

Quanto à caracterização dos sintomas da personagem, vê-se que há forte influência da medicina clássica, para qual a histeria era entendida como:

"o efeito de um calor interno que espalha através do corpo uma efervescência, uma ebulição ininterruptamente manifestada por convulsões e espasmos"⁶.

Sabe-se que histeria já fora chamada de "la maladie du siècle" e desapareceu da Europa no final do século XIX, enquanto tornavam-se mais frequentes as doenças convulsivas. O que ocorreu, na realidade, foi ter a histeria alcançado grande repercussão, recheando

⁵ Idem, p. 164.

⁶ FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1972. p. 280.

livros e publicações, dando margem a cursos e conferências, fazendo a festa entre mestres e discípulos da psiquiatria e da psicanálise, do público e dos pacientes. Steckel procurou explicar o fenômeno, admitindo que "a histeria era consequência da sexualidade reprimida, havendo a vida sexual moderna, livre, tornado supérflua tal repressão"⁷.

"Depois do seu glorioso advento, verificou-se que tal doença não passava de uma criação artificial, de uma invenção dos médicos que, deslumbrados pela descoberta conseguiram inculcá-la aos seus pacientes, na mais completa e bem acabada das encenações. O espetáculo era imponente, tanto para os autores, quanto para os atores que deviam representá-lo. Depois, quando se descobriu que a peça era falsa, seria ridículo prosseguir representando-a. Foi o que matou a histeria, tirando-a definitivamente do cartaz"⁸.

No contexto da narrativa, Luízinha Porto deixou-se submeter à pantomima criada não só pelos médicos que a diagnosticaram, mas pela própria família, que estava atrás de respostas prontas. Para isso, a caracterização sintomática da personagem ficava cada vez mais de acordo com o quadro da histeria tradicional e a participação dos médicos cada vez mais significativa:

"Todos tinham razão, médicos e leigos. Luízinha foi sempre uma menina muito achacada a constantes e inexplicáveis dores de cabeça. Sentada junto de vovó Georgina, a cabeça no seu

⁷ MELLO, A.S. *Ilusões da psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 151.

⁸ Idem. Op. cit., p. 151.

colo (vovó, estou com a cabeça estalando de dor, dizia Luizinha), ela se deixava ficar calada e triste escutando a conversa dos adultos. (...) Por causa das extravagâncias e achaques, Luizinha custou muito a começar os estudos regulares. (...) Por esforço próprio, Luizinha aprendeu francês sozinha, no Francês sem mestre, de Jacob Bensabat, o que lhe possibilitou o acesso à biblioteca do dr. Alcebiades e mais tarde à do dr. Viriato de Abreu, um homem viajado que, depois de doutorado na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, frequentou em Paris o Hospital Psiquiátrico de Salpêtrière e dizia ter conhecido Freud pessoalmente. A gente maldava dizendo que ele frequentou mais era o Moulin Rouge e o Lido; não loucos e nervosos, mas adoráveis e caprichosas, artérias raparigas de famosos cabarés e bordéis de Paris”⁹.

Ao mesmo tempo em que o autor expõe referências concretas para fundamentar o currículo do dr. Viriato, já mostra o tom de deboche da população local, quando esta duvida das informações fornecidas exageradamente pelo médico. A idéia sugerida pelo sujeito coletivo-singular, “a gente”, do homem frequentar as casas de prostituição parisienses em vez das instituições psiquiátricas, denota que o mesmo teria mais vocação para atos de sedução envolvendo a libido do que propriamente para a psiquiatria clínica. Muitas vezes, quando Luizinha, por qualquer motivo, caía na gargalhada, num timbre de cristal fino e agudo, vinham em seu auxílio, sacudiam-na, batiam-lhe nas faces e nada adiantava; ela ainda desmaiava, mobilizando toda a vizinhança e cobrindo de

⁹ DOURADO, Autran. Op. cit. p. 164.

vergonha Dona Clementina e o major Porto. Primeiro foi o dr. Alcebiades quem tentou encontrar uma solução para o problema, às vezes até desconfiava que a moça pudesse estar fingindo, aspecto que só completaria a suspeita de histeria. Depois de muitos receios, prescreveu alguns calmantes e optou pela Laborterapia, isto é, recomendou que Luizinha cultivasse violetas, flores tão delicadas quanto a beleza da moça.

Luizinha passou a frequentar com mais assiduidade o consultório do dr. Alcebiades. Este se sentia atraído por ela e ficava muito embaraçado em determinadas situações. Quando percebeu que sua fantasia poderia atrapalhar o tratamento, resolveu entregá-la aos cuidados do dr. Viriato. Aproveitou-se da ocasião em que Luizinha cometera o mais alucinado de seus gestos: subiu no alto de uma mangueira e começou a cantar a mais estúrdia canção que a cidade já ouvira, com letra e música inventadas na mesma hora. Fato que mais uma vez constrangeria o povo de Duas Pontes. Vejamos o que alegava o médico:

“Acho que a minha função termina aqui, disse. Usei de tudo o que sabia, apliquei mesmo a pouca psicologia que conheço, e o resultado aí está. Já esgotei todos os meus recursos, rendo-me à realidade brutal e terrível. O caso é mais grave, é de psiquiatria mesmo, e quem conhece aqui em Duas Pontes essa ciência, quem a praticou nos hospitais estrangeiros, principalmente na Salpêtrière, em Paris, templo do velho Charcot, tratando de seus doentes histéricos com o hipnotismo e outros recursos, é o dr. Viriato”¹⁰.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 167.

Novamente as referências curriculares do dr. Viriato foram realçadas para mostrar a sua indiscutível competência perante os pais da garota. E quanto aos dados fornecidos sobre os primeiros estudiosos da Psicanálise, é importante considerar que Charcot exerceu forte influência sobre Freud, quando ambos trabalharam na Salpêtrière. Foi aí que Freud verificou que os sintomas histéricos poderiam ser produzidos por sugestão e que os processos hipnóticos poderiam ajudar a esclarecer alguns desses sintomas, libertando o doente¹¹.

Freud, a partir desta problematização, relacionou os sintomas histéricos a uma outra ordem de significações que não diziam mais respeito a um corpo biológico, mas a um corpo representado e fantasmático, que dispensava exames clínicos, substituindo-os pela atitude de escuta da fala dos discursos dos pacientes.

De volta ao universo ficcional, produzia-se, então, o discurso da histeria em Luízinha Porto, elaborado pelo precioso e erudito dr. Viriato que, após resgatá-la do alto da figueira, é interpelado pelos pais da garota em extremo desespero:

“O que é que o senhor vai fazer com ela, perguntou o precavido major. Um tanto contrariado e a sua maneira ofendido com a desconfiança, o dr. Viriato disse que faria uma sessão de hipnose segundo o método de Charcot e aperfeiçoado por Breuler e Freud, que escreveram juntos *Studien über Hysterie*. As palavras do irrevessado idioma alemão escapavam ao coitado do major Porto. (...) Mas o senhor vai adormecê-la, perguntou o temeroso pai. não, não farei hipnose profunda, explicou contrariado o médico. Vou induzi-la artificialmente a um estado em

¹¹ MELLO, A. Silva. Op. cit. p. 233-234.

alguns aspectos similar ao sono, a fim de que ela possa aceitar as minhas ordens e sugestões”¹².

Percebe-se que a personagem do médico vai conduzindo a situação a partir de uma definição objetiva da doença - a histeria - munido de um diagnóstico classificador, apoiando-se nos prestígios das referências teóricas, conquistando a família e transformando-se na figura de um mágico da cura. Com base nessa afirmação, é necessário complementar que Freud

“explorou a estrutura que envolve a personagem do médico, ampliou suas virtudes de taumaturgo, preparando para sua onipotência um estatuto quase divino. Fez dele o Olhar absoluto, o Silêncio puro e sempre contido, o Juiz que pune e recompensa no juízo que não condescende nem mesmo com a linguagem; fez dele o espelho no qual a loucura, num movimento imóvel, se enamora e se afasta de si mesma”¹³.

A partir da nova prescrição de terapia ocupacional, neste caso a criação de caracóis, e de algumas fortes doses de Luminal, médico e paciente se deixam emaranhar pela conseqüente rede de associações sugeridas pelo tratamento com os moluscos e vão entrando perigosamente no túnel das imaginações pecaminosas provocadas pelas conotações.

“O quê? disse ela, nós estávamos falando de térmitas e caracóis. Perdoe-me, minha filha, a mente súbito esvoaça nas variáveis e diáfanos

¹² DOURADO, Autran. Op. cit. p. 179.

¹³ CHAVES, Ernani. Foucault e a psicanálise. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1988. p. 40.

asas do vento. (...) Sim, os fabulosos caracóis, disse ele. (Brincarei com os caracóis dos teus louros cabelos e os beijarei com ternura a princípio, furiosamente depois). Continue com eles, minha filha, se isso lhe faz bem. É mesmo uma pena não podermos conseguir matrizes de escargot. Assim se uniria o útil ao agradável (o útero ao agradável, disse a mente suja). (...) Como era de tadinha, os caracóis começaram a sair de suas tocas e esconderijos à cata de comida. Veio à mente uma imagem atrevida, que unia as famosas raparigas da Casa da Ponte e os seus caracóis, seres que temem a claridade e a luz forte do sol. Os caracóis e as prostitutas são uma fauna notívaga, disse¹⁴.

Nota-se que toda essa rede metafórica ilustra a relação de transferência entre médico e paciente, que não é da ordem da objetividade, mas da sugestão, bem como postulavam os primeiros psicanalistas, com a diferença de que o grau de perversidade se acentua a cada novo encontro, esbarrando em propósitos éticos. O que é preciso indagar é se esse processo de transferência pôde ajudar na possível cura de Luizinha ou serviu unicamente para transgredir os mecanismos terapêuticos.

Fica evidente que no cosmos ficcional, a intenção do autor em inserir proposições verdadeiras sobre os procedimentos psicanalíticos em situações de conflito entre personagens puramente inventadas é a de questionar a própria validade de fundamentação dessa ciência. Basta atentarmos para o discurso do médico, quando o mesmo funde terminologias para criar os seus diagnósticos apressados e quando considera o mestre Freud um antropólogo

¹⁴ DOURADO, Autran. Op. cit., p. 187-188.

amador, que escrevia livros metafísicos, fantasistas e cercados de pura magia¹⁵.

As críticas ora sutis ora escrachadas à psicanálise presentes nos discursos dos personagens servem principalmente para mostrar de que maneira vigoram as ideologias do imperialismo psiquiátrico - na criação de inúmeras metáforas médicas e na denominação de problemas morais e sociais através de termos pseudocientíficos. A sequência dos episódios de Violetas e Caracóis exemplificam concretamente a relação de autoridade entre paciente e terapeuta, muito explorada pela persuasão moral e emocional.

Por fim, a narrativa culmina numa efetiva aproximação física entre Luizinha e Viriato, quando esta, há muitas noites insones, atravessa as ruas da cidade, nua sob o vestido preto, e invade o consultório do doutor, gerando os últimos constrangimentos:

“O senhor não é incompetente, disse ela. Sua mulher certamente que é uma mulher fria. Ela mentiu, será que você, um homem tão inteligente e arguto, não desconfiou? E ela, a tresvairada, a histérica, a psicótica Luizinha Porto se ofereceu a ele, para lhe provar que ele não era um homem incompetente. (...) Foi então, quando depois ele voltou para lhe beijar a boca, que o ataque de rigidez histérica se deu. O dr. Viriato cuidou de despertá-la, lhe chegando um vidro de amônia no nariz. (...) Naquela noite ela teve um sonho terrível. Tinha a certeza de que daquele dia em diante não teria mais ninguém para lhe interpretar os sonhos. Com sua gosma nojenta um caracol babujava uma gigantesca pétala de violeta, as bordas vermelho-sangue¹⁶.”

¹⁵ Idem, ibidem, p. 180-181.

¹⁶ Idem, ibidem, p. 197.

Após a fusão metafórica entre as violetas e os caracóis, respectivamente representadas pelas figuras dos médicos, dr. Alcebiades e dr. Viriato de Abreu, na qual a primeira é absorvida pela segunda, a suspeita de histeria se concretiza em Luizinha Porto. Nessa representação os médicos se igualaram pelo menos num aspecto: ambos perceberam que era necessário ocupar as mãos e cansar o corpo da garota; e que qualquer estratégia de cura seria inútil para dar conta do extremo ímpeto de sexo e loucura que cercava a personagem.

Luizinha Porto foi escrava do que em psicanálise lacaniana se considera a histerização do discurso. Para finalizar cabe aqui registrar como Jacques Lacan caracterizou o discurso da histeria.

"Eis o que quer dizer o discurso da histérica, industriosa como ela é. Ao dizer industriosa, assim no feminino, fazemos da histérica uma mulher, mas isto não é privilégio seu. Muitos homens se analisam e, só por este fato, são forçados a também passar pelo discurso histérico, pois essa é a lei, a regra do jogo. Trata-se de saber o que se obtém disso no que se refere à relação entre homem e mulher. Vemos então a histérica fabricar, como pode, um homem - um homem que seria movido pelo desejo de saber. (...) O que a histérica quer que se saiba é, indo a um extremo, que a linguagem derrapa na amplidão daquilo que ela, como mulher, pode abrir para o gozo. Mas não é isto que importa à histérica. O que lhe importa é que o outro chamado homem saiba que objeto precioso ela se torna nesse contexto de discurso"¹⁷.

¹⁷ LACAN, Jacques. O avesso da psicanálise - Seminário 17. São Paulo: Zahar, 1992. p. 31-32.

Por consequência dessas considerações, admite-se que o percurso de Luizinha Porto, dentro do discurso sobre a histeria produzido pelos médicos, culmina na escolha de uma figura masculina, no acaso o dr. Viriato, para a libertação do corpo e o resgate do prazer. O que não ocorre efetivamente devido aos mecanismos auto-repressivos da própria personagem. Ao final da história, Luizinha, apesar da força de vontade, volta para casa derrotada e conformada com a sua frieza. Mesmo assim, continuou deliberando os desejos através dos seus sonhos, infiltrando-se cada vez mais no mundo simbólico das imagens oníricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAVES, Ernani. *Foucault e a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- DOURADO, Autran. *Violetas e Caracóis*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Trad. Araújo Nabuco. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FREUD, Sigmund. *Análise Fragmentária de uma Histeria*. In: *Obras Completas - Observações Clínicas T. I*. Rio de Janeiro: Delta, [s/d.].
- GRAHAM, Winston. *Marnie*. Trad. Virginia Lefèvre. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- LACAN, Jacques. *O Mestre e a Histérica*. In: *O Avesso da Psicanálise - Seminário 17*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e Literatura*. São Paulo: Hucitec-UNESP, 1987.
- MELLO, A. da Silva. *Ilusões da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- ROBERT, Marthe. *A Revolução Psicanalítica*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

SZASZ, Thomas. **A Escravidão Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. **A Fabricação da Loucura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

TRONCA, Ítalo A. (org.). **Foucault Vivo**. Campinas: Pontes, 1989.

NARRATIVA PÓS-GÊNERO PARA UMA CLARICE CYBORG

Carla Cabral¹

RESUMO

Narrativa biográfica de Ana Miranda, "Clarice Lispector: o tesouro de minha cidade", montada com recursos da criação ficcional, constitui-se ímpar. A narrativa é desenvolvida aos pedaços, fazendo referência aos biografemas sobre os quais discorreu e também utilizou, mas como autobiografemas, em Roland Barthes par Roland Barthes. Faço essa referência para marcar a dinâmica textual na qual se inscreve a personagem Clarice, que chamo de personagem cyborg. Fugindo à linearidade, ela não busca uma única identidade, um lugar, mas identidades ou lugares, travando intensas relações com a natureza e construindo-se também nas relações de gênero, inclusive com ela mesma. Clarice é uma ficção. Meu ponto de partida é o contraponto a uma crítica que considera a personagem "uma mulher qualquer, desde que esquisita e bobamente dispersiva e romântica".

UNITERMOS

Narrativa; Personagem; Pós-Gênero.

ABSTRACT

The biographical narrative by Ana Miranda "Clarice Lispector: o tesouro de minha cidade", built with fictional resources, is quite unmatched. The narrative is developed piece by piece, as with the

¹ Jornalista. Mestranda em Literatura Brasileira - Universidade Federal de Santa Catarina.

biographemes which Barthes utilized (as autobiographemes) in *Roland Barthes par Roland Barthes*. In this textual dynamics, the character Clarice is inscribed. She can be termed a cyborg character since she escapes linearity, eschewing a sole identity, a place, but searching identities or places, interacting with nature and constructing herself also through gender relations. Clarice is a fiction. My point of departure for this analysis counters the criticism that considers the character "any woman, provided she is strange, and foolishly scattered and romantic".

KEYWORDS

Narrative; Character; Post-Gender.

A leitura pressupõe a escolha de caminhos. A leitura que faço de "Clarice Lispector - o tesouro de minha cidade", de Ana Miranda, inclina-se - por que não? - pelo caminho dos estudos culturais. Tento mostrar o contraponto entre uma crítica linear e a possibilidade de evitar atalhos e torná-la plural. Está em parte justificada minha opção pela denominação história de vida.

O ponto de partida de minha análise foi uma resenha publicada na Revista Cult - de Literatura Brasileira, edição de dezembro do ano passado, à qual me contrapus em aspectos como a caracterização do texto biográfico, a construção ficcional e a leitura de personagem.

O crítico Gilberto Mendonça Telles define o livro de Miranda como um esboço de retrato. Um pouco equivocada, na minha opinião, a sua observação. Podemos considerar retrato como um perfil estático de determinada personagem. O retrato (estabeleço aqui breve analogia com a fotografia) congela fatos, emoções. A história de vida de Clarice Lispector escrita por Ana Miranda é justamente o contrário. Há um movimento contínuo entre o dentro e o fora da personagem. Conflitos que se acentuam e que não se definem, não se resolvem.

O segundo ponto, a construção ficcional, é, segundo o crítico, apoiada em "esteticismos estéreis" e "frouxos episódios ficcionais". A narrativa de Ana Miranda é uma colage, uma espécie de 'mosaico' (tomo de empréstimo a expressão da professora Simone Schmitt), composto por intertextos diversos - uma narrativa altamente dialógica, em vários aspectos. Há diálogo com a biografia da escritora, com sua obra e um conflito de vozes sobremaneira intenso.

O terceiro ponto a destacar é o perfil de personagem estabelecido pelo crítico. Ele considera a (personagem) Clarice "uma mulher qualquer", "esquisita" e "bobamente dispersiva e romântica".

O texto que utilizo aqui como meu contraponto é resultado de um modo de pensar. Um modo de pensar que parece estar amarrado às linhas apenas e não àquelas lacunas que os textos oferecem aos seus leitores, como forma de transformar-se verdadeiramente em texto. Retomo: O crítico fala em uma mulher qualquer, sua esquisitice, sua dispersão, seu romantismo. São defeitos para o crítico. Eu vejo como diferenças.

A metodologia que Donna Haraway utiliza em seu "Manifesto para os cyborgs" é chave para compreender o movimento da personagem Clarice em Clarice Lispector - o tesouro de minha cidade. Haraway, no "manifesto" lança mão de uma análise político-ficcional tramada com a ironia. Eu considero a personagem Clarice como uma cyborg.

Para Haraway, cyborg seria um organismo cibernético híbrido, um pouco máquina, um pouco criatura (humana), que se relaciona não apenas com a realidade social, mas também com a ficção. (Haraway se refere, aqui, a uma ficção que é resultado das lutas dos movimentos feministas das duas últimas décadas, o que chama "experiência feminina". Não abandono por completo este sentido, mas a ele agrego o sentido literário.).

No final do século XX, nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, seres híbridos teorizados e fabricados ao mesmo tempo como máquinas e organismo, em suma somos cyborgs².

Este contexto transforma os territórios de produção, de reprodução e imaginação em campos de batalha. Por outro lado, estes territórios não são aleatoriamente formados, constituem-se a partir de relações, nas quais incluem as relações de gênero, pela importância que representam nesse confronto, também resultado de um momento de transição – como ressalta Jane Flax, em artigo sobre o tema. Na opinião de Flax, “um modo de vida está envelhecendo” na sociedade Ocidental. Seguindo esse raciocínio, ela vai chamar atenção para os ‘modos de pensar’ que podem nos levar a entender melhor determinadas questões. Para Flax, seriam a psicanálise, a teoria feminista e a filosofia pós-moderna.

Cada um desses modos de pensar toma como objeto de investigação pelo menos uma faceta do que tem se tornado mais problemático em nosso estado de transição: como entender e (re) constituir o eu, gênero, conhecimento, relações sociais e cultura sem recorrer a modos de pensar e de ser lineares, teleológicos, hierárquicos, holísticos e binários³.

Fugindo à linearidade, a personagem Clarice não busca apenas uma identidade, um lugar, mas várias identidades e/ ou lugares,

² HARAWAY, D. Um manifesto para os cyborg, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: BUARQUE, H. (org.). Tendências e impasses, o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 244.

³ FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: BUARQUE, H. (org.). Pós-modernismo e política. p. 217.

travando intensas relações, construindo-se nestas relações. Ela é uma ficção.

A cena inaugural de Clarice Lispector - o tesouro de minha cidade é o lançamento de uma ponta de cigarro da sacada do 13º andar de um edifício, no Leme, Rio de Janeiro. Aí está a marcação do tempo. O tempo real de segundos e o tempo psicológico, movimentando-se entre o presente, o passado e a fantasia.

Um século num milésimo de segundo⁴.

Neste jogo temporal se estabelece um contraponto entre o que há fora da personagem, que é a cidade, e o que há dentro dela, “um campo”. É um conflito entre algo como o direito e o avesso, um conflito de fronteiras. É nessa fronteira que a cyborg Clarice vai tentar construir sua(s) identidade(s) e seu(s) lugar(es). Isso me remete ao que observa Teresa de Lauretis sobre “a tecnologia do gênero”, ao referir-se a um “outro lugar”.

Pois, se esta visão não é encontrada em lugar algum, não é dada em um único texto, não é reconhecível como representação, não é que nós – feministas, mulheres – não tenhamos conseguido produzi-las. É, isto sim, que o que produzimos não é reconhecido exatamente como representação. Pois esse “outro lugar” não é um distante e mítico passado, nem uma história de um futuro utópico: é o outro lugar do discurso aqui e agora, os pontos cegos, ou os space-off de suas representações⁵.

⁴ MIRANDA, A. Clarice Lispector - o tesouro de minha cidade. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 11.

⁵ LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE, H. (org.). Tendências e impasses, o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 236.

Nos conflitos da fronteira dos lugares marcados pela narrativa de Ana Miranda é que a Clarice cyborg vai travar a luta pela construção desse "outro lugar". (Só um cyborg construiria esse lugar. Ser cyborg não significa ser completo. É ser plural e sempre em construção.)

Da sacada do apartamento onde mora, Clarice vê outros prédios, pessoas. Mas não os imagina como tal. Ela rompe o espaço geográfico 'real', no caso o Rio de Janeiro, para talvez buscar, na amplidão, respostas para suas diferenças. Diferenças que ela vê como aberrações e com muito sofrimento. Ao sentir-se diferente, não se assume, foge. Clarice é uma cyborg fugindo do olhar das pessoas e principalmente do seu próprio olhar. Há guerra e paz convivendo, há solidão e dúvida, medo do prazer de existir tal como se é.

Seu sentimento, à sacada do apartamento, é também de êxtase. Êxtase de ser "mulher de cidade grande". Mas o que é ser mulher de cidade grande?

Sentimentos de êxtase e de grandeza ... São aparentes, revelando à mulher que olha "o em torno" punhaladas de dor e solidão.

Ama e compreende cada vez mais as pessoas, porém sabe que precisa isolar-se delas. O melhor lugar para se distanciar das pessoas é a cidade grande⁶.

No decorrer da narrativa, revela-se também um percurso de vida.

Clarice nasce numa aldeia perdida no mundo, que nem consta nos mapas, na Ucrânia, aonde ela jamais voltou⁷.

⁶ MIRANDA, p. 16.

⁷ Idem, p. 17.

De onde é Clarice?

Clarice não tem lugar. Carlos tem Itabira. Rosa tem o sertão. Todo mundo tem um lugar. Clarice sofre por não ter um lugar⁸.

Convém ressaltar a posição pós-gênero do cyborg.

Vejam. A Clarice cyborg ama um homem que ama homens. Homens a amam e ela sofre em pensar em ter prazer. Há dentro dela um amor irrealizável, onde o sexo se dá através da palavra. É na palavra que está seu verdadeiro lugar.

Digo isto de forma a iniciar alguns comentários a respeito das relações da personagem Clarice com outras personagens. Antes, retorno a Flax, para quem as relações de gênero constituem-se como uma categoria que pode abranger um complexo conjunto de relações sociais e também fazem referência a um conjunto mutante de processos sociais historicamente viáveis. Levar em conta as relações de gênero é, segundo Flax, tentar perceber como nós as pensamos e também não as pensamos. Faz-se necessário um distanciamento crítico através do qual se possa romper com a idéia de que o estudo das relações de gênero se dá apenas pela análise da situação da mulher e da dominação masculina. Estudar as relações de gênero é abrir os olhos não somente ao gênero enquanto uma construção que permite avaliar e entender histórias (histórias de vida) e mudanças sociais particulares, mas também entendê-lo como uma relação social que está imbricada em outras que as constitui.

Na história de vida da Clarice cyborg, há relações que constituem seu gênero e participam da edificação de sua(s) identidade(s). Aqui quero ressaltar as relações de Clarice com "outras mulheres".

⁸ Idem, p. 47.

A visão de “balconistas, moças pobres”, provenientes de Pernambuco e Alagoas, que trabalham nas Lojas Americanas, toca Clarice. Uma dessas moças chama-se Macabéa. (Lembramos que Macabéa é uma referência explícita à protagonista do romance *A hora da estrela*, o último de Lispector, de 1977). Não adentraremos no intertexto da obra de Clarice com a narrativa de Ana Miranda, a propósito e como já disse, bastante rico. Clarice e Macabéa poderiam ter tido sentimentos comuns de êxtase e grandeza na chegada ao Rio. (Ser mulher de cidade grande?)

Clarice ama as nordestinas pobres. Entende tanto essas mulheres que até tem medo delas⁹.

Por que o medo? Esse medo poderia ter origem no confronto de identidades. Ambas são migrantes. Mas Clarice tornou-se escritora, ascendeu à classe média, entre outros aspectos. As “nordestinas pobres” são pobres, exploradas por uma grande loja de departamentos. Mas ambas sucumbem ao “delírio”. Clarice e as nordestinas pobres são uma só.

Entre Clarice e suas empregadas há uma relação de dominação da mulher pela mulher. Clarice tem medo de ver as nordestinas trabalhando, sob os princípios do capitalismo, mas também as explora. Aninha, Jandira e Irene são pobres e suas empregadas. Essa identificação com as nordestinas e ao mesmo tempo a consciência de explorá-las aumentou seu delírio. O mundo dos pobres é, para Clarice, o “mundo irreal”. As nordestinas pobres constroem uma narrativa à margem.

Também à margem estão as prostitutas. (Clarice já foi confundida com uma delas, quando andava de táxi, muito pintada, uma máscara). Olhos pintados são uma das marcas da prostituta que Clarice encontra num café, certa ocasião. A prostituta conversa

⁹ Idem, p. 35.

com um homem e Clarice sente-se uma intrusa, embora goste de “observar a cidade e as pessoas da cidade”.

Gosta de olhar as mulheres para tentar se ver¹⁰.

Ver-se numa prostituta?! Naquela ocasião, Clarice morava próxima a “casas suspeitas”, compartilhando o mesmo espaço. No domingo, quatro mulheres saem das “casas suspeitas” e caminham pela rua da pensão. “Estão limpas e perfumadas, cabelos molhados e roupas claras. A cena “sufoca” as esposas.

Clarice se identifica com as prostitutas, em contraponto às esposas. Clarice não é uma esposa. Também se assusta com as prostitutas, quer fugir; Clarice tem medo das prostitutas. Clarice é uma nordestina pobre e prostituta.

Miranda, entretanto, pontua sua narrativa com afirmações como “mulheres sempre têm um segredo”, entre outras. Este tipo de observação me parece em desacordo com sua narrativa, na qual, de uma forma geral, não há certezas, nem fatos, nem documentação, nem referência às inúmeras citações (digo isso tentando relacioná-la a uma narrativa biográfica clássica). “Mulheres sempre têm um segredo” parece querer dizer mulheres são frágeis/homens são fortes, mulheres são sensíveis/homens são brutos, mulheres têm segredos/homens têm coragem. Essa afirmação de Miranda está a obedecer à dicotomia homem/mulher, em que o gênero aparece muito mais apoiado nas diferenças sexuais do que propriamente nas relações de gênero. As diferenças sexuais são apenas uma das componentes do gênero. Não podemos, como apontou Jane Flax, deixar de investigar as barreiras sociais ou filosóficas para a compreensão das relações de gênero; não podemos, também, deixar de questionar: o que é o natural no contexto do mundo humano?

A personagem Clarice está acima do mundo humano.

¹⁰ Idem, p. 78.

O cyborg aparece justamente quando a fronteira entre o humano e o natural é transgredida. Em vez de finalizar a separação entre o homem e os outros seres vivos, os cyborgs assinalam, de maneira perturbadora e prazerosa, sua estreita ligação¹¹.

Esta "distinção imprecisa entre animal humano e máquina" constitui a criatura que viaja no mundo pós-gênero. Não se trata, como observou Haraway, de seres bissexuais, simbiose pré-edipiana, trabalho não-alienado, entre outras questões, que a teórica chama de "tentações". Trata-se de ter capacidade de passar "por cima do estágio da unidade original, de identificação com a natureza, no sentido Ocidental". Assim como o cyborg de Haraway, a personagem Clarice está relacionada à parcialidade, à ironia (a ironia de ser diferente), à intimidade, à perversidade.

A relação de Clarice com o homem que ama remete-se a esse contexto pós-gênero.

Clarice ama um homem que ama homens. O amor de Clarice por esse homem que ama homens não se realiza¹².

Seria incipiente questionar essa relação como algo natural ou não. Lembrando Flax, cada vez mais o 'natural' deixa de ter uma existência oposta à cultura ou ao social. A natureza, então, vai se tornar objeto e produto da ação humana, perdendo sua existência independente. Haraway percebeu que há ironia nesse desencantamento.

¹¹HARAWAY, p. 247.

¹²MIRANDA, p. 48.

Conceitos de gênero tornam-se então complexas metáforas para ambivalências sobre a ação humana em, sobre, e como parte do mundo natural¹³.

Dessa forma, a relação de Clarice com o homem que ama é parte de sua própria dinâmica – fora do lugar. Mesmo utópico, o amor de Clarice se traveste em amizade. O homem a transforma em confidente. É uma relação perversa. Ele conta a ela sobre seus amantes. É a palavra mediando um ato sexual.

Se lembrarmos que mais e mais são feitas experiências de realidade virtual, em que as pessoas têm sensações diversas, embora não se toquem, mediadas que estão pela tecnologia, o amor de Clarice por esse homem deixa de ser incrível ou inacreditável. O sexo pela tecnologia da palavra é a realidade para o prazer da cyborg Clarice.

Então, pode um cyborg amar? Talvez não nesta década, traçada como esboço de retrato, perdida em críticas de última hora, superficiais e estereis, doze linhas frouxamente amarradas a uma fraca análise teórica, oferecendo às leitoras e leitores nada mais do que "o percurso errante de uma mulher qualquer, esquisita e bobamente dispersiva e romântica". Nesse jogo, a criatura vence o criador.

¹³FLAX, p. 238.

INQUIRIDORES, TESTEMUNHAS E VÍTIMAS: OS PROCESSOS JUDICIAIS E A PEDAGOGIA DE CONDUTAS FEMININAS

Roselane Neckel Kupka¹

RESUMO

Buscamos, ao trazer à cena os processos de infanticídio entre 1900-1950, perceber a historicidade de padrões sociais de comportamento, a partir de experiências individuais ali registradas, tragédias que marcaram a vida de mulheres como: Orandina, Alma, Eldinar, Othília, Tereza, Paulina, Ana Cristina, Jupyra e Terezinha. A repercussão de seus atos marcaram tanto suas vidas como a vida de outras mulheres, pela insistência em estranhificar práticas costumeiras. Os relatos presentes nos processos judiciais, permeados por convicções próprias e muitas vezes sentimentos de desespero, amizade e solidariedade, ao lado dos discursos dos juízes, advogados e promotores, traçam um jogo de possíveis justificativas pelo ato delituoso que, ao marcar e definir os "comportamentos normais", contribuíram para as políticas de controle do corpo feminino afirmando especialmente a naturalidade do amor materno.

UNITERMOS

Historicidade; Padrões sociais; Experiências.

¹ Professora do Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

ABSTRACT

Examining infanticide processes between 1900 and 1950, we seek to establish the historicity of social behavior from the individual experiences of women such as Orandina, Alma, Paulina, Ana Cristina e Terezinha. Their acts also reverberated upon other women's lives. The reports presented with court processes, along with the speech of judges, lawyers and public defenders, compose a frame of possible explanations for the illegal act, marking and defining "normal behavior" which contributed to the policies of control of the female body, assuring the naturalness of maternal love.

KEYWORDS

Historicity; Social patterns; Experience.

Na pesquisa em que trabalhamos "Corpo e controle: autonomia e controle do corpo feminino" estamos investigando sobre a criminalização de práticas como o aborto e infanticídio no período de 1900-1996, especialmente, através de processos judiciais, buscando perceber indícios de práticas costumeiras mais autônomas e as tentativas de controle do corpo feminino. Ao analisar os processos de infanticídio, aborto e abandono de crianças entre 1900-1996 não estávamos procurando a informação de se as mulheres acusadas são culpadas ou inocentes, não é isto que nos interessa, mas sim as fábulas que foram construídas buscando moldar os corpos e as mentes. O que nos interessa são as experiências individuais ali registradas, tragédias que marcaram a

vida de mulheres como: Orandina, Alma, Eldinar, Othília, Tereza, Paulina, Ana Cristina, Jupyra e Terezinha².

A repercussão de seus atos marcaram tanto suas vidas como a vida de outras mulheres pela insistência em tornar estranhas práticas costumeiras. Os relatos presentes nos processos judiciais, permeados por convicções próprias e muitas vezes sentimentos de desespero, amizade e solidariedade, ao lado dos discursos dos juízes, advogados e promotores traçam um jogo de possíveis justificativas pelo ato delituoso que ao marcar e definir os "comportamentos normais" contribuíram para que políticas de controle do corpo feminino fossem afirmadas divulgando a "naturalidade do amor materno". A "pobreza", a "loucura", a "vida desregrada", a "mulher não honesta" aparecem constantemente nos autos judiciais como indícios aparentemente fáceis de serem constatados, mas que ao serem tomados como normas ahistóricas por historiadores e advogados menos avisados, acabam por contribuir para o sucesso de políticas públicas que buscam restringir a autonomia feminina.

Assim, buscamos ao trazer à cena as justificativas construídas nas malhas do judiciário perceber, mais uma vez, a maneira como se investiu sobre os diferentes sujeitos envolvidos nos processos e as repercussões sobre suas vidas. Afinal de contas, das justificativas constituídas na fala das autoridades saltam aos olhos o comprometimento com uma "valorização positiva do comportamento feminino", no sentido de educar e moldar condutas. Ao longo de todo esse período vislumbra-se nos processos, inquéritos, relatórios, jornais e revistas, diferentes explicações para os atos delituosos, bem como diferentes adjetivos "desnaturadas",

² Estes são nomes de mulheres que apareceram nos processos crimes, encontrados no Fórum Municipal de Florianópolis e que estão sendo analisados na pesquisa histórica que estamos realizando, intitulada - Corpo e Controle: O Controle do corpo feminino 1900-1996 - coordenado pela Profª Drª Joana Mari a Pedro.

"loucas", "desgraçadas" e "desumanas", que tem, porém, o mesmo sentido, definir para o sexo feminino os papéis de mãe e esposa honrada.

Os padrões sociais de comportamento constituem-se no processo de formação de culpa e inocência, em formas de poder que ao circularem na sociedade constituem indivíduos felizes ou infelizes. Das polêmicas entre promotores, advogados, juízes, médicos e vizinhos emergem investimentos sociais que ao problematizarem a vida, o feto, a mulher-mãe e a família nuclear apontam "desviantes" que não tinham os comportamentos esperados e desejados. É importante lembrar das análises de Michel Foucault sobre o poder e os micro-poderes. Foucault, ao ser questionado sobre os micro-poderes que se exercem ao nível do cotidiano e se desta maneira não estaria negligenciando o aparelho de Estado, argumenta:

"uma das primeiras coisas a compreender é que o poder não está localizado no aparelho de Estado e que nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados"³.

Assim, convém destacar a importância de perceber a historicidade de padrões sociais de comportamento, cuja circularidade social produz relações de exploração que não são econômicas, mas que deixam marcas tão profundas quanto, relações de poder e controle entre homens e mulheres, jovens e idosos, adultos e crianças, homossexuais e heterossexuais, produtos de políticas de controle e de homogeneização de determinados valores e

³ FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 149.

comportamentos que ao serem naturalizados reforçam preconceitos raciais, religiosos, sexuais e outros.

Enquanto investigávamos os processos entre 1900-1950, fomos acumulando um volume razoável de informações sobre indivíduos que compartilhavam experiências semelhantes, a de serem julgados não só pelo aparato judiciário, mas especialmente por outros mecanismos de poder que funcionam fora, além dos tribunais. Os processos analisados constituem um universo riquíssimo, para perceber, especialmente, o quê e quem é alvo da vigilância e da punição.

Os processos analisados se efetivaram num contexto em que a participação masculina era dominante em todas as instâncias dos poderes públicos. Desse modo, os agentes que realizavam e participavam dos processos na qualidade de inquiridores e testemunhas, compunham-se basicamente de elementos masculinos. Os testemunhos das mulheres tornavam-se relevantes quando estiveram junto com as denunciadas, sem a presença de homens. Pois quando estes estavam presentes somente suas falas eram autorizadas. Sobre a moral dessas mulheres eram os homens chamados a falar.

Numa sociedade em que a mulher não era tida como responsável para opinar nas coisas tidas como masculinas, como a esfera pública, essas eram vistas como únicas responsáveis pelo que os homens chamavam de "ato criminoso". Pois nesses processos os homens se eximiam de qualquer culpa, negando geralmente a paternidade ou alegando "não ter nenhuma participação direta no crime". O fato de terem abandonado moças grávidas ou não as terem auxiliado, num momento de dificuldade, não seria uma forma de participação efetiva?

A análise dos processos instaurados contra mulheres em Florianópolis, acusadas de terem praticado aborto, infanticídio e sonegação de cadáver, permite-nos perceber a constituição de subjetividades e o controle dos corpos através da perseguição e de uma "vontade de saber" por parte das "autoridades" com respeito a

práticas femininas que possibilitavam às mulheres desembaraçarem-se de uma gravidez não desejada, o que significava maior autonomia sobre os corpos. Dessa forma, como as prostitutas, os bêbados, os mendigos, os vendedores ambulantes, etc, práticas como o aborto, infanticídio e a sonegação de cadáver foram sendo historicamente problematizadas e criminalizadas.

As práticas jurídicas, ou "mais precisamente, as práticas judiciárias" apresentam-se para Michel Foucault, como sendo das práticas sociais, as mais importantes em que a análise histórica permite localizar a emergência de novas formas de subjetividade. "*As práticas judiciárias (...) me parecem uma das formas pelas quais nossa sociedade definiu tipos de subjetividade, formas de saber e por conseguinte, relações entre o homem e a verdade que merecem ser estudados*"⁴.

Neste contexto, enquanto entre 1900-1950 não encontramos nenhum processo por aborto, entre 1950-1996 passam a ser frequentes. O fato de não termos encontrado processos por aborto neste primeiro período não indica que este não era cometido, pelo contrário, demonstra somente que era de difícil comprovação por vários motivos, entre eles, quando o aborto era cometido nos primeiros meses de gestação este dificilmente era denunciado, pois os volumes do corpo da grávida não denunciava seu estado aos olhos dos vizinhos, bem como pelo fato de que o feto nos primeiros meses, era facilmente decomposto por não possuir uma estrutura óssea, como no caso das crianças nascidas a "termo" que demoravam mais a se decompor. Não sendo fácil a comprovação do aborto, durante o inquérito, restava às autoridades processarem mulheres que cometiam o crime de infanticídio. Este crime estaria caracterizado, segundo o Código Penal de 1890, quando cometido nos sete primeiros dias de nascimento da criança "*quer empregando*

⁴ FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996. p. 11.

meios diretos ou ativos, quer recusando à vítima os cuidados necessários à manutenção da vida e a impedir sua morte"⁵.

Assim, o aparecimento de processos de aborto a partir de 1950 nos faz pensar que talvez em alguns espaços as políticas de controle do corpo feminino tiveram algum sucesso, ao intervir nas redes de solidariedade e ao diminuir as possibilidades de autonomia das mulheres em relação ao autoconhecimento de seus corpos, fizeram com que as denúncias se tornassem mais frequentes.

A "vontade de saber" das autoridades jurídico-policiais sobre a utilização de remédios que provocassem aborto está presente em quase todos os processos indicando como a focalização da intimidade feminina instrumentalizou o aparato policial judiciário para comprovar denúncias antes impensadas. A história de Catharina Maria Rosa, processada em 1927, impressiona primeiramente pela determinação da ré ao afirmar que ignorava o seu estado de gravidez e acreditando estar doente teria por isso tomado "diversos remédios, como sejam: A força da Mulher, chá de arruda, Específico número". Apesar de afirmar que tomou tais medicamentos por ignorar "seu estado de gravidez" e para combater os "enchumes" que tinha pelo corpo todo, o juiz busca saber se as testemunhas também conheciam esta prática. O pai de Catharina informa que: "procurava com remédios caseiros curar sua filha, cujo mal supunha ser do útero e por se achar ela com as pernas e corpo um tanto inchado, que, os remédios que ela tomou foi a Saúde da Mulher, Nutrion". Buscando talvez confirmar seu depoimento, de que estes remédios não tinham como fim o aborto, o pai afirma que a criança nasceu de nove meses. Outras testemunhas afirmaram "que sabiam por ouvir dizer que Catarina fazia uso de remédios com a finalidade de esconder a gravidez dos pais"⁶.

⁵ PIRANGELLI, José Henrique. *Códigos penais do Brasil: evolução histórica*. Bauru - São Paulo: Jalovi, 1990. p. 303.

⁶ Catharina Maria Rosa. Processada por parto suposto, ano 1927. Arquivo do Fórum de Florianópolis.

A utilização das práticas de conhecimento autônomo sobre os corpos femininos, foram criminalizadas e tematizadas dentro dos processos judiciais instaurados contra mulheres que praticavam aborto ou cometeram infanticídio.

Apesar da insistência do juiz não fica comprovada, no processo de Catharina Maria Rosa, a relação entre os medicamentos e uma possível expulsão do feto provocada pelos mesmos. Além disso ficou estabelecido, no processo, que os remédios utilizados não foram capazes de causar um aborto, que possivelmente era o que desejava Catarina, este, de certa maneira, contribui para a construção de um conhecimento com relação aos medicamentos, utilizados por mulheres, com o intuito de abortar.

Apesar de existirem leis, que condenassem tais crimes, estas, possivelmente, nos diferentes momentos históricos, não foram assimiladas, enquanto tal, prontamente pela população como um todo. A subjetivação dessa prática enquanto criminosa, contou certamente com a divulgação que os casos recebiam pela imprensa, pela ação policial bem como as próprias sessões de julgamento, tornando-se instrumento de uma pedagogia que levou esse conhecimento a uma parcela mais ampla da população.

Esta divulgação, possivelmente, foi um dos fatores que contribuíram para que a população denunciasse quem os praticava às delegacias de polícia. Após a denúncia e a comprovação da mesma instaurava-se um inquérito policial. Na cidade de Florianópolis percebe-se, pelos inquéritos, que algumas localidades mais afastadas do centro da cidade, no início do século, já possuíam sub-delegacias de polícia, onde em determinados casos, eram feitas as denúncias. Neste ponto é relevante perceber que embora a denúncia, de certa forma, demonstre uma convivência, até certo ponto, da comunidade com o aparato jurídico-policial bem como as diferentes motivações que levavam uma pessoa a fazê-la segundo estes testemunhos. Os argumentos construídos pelos advogados ou testemunhas, além de exporem publicamente uma experiência íntima, substituem a fala das mulheres. Entretanto, vale lembrar,

conforme nos coloca Laura Gowing, em seu texto "Nascimentos Secretos e Infanticídio na Inglaterra do século XVII", que o limiar entre o corpo da mulher e uma comunidade vigilante era já no início da era moderna, palco ao redor do qual eram construídas estratégias de sigilo, exposição e confrontação, que tinha um poder real na vida diária de muitas mulheres⁷.

Deve-se também considerar que quem denunciava, em alguns casos, buscava também livrar-se de um envolvimento com o processo. Paulina Chula⁸, processada por infanticídio em 1929, trabalhava como cozinheira na residência de Hugo de Alvarenga Peixoto e segundo o depoimento de seu patrão este foi "*cientificado pela sua empregada Conceição de tal, que a empregada Paulina [...] achava-se acamada em seu quarto, havia pelo chão grande quantidade de sangue*", após constatar esse fato o patrão mandou chamar a mãe de Paulina. Esta acompanhada de uma irmã de Paulina, encontrou o corpo da criança. E após esse fato o patrão dirigiu-se a delegacia de polícia onde fez a denúncia.

No caso de Jupyra, em 1932, a família aparece como delatora no processo de infanticídio, buscando talvez isentar-se de culpa. A tia de Jupyra procurou o delegado de polícia pois sua sobrinha "*saiu de casa grávida [...] e regressou já parida e ocultando onde deixara o recém-nascido*"⁹.

Com dúvidas a respeito de quem era a mãe, as autoridades recorriam também ao olhar dos vizinhos, que num determinado momento percebiam o volume nos corpos das mulheres e algum tempo depois esse volume desaparecia. Alberto Nicolau Bion testemunha no processo de infanticídio instaurado contra Theodora

⁷ GOWING, Laura. Nascimentos secretos e infanticídio na Inglaterra do século XVII. *Past & Present*, Oxford, n. 156, p. 87-115, Aug. 1997.

⁸ Paulina Chula. Processo por infanticídio, ano 1929. Arquivo do Fórum de Florianópolis.

⁹ Jupyra de Mello Ramos. Processada por infanticídio, ano 1932. Arquivo do Fórum de Florianópolis.

Franzina da Luz disse: "*Que vinha observando que a denunciada se achava grávida; que certo dia notou que havia desaparecido na denunciada os sinais evidentes de gravidez, que o depoente só pode explicar o fato, depois de várias pessoas lhe dizerem que ela tinha dado a luz*"¹⁰. O olhar dos vizinhos aparece como um olhar que polícia, investiga e que depois informa.

Outra forma de denúncia utilizada foi aquela realizada por vingança. Noemia Domiense de Brito processada por ocultação de cadáver, teve seu crime publicado num artigo do jornal O Estado, que durante alguns dias passou a exigir que a polícia atuasse no caso. No processo fica mais ou menos claro que quem fez a denúncia no jornal foi Francisco Germano da Costa, como forma de vingar-se do pai de Noemia, que lhe havia mandado intimar na delegacia de polícia¹¹.

Pelo acima exposto verifica-se que além da vontade de saber, sobre possíveis chás e remédios abortivos, havia também uma vontade de punir. Esta punição dava-se de várias maneiras.

A publicidade que era dada aos processos, pela presença da polícia na casa das denunciadas, o que chamava a atenção da comunidade, os jornais que publicavam notas a respeito dos casos e os editais da Secretaria do Interior e Justiça, o comparecimento dos vizinhos como testemunhas nos inquéritos, acabavam funcionando como uma punição para essas mulheres. Estes fatores, quando não acompanhados de prisão, apresentavam-se, possivelmente, como uma exclusão, mesmo que temporária, da acusada do corpo social. Isto devido ao escândalo que tal publicidade causava. O escândalo público apresentou-se, segundo Michel Foucault, para alguns teóricos do direito, do século XIX, como uma possibilidade de punição. Para estes, o escândalo:

¹⁰ Processo de Theodora Franzina da Luz, instaurado em 1929. Arquivo do Fórum de Florianópolis.

¹¹ Noemia Domiense de Brito. Processada por ocultação de cadáver, ano 1932. Arquivo do Fórum de Florianópolis.

“é uma espécie de exclusão no próprio local. Seu mecanismo não é mais a deportação material, a transferência para fora do espaço social, mas o isolamento no interior do espaço moral, psicológico, público, constituído pela opinião. É a idéia das punições ao nível do escândalo, da vergonha, da humilhação de quem cometeu uma infração. Publica-se sua falta, mostra-se a pessoa ao público, suscita-se no público uma reação de aversão, de desprezo, de condenação”¹².

Mesmo que essa idéia de uma punição “legal” por meio do escândalo não tenha sido utilizada em nenhum Código Penal, no Ocidente, esta, na prática, pudemos perceber nos casos por nós estudados, apresentava-se junto a punição da legislação criminal, e além desta, como uma punição que a própria sociedade instituía sobre as acusadas. Isto posto fica explicitado pelo parecer do juiz, ao absolver Catarina Maria Rosa do crime de sonegação de cadáver, pois segundo este:

“[...] Considerando tivesse mesmo alguém ocultado a criança em apreço e sem dolo, a causa teria sido nobre: poupar uma família pobre mas honesta, da vergonha imensa por que afinal veio passar, com a divulgação dos fatos que este processo registra”¹³.

Outra forma de punição e exposição dessas mulheres se dava pela realização de um “Auto de exame de Parto Suposto”. Este expunha ainda mais a mulher processada e constituía-se em mais uma forma de violência. Isto era da ciência das autoridades quando

¹²FOUCAULT, M. Op. cit., p. 82.

¹³Catharina Maria Rosa. Citada.

exigiam dos peritos “a promessa de bem e fielmente, sem dolo nem malícia desempenharem sua missão”. Pois estes com a autorização do poder público iam buscar, no que de mais privado a mulher possui, em seu corpo, mais um indício do crime cometido. Os peritos percorriam os órgãos sexuais e o aparelho reprodutor feminino, e liam nesses, como em um texto, e os descreviam buscando, nessa leitura, o suporte que o aparato jurídico-policial precisava para coibir uma prática que as mulheres exerciam em seus corpos.

A terceira forma de punição, a que estavam sujeitas essas mulheres que burlavam os códigos de conduta e moral, estava prevista no Código Penal. Tratava-se da prisão celular da acusada. Para que se efetuasse a prisão, nem sempre era necessário o julgamento, durante os processos algumas acusadas tiveram suas prisões decretadas. Entretanto, pelo que nos informam os processos, era a moral das acusadas muito mais que o crime em si que estava em julgamento. O que se observa é que, em primeiro lugar, muito do investimento feito teve fim pedagógico muito mais que punitivo. As rés mais pobres, por exemplo, tiveram maior número de testemunhas que não participaram dos acontecimentos e que souberam do caso apenas porque “ouviam dizer”. No processo de Theodora, por exemplo, 4 vizinhos, em seus depoimentos, apenas “ouviam dizer”, no de Catharina Maria Rosa, 5 vizinhos tiveram a mesma função; já nos processos de Noêmia e Jupyra, que são da classe média, somente foram inquiridas as pessoas diretamente relacionadas a elas, como parentes e pessoas de suas relações diretas.

Este tipo de testemunho - vizinhos que souberam por “ouviam dizer” - ocorre em vários outros processos. Eles nada acrescentam ao processo que já não se soubesse e, no entanto, são tomados seus depoimentos, não só na fase de inquérito policial, como também na fase de processo judicial. Seu papel deduz-se, não é o esclarecer a “verdade”, mas o de participar do processo pedagógico. Cada depoente responde perguntas muito bem definidas. Sua fala, mesmo

mediada pelo escrivão, propõe um julgamento antecipado da ré. Ao mesmo tempo divulga, para os lugares de onde vem, novas visões de mundo. Aquelas mesmas divulgadas pelo aparato político judicial que constrói o processo.

Além disso, nos testemunhos, observa-se a divulgação da notícia. José João Simas, um dos depoentes no processo de Izabel de Oliveira, por exemplo informou que soube do ocorrido pela menina Judith¹⁴. Vários são os depoimentos que se referem a informações dadas por terceiros que, por sua vez, devem tê-la obtido de outros, comprovando assim, o espalhar-se da novidade. Da mesma forma que a notícia percorre as casas e as ruas, sendo divulgadas de boca em boca, as normas que devem reger os comportamentos e a divulgação das práticas seguem o mesmo percurso.

O processo judicial constituía-se, portanto em pedagogia para as camadas populares. Estas pessoas que eram chamadas a depor, mesmo que para contar o que "ouviram dizer", poderiam tornar-se divulgadores de papéis sociais para mulheres pobres, papéis que destoavam de suas práticas, constituíam novos valores pertencentes a outras classes.

¹⁴ Izabel de Oliveira, processo instaurado no ano de 1924.

CICATRIZES DE UMA GUERRA: LEMBRANÇAS DE MULHERES

Marlene de Fáveri¹

RESUMO

Este artigo analisa a Segunda Guerra Mundial, em Florianópolis, na década de 40, focalizando as experiências de mulheres, através, principalmente, dos relatos da memória, vivenciadas no cotidiano.

UNITERMOS

Mulheres; Guerra; Memória.

ABSTRACT

This paper analyses the Second World War, in Florianópolis, in the 40s, focusing on the experience of women, mainly through remembrances of common daily life.

KEYWORDS

Women; War; Remembrance.

"A memória é a capacidade épica por excelência".

Walter Benjamin

¹ Doutoranda em História, UFSC (1998), professora de História da UDESC e UNIVALI.

A Segunda Guerra Mundial ocorreu efetivamente longe daqui, mas deixou marcas profundas na vida de muitas pessoas no Brasil, em Santa Catarina, e, como indicam as fontes, em Florianópolis. Passados já 53 anos do término da Segunda Guerra Mundial, onde quer que se revolva a memória da década de 40, esbarra-se inevitavelmente nas lembranças da guerra. Agora, de sujeitos que experimentaram e presenciaram as práticas da campanha nacionalista, o blecaute, os rumores de que a qualquer momento os nazistas quinta-colunas invadiriam o país, os medos daí advindos, etc.

A maior parte da documentação disponível sobre e no tempo da guerra encontrada em Florianópolis, foi produzida por autoridades policiais e do exército, homens responsáveis pela segurança pública², e por articulistas, que não raro reproduziam notícias de outros jornais. Sobre as mulheres? Sim, os jornais anunciam os "Festivais pró-FAB" promovidos por "senhoritas da sociedade"³, e a "encantadora festa em prol da FAB"⁴, entre notícias da guerra e das batalhas no teatro de operações. Afora estas notícias, circulava o *Jornal das Moças*, revista semanal que divulgava, entre outras coisas "próprias do feminino", as mulheres enfermeiras convocadas, vistas como "anjos que semearão o bem (...), de paz e caridade", resignadas e patriotas, numa representação masculina⁵. Estas imagens eram recorrentes na Europa, já na época da primeira guerra, onde "personificando a abnegação, a enfermeira, anjo e

² São relatórios de prisões, cartilhas de Defesa Anti-Aérea, rol de pedidos de naturalização, discursos, Manual do Reservista, etc., que se encontram em pastas e livros no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

³ *Jornal O Estado*. Florianópolis: 02/10/42.

⁴ *Idem*, 06/10/42.

⁵ ESPINDOLA, Leonan. Enfermeiras do Brasil. *Jornal das Moças*, 08/06/44. p. 114. In: *Album biográfico da Febianas*. Este Álbum traz a fotografia das moças brasileiras que estiveram na guerra servindo como enfermeiras, com breve biografia. Somam 73 mulheres.

mãe, é a personagem feminina mais louvada da guerra"⁶, o que não deve ter sido diferente na segunda guerra.

Isso significa que lidamos muito mais com a construção masculina sobre as mulheres do que sua própria percepção de si, de sua condição individual. Quando aparecem, são santas, "anjos", assexuadas, abnegadas, e, ainda que estivessem rompendo padrões ao deslocarem-se do espaço do "conforto" do lar para o público, voltariam para o seu "lugar natural", a órbita do privado⁷. Essas imagens remetem ao comportamento que se esperava das mulheres na década de quarenta: esposas e mães abnegadas, fiéis patriotas.⁸

Não foram as mulheres a enfrentarem muitas vezes o espaço público? As filas no racionamento de comida? Os afazeres noturnos sob o negrume do blecaute? Outras, a abandonar a casa, a cidade, e aventurar-se para o interior na iminência da expulsão provocada pela campanha nacionalista, ou para fugir da cidade? As tensões do pós-guerra? As interferências no cotidiano da casa, dos filhos, da escola? Obrigadas muitas vezes a improvisar maneiras de resistência? As dificuldades nas doenças? Os medos decorrentes de notícias e rumores? As dores da perda, da partida de um parente próximo para uma guerra que sequer entendiam? Delas, a historiografia pouco ou nada fala - a guerra, esta 'outra guerra' de história mais miúda, do dia-a-dia, é a que pretendo reavivar dando concretude às experiências femininas e masculinas, sem cair na dicotomia de oposição binária de uma "cultura feminina" separada

⁶ THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente: o século XX*. São Paulo: Edabril, Lisboa, Porto: Afrontamento, 1991. p. 51.

⁷ Maria Lígia PRADO percebe tais construções e idealizações nas mulheres que participaram das guerras pela independência na América Latina, vistas como heroínas, santas, dessexualizadas. In: *Em busca da participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, v. 12, n. 23/24, p. 77-90, set/91.ago. 92.

⁸ Cf. REIS, Maria Cândida Delgado. *Tessitura de destinos: mulher e educação: São Paulo, 1910/20/30*. São Paulo: EDUC, 1993.

dos homens, mas percebendo as relações sociais e de gênero nos seus complexos e heterogêneos caminhos.⁹

Pensar a construção de feminilidades e masculinidades¹⁰, apenas do ponto de vista relacional (feminino x masculino) pode levar ao perigo da exclusão e cair em universalidades. Nesse sentido, as relações sociais, de gênero, étnicas, de classe, vivenciadas durante os anos da guerra são problematizadas de maneira a perceber a contínua comunicação entre os seres humanos e suas relações, a multiplicidade de sujeitos sociais postos em lugares estratégicos da sociedade - ser pracinha, teuto-brasileiro, alemão, brasileiro, pai, filho, esposo, ex-combatente, mulher alemã ou teuta, brasileira, pobre, de classe média, filha, esposa, mãe -, fizeram possivelmente configurar determinadas relações sociais dentro da cidade. De que maneira a guerra contribuiu ou não nessa (re)definição papéis? Houve mudanças nas relações sociais? Permanências? Modificam as experiências vividas na cultura?

Interrogo-me ainda: teria a Segunda Guerra Mundial “inaugurado” de certa forma a liberdade para as mulheres? O alargamento dos espaços públicos? Pode-se afirmar que suas práticas cotidianas foram alteradas - “veio aquela aflição, e ia tudo prá lá, né, aí então eu ia de madrugada prá fila prá pegar açúcar

⁹MALUF, Marina. Ruidos da memória. São Paulo: Siciliano, 1995. Cita que “qualquer informação sobre a questão das mulheres implica necessariamente em informação sobre os homens”. p. 20.

¹⁰Miguel Vale de ALMEIDA, num estudo sobre gênero, poder e masculinidade, na Aldeia de Pardais (Portugal), percebe a “dinâmica polifacetada das masculinidades e feminilidades e o próprio uso destes termos como operadores metafóricos para o poder e a diferenciação mesmo a níveis que não os de sexo e gênero”, fugindo da diferença biológica essencialista. Por este caminho, é possível problematizar percebendo construções específicas em lugares diferentes (valores como honra, virilidade, masculinidade podem se dar no agenciamento do poder por outras vias). Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: Anuário Antropológico/95. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 185.

... pão ...”, rememora Nair¹¹. “Ela (a mãe) pegava panos pretos e tapava os vidros pro avião não ver a claridade”, conta Maria de Lurdes.¹² “Uma vez acordei com ele me levando para o alto, fiquei embaçada. (Ele) sonhava que estava brigando, deu um soco no travesseiro. Podia ter me matado ...”.¹³ Não foram por acaso mulheres que se defrontaram com novas atitudes, desde a preocupação com o ‘pano preto’, o alimento racionado, o medo de ser sufocada enquanto dormia? E, de que medos “sofriam” os homens? Eles e elas por certo experimentaram esse cotidiano de truculência diante de situações ameaçadoras.

Pensar experiências dos seres humanos prevê ações, atuações, práticas cotidianas de resistência, já que os homens e mulheres constroem estratégias de sobrevivência e inventividade. As mulheres de quem estou falando narram suas vivências de um tempo de inseguranças, entrecortadas de medos, causadas por uma guerra que sequer entendiam, com o olhar cheio de cicatrizes e por vezes uma dantesca mágoa - “Eu trabalhava na máquina de fazer bordados, então eu tinha muito medo porque se eles (os alemães) vencessem a guerra eles iam invadir tudo, aí, a gente não era alemã, a gente estava lá, então eu tinha um medo danado”¹⁴, e, enquanto recorda, Jainira deixa no ar um enigmático desconforto como se estivesse assistindo um filme antigo cujos detalhes conduzem o fio das lembranças.

¹¹Entrevista concedida por Nair Lima de Medeiros, 83 anos. Florianópolis/Centro, 13/08/97

¹²Entrevista concedida por Maria de Lourdes Cardoso, esposa de ex-combatente. Florianópolis/Saco Grande, 08/10/97.

¹³Entrevista concedida por Nadir P. Da Silveira, 69 anos, esposa de ex-combatente. Florianópolis, Itacorubi, 12/06/97.

¹⁴Entrevista concedida por Jainira Alves da Silva, 89 anos. Bairro de Fátima, Florianópolis. Em 30/07/98. Jainira era funcionária das Fábrica de Rendas Hoepcke no tempo da guerra, que esteve sob suspeita de colaborar com os alemães de maio de 1942 a julho de 1943. Cf. Jornal A Gazeta (07/05/42 e 06/07/43).

Narrar uma história é um ato único, instantâneo, impossível de repetição com as mesmas expressões, gestos, suspiros, risos. Aquele que narra está refazendo, reconstruindo as experiências do passado a partir de uma referência do presente. O narrador, diz Walter Benjamin, "*colhe o que narra da experiência*", e, "*quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava a coisa escutada*"¹⁵, instigando ao método da curiosa e respeitosa escuta. Sim, os dramas e as emoções humanas não estão nos livros, mas desfilam nas lembranças, nas dobras das próprias recordações de quem narra. Aquele que escuta se transfigura num simples aprendiz de histórias que não cabem em formas.

Perceber experiências e cicatrizes desta guerra significa, também, profanar lugares que a memória quer esconder¹⁶, já que é próprio dos humanos esconder medos. De que medos estou falando? "*Eu tinha muito medo (dos quinta-colunas)! Era muito assim, sabe... 'vê, ouve, cala'. Papai sempre dizia prá nós 'vocês não tem que entrar em discussão nem nada, deixe o pessoal falar e escute, depois a gente, aqui em casa a gente fala'*", nos conta Nair. Outras vozes remetem ao ronco do avião o medo que levava todos para dentro de casa, "*a mãe botava prá dentro, não saia na rua, era uma escuridão ...*", lembra Maria de Lourdes. É importante interrogar sobre as representações desses medos e a interpretação que cada qual dava a eles e a leitura de mundo através das notícias recebidas. "*Fica o que significa*", nos lembra Ecléa Bosi¹⁷, ou seja, o signo - ronco do avião, a escuridão do blecaute, a fila do pão -

¹⁵ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural 1983. p. 60, 62.

¹⁶ Michael POLLAK afirma que o silêncio sobre o passado é a resistência da sociedade civil ante os discursos oficiais, sendo possível ler estes silêncios - as guerras produzem silenciamentos que se impõe a "... todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas". Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos 3- memória. Rio de Janeiro: PUC, vol. 2, 1989. p. 6.

¹⁷ BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.66.

pode ser um detalhe, mas que tem significados que remetem ao ato de recordar. A guerra é longínqua, mas o significado é real.

Para a abordagem deste estudo, parte-se do pressuposto de que as pessoas estão num constante "vir-a-ser" e que são (re)construídas de diferentes formas no estabelecimento das relações sociais. Ou seja, estou falando de pessoas que estão em constante mudança dentro de experiências de gênero, nas quais proliferam diferentes performances - nunca se é uma mulher ou um homem -, e, concordando com Judith Butler, "*a história do gênero pode revelar a gradual liberação do gênero de suas restrições binárias*"¹⁸. Nessa perspectiva, também a memória passa por resignificações já que referências posteriores alteram visões e concepções, e nunca é a mesma daquela vivida lá atrás.

Ecléa Bosi elucida ao dizer que a lembrança é uma imagem construída a partir de um conjunto de representações do momento da fala, portanto, "*ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor*"¹⁹.

Considerando a memória como um processo dinâmico, é também um discurso onde a arte de lembrar filtra ações e as deposita na linguagem oral. Analisar experiências do tempo presente, com a possibilidade de rememoração por parte dos sujeitos históricos, é também uma postura política. "*É necessário o desaparecimento dos últimos sobreviventes, daqueles que poderiam testemunhar?*", interroga-se René Remond.²⁰ O estudo das experiências observadas na narrativa oral, pretende, sim,

¹⁸ BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Witting e Foucault. In: BENHABID, Seyla, CORNELL, Drucilla (coords.). Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

¹⁹ Op. Cit., p. 55.

²⁰ REMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa da introdução. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 207.

localizar os 'sobreviventes' desta 'outra guerra', e, com isso, a possibilidade de um entendimento das relações e experiências cotidianas, em Florianópolis, nos anos 40, período em que ocorre a Segunda Guerra Mundial.

Investigar histórias, através da memória, com vistas às relações de gênero permite recuperar experiências femininas e masculinas na sua concretude sem, entretanto, se embasar em universos binários. Isso significa que não existe memória de homem ou memória de mulher em separado. "*Experiências e memórias possibilitam pensar em sujeitos diversificados que não se enquadram na oposição "homens"/"mulheres"*"²¹. Este debate tem frutificado e avançado a partir do artigo de Michelle Perrot, "*Práticas da Memória Feminina*",²² onde afirma que as mulheres carregam "*uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo*", portanto, sexuada. É possível pois, perceber na minha pesquisa que, entremeadas às lembranças do privado, questões do público interferem, se entrelaçam e deixam frestas para relações, diluindo-se as esferas, intercambiando-se. Nas falas das mulheres já entrevistadas sobre suas experiências durante o tempo da guerra, fica evidente que, se há lembranças do privado, não estão descoladas do exterior da casa, dos acontecimentos e rumores que circulam no espaço público. Como devem ter experimentado o espaço público as moças que se inscreveram para curso de telegrafista, substituindo os homens convocados para a guerra?²³ Com que visão de mundo foram aprender um ofício?

Por esta via, é possível perceber as experiências de homens e mulheres na construção de suas existências, e, nesse 'construir',

²¹KOFES, Suely, PISCITELLI, Adriana. Memória de "Histórias femininas", memórias e experiências. In: Cadernos Pagu: gênero, narrativas, memórias. São Paulo: Campinas: UNICAMP(8/9), 1997. p. 342-354.

²²PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. In: Revista Brasileira de História, A mulher e o espaço público. n. 18, ANPUH/Marco Zero, p. 9-18, 1989.

²³Jornal O Estado, Florianópolis, 06/10/42.

estão explícitas as relações de gênero. É reconhecendo as diferenças, respeitando-as, que se pode repensar culturas diversificadas e vivenciadas por sujeitos sociais - e assim também é possível analisar vivências durante a 'outra guerra', em Florianópolis. Ciente de que os papéis sociais são moldados e moldáveis - culturais, móveis, históricos - e consonantes com as relações sociais que vão se estabelecendo, serão observadas as multiplicidades de sujeitos sociais e suas diferentes vivências. E, com esse olhar, com a clareza de que não existe o homem/a mulher universal, mas pessoas vivendo em diferentes relações, e "*uma infinidade de mulheres que vivem em intricados complexos históricos de classe, raça e cultura*"²⁴, estão sendo observadas as experiências de pessoas nesta pesquisa.

Perceber as mulheres nesse entrelaçar de experiências e vivências, remete a indagação feita por Joan Scott, "*porque (e desde quando) as mulheres são invisíveis como sujeitos históricos, ainda que nós saibamos que elas participaram de grandes e pequenos eventos da história humana?*"²⁵. Sim, eles e elas, como caçaram jeitos de viver as agruras durante um tempo de guerra, como pernoitaram no negrume dos medos, como e o que sonharam? Estiveram as mulheres presentes, e por vezes nelas recaiu a parte mais ocre da solidão, porém, resistiram, e estão aqui, para nos contar suas história.

²⁴HARDING, Sandra. A instabilidade das teorias analíticas na teoria feminista. Revista Estudos Feministas, v. 1, n. 1. CIEC/ECO/UFRJ: 1993.

²⁵SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 9, jul/dez. 1990.

ENTRE TENSÕES E SOCIABILIDADES: ALGUMAS TRAMAS DO COTIDIANO FEMININO EM JOINVILLE NO SÉCULO XIX¹

Janine Gomes da Silva²

RESUMO

Este artigo tematiza uma história sobre a cidade de Joinville a partir de algumas vivências femininas durante o século XIX. Vivências permeadas por tensões que "demarcavam" espaços para imigrantes e brasileiros/as, e que buscamos evidenciar na tessitura desta história ...

UNITERMOS

Mulheres; Tensões; Sociabilidades.

ABSTRACT

This paper deals with a period of the 19th - century history of Joinville, focusing on the experience of women. Located between immigrant and Brazilian social groups, they have to face the tensions arising from different cultural patterns.

¹ O presente artigo busca apresentar alguns aspectos do cotidiano feminino, que foram tematizados em minha dissertação de mestrado, intitulada Tensões, trabalho e sociabilidades: histórias de mulheres em Joinville no século XIX, orientada pelos Professores Dr. Valberto Dirksen e Dr^a Joana Maria Pedro, defendida em dezembro de 1997.

² Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

KEYWORDS

Womanhood; Tensions; Sociability.

A história que nos propomos narrar é, antes de mais nada, uma história sobre a cidade de Joinville no século passado. Uma história que retira o olhar dos "grandes acontecimentos" e dos "grandes homens" para dar visibilidade às mulheres que viveram em Joinville. No entanto, de uma primeira intenção, que era a questão da visibilidade feminina, somaram-se outros fios condutores. "Fios" que nos possibilitam lançar outras interpretações, voltadas para a formação da cidade, que não ocorreu de maneira harmoniosa, pelo contrário, durante este processo percebe-se a existência de tensões entre brasileiros e imigrantes.

Embora existissem algumas famílias de brasileiros na região antes mesmo da colonização, a história da cidade é contada a partir de 1851, quando chegaram os primeiros imigrantes europeus, principalmente alemães, para colonizar estas terras que haviam sido negociadas através da Sociedade Colonizadora Hamburguesa de 1849. Além de alemães, a cidade recebeu imigrantes suíços, noruegueses e posteriormente italianos, no entanto, por serem os imigrantes alemães a maioria, é a história deste grupo étnico que sobrepõe-se na história local. Contudo, as famílias brasileiras foram aumentando na cidade no decorrer do século passado, principalmente a partir da década de 70, com a construção da Estrada da Serra e com a economia ervateira, predominantemente nas mãos de famílias brasileiras. Mesmo tendo sido importante a participação dos brasileiros na economia local, a história da cidade é escrita tradicionalmente a partir dos feitos dos pioneiros alemães, pois os trabalhos dos antepassados pioneiros construindo a riqueza da cidade, dão, ainda hoje, o tom aos discursos locais.

São as experiências "daquele tempo" que, ainda hoje, orientam muitas das práticas de homens e mulheres que vivem em Joinville, demonstrando uma presentificação da memória dos fundadores,

dos antepassados. São vários os depoimentos que presentificam, ao registrar alguns hábitos e costumes cotidianos, relações existentes com um tempo pretérito. Um tempo de luta, sonho e conquista, vivenciados pelos primeiros imigrantes e/ou a lembrança de uma Alemanha que, na maioria das vezes, não se conhece. Depoimentos como de Edith Íris Delitsch, que com 51 anos nunca foi para a Alemanha, mas orgulha-se do seu sotaque alemão. Para ela: "Pode parecer bobagem, mas é um orgulho da gente trazer até na fala as origens da terra. É que em casa meus avós só falavam alemão"³.

Este orgulho, é apenas um, entre tantos exemplos, que podem ser citados para demonstrar a presentificação de uma memória dos imigrantes. Uma memória que é também "garantida" em espaços construídos e/ou preservados por descendentes de imigrantes, como por exemplo, o Arquivo Histórico de Joinville.

O pioneirismo do imigrante é ponto fundamental da maioria dos discursos sobre a cidade de Joinville. Demonstrar tais elaborações discursivas é importante para podermos compreender as tensões presentes na formação da cidade. Entendemos que, apesar dos discursos sobre a cidade enaltecerem a harmonia, existiu tensão entre brasileiros e imigrantes. E, podemos observar, por exemplo, através das representações de imagens femininas veiculadas pela imprensa em português, que as mulheres faziam parte (e, às vezes, eram alvos) desta tensão. Quanto aos jornais optamos por privilegiar a *Folha Livre* para esta análise, por este jornal dedicar sempre uma coluna "às leitoras", que sugestivamente chamava-se "Seção Amena". Além desta seção, a *Folha Livre* trazia sempre anúncios destinados às mulheres, ou na coluna "Anúncios" ou na "Seção Noticiosa". Ofereciam "véus", "enxovaes" e "renda para vestidos"⁴. Avisava do baile da semana⁵ e

³ Jornal A Notícia. Joinville, 03/11/1996. p. D6.

⁴ Jornal Folha Livre. Joinville, 22/05/1887, n.18. p.4.

⁵ Idem. 20/02/1887, n.5. p.2.

oferecia uma "boa criada."⁶ A coluna "Anúncios" também destinava às leitoras produtos de beleza, como o "pó de arroz, que dá as moças um certo quê inexplicável que as torna mais bonitas, mais simpáticas."⁷

Analisando a *Folha Livre* percebemos também imagens de mulheres idealizadas. Imagens (re)construídas a cada texto, reafirmadas a cada novo discurso. Discursos carregados de uma preocupação com a educação feminina voltada para o lar, com o caráter moral que estas deveriam ter.

No entanto, cabe lembrar que estas imagens fazem parte de um contexto, não podem, portanto, serem analisadas dissociadas do momento em que estão sendo (re)elaboradas. A sociedade joinvilense que se configurava no momento da apresentação do referido modelo feminino, já não era mais a de uma típica pequena Colônia. Apesar da maior parte dos joinvilenses residirem na zona rural no fim do século XIX, pode-se observar a constituição de um núcleo urbano.

Possivelmente, a *Folha Livre*, ao reforçar as condutas da mulher ideal estivesse sentindo a pressão de uma nova elite - a brasileira - que se constituía, a partir da década de 80 do século passado, a partir da construção da Estrada da Serra e da economia ervateira.⁸

⁶ Idem. 08/02/1887, n.3. p.4.

⁷ Idem. 02/01/1887, n.1. p.4.

⁸ TERNES, Apolinário. História econômica de Joinville. Joinville: Meyer, 1986. Ressalta-se que a elite administrativa de Joinville era no decorrer de todo o século XIX majoritariamente composta por imigrantes. E, somente a partir do desenvolvimento econômico proporcionado pela comercialização da erva-mate, que uma nova elite - a brasileira - começou a despontar, a partir da década de 80 do século passado. E, ainda, sobre a economia ervateira como base da liderança "luso-brasileira" em Joinville, ver: S. THIAGO, Raquel. Coronelismo urbano em Joinville: o caso de Abdon Baptista. Florianópolis: Edição Governo do estado de Santa Catarina, 1988.

Seria então, a essa elite urbana, no seu processo de afastamento do rural e da pobreza, que dirigiam-se as imagens idealizadas femininas dos jornais? Tudo indica que sim. Tais discursos, através da sua linguagem e das suas notícias iam “construindo” o modelo da mulher de Joinville daquele século. Essas imagens são, principalmente, de mulheres urbanas, e destinavam-se a elas, pois, estavam formando uma certa elite. Possivelmente, esta elite brasileira que aos poucos constituía-se, buscava diferenciar-se por ter ascendido socialmente.

Entendemos que a construção da cidade não foi um processo harmonioso e no momento em que esta nova elite brasileira constituía-se, além de demarcar seus espaços em relação aos grupos influentes de imigrantes e descendentes, possivelmente, fazia-se importante reeditar os valores da “civilização”. Neste sentido, os periódicos impressos em português foram importantes divulgadores dos preceitos da família civilizada. Pois, também falavam das virtudes domésticas, especialmente, das virtudes femininas.

Talvez, ainda, essas “notícias para mulheres”, sejam apenas representações daquela sociedade. E as representações são importantes para entendermos aquele grupo, os seus valores, os seus poderes, as suas práticas. Na (re)construção destes espaços, públicos e privados, em Joinville, no século passado, podemos observar suas especificidades, onde há uma elite econômica sobrepondo-se a uma elite cultural - mas que convivem no espaço público, segundo os discursos sobre a cidade - em harmonia. Ao descortinarmos algumas imagens femininas, nos deparamos com alguns indícios de preconceitos entre imigrantes e brasileiros/as. Indícios que nos levam a relativizar tal harmonia, talvez originados da maior participação de brasileiros no cotidiano econômico e político da cidade, mas ainda submersos pelos discursos de cidade germânica. De qualquer forma, desvendam-se no público, e apontam para uma outra teia de relações cotidianas.

Vivências nuançadas pelas diferenças entre brasileiros e imigrantes em relação, por exemplo, na participação da sociedade nos mais diversos eventos. Em 1890, por exemplo, por ocasião das comemorações de 15 de Novembro, o jornal *Kolonie-Zeitung* menciona que alguns brasileiros olham com desprezo para os alemães:

“... desagrada-nos sobremaneira que muitos cidadãos de origem brasileira, e principalmente, organizadores da festa, e pessoas que gabam seu ‘Patriotismo’ e que olham com desprezo para os ‘alemães’, não tenham enfeitado ou iluminado suas casas. Não podemos deixar de censurar profundamente tal atitude.”⁹

Sobre a tensão entre brasileiros e imigrantes, algumas notícias de jornais demonstram que houve disputa (e desqualificação) entre estes grupos, e que as mulheres eram, às vezes, temas centrais desta questão:

“Como deve ser estúpido ver uma miss de cabelos cor de manteiga e olhos esverdinhados arranhando uma guitarrilha atrás de uma rotula!

E uma alemã executando ao piano os nossos tangos repinicanos!

E uma camponesa dos Alpes suíços pitando um delgado cigarrinho espanhol, em vez de chupar o seu tosco cachimbo de pinho ! ...”¹⁰

⁹ *Kolonie-Zeitung*. Joinville, 18/11/1890. Curiosidades do *Kolonie-Zeitung*. Tradução: Maria Thereza Böbel. In: Boletim do AHJ. v. 2, n. 1 e 2, out./dez./1984. Mimeo. pp. 12-3.

¹⁰ *Jornal Folha Livre*. Joinville, 17/04/1887, nº 13, p. 4.

Ao desqualificar o "outro", alguns artigos contrastam singularidades com nuances de preconceito. Evidencia o "não-dito", através de sinais que salientam conflitos. Ao satirizar o diferente - "cabelos cor de manteiga"¹¹, "cabelos cor de algodão em rama (...) que comiam broas com torresmos (...) que só falavam de batatas"¹² - construíam também vários estereótipos em relação às mulheres alemãs.

Mas, outras imagens femininas foram delineando-se ao longo do século passado, em Joinville, onde as imigrantes e suas descendentes, deveriam ser - trabalhadoras, rápidas e prendadas - aspectos sugeridos por algumas fontes que contam do modelo da mulher alemã.

Para algumas a tarefa de abastecer a casa, para outras, plantar e vender. A importância do trabalho dos/as colonos/as da região de Pirabeiraba, na época, zona rural da Colônia, expressam-se nas reminiscências de Editt, bisneta de imigrantes. Sobre a sua avó paterna, nascida no final do século passado, Editt lembra que ela costurava "para fora", participando ativamente do orçamento doméstico.¹³

Salienta-se, através de algumas reminiscências, o quanto estavam presentes nas falas das mulheres as elaborações discursivas referentes ao trabalho. Em vários momentos de sua fala, D. Gerda menciona os seus trabalhos, o trabalho de sua irmã, de seu avô, de sua mãe.¹⁴ Pontua os diversos trabalhos desenvolvidos como uma espécie de sinal de demarcação de cada história de vida. Sutis significações de uma "ideologia do trabalho", que permeia sua história e possibilita-nos observar como repetiam

¹¹ Idem.

¹² Idem. 1 2/06/1887, nº 21, p. 3.

¹³ EDITT FISCHER DROLSHAGEN VOGELSANGER. Nascida em Joinville em 04/02/1923, bisneta de imigrantes. Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva, em 14/12/1995.

¹⁴ GERDA HAGEMANN. Entrevista concedida à Raquel S. Thiago, em 29 e 30/03/1989.

o discurso do trabalho, pois, as mulheres, juntamente com os homens, são reprodutoras culturais.

Todavia, não é só nas vozes de um tempo pretérito que localizamos a "ideologia do trabalho", tais discursos são elaborados e reelaborados no presente. Nos dias atuais, conversando com vários homens e mulheres, ouvimos, costumeiramente, histórias de muito trabalho.

Em Joinville, além de esposas, mães e donas de casa, as mulheres foram também colonas, costureiras, "criadas", cozinheiras, parteiras, professoras e proprietárias de estabelecimentos comerciais.

Quando professoras, as mulheres geralmente ensinavam além das disciplinas comuns, atividades manuais, tendo em vista que as atividades relacionadas à educação das meninas deveriam estar voltadas para o interior - o lar. Levando em consideração que os/as imigrantes trouxeram consigo as tradições da antiga pátria, podemos sinalizar, por exemplo, o fato da mãe do Sr. Schneider, D. Cristiane, só ensinar outras crianças no começo de sua vida, depois de casada, só ensinava aos filhos.¹⁵

Ao evidenciarmos o trabalho das mulheres, não objetivamos ratificar os "discursos" acerca do progresso de Joinville, e sim, dar visibilidade às mulheres através de um aspecto tão importante na história da cidade: o trabalho. No entanto, convém lembrar que, são os trabalhos das imigrantes e suas descendentes que estão mais registrados nos "espaços da memória". Diversos discursos atuais sobre Joinville a proclamam como "cidade do trabalho". Nesta cidade, que cultua e preserva o trabalho dos pioneiros, os vestígios, mesmo quando sobre as mulheres, também são mais presentes quando referem-se às imigrantes e suas descendentes.

Também ao dar visibilidade às mulheres no decorrer desta pesquisa, buscamos evidenciar o cotidiano daquelas mulheres, pois

¹⁵ ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER. Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva, em 29/04/1996.

os vestígios de homens e mulheres que viveram em Joinville no século passado, nos possibilitam conhecer um pouco de suas sociabilidades, ou ainda, talvez, de suas "sociabilidades restritas", como as verificadas por Philippe Ariès.¹⁶ Em Joinville os momentos de sociabilidades "fechavam-se" em espaços de experiências e vivências destinados ou a brasileiros ou a imigrantes.

As atividades e sociedades próprias de cada grupo étnico podem ser verificadas, por todo o período estudado. O número de atividades e de sociedades, verificadas principalmente pelos anúncios de jornais, para os alemães e teuto-brasileiros é bem maior que para os brasileiros. O número de locais destinados às práticas recreativas na cidade eram consideráveis já no início da colonização. As estatísticas de 1867, portanto apenas dezesseis anos após a fundação da Colônia, apontam a existência de quatro salões de baile e quatro pista para jogos de bolão.¹⁷ O fato do número de sociedades para os imigrantes e descendentes serem maiores dava-se, possivelmente, por serem estes mais numerosos na cidade. No final de 1870, Joinville apresentava um total de 6.452 habitantes, sendo 4.085 estrangeiros e 2.367 joinvilenses ou naturalizados.¹⁸

Contudo, analisando as várias notícias sobre estas atividades, poucas são as que deixam explícitas a separação. Mas, buscando compreender um pouco mais de como se relacionavam no dia-a-dia estes grupos, os indícios de diferenciação apresentam-se. Ao entrevistar o Sr. Adolfo Bernardo Schneider, nascido em 1906,

¹⁶ ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (Orgs.) História da vida privada: da Renascença ao século das luzes. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 8.

¹⁷ Subsídios Históricos. Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff. Excertos do Kolonie-Zeitung. Notícia de 20/07/1867. In: Blumenau em cadernos. Tomo XXX, Março de 1989, nº 3. p. 81.

¹⁸ Idem. Notícia de 18/03/1871. In: Blumenau em cadernos. Tomo XXXIV, Abril de 1993, nº 4. p. 122.

escritor dedicado à história local e à preservação da memória dos imigrantes, conhecedor das histórias da Colônia desde o século XIX, especialmente pelo que ouvia de seus pais e pelos vários anos de pesquisa no AHJ, ao perguntarmos sobre os bailes, se era tanto para alemães, quanto para brasileiros, ele nos respondeu rapidamente: "Pagava a entrada e tinha direito"¹⁹. Mas,

"Não havia separado. Separação havia apenas com os pretos e os mulatos. Que em Joinville era uma classe de gente muito pobre, que nem roupas tinha para vestir para ir ao baile. Existia um salão de baile na zona sul lá onde eles moravam. Existia uma classificação dentro da cidade, regiões onde moravam os teutos, os alemães e os protestantes, havia outra região onde moravam os católicos, geralmente os lusos, também tinha alemães católicos, mas que morava para lá. Então havia uma separação entre religiões (...) Havia separação entre religiões, não somente étnica."²⁰

Aparentemente, a separação era apenas com os "pretos e os mulatos". Mas, aos poucos, outros dados foram revelando-se:

"A separação acontecia dentro do salão. O salão era geralmente grande, (...) então numa banda sentava os teutos e na outra banda sentava os lusos. (...) Da família também tinha preconceito. (...) Havia pais que (...) assim como eles não

¹⁹ ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER. Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva, em 29/04/1996.

²⁰ Idem.

concordavam com a mistura de brancos com pretos, assim não concordavam com a mistura.”²¹

As palavras do Sr. Adolfo revelam outras formas de sociabilidades, não imbuídas de harmonia, mas carregada de preconceito. Porém, o preconceito com o brasileiros é, às vezes, “amenizado” pelo fato de ser católico. Não é, portanto, neste caso, a etnia, mas o credo o elemento diferenciador:

“(…) então os conselhos e instruções que o pai dava para a filha, é que, as filhas não podiam nem começar namoro com algum luso, porque também tinha diferença de religião, que era também talvez o mais importante.”²²

Não parece ser uma explicação plausível, e possivelmente não seja, mas, de qualquer forma, as contradições permeavam as relações daquelas pessoas. Os bailes, seja pela frequência ou pelas descrições, revelam-se espaços privilegiados de diversão das pessoas que viveram em Joinville no século passado, às vezes começavam à tarde, outros iam até o amanhecer, como o narrado por Ottokar Dörfel, em uma de suas cartas à sua mãe:

“(…) preciso contar a você, sobretudo, como foi o baile acima imaginado. (...) No início só se dançava, durante a refeição, que a propósito estava fria e bastante frugal, que o grupo ficou animado, e finalmente, quando me tornei um pouco mais alegre, soltei uma porção de divertimentos para

²¹ Idem.

²² Idem. Ainda, segundo depoimento de Maria Thereza Böbel, que pesquisou a documentação da Igreja Luterana em Joinville, o primeiro casamento inter-étnico, em Joinville, só aconteceu na década de 70 do século passado.

entretenimento geral. Somente pela manhã voltamos para casa.”²³

Mella Kroehne, também falou dos bailes dando a eles grande importância, tanto que, para dançar fazia “sacrifícios”:

“Na época ainda não existiam os coches em Joinville e como o local da reunião ficava um tanto afastado do centro, alugava-se uma carroça de 4 rodas, que oferecia como assentos, sacos recheados de palha. E lá íamos nós - o vestido branco de musselina, sem o qual moça nenhuma aparecia nas festas - cuidadosamente dobrado e envoltq num guardanapo branco, no colo - e lá íamos nós! No próprio local da reunião mudávamos de vestido. O local tinha o nome de “Zum Deutschen Kaiser” (Ao Imperador Alemão) e localizava-se à rua Santa Catarina, numa distância de meia hora do centro e pertencia a um senhor de nome Kalotscke. Mantinha ele, além do salão de baile, um restaurante num jardim, junto a um parque. Tudo de primeiríssima, para a época.”²⁴

Segundo Mella Kroehne, no salão do Sr. Kalotschke, quase todos os domingos havia concerto e domingueira (tarde dançante).²⁵ Aliás, os bailes associados a apresentações de corais e teatro, parecem ser característicos dos grupos germânicos, diferente dos bailes dos brasileiros, pois, analisando os jornais escritos em português, observamos por exemplo, que os anúncios de bailes (ou a partida do mês como chamavam) não costumavam citar outras atividades conjuntas. Já, os anúncios dos bailes destinados

²³ Carta de Ottokar Dörfel, para sua mãe, datada de 21/09/1855. Tradução: Helena Remina Richlin.

²⁴ Relato de Mella Kroehne. In: Boletim Informativo do AHJ. Joinville, ano 5, nº 2, 03/1988. p. 10.

²⁵ Idem.

principalmente para o público alemão, presentes principalmente nos jornais impressos em alemão, costumavam demonstrar que os bailes acompanhavam outra atividade, como as apresentações de peças, canto ou tiro ao alvo.

Os salões Berner, Fischer, Kalotschke, Molitor, entre outros, foram certamente palco de animadas festas, mais procurados pelos imigrantes e seus descendentes. Já, os brasileiros tinham, no período estudado, os bailes do Congresso Joinvillense, outros também, mas na imprensa o que mais aparece é o do Congresso e pelos sobrenomes que compunham a diretoria, observamos ser uma sociedade destacadamente brasileira. Seis meses após a sua fundação, as notícias destacavam a importância desta Sociedade para os brasileiros.

“Teve lugar domingo passado, no salão Berner, o baile mensal da sociedade “Congresso Joinvillense”.

Posto que a noite estivesse um pouco chuvosa, não era de esperar a pouca concorrência que se viu, e que se pode tomar como indiferença da parte dos respectivos sócios, quase todos brasileiros, para com a única sociedade dançante brasileira, ou pelo menos a única que tem o título em língua do país. Criada em novembro do ano passado, conseguiu ela reunir todas as famílias brasileiras do lugar e mesmo algumas distintas famílias alemãs desta cidade; a sua instalação foi animadora, ultimamente, porém, vai-lhe aparecendo arrefecimento, sendo diminuta a frequência às suas partidas, apesar dos esforços da sua boa diretoria.

Estranhemos esse desânimo que, si se prolongar por alguns meses, terá como resultado a queda do “Congresso”, vindo-se a realizar o que

muitos dizem - em Joinville não dura muito qualquer sociedade brasileira -.

Considerando que nas sociedades alemãs desta cidade, às quais pertencem muitas famílias brasileiras, as moças brasileiras não são convidadas a dançar senão pelos cavalheiros brasileiros (sem que achemos explicação para isso) torna-se preciso uma sociedade onde se recreiem as nossas famílias, maximé aqui onde os bailes são por assim dizer os únicos divertimentos.

Como sociedade brasileira o “Congresso” deveria ter uma organização mais nacional, como por exemplo abolir o artigo dos Estatutos que impõem pagamento pecuniário pelos convites, assim como renegar-se a sistema de isolamento das senhoras pelos cavalheiros, quando é até uma delicadeza, depois da dança, o passeio de cavalheiros e damas pelo salão.

Esses são os nossos costumes e os nossos hábitos.

Muito folgaremos se a distinta sociedade puder contar longos anos de uma feliz existência.”²⁶

Salienta-se, através desta fonte, a referência às distinções étnicas. O Congresso era uma das poucas sociedades destinada aos brasileiros. E, o anúncio nos conta da necessidade de manter essa sociedade, pois, nas outras (dos de “origem”), “as moças brasileiras não eram convidadas a dançar”. Fragmentos que revelam as “separações” na cidade. Não são muitas, além dos

²⁶ Seção Noticiosa. Folha Livre. Joinville, 03/07/1887, n. 24. p. 3. Grifos nossos.

bailes, as referências que encontramos de atividades culturais voltadas para os brasileiros, como eles mencionavam. Mas, quando apareciam eram bem recebidas.

Outras sociabilidades, especialmente entre os imigrantes, davam-se nos passeios e piqueniques. No início da colonização, possivelmente, o mais corriqueiro divertimento de algumas famílias joinvilenses eram as visitas, aos amigos e aos parentes. Os lotes, um pouco distantes, exigindo longas caminhadas, ou o acúmulo de trabalho durante a semana, geralmente deixavam as visitas para o fim de semana, como nos revelaram diversas reminiscências. Tantas atividades e sociedades, e tantas não citadas nestas páginas, na maioria de imigrantes, vem ao encontro das palavras de Maria Luiza Renaux, ao dizer que esta prática, "... fazia parte das sociedades alemãs no exterior e contrabalançava a rudeza do trabalho e a saudade, sendo fator de preservação da cultura alemã."²⁷

Destaca-se também, outro aspecto das sociabilidades de homens e mulheres que viveram em Joinville, no século passado: o que "permaneceu", ou seja, o que não foi esquecido na história local. Como já mencionamos, Joinville, até os dias atuais ainda é descrita, através dos mais diversos discursos, como uma cidade germânica, mesmo recebendo imigrantes das mais diversas regiões do país. A presentificação (e valorização) dos aspectos da cultura germânica, demonstram, de certa forma, o predomínio do imigrante, principalmente o alemão, na história local. Assim, na construção deste trabalho, encontramos mais indícios das sociabilidades das imigrantes, fato que demonstra o quanto as experiências cotidianas das brasileiras foram amenizadas.

Quais eram as formas de sociabilidades das mulheres imigrantes? E as brasileiras, o que achavam de comportamentos e atividades, às vezes, tão diferentes dos seus? De seus

²⁷ RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Blumenau: FURB, 1995. p. 108.

comportamentos e atividades encontramos alguns indícios, mas, várias outras histórias podem ser "urdidadas" sobre as experiências cotidianas vivenciadas por homens e mulheres em Joinville, em um tempo pretérito ...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das letras, 1994.
- BURKE, Peter. (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____, et al. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, Albertina de Oliveira, BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotiano e Poder: em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle (Dir.). *História das mulheres no ocidente: o século XIX*. Tradução Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, v. 4, s/d.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Flávio R Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. **Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil**. Campinas, 1993. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas.
- MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: UFSC, 1994.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- WOLFF, Cristina Scheibe. **As mulheres na Colônia Blumenau: cotidiano e trabalho (1850-1900)**. São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**QUALIDADE DE VIDA DE UMA PROSTITUTA
DE RUA DE FLORIANÓPOLIS:
DUAS MULHERES NUMA ÚNICA MULHER QUE
SONHA COM OUTRO TRABALHO**

Andrea da Silva¹
Maria de Lourdes Salmito²
Patrícia Vendramini³
Zuleica Maria Patrício⁴

RESUMO

Tendo como pressuposto a prostituição enquanto trabalho foi desenvolvido um estudo com o objetivo de conhecer a qualidade de vida de uma mulher prostituta "de rua" da cidade de Florianópolis, a partir de um olhar Holístico-Ecológico. Os dados foram colhidos em trabalho de campo, através de observação participante e entrevista. O estudo mostra que a qualidade de vida dessa mulher é construída através de dois padrões distintos de interação, que ela desenvolve no ambiente do trabalho e nos demais ambientes de seu cotidiano. Nestes contextos as representações de seu trabalho não se exteriorizam, o que faz o seu cotidiano idêntico ao de qualquer "mulher comum". Nessa duplicidade de personagens existe uma única mulher que idealiza uma melhor qualidade de vida através do

¹ Enfermeira. Especialista em Saúde Pública. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção/UFSC. Integrante do Núcleo TRANSCRIAR-UFSC.

² Administradora. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção/UFSC.

³ Administradora. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção/UFSC.

⁴ Enfermeira. Doutora. Docentes nos Programas de Pós-Graduação em Enfermagem, Engenharia de Produção e Administração da UFSC. Coordenadora do Núcleo TRANSCRIAR-UFSC. Orientadora do trabalho.

“ter” outras condições de vida, focalizadas em outro tipo de trabalho, tendo como único objetivo “ser outra pessoa”, para poder ser livremente ao mesmo tempo mulher trabalhadora-esposa-mãe.

UNITERMOS

Qualidade de Vida; Mulher; Prostituição.

ABSTRACT

Considering prostitution as a job, this study investigates the quality of life of a “street hooker” in Florianópolis from a holistic-ecological perspective. The data was obtained through participant observation and interview. The results show that the quality of life of this woman is constructed by two different patterns of interaction - one in the work place, the other in the remaining environments of her daily life. In the latter, the representations of her work do not surface, which renders her daily life similar to those of other women. In this duplicity there is only one woman, a woman who envisions a better quality of life through different conditions, another kind of job. Her sole objective is “to be another person” so that she can freely be a working woman, a wife and a mother.

KEYWORDS

Life Quality; Woman; Prostitution.

INICIANDO O DIÁLOGO

No cotidiano do viver, no senso comum, a prostituição é considerada a profissão mais antiga do mundo. A própria Bíblia Sagrada apresenta registros sobre prostituição:

Então veio um dos sete anjos, que tinham os sete cálices, e falou comigo, dizendo: Vem cá, e eu te mostrarei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre as grandes águas; com quem se prostituíram os reis da terra, e que tem embebedado os habitantes da terra com o vinho da sua prostituição (Bíblia Sagrada, Apocalipse 17:1-2).

No século XV, na França, a prostituição existia como “algo” pertencente à comunidade, ou dependente da autoridade senhorial, pessoa de maior autoridade na comunidade, quando esta não possuía nem corpo nem conselho. A prostituição era aceita publicamente por todos sem preconceitos ou restrições. Somente em épocas de peste ou de festas cristãs, os bordéis eram ordenados a fechar suas portas (Rossiaud apud Ariés e Béjin, 1987).

Para Freitas (1985), há várias categorias de prostitutas, considerando o seu local de atuação, tal como aquelas de motel, de rendez-vous⁵, de “zona” e as da própria rua. As categorias das prostitutas estão relacionadas com a qualidade de cliente que elas pretendem encontrar.

Segundo Rossiaud (1991) existem diferentes expressões que determinam e definem claramente os tipos de prostitutas, em “mulheres públicas comuns” e “mulheres secretas”. Estas últimas o autor ainda classifica, de um lado, em “prostitutas de rua” e “meretrizes de prostíbulos”, e, de outro, em “levianas” ou “vagabundas”.

Ao longo da história, encontramos vários sinônimos para identificar a profissional da prostituição, tais como “meretriz”, “puta”, “cortesã”, “quenga”, “moça leviana”, “mulher de vida

⁵ Estabelecimento menor com salão central, ao redor do qual os quartos são dispostos (Freitas, 1985).

fácil", "vagabunda", "garota de programa", "gueixa", "profissional do sexo", "prostituta".

No Brasil, até 1951, a atividade de prostituição era regulamentada legalmente, recebendo as prostitutas uma Carteira da Delegacia de Costumes. Atualmente encontra-se em tramitação na Comissão de Trabalhos da Câmara dos Deputados um projeto que pretende garantir aos "profissionais do sexo" o direito à aposentadoria e definir regras para o exercício desta atividade (Trindade, 1997, p. 46).

A prática da prostituição por si só, no Brasil, não é considerada crime. Constam no Código Penal apenas artigos que falam da exploração, intermediação e indução de mulheres à prostituição, isto, sim, considerado crime. Da mesma forma que outros tipos de trabalho também são considerados crimes, como trabalho escravo e de crianças, por exemplo.

A prostituição é convencionalmente abordada de duas maneiras: "como objeto de estudo em si mesmo e/ou como contexto para estudos sobre o que se convencionou chamar de comportamento desviante" (Freitas, 1985, p. 09).

A partir da literatura consultada sobre o tema, percebe-se que a prostituição é tratada como um fato coletivo existente, e quase nada é mostrado sobre a história de vida da prostituta.

Acredita-se que a atividade profissional de prostituição faz parte da história de vida da mulher prostituta, e também que a sua história de vida não se reduz somente a esta atividade.

Tendo em vista esse pressuposto e contemplando o que foi solicitado na disciplina T.E.E. Qualidade de Vida do Ser Humano Trabalhador numa Abordagem Holístico-Ecológica⁶ – "Fazer um estudo sobre a qualidade de vida de um ser humano trabalhador" –, foi escolhido como objeto de estudo a qualidade de vida de mulheres prostitutas residentes em Florianópolis.

⁶ Disciplina do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC, ministrada pela Professora Zuleica Maria Patrício.

Ressalta-se que "qualidade" aqui é entendida como características de um fenômeno ou de um objeto que o faz ser o que é, seja no processo de construção, seja no produto final. A qualidade de vida no sentido avaliativo pode variar de pessoa para pessoa. Uma qualidade de vida pode ser considerada boa para uma pessoa e para outra não. É, portanto, um conceito que está submetido à concepção particular de cada indivíduo ou grupo que pensa segundo seu referencial (Patrício, 1995).

Neste contexto, considerando a vontade e o desafio de conhecer sobre o "trabalho de prostituição", as pesquisadoras foram a campo desenvolver um estudo de caráter qualitativo, com o objetivo "compreender a qualidade de vida de uma prostituta 'de rua' e de uma prostituta considerada 'de luxo', da cidade de Florianópolis", através de princípios de um referencial de abordagem holístico-ecológica.

A abordagem holístico-ecológica tem como propósito aproximar-se o melhor possível da compreensão da realidade. Visa o conhecimento do indivíduo como um todo nas suas múltiplas interações, sem esquecer suas particularidades, considerando as dimensões físicas, culturais, sociais, políticas, psicológicas, espirituais e afetivas do processo de viver dos seres humanos.

O CAMINHO QUE O ESTUDO PERCORREU

O estudo é caracterizado como qualitativo e pretende responder, através de trabalho de campo: como é a qualidade de vida da mulher prostituta. Para tanto, foi aplicada a técnica de observação participante com entrevista, conforme Minayo (1994), Patrício (1990, 1995) e TRANSCRIAR-UFSC (1993).

Considerando que para o desenvolvimento do estudo no campo é necessário um momento de fundamentação, caracteriza-se como o primeiro momento deste estudo aquele que aconteceu em sala de aula, durante o desenvolver da disciplina referida anteriormente. Nestes encontros, que ocorreram uma vez por semana nos meses de

setembro a dezembro de 1997, foram discutidos-refletidos temas relacionados à qualidade de vida, tendo como foco a multidimensionalidade desse fenômeno e suas múltiplas interconexões.

Denomina-se segundo momento aquele no qual foi elaborado o projeto deste estudo, que ocorreu concomitantemente com o final da disciplina, no mês de dezembro de 1997.

O terceiro momento caracteriza-se como aquele em que foi desenvolvido o estudo propriamente dito, fase em que ocorreram as atividades no campo.

Inicialmente as pesquisadoras foram a campo para "escolher" os sujeitos do estudo, que seriam a prostituta "de rua" e a "prostituta de luxo".

No decorrer do estudo em campo, foi preciso desistir de realizá-lo com as prostitutas "de luxo", devido à negação por parte destas. A justificativa dada às pesquisadoras foi que não assumiam "abertamente essa atividade (prostituição) perante a sociedade", em especial perante seus familiares.

Ao iniciar o estudo com a prostituta "de rua", as pesquisadoras passaram uma tarde realizando observação numa praça da cidade de Florianópolis. Naquela situação sentiram dificuldade em realizar o primeiro contato com uma das mulheres prostitutas observadas. Por isso, seguindo a indicação de um conhecido de uma das pesquisadoras, contatou-se com uma outra trabalhadora que, neste caso, exerce sua atividade numa rua publicamente conhecida como "ponto de prostituição" em Florianópolis.

No primeiro contato com esta personagem, foi apresentada a proposta do estudo, bem como as questões éticas nele envolvidas (sigilo de identificação e de fatos relatados mas considerados pelo sujeito não-publicáveis, descrição no desenvolvimento das atividades, devolução dos dados levantados).

A partir da confirmação da participação dela no estudo, desenvolveu-se as atividades neste campo: observação participante com entrevista e o registro dessa observação. No total foram

realizados quatro encontros no período vespertino, alguns na rua e outros no "hotel" (local onde o sujeito do estudo atende seus clientes), no mês de janeiro de 1998. Além disso, após os diálogos com o sujeito, as pesquisadoras encontravam-se para discussão e reflexão sobre os dados levantados e para planejamento dos futuros encontros. No quarto momento foi desenvolvida a análise dos dados levantados.

COMPREENDENDO A SITUAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO FEMININA: CONHECENDO SOBRE PROSTITUIÇÃO NA LITERATURA

Buscando literatura, inicialmente, teve-se dificuldade em encontrar livros que indicassem nos títulos os termos "prostituição", "prostitutas", "vida de prostituta". Mas encontraram-se alguns que falavam desse assunto, apresentando a prostituição em diferentes épocas ou a atividade de prostituição em determinado contexto. Neste item serão apresentados brevemente os achados da literatura, considerados mais importantes, sobre o tema.

A história

A prostituição dos primitivos agrupamentos, para Lombroso apud Ângelo (1986), foi a primeira forma de relação sexual. A partir daí se evoluiu para o sistema de "periodicidade", com a realização de encontros em datas pré-fixadas, inclusive em festas de caráter religioso, quando se cultuavam as deusas da fertilidade, como afirmação da perpetuação da espécie.

Deste modo, os relacionamentos entre homem e mulher cumpriam uma função de importância social: a procriação.

Dos tempos antigos, citam-se como exemplo o costume egípcio de consagração das mais belas virgens à deusa Ísis, quando elas se prostituíam, e festas fenícias que eram verdadeiras orgias, dirigidas por sacerdotes, onde se adorava a hermafrodita Astarté. E na

antigüidade greco-latina adoravam-se outras divindades como "Phalus", "Priapo", "Vênus", "Cotyto", "Petunda" e "Volúpia".

Segundo Aguir apud Ângelo (1986), "ao templo de Vênus Volúpia acorriam os libertinos dos dois sexos a pedir inspiração das práticas mais voluptuosas, e ao templo de Vênus Salacia ou Lasciva iam as cortesãs aperfeiçoar-se na sua profissão". Em festas regadas a vinho, honravam-se ao mesmo tempo Vênus e Baco (origem dos "bacanais") (Ângelo, 1986).

Para Ângelo (1986), esses excessos afrontavam a "moral e a saúde da população", exigiam medidas de repressão, especialmente aos agentes exploradores dos prostíbulos, semelhantes aos que hoje se conhecem como cafetões. Em Atenas, a legislação chegou ao extremo de ordenar penas de morte para estes "exploradores". Em Roma, a "Lex Julia de Adulteriis" e a "Lex Julia de Vi Publica" resultou em medidas contra a desordem sexual, prevendo como crimes de caráter público a exploração lucrativa da prostituição, e equiparando aos lenões o marido que não repudiasse a mulher adúltera, ou tirasse proveito desta situação. As penas, arbitrárias e severas, iam desde a prisão até o confisco, exílio, trabalho nas minas, considerado naquela época como trabalho "forçado".

Já a Igreja apregoava seu repúdio aos prazeres carnavais, pois considerava que essa dependência ao corpo prendia o espírito à matéria, impedindo-o de elevar-se em direção a Deus.

Praticar o sexo só por prazer era considerado pecado mortal. Assim o casamento tinha como objetivo único o de reprodução da espécie, e a Igreja não admitia a união conjugal em que não haviam filhos entre o casal (Rossiaud apud Ariés e Béjin, 1987).

Na França do século XV, pequenas povoações dispunham pública e oficialmente de prostíbulos. Eram construções grandes que possuíam um pátio rodeado de quartos, algumas vezes uma rua ou um conjunto de ruas onde existiam tavernas e lojas. Em quaisquer dessas modalidades, havia a proteção oficial. Seu aspecto físico se assemelha ao que hoje conhecemos por "zonas".

Segundo Freitas (1985, p.26), em estudo realizado em zonas de Belo Horizonte, esses locais se constituem de "estabelecimentos enormes, de dois ou três pavimentos, com imensos corredores ao longo dos quais estão dispostos os quartos (em torno de 60)".

Naquela época, a França também dispunha de termas ou estabelecimentos para banhos, muito bem guarnecidos com patês e vinhos nas suas cozinhas e com jovens criadas nos quartos, compondo assim um ambiente alegre, amplamente tolerado. Nestes ambientes desenvolvia-se, além de outras atividades, a prostituição.

Outra forma de prostituição ocorria em bordéis particulares, mantidos por alcoviteiras, proxenetas e estalajadeiras, onde de uma a três moças estavam à disposição dos clientes a qualquer momento. Na cidade de Dijon, em 1485, havia dezoito desses centros, de modo algum à margem da sociedade, sendo que treze deles eram coordenados por viúvas e esposas de artesãos que, além dessa atividade, continuavam a exercer seus ofícios normalmente (Rossiaud apud Ariés e Béjin, 1987, p. 94).

Além disso, havia as chamadas "moças levianas" que trabalhavam por conta própria, indo de pensão em pensão, oferecendo-se nas tavernas, nos mercados e nas ruas, quando não se ofereciam nos locais de trabalho dos possíveis clientes. Esse tipo de prostituição é o que talvez mais se aproxima com o sujeito do estudo – a chamada "prostituta de rua".

Ressalta-se que uma importante função dos bordéis franceses, além de desenvolver atividade de prostituição, era fornecer informações de clientes desconhecidos ou "marginais" às autoridades. Tal fato, conforme Freitas (1985, p. 69), ainda se repete, hoje, nas casas de prostituição de Belo Horizonte, já que as cafetinas e prostitutas de bordel servem de informantes para a polícia, pois esses locais são freqüentes refúgios de criminosos. O papel delas é informar aos policiais sobre a presença de pessoas suspeitas e procuradas, o que acaba criando laços pessoais entre policiais e prostitutas – desde a amizade até o rufianismo. Essa ligação é permeada de confiança por ambas as partes. As

prostitutas e cafetinas só dão informações se possuem certeza de que seus nomes não serão divulgados nem para o delegado. "Para elas, a quebra de sigilo pode significar sérios transtornos, inclusive a morte" e para os policiais significa a perda de uma preciosa fonte de informações, de rendimentos e de prazer (Freitas, 1985).

Nem sempre esse convívio entre as prostitutas e os policiais foi, ou é pacífico. Observam-se alguns relatos deste tipo, tais como: em novembro de 1979, as prostitutas da "Boca do Lixo" surpreenderam a população de São Paulo com uma passeata pelas ruas do centro da cidade em protesto contra a violência policial; notícia ainda quente nos jornais, e uma delas já desaparecia – alguns meses depois soube-se que esta tinha sido espancada e ameaçada para que não continuasse a fazer tais denúncias (Ângelo, 1986).

Por que ocorre a prostituição?

Na literatura há diferentes explicações e explicações sobre a prostituição. A reflexão da diversidade dessas explicações gerou diferentes questões.

A atividade de prostituição permanece ao longo dos anos devido:

À restrição dos desejos entre marido e mulher, ou seja, a esposa não poderia fazer determinadas carícias senão poderia ser entendida como libertina?

À miséria e à fome? À falta de oportunidades de trabalho?

À passividade da mulher em servir ao homem?

A algum distúrbio fisiológico?

Aos problemas de educação familiar? Com os pais? Com o cônjuge? Violência?

Muitas destas indagações provocaram entre as pesquisadoras momentos de discussão, em razão de "incoerências" e "contradições" encontradas no discurso de alguns autores.

Na sociedade antiga, era vergonhoso qualquer amor em relação à mulher de outrem, mas também era vergonhoso o casal desposado

apresentar amor excessivo. "O homem sábio deve amar sua mulher com discernimento, não com paixão. Que ele domine o impulso da volúpia e não se deixe levar com precipitação à copulação" (Flandrin apud Ariés e Béjin, 1987, p. 144)

Esse demasiado controle leva a crer que a prostituição vem suprir as necessidades e carências que tal sociedade já reprimia – desejos, prazeres, fantasias relacionadas à sexualidade das pessoas. O papel das prostitutas seria, então, possibilitar a realização dos desejos masculinos, visto que suas esposas não tinham o direito de sentir prazer em uma relação sexual (Ângelo, 1986).

Para Ângelo (1986), em cada "senta direito, menina", ouvido na infância, ou em cada olhar dirigido ao corpo da mulher, pelos homens da rua, pode-se ver a imagem da prostituta. As moças de família são criadas para o casamento, mas, a qualquer momento, por transgressão ou desconhecimento das regras, podem ser tomadas por prostitutas. Ou se transformarem numa delas.

Segundo este mesmo autor, a prostituição é fruto da dupla moral que regula o comportamento, pensamento de homens e mulheres na sociedade. As mulheres são condicionadas, desde muito pequenas, a exercer as funções de mãe, esposa, dona-de-casa, tendo a sexualidade reprimida em nome de seu papel de simples reprodutora.

Ainda para este Ângelo (1986), do outro lado estão os homens, cuja sexualidade não é refreada; pelo contrário, é incentivada. No casamento, estes encontram a mãe de seus filhos e uma serviçal que, gratuitamente, reproduz sua força de trabalho, cuida do seu cotidiano. Fora do casamento, porém, é que encontram o prazer, com outro "tipo" de mulher, as outras, as prostitutas, aquelas que aparentemente vivem de um prazer, mas que, na verdade, como as primeiras estão colocadas a serviço das "necessidades" de uma sociedade masculina e patriarcal.

Neste contexto, encontram-se mulher e homem – vivendo juntos a mesma miséria sexual. Da mesma forma que partilham da miséria

econômica e do sistema de exploração de nossa sociedade (Ângelo, 1986).

Sem papel intermediário, entre tornar-se “mãe” ou “prostituta”, a menina que perdeu a virgindade – muitas vezes violentada por um homem – carregará o estigma de “perdida”. Sobre aquela que passou pelo casamento, separando-se do marido, pesa também um estigma. O sustento dessas mulheres, que vinha do pai ou do marido, desaparece no mesmo momento do abandono. A pergunta que fica é: como elas irão sobreviver? (Ângelo, 1986).

A prostituição é encarada pela ação institucional, pelo senso comum, e, o que é pior, pelas próprias prostitutas, como deficiência pessoal e vocação de um certo “tipo” de mulher – “puta nasce” (Ângelo, 1986).

Segundo Peixoto apud Ângelo (1986), a prostituição tem duas causas essenciais: a primeira, de natureza biológica ou patológica, vem da deficiência mental congênita, neurastenia, histeria, degenerações etc.; a outra, social ou econômica, vem da desigualdade entre os sexos, do sistema social e econômico em que vivemos. Ainda neste mesmo contexto, a prostituição é considerada, por muitos, como um “mal necessário”.

Relatos e reflexões acerca do cotidiano do viver de prostitutas na literatura não se encontrou nada além do que foi apresentado neste item. Adiante, no item 4, relata-se o cotidiano de vida de uma prostituta de rua de Florianópolis, através de um olhar holístico-ecológico, cuja análise conduz à identificação e compreensão de sua qualidade de vida.

O SER HUMANO NUM OLHAR HOLÍSTICO-ECOLÓGICO

Segundo Patrício (1995), o ser humano, quando vem ao mundo, vem com possibilidades de ser, estar, fazer e ter. Expressa-se no mundo através de seus desejos, necessidades, buscas, criações, satisfações, produções, dores e prazeres. Torna-se, em nível

crescente de complexidade, um ser cultural-social e espiritual através das interações que vai fazendo durante a sua vida.

Teoricamente, o ser humano é igual aos demais seres humanos, mas, dependendo da qualidade das interações com o ambiente em que se insere, a construção de sua qualidade de vida pode torná-lo diferenciado dos demais seres humanos. Seu processo de evolução – transformação – se dá de acordo com sua cultura, sexo, classe social e características biológicas.

O ambiente é o contexto, o espaço, micro e macro, onde o ser humano vive. É a natureza física, energética (natural ou socialmente modificada), representada pela terra, sol, lua, ar, água, pelos vegetais, minerais e animais... O ambiente também é o meio sociocultural e energético-afetivo-espiritual, e tudo o que ele envolve. É representado por microcontextos (família, escola, trabalho, lazer ...) dinâmicos e inter-relacionados, influenciando-se e influenciando o ambiente maior, representado pelo país, continente, mundo, pelo universo (Patrício, 1995).

O ambiente torna-se recurso quando oferece ao ser humano as possibilidades de desenvolver suas potencialidades de criar, buscar, desenvolver e manter os componentes desse mesmo ambiente, incluindo os tecnológicos, econômicos, educacionais, legais, entre outros, de forma a construir a qualidade de vida que deseja, enquanto indivíduo e coletivo (Patrício, 1995).

“É preciso conhecer o conjunto das relações não apenas num dado momento, em um dado sistema, mas em seu movimento de formação, já que todo o indivíduo não é somente a síntese das relações existentes, mas também a história dessas relações” (Gramsci apud Patrício, 1996, p. 47).

Gramsci apud Patrício (1996) percebe o ser humano concebido como um bloco histórico de elementos, repleto de possibilidades oferecidas por outros homens e pela sociedade. Mas, segundo Patrício (1996), esses outros “homens” e a “sociedade” também causam limitações ao ser humano, na medida em que lhe negam participar como igual na construção da qualidade de vida humana.

Para Gramsci, o "homem é o que ele come", o "homem é o seu vestuário", o "homem é a sua moradia", o "homem é seu modo particular de reprodução", dessa forma, ele é a sua família, já que na alimentação, no vestuário, na casa, na reprodução residem elementos da vida social nos quais se manifestam as relações sociais (Gramsci apud Patrício, 1996, p. 47).

A família é um dos contextos do ser humano. É caracterizada como um conjunto interpessoal-cultural, formado por seres humanos que interagem por diferentes motivos, tais como afetividade e reprodução, e mesmo por necessidade de convívio coletivo por outras razões (Patrício, 1990).

O conceito de família é relativo, subjetivo; a imagem, a sensação de ter, de ser, de pertencer ou estar em família é o ser humano que estabelece (Patrício, 1990).

Enquanto um contexto físico, sociocultural, espiritual, energético e afetivo, a família tanto pode ser um recurso (possibilidade) para o crescimento e desenvolvimento saudável de seus membros, como também pode ser uma limitação nesse processo, através da imposição de normas e tarefas que não façam parte do sistema de valores de seus membros, ou para as quais estes ainda não estejam preparados; da limitação da liberdade, na opressão; e através do não-provimento de recursos (Patrício, 1990).

Ver o ser humano na perspectiva holístico-ecológica é compreendê-lo na sua diversidade e universalidade, na sua transculturalidade, na integralidade da qualidade de vida no que se refere ao atendimento de suas necessidades, individuais e coletivas, de ser, estar, sentir, conhecer, fazer e ter, em seu processo de viver e ser saudável, através da dinâmica da interação ser humano-natureza-cotidiano-sociedade e de suas possibilidades e limitações inseridas em padrões éticos e estéticos (Patrício, 1995).

As necessidades do ser humano são eventos essenciais à vida e à melhoria da qualidade dessa vida; promovem a reprodução da espécie, o crescimento e desenvolvimento deste como ser singular e social. Possuem dimensão física, sociocultural, biológica, espiritual,

afetiva ... O sentido das necessidades está condicionado à visão do ser humano, às suas crenças, valores, suas práticas, seus desejos, expectativas e metas, em cada momento da vida, na história e no cotidiano, bem como aos recursos de que dispõe para satisfazê-las (Patrício, 1990).

Os recursos do ser humano são suas possibilidades reais e em potencial, como: ele próprio, biológico e socialmente construído nas suas múltiplas interações, incluindo as naturais como, sol, água, terra, ar. É sua criatividade, energia, seus desejos e expectativas; seus valores; suas crenças e práticas, seus conhecimentos; os processos de produção de bens de sobrevivência e transcendência em seu contexto (rede social, família, comunidade, sociedade), que lhe dão condições de satisfazer suas necessidades incluindo lazer e trabalho entre outros (Patrício, 1990).

Nesta perspectiva, a qualidade de vida do ser humano é construída através das interações que desenvolve com o mundo social e natural, no processo de busca de atendimento das necessidades de ser, estar, querer, sentir, conhecer, fazer e de ter, enquanto indivíduo-coletivo nos diferentes cotidianos do seu processo de viver, especialmente, em nossa cultura, no ambiente da família e do trabalho (Patrício, 1995).

Na realidade, todos esses conceitos são encontrados em indivíduos e grupos particularizados, concretizados no processo de viver através da construção da qualidade de vida numa dada sociedade.

"... MEU DIA-A-DIA É IGUAL AO DE QUALQUER OUTRA MULHER COMUM ...": O PROCESSO DE VIVER DE UMA PROSTITUTA DE RUA DE FLORIANÓPOLIS

Vida⁷, 31 anos de idade, morena, cabelos longos, pretos e lisos, estatura mediana, moradora da cidade de Florianópolis desde o nascimento, trabalhadora da prostituição há aproximadamente 12 anos, atualmente amasiada com um antigo cliente. Demonstra ser uma pessoa alegre e espontânea.

"Uma mulher", como ela mesma diz, "comum"; diariamente, acorda, faz o café da manhã, arruma a casa, prepara o almoço, arruma-se para o trabalho, o qual inicia às 14 horas e termina às 23 horas, de segunda a segunda.

Aos 19 anos, quando trabalhava como empregada doméstica em uma residência, Vida engravidou de seu namorado. Por esse motivo, separaram-se. Com o "desgosto" trazido pela gravidez fora do casamento, foi expulsa de casa pelo seu pai, após o nascimento de sua filha, criada então pelos avós. Neste momento, vendo-se obrigada a sustentar-se e sem encontrar um emprego, Vida passou a trabalhar como prostituta.

O motivo pelo qual Vida "entrou" para a prostituição também é um dos motivos que levam muitas outras mulheres a desenvolver esse tipo de atividade, conforme observado em vários relatos na literatura.

Vida exerce a atividade de prostituta há mais ou menos 12 anos, relatou que inicialmente desconhecia "muitas coisas" da vida, mas com o passar desses anos tem "aprendido" sobre sexo, saúde, cuidados e riscos com seus clientes, com as colegas de profissão e com outras experiências vividas.

Seu cotidiano no trabalho resume-se a aguardar e conquistar clientes em uma esquina de uma das ruas da cidade de

⁷ Pseudônimo utilizado pelas autoras do artigo para identificar o sujeito do estudo. Criado a partir da representação que autoras têm do sujeito.

Florianópolis; a acompanhar esses clientes até o local onde exerce propriamente seu trabalho e a realizar a atividade sexual da forma previamente combinada com seu cliente.

O "ponto", a rua, em que Vida trabalha, localiza-se no centro comercial, em uma parte antiga de Florianópolis, publicamente conhecida na cidade como local de prostitutas e drogados. Esta região possui várias wiskerias, bares, dormitórios, lojas em geral e diversas construções em estilo açoriano, mal preservadas.

Ao observar esta rua, percebe-se um número bastante expressivo de transeuntes e de mulheres "paradas" nos bares. Há nesta rua também um tatoo, que, além de fazer tatuagens, serve como point de usuários de drogas.

A esquina do "ponto", como qualquer outra esquina urbana, possui um poste de iluminação pública, um edifício que serve de sede para uma repartição pública estadual; não possui marquise, mas tem calçada e numa de suas laterais é permitido o estacionamento de carros. Alguns dos carros estacionados são usados como descanso por Vida e suas colegas, já que elas passam a maior parte do tempo em pé aguardando os clientes. Quando chove, elas buscam abrigo nas marquises próximas da referida esquina.

O "hotel" encontra-se nessa mesma rua, no segundo piso de um prédio. Sua entrada pode ser considerada discreta, visto que sua caracterização é semelhante a de qualquer outra entrada em prédios dessa rua. A escada estreita que dá acesso ao hotel, como todo o ambiente, apresenta pouca luminosidade. As paredes são pintadas com cores fortes (fundo rosa) e com desenhos de plantas (samambaias verdes). Seu interior possui três ou quatro quartos, dois banheiros, uma cozinha e um corredor utilizado como recepção. Numa área próxima à escada existe um armário com chaves onde as prostitutas guardam seus pertences.

Além de servir como local de realização da atividade profissional, o "hotel" serve também para descanso e encontro com as colegas. Possui uma recepcionista que cuida da limpeza, troca a

roupa de cama, fornece preservativo masculino e recebe a taxa de uso do quarto.

Esta descrição do "ponto" vem ao encontro das descrições de ambientes de prostituição na literatura, ou seja, construções antigas, uma rua ou um conjunto de ruas com tavernas, bares, lojas e, de certo modo, aceitos publicamente (Ariés e Béjin, 1987).

As prostitutas de rua na cidade de Florianópolis podem ou não estar ligadas a um cafetão. No caso específico de Vida, ela trabalha independentemente. Tem contato profissional com a recepcionista do "hotel" onde o "programa" ocorre, pois cada vez que utiliza um quarto seu cliente paga por ele e ainda recebe um preservativo. De certa forma, Vida recebe uma certa proteção e segurança física neste local.

Como qualquer atividade profissional, os seus serviços são oferecidos a clientes atendendo a determinados requisitos, estipulados por ela – pagamento pelo serviço prestado conforme o combinado, utilização de preservativo masculino, restrição do contato boca a boca (beijo) e ausência de feridas ou assaduras nos órgãos genitais.

Seus clientes são homens, transeuntes do "ponto". Por exercer sua atividade profissional na rua, os clientes de Vida provêm das mais variadas classes sociais, possuem diferentes biotipos e nível sociocultural. Essa característica do trabalho de Vida valida o que foi encontrado na literatura (Freitas, 1985).

A diversidade de clientes é vista por Vida tanto como possibilidades como limitações em relação à sua qualidade de vida. Possibilidades porque trazem recursos de sobrevivência e transcendência. O faturamento que tem com seu trabalho lhe garante o pagamento do aluguel de sua casa, alimentação, transporte e vestuário. Alguns clientes proporcionam incremento na sua renda por meio de presentes, como televisão, videocassete, geladeira, móveis, roupas; outros proporcionam troca de conhecimentos gerais, desde saúde até política.

As limitações apontadas por Vida dizem respeito à própria atividade que desenvolve, como o contato sexual com quaisquer clientes, especialmente quando têm as seguintes características: "fedido, sem dentes", "barrigudo". Algumas situações tornam o trabalho mais desagradável ainda, como por exemplo satisfazer determinadas "fantasias" dos clientes (previamente combinadas); produzir prazer ao outro sem sentir prazer; estar à mercê de clientes violentos que através da força física tentam forçá-la a realizar uma atividade não combinada.

Durante o desenvolvimento do trabalho no campo, percebeu-se a diversidade de clientes, validando o que Vida relatou, bem como o que foi encontrado na literatura.

Os "programas" propriamente ditos que Vida realiza possuem uma duração de aproximadamente 7 (sete) minutos, e a maior parte deles termina quando o homem tem sua necessidade de prazer atendida. A média ideal de "programas" considerada por Vida é de 7 (sete) a 8 (oito) por dia, mas costuma fazer apenas 4 (quatro). Vida costuma cobrar de R\$ 20,00 a R\$ 30,00 por "programa". Ao ser questionada sobre o tempo do "programa", afirmou que com ela 7 (sete) minutos é muito – "precisa ver eu, com esta saia, só abro os botões e pronto, é rapidinho". Quando Vida, na sexta-feira e no Sábado, faz a média ideal de "programas", permite-se permanecer domingo em sua casa.

Vida mora numa das praias da cidade de Florianópolis, e a maioria de seus vizinhos sabe sobre sua atividade profissional, não discriminando-a. Entretanto, refere que seu comportamento em casa é completamente diferente de quando está no trabalho – "Acha que eu uso roupa assim curta?" (apontando para sua minisaia que ficava a mais ou menos dois palmos acima do joelho).

Seu "marido" foi um antigo cliente. Pelos frequentes programas realizados num curto período de tempo, bem como pelo tratamento especial dado a ela fora dos programas, a conquistou e moram juntos desde então. Na atualidade está empregado, mas geralmente ele encontra-se desempregado, ficando desta forma a manutenção da

casa sob a responsabilidade de Vida. Por duas vezes, seu marido, segundo ela, a "tirou da vida".

Quando saiu "da vida", suas atividades restringiam-se àquelas domésticas. Nesse período, quando se deslocava ao centro da cidade, seu marido costumava ter ciúmes por temer que Vida pudesse vir a realizar algum "programa". Este aspecto vem corroborar o que alguns autores na literatura transportam do senso comum, ou seja, de que a prostituição não é um trabalho, uma profissão, mas um jeito de ser – "prostituta já nasce assim".

Seu marido já apresentou problemas de consumo de bebidas alcoólicas. Num desses momentos, Vida procurou auxílio da sua família. Porém seus familiares revoltaram-se ainda mais, pois, além de "gigolô", passaram a considerá-lo um "alcoólatra".

A partir do momento em que Vida foi expulsa de casa, o relacionamento que mantém com sua família é caracterizado como distante. Vida considera sua família "conservadora" e patriarcal; por este motivo não lhes participa, abertamente, de sua profissão. Mas informou que alguns de seus irmãos sabem da sua atividade, o que causa nela certo constrangimento, "vergonha" e dor, principalmente quando eles a encontram exercendo sua profissão na rua – "minha irmã já me viu na rua. Dói muito".

O relacionamento com seus familiares, após a morte de seu pai, restringe-se a alguns encontros aos domingos, onde transcorrem-se conversas amenas, sem um contato mais íntimo. E na época em que seu pai era vivo Vida refere que mantinha uma distância muito maior de seus familiares.

Os encontros eventualmente ocorridos aos domingos servem também como oportunidade de Vida entrar em contato com sua filha.

Rosa⁸, atualmente com 12 anos de idade, mora com sua avó materna, é estudante do primeiro grau e desconhece a atividade profissional que sua mãe exerce.

Quando Vida refere-se a sua filha, o faz de maneira carinhosa e orgulhosa. Caracteriza Rosa como uma "menina tranquila, comportada", relata que procura orientá-la sobre as "coisas" do mundo, da vida em geral (o que não teve como orientação de seus pais). Manifesta desejo de ter a companhia de Rosa diariamente, mas respeita a decisão de seu pai, de que enquanto um dos avós estiver vivo, Rosa morará com este, longe da mãe.

Mesmo após a morte do pai, Vida continua acatando sua autoridade e vontade, talvez por respeito ou por ela mesmo se discriminar, achando-se pouco digna do convívio da filha enquanto exercer esta profissão.

A história de Vida é semelhante a de tantas outras mulheres que são expulsas de casa quando jovens, pela família, geralmente pela decisão do pai, em razão de ter engravidado fora do casamento. A questão é que justamente esse é o momento em que a menina mais precisa do apoio da sua família. Mas, numa situação de preconceito, a própria família torna-se uma limitação na vida desta menina-mulher.

O poder do pai, o poder do homem, nessas circunstâncias, vem sendo ainda uma constante nas decisões que interferem na qualidade de vida das mulheres que engravidam quando adolescentes.

No caso de Vida, a família tem sido um recurso e uma limitação. Recurso porque, de certa forma, garante uma qualidade de vida mais tranqüila para a sua filha, apesar de ela propriamente sentir-se mal com esta situação, em razão de sua profissão. Limitação porque, além da rejeição sofrida no passado, hoje, ainda, Vida é escrava da vontade do pai, mesmo estando morto.

⁸ Pseudônimo utilizado pelas autoras para identificar a filha do sujeito do estudo.

Além do sonho de poder ter sua filha constantemente com ela, Vida também alimenta outros sonhos, como o de ganhar uma casa da “Casa Feliz”⁹ e o de “sair da vida”.

Sua percepção em relação a sua profissão parece contraditória. Ao mesmo tempo que fala da sua insatisfação em ser prostituta, da dificuldade em ficar em pé no “ponto”, e da tristeza em ter relações sexuais com desconhecidos; considera esta atividade como “vida fácil”, pois o dinheiro nesta profissão “vem fácil” – “é só ir lá, abrir as pernas e pronto, já ganho em dinheiro limpo uns R\$ 20,00; se tiver bom o dia posso tirar limpo uns R\$ 150,00” – além da possibilidade de programar seus dias e horários de trabalho sem a presença de um chefe.

Ao mesmo tempo que afirma que esta profissão é de “vida fácil”, manifesta um profundo desejo de “sair da vida”. Percebe-se isto mais claramente quando Vida apresenta o seu significado de qualidade de vida – “é ter uma casa própria, é ter outro trabalho, sair da vida e trabalhar na Zona Azul¹⁰ ou como faxineira, é ter o meu marido em um emprego fixo”.

Além disso, Vida demonstra saudade do período em que era mais jovem ou, como ela mesma considerou, “inocente”, caracterizando assim o período anterior a sua gravidez e “entrada na vida”.

Vida demonstra em sua fala que o contexto sócio-político mundial nada tem a ver com o seu ambiente cotidiano, com sua qualidade de vida. Parece alheia a esse tipo de questão. Considera apenas situações que interferem nela diretamente, tal como aquelas provocadas pelo pessoal do GAP (Grupo de Apoio aos Portadores de AIDS):

⁹ Organização que promove o sorteio de variados prêmios, entre eles uma casa, mediante o pagamento mensal de um carnê.

¹⁰ Venda de tickets para o estacionamento de carros.

“Eles vêm aqui toda sexta-feira e nos entregam 3 (três) camisinhas, como se a gente fosse apenas fazer três programas. Imagine se nós não tivesse as nossas! No Natal eles estavam entregando cestas básicas para o pessoal aidético. Eu fui lá pedir uma para mim, pois o movimento estava fraco. Eles não me deram. Disseram que era só para quem tinha o vírus. Quer dizer, valia mais estar doente do que não. Parecem que querem que a gente pegue AIDS logo. Eles ajudam pouco quem não é doente” (Notas de Campo).

O cotidiano do processo de viver de Vida resume-se às interações que esta mantém no seu ambiente de trabalho e com seu marido. As relações interpessoais, conforme o manifestado por ela mesma, são de diferentes intensidades e tipos. No trabalho, Vida procura ser a Vida Prostituta e fora do trabalho a Vida Dona-de-Casa, ou seja, ser esta última uma “mulher comum”, como qualquer outra mulher.

Sendo assim, a qualidade de vida dessa mulher é construída através de dois padrões distintos de interação: aquele que ela desenvolve no ambiente do trabalho e outro nos demais ambientes de seu cotidiano, especialmente na família. Nestes contextos, as representações de seu trabalho não se exteriorizam, o que faz o seu cotidiano idêntico ao de qualquer “mulher comum”.

Nessa duplicidade de personagens, existe uma única mulher que idealiza uma melhor qualidade de vida através do “ter” outras condições de vida, focalizadas em outro tipo de trabalho, tendo como único objetivo “ser outra pessoa”, para poder ser livremente, ao mesmo tempo, mulher trabalhadora-esposa-mãe.

Finalizando o diálogo neste momento

Conhecendo melhor a região da cidade de Florianópolis, na qual foi desenvolvido o estudo, as pesquisadoras passaram a ter um olhar diferente do que até então tinham. Este olhar agora pode ser considerado mais contextualizado, pois traz à tona a realidade de uma região onde se exerce atividades profissionais estigmatizadas de forma negativa pela sociedade. Essa realidade existe, passa-se por ela diariamente; basta querer enxergá-la para se ter noção da sua dimensão.

Do momento da concepção do estudo até o da apresentação do seu resultado, ou seja, este artigo, vários sentimentos permearam o cotidiano vivenciado pelas alunas pesquisadoras. Inicialmente, instigadas em conhecer o "mundo" das trabalhadoras prostitutas, possuía-se várias expectativas e desejos a serem realizados. Durante o trabalho de campo, os sentimentos foram se renovando, desde alegria pela recepção por parte de Vida, curiosidade em saber mais, em escutar mais, ansiedade em relação ao novo, até o sentimento de medo, angústia em relação à insegurança física e tristeza frente alguns relatos sobre a história de vida daquela mulher.

Alguns dos desejos e expectativas foram satisfeitos; outros não. Considera-se que isso faz parte do próprio processo de viver, e do próprio processo do estudo. Algumas concepções das pesquisadoras sobre trabalho, qualidade de vida e até mesmo sobre ser humano foram validadas e outras modificadas. O conhecimento agora é mais abrangente e consolidado devido ao desenvolvimento do trabalho de campo.

Percebe-se que existem algumas afinidades entre a literatura sobre o tema e o que se observou e se captou no trabalho de campo, mas também existem divergências, principalmente na determinação da prostituição como um "mal necessário", um jeito de ser quase "genético".

Para o grupo de alunas, fazer esse estudo constituiu-se num exercício de olhar a realidade mais com olhos de mulher do que com

olhos de profissional, visto que o método e o tema não fazem parte do cotidiano de suas produções científicas. Algumas questões apontadas na literatura e no trabalho de campo poderiam ter sido aprofundadas, mas, considerando algumas limitações encontradas, não foi possível fazê-lo. O tempo disponível para a disciplina (trimestral) foi a maior dificuldade, associado ao fato de a aprendizagem exigida em métodos qualitativos ser bem mais abrangente. Considera-se que chegar onde se chegou com o estudo já foi um desafio vencido. Ressalta-se que ao final do trabalho este tema foi escolhido como objeto de estudo de dissertação de mestrado de uma das autoras.

A utilização do olhar holístico-ecológico possibilitou a compreensão da história e do cotidiano de viver de Vida de forma mais abrangente. Conceber o ser humano em multidimensionalidade, com possibilidades e limitações de ser, estar, fazer e ter nos seus microambientes, permitiu a compreensão da dimensão da qualidade de vida do sujeito desse estudo, resultando numa outra abordagem de concepção de prostituição, que considera não o "fator biológico", mas fatores sócio-cultural-afetivos.

Durante os encontros com Vida, teve-se a oportunidade de falar com várias outras trabalhadoras da prostituição. No diálogo com elas, percebeu-se que estas mulheres possuem uma vida fora do seu trabalho, possuem desejos, sonhos, vontades, saudades, dores e tristezas como qualquer outro ser humano. Exercem a atividade de prostituta por diversas razões, mas principalmente levadas pela conjuntura sócio-político-econômica do país.

Neste estudo, foi-se "olhar" e "conhecer" a qualidade de vida de um ser humano trabalhador, que neste caso é uma prostituta, extremamente estigmatizada pela sociedade. Ao término, "conheceu-se" a realidade de um ser humano que, como humano, possui expectativas, sentimentos, desejos, limitações, anseios, alegrias e tristezas no seu viver e sobretudo aspira a uma melhor qualidade para sua vida. Parafraseando Vida: "A trabalhadora da

prostituição é uma mulher como qualquer outra mulher, é um ser humano como qualquer outro ser humano”.

Resgatando as concepções de ser humano do referencial utilizado, o imaginário das pesquisadoras apresenta um ser humano nascido com “todas as possibilidades” de ser a mulher cidadã que gostaria de ser e de ter a qualidade de vida que lhe satisfaça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÂNGELO, Assis et al. **A prostituição em debate: depoimentos, análises e procura de soluções**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.) **Sexualidades ocidentais: contribuições para a História e para a Sociologia da Sexualidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BACELAR, Jeferson Afonso. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.
- BÍBLIA SAGRADA. **Apocalipse**. Capítulo 17, versículo 1-2.
- FREITAS, Renan Springer de. **Bordel, bordéis: negociando identidades**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MINAYO, M.C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NOTAS DE AULA. **Disciplina: Qualidade de Vida do Ser Humano Trabalhador numa abordagem Holístico-Ecológica**, Profª. Zuleica Maria Patrício, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Ergonomia, Florianópolis, 1997.
- PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- PATRÍCIO, Zuleica Maria. **A prática do cuidar/cuidado à família da adolescente grávida solteira e seu recém-nascido através de um marco conceitual de enfoque sócio-cultural**. Florianópolis, 1990. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual e coletivo: uma questão bioética numa abordagem holístico-ecológico**. Florianópolis, 1995. Tese Doutorado: Programa de Doutorado em Filosofia de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. **Ser saudável na felicidade-prazer: uma abordagem ética e estética pelo cuidado holístico-ecológico**. Pelotas: UFPel, 1996.

ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

TRANSCRIAR – UFSC. **Projeto Base do Núcleo de Estudos Participantes do Processo de Viver e Ser Saudável**. Florianópolis, UFSC, 1993. Mimeo.

TRINDADE, Eliane. **Microempresárias do sexo. Isto É**. São Paulo. n.1464, 22 out. 1997, p. 46-52.

FAZENDO GÊNERO 3

GÊNERO E SAÚDE

PROGRAMA

13 de Maio - Quarta Feira

19:00 horas - Mesa Redonda - Gênero e Saúde

Tamara Iwanow Cianciarullo (Enfermagem/UFSC - Debatedora)

Vera Regina Salles Sobral (Enfermagem/UFF)

Sônia Malheiros Miguel (CFEMEA)

Dagmar Esteman (Educação/Enfermagem/UFRGS)

Local: Auditório da Reitoria

21:00 horas - Coquetel e lançamento de livros

Local: Auditório da Reitoria

14 de Maio - Quinta Feira

08:30 horas - Mesa Redonda: Gênero, Feminismo, Teoria e Metodologia

Cristina Scheibe Wolff (História/UFSC - Debatedora)

Maria Ignez Paulilo (Ciências Sociais/UFSC)

Cláudia Lima Costa (Letras/UFSC)

Alcione Leite da Silva (Enfermagem/UFSC)

Local: Auditório do Centro de Ciências da Saúde (CCS)

10:00 Horas - Mesa Redonda - Textualidade e Sexualidade

Tânia R.O. Ramos (Letras/UFSC - Debatedora)

Pedro de Souza (Linguística/UFSC)

Simone Pereira Schmidt (Letras/UFSC)

Maria Tereza Santos Cunha (Educação/UFSC)

Local: Auditório do Hospital Universitário

14:00 Horas - Grupos de Trabalho/Comunicações

Local: Salas 901, 903, 907 e 910 do CCS

17:00 Horas - Mesa Redonda - Corpo, Sexualidade e Representações

Mara Coelho de Souza Lago (Psicologia/UFSC - Debatedora)

Ymiracy N. de Souza Polak (Enfermagem/UFPR)

Maria Bernadete Ramos Flores (História/UFSC)

Sônia Maluf (Jornalismo/UFSC)

Local: Auditório do CCS

17:00 Horas - Mesa Redonda - Gênero, Saúde e Trabalho

Maria Regina Lisboa (Antropologia/UFSC - Debatedora)

Tânia Galli Fonseca (UFRGS)

Marta Júlia Marques Lopes (UFRGS)

Maria Betânia d'Ávila (Conselho Nacional de Direitos da Mulher)

Local: Auditório do Hospital Universitário

15 de Maio - Sexta Feira

08:30 Horas - Mesa Redonda - Gênero e Saúde Reprodutiva

Zahidé Lupinacci Muzart (Letras/UFSC - Debatedora)

Marta Ramires (Psicologia/UNICAMP)

Joana Maria Pedro (História/UFSC)

Local: Auditório do CCS

10:00 Horas - Mesa Redonda - Maternidade Paternidade: entre Práticas e Representações

Marcos Leite (Medicina/UFSC - Debatedor)

Moisés Tractenberg (Psicoanálise/Rio de Janeiro)

Maria Juracy Tonelli Siqueira (Psicologia/UFSC)

Susana Bornéo Funck (Letras/UFSC)

Local: Auditório do Hospital Universitário

14:00 Horas - Grupos de Trabalho/Comunicações

Local: Slas 901, 903, 907 e 910 do CCS

17:00 Horas - Mesa Redonda - Gênero de Políticas Públicas

Denise Pires (Enfermagem/UFSC - Debatedora)

Eva Blay (USP)

Clair Castilhos (Saúde Pública/UFSC)

Estela Leão de Aquino (Instituto de Saúde Coletiva/UFBA)

Local: Auditório da Reitoria

20:00 Horas - Sessão de Encerramento

Local: Auditório da Reitoria

MESAS REDONDAS

Gênero e Saúde

13 de maio - Quarta Feira - 19:00 Horas - Auditório da Reitoria

Debatedora: Tamara Iwanow Cianriarullo (Enfermagem/UFSC)

- Vera Regina Salles Sobral (Enfermagem/UFSC)

A construção histórica que hoje instrui a prática de mulheres-enfermeiras a cuidar de mulheres tem como ponto de referência científica a medicina cujo saber sobre nós foi conseguido através do registro cartográfico de homens vestidos examinando mulheres nuas e classificando como problemas as funções e os sentidos do nosso corpo - nossos processos naturais. Em uma perspectiva histórica, as práticas de cuidar de mulheres constituíam uma cultura feminina, cujos traços marcantes eram a solidariedade na família e na vizinhança, e na expressão de um corpo livre de preconceitos. Quando os homens se apossam da responsabilidade de assistir mulheres - seja no espaço público ou privado -, tornam a medicina e as práticas médicas (masculinas) o referencial científico da racionalidade, um bem de consumo. Ao se contrapor ao uso dos saberes intuitivo, sensível e emocional das mulheres, os homens racionalizam esses saberes e transformam uma prática, que era solidária, em outra que envolve economia, política e poder social, que prevalece até os nossos dias.

- Sônia Malheiros Miguel (CFEMEA): "Repensando a atuação: Advocacy em Saúde e Direitos Reprodutivos"

Partindo do pressuposto de que o conceito de gênero distingue a dimensão biológica da social e visa apontar para a não-continuidade entre estas, a proposta desta apresentação é refletir sobre a

experiência que vem sendo desenvolvida pelo CFEMEA (Brasil), Equidade de Gênero (México) e Flora Tristan (Peru), objetivando a formação de lideranças feministas em Advocacy em Saúde e Direitos Reprodutivos. O projeto é de âmbito regional e envolve diretamente 9 países da América Latina, com o objetivo de capacitar e instrumentalizar mulheres, e suas organizações, para que intervenham de maneira cada vez mais efetiva na construção de políticas públicas que levem em conta uma perspectiva de gênero e que incorporem a questão dos direitos sexuais e reprodutivos enquanto direitos humanos, tendo como um suporte as Plataformas de Ação e Resoluções das Conferências Internacionais da Organização da Nações Unidas, em particular a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento - Cairo'94 e a IV Conferência Mundial da Mulher: Ação para a Igualdade, Desenvolvimento e Paz - Beijing'95.

- **Dagmar Esteman** (Educação/Enfermagem/UFRGS): "Gênero e Saúde: Contribuições da Pós-Estruturalismo e dos Estudos Culturais"

Propõe-se uma reflexão acerca da potencialidades de se trabalhar com o conceito de gênero na área da saúde, considerando-se as contribuições e tensões incorporadas ao campo dos Estudos Feministas a partir de articulações com o Pós-Estruturalismo e com os Estudos Culturais. Desenvolvendo os conceitos de representação, linguagem, poder e identidade; problematizam-se alguns dos pressupostos que têm fundamento o trabalho educativo em saúde e aponta-se para algumas das possibilidades analíticas que podem se abrir com essa abordagem teórica.

Gênero, Feminismo, Teoria e Metodologia

14 de maio - Quinta Feira - 19:30 Horas - Auditório do CCS

Debatedora: Cristina Sheibe Wolff (História/UFSC)

- **Maria Ignez Paulilo** (Ciências Sociais/UFSC): "A clara rejeição feminista a um positivismo obscuro"

Este ensaio tem como objetivo apresentar os principais elementos constituintes dos métodos utilizados nas pesquisas feministas na Grã-Bretanha na década (1987-97), enfatizando especialmente a insistente rejeição ao positivismo. Tal rejeição está baseada em uma visão estereotipada do mesmo, o que impede qualquer reflexão sobre possíveis contribuições dessa linha de pensamento.

- **Cláudia Lima Costa** (Letras/UFSC): "Feminismo e olhar etnográfico: projetos incompatíveis?"

Este trabalho insere-se nos debates sobre as possíveis contradições da etnografia feminista. O reconhecimento, a partir da virada lingüística nas ciências sociais, do caráter narrativo de qualquer etnografia reorientou as discussões sobre relações de poder no campo antropológico para relações semióticas no texto. Assistimos a um deslocamento das discussões sobre política do encontro etnográfico para debates sobre poética da narrativa. Argumento que, apesar dos paradoxos epistemológicos e metodológicos entre feminismo e etnografia, as etnografias feministas exploram de forma produtiva as tensões entre a poética e a política do texto etnográfico.

- **Alcione Leite da Silva** (Enfermagem/UFSC): “A pesquisa como prática de cuidado na emancipação da mulher”

Tendo como referencial a vertente feminista pós-moderna, defendendo a pesquisa como uma prática de cuidado importante na emancipação da mulher. Esta defesa perpassa pela compreensão de ser o cuidado uma prática eminentemente social, política, de irreverência pelas ações coativas e de incorformismo com as formas opressiva de vida. Neste sentido, a pesquisa emerge da relação de reciprocidade e de intimidade, como forma de desconstrução da autoridade e como ativismo político. Ao buscar romper as barreiras das discriminações raciais, sociais, étnicas, religiosas e de gênero, a pesquisa pode se constituir em instância em que possa abrir e ampliar os espaços para novas formas de consciência crítica e de ação no mundo, para o reconhecimento das diferenças individuais e coletivas, e de formas solidárias de se viver em sociedade. Nesta perspectiva, a pesquisa poderá se constituir em uma prática social essencialmente ética, na medida em que se consubstancia em prática de transformação, de socialização do poder e de privilégios nas relações sociais.

Textualidade e Sexualidade

14 de maio - Quinta Feira - 10:00 Horas - Auditório do HU

Debatedora: **Tânia R. O. Ramos** (Letras/UFSC)

- **Pedro de Souza** (Linguística/UFSC): “Da primeira vez o sexo que se conta é texto”

Nota-se em várias revistas de entretenimento a presença repetida de uma sessão dedicada a cartas pessoais ou a relatos de si tematizando o primeiro contato sexual: *minha primeira vez*. Trata-se de publicações de periodicidade diversa e situáveis em meio aos

gêneros que vão do “correio sentimental” ao erótico ou pornográfico. Tomando, de um desses periódicos, fragmentos desse tipo de relato, pretendo apresentar alguns elementos para uma análise textual e discursiva, visando desenvolver a hipótese de que a emergência da sexualidade como fator de subjetivação situa-se no momento em que a primeira experiência de encontros corporais torna-se texto. Quero tentar mostrar que, em se tratando de plano lingüístico da expressão textual, a sexualidade que se constrói em si é da ordem do dobramento do sujeito sobre a escrita e sobre o discurso no qual ela funciona.

- **Simone Pereira Schmidt** (Letras/UFSC): “Falar ou falar-se: o corpo no [do] texto pós-moderno”

O trabalho pretende abordar duas faces divergentes da cena pós-moderna: de um lado, a tendência à “textualização de tudo”, promovendo a des-corporificação dos sujeitos e, em última instância, o esvaziamento do próprio discurso por eles produzido; do outro, o movimento em direção à re-significação do corpo como “mapa de identidade e de poder”, levando à historicização e à politização do pós-moderno.

- **Maria Tereza Santos Cunha** (História/UFSC): “Nas margens do instituído: memórias de mulheres”

O trabalho pretende apresentar algumas reflexões a partir dos dois conjuntos de Diários Femininos, escritos entre 1964 a 1974, por duas jovens normalistas, onde se procura destacar as representações sobre sexualidade através desta prática de escrita memorialística. Na perspectiva da História Cultural propõe-se discutir as potencialidades do texto memorialístico como uma construção que se faz lançando mão dos significados disponíveis no contexto social.

Corpo, Sexualidade e Representações

14 de maio - Quinta Feira - 17:00 Horas - Auditório do CCS

Debatedora: Mara Coelho de Souza Lago (Psicologia/UFSC)

• Ymiracy N. de Souza Polak (Enfermagem/UFPR)

Trata-se de uma reflexão sobre corpo, sexualidade e representação, com o objetivo de aprofundar a discussão sobre o corpo e a sexualidade na pós-modernidade. A reflexão foi enriquecida com algumas falas de donas de casas noturnas de Curitiba, que ajudaram a compreender o fenômeno em tela.

• Maria Bernardete Ramos Flores (História/UFSC): “A medicalização do sexo ou o amor perfeito”

O estudo da morfologia do corpo, do comportamento e da profilaxia do sexo, nas décadas de 1920 e 1930, liga-se às estratégias implementadas pelos médicos eugenistas, nos investimentos para a depuração da raça. O método seria a seleção conjugal através da criação de leis restritivas que impedissem os casamentos indesejáveis, pela exigência de exames de sanidade dos nubentes, cuja decisão final da habilitação dependeria do médico. Na fundamentação epistemológica desta política, acirra-se um discurso masculino, pregando o retorno das tradicionais identidades falocêntricas, rompidas, de alguma forma, especialmente em relação às mulheres, mas não só, com as mudanças dos finais do século XIX e inícios do século XX.

• Sônia Maluf (Jornalismo/UFSC): “O dilema de Cênis e Tirésias: corpo, pessoa e as metamorfoses de gênero”

Este trabalho, tendo como referência as noções de corpo, gênero e pessoa, pretende esboçar uma reflexão sobre a emergência, no cenário urbano contemporâneo, de todo tipo de transexualidade, travestismos e transformismos de gênero, que eu reuno aqui sob a denominação de metamorfoses de gênero. As idéias de mudança de sexo, de passagem de um gênero a outro, e de inscrição no corpo de determinadas características culturalmente ligadas ao outro gênero não são novas. No entanto, o florescimento de uma verdadeira cultura da transformação de gênero, ganha importância no imaginário e na produção cultural contemporânea, assim como no cenário urbano, com o aparecimento de novos personagens: além do travesti, que emerge na cultura urbana brasileira de forma mais visível no final dos anos 60, as drag-queens, os drag-kings, os transformistas, os transexuais, etc. Reunir estes diferentes tipos como formas de transformação de gênero não significa tirar a especificidade e a singularidade de cada uma dessas formas de mudança.

Gênero, Saúde e Trabalho

14 de maio - Quinta Feira - 17:00 Horas - Auditório do HU

Debatedora: Maria Regina Lisboa (Antropologia/UFSC)

• Tânia Galli Fonseca (UFRGS): “Trabalho e gênero: uma necessária articulação”

Articular trabalho e gênero pressupõe uma trajetória de rupturas e uma sustentação em territórios que apontam tanto para a provisoriabilidade do saber como para a própria transformação dos modos de conhecer e viver no mundo. Implica em rejeitar a

centralidade do economicismo, da qual decorrem efeitos como o de invisibilizar e/ou subordinar outras estruturas objetivas que se mostram ativas nos processos de trabalho e de gestão do mesmo. Torna possível personificar categorias econômicas, permitindo pensar não somente o capital mas os capitalistas, não o trabalho, mas os/as trabalhadores/as. Assim como o gênero, categorias como raça/etnia, geração e outras são também, contemporaneamente, trazidas à tona, fundamentando uma epistemologia que pressupõe o objeto de estudo e a própria sociedade como feixe de intrincadas relações, não necessariamente contínuas, regulares e harmônicas.

- **Marta Júlia Marques Lopes (UFRGS):** “Mulheres, saúde e trabalho”

O trabalho aponta complexidades teóricas da pesquisa sobre relações de gênero. Em geral, as estatísticas e as fontes utilizadas em pesquisa são pobres quantitativa e qualitativamente, e qualquer tentativa de sermos conclusivos nos leva a exercitar uma boa dose de paranormalidade. Resgatar a complexidade e a dinamicidade dos processos sociais implica pensar os comportamentos do gênero, as etnias, as classes sociais, o trabalho, entre outros. Essa é a principal e árdua tarefa do(a) pesquisador(a).

- **Maria Betânia d'Ávila (Conselho Nacional de Direitos da Mulher, coordenadora do SOS Corpo/Gênero e Cidadania - Recife - PE):** “Saúde da mulher e políticas de saúde”

Gênero e Saúde Reprodutiva

15 de maio - Sexta Feira - 08:30 Horas - Auditório do CCS

Debatedora: Zahidé Lupinacci Muzart (Letras/UFSC)

- **Marta Ramires (Psicologia/UNICAMP):** “E da perspectiva masculina sobre aborto, quem fala?”

Ao falar de gênero e saúde reprodutiva, se produz uma associação quase imediata que remete à mulher, sua sexualidade, sua reprodução e seus direitos. A associação surge do fato de ser ela o principal sujeito biológico nos eventos reprodutivos. Consequência desta realidade, construíram-se sistemas teóricos explicativos que buscaram compreender o sistema hierárquico que colocava a mulher em um lugar subordinado, justificado por sua função na reprodução, que a aproxima mais à natureza que à cultura. Sem dúvida, feministas de diferentes áreas do conhecimento questionaram tais argumentos, evidenciando que a maternidade é uma construção histórico-cultural e, a necessidade de criar formas de organização social inter-gêneros mais igualitárias. Nas últimas décadas aparece o homem como um ator importante e necessário nestas novas formas de relação entre os gêneros. Na reflexão que apresento, em função do aborto provocado, pretendo discutir os aspectos simbólicos implicados nos processos reprodutivos, tentativa com a qual se busca desnaturalizar os argumentos que “privilegiam” a mulher como única “sujeita” de responsabilidades e direitos nesta problemática.

- **Joana Maria Pedro (História/UFSC):** “A criminalização de práticas abortivas”

As práticas abortivas que hoje são alvo de incriminação e de penas no Código Penal - tanto do Brasil como em vários países -

possuem uma longevidade que se perde no tempo. Nossa pesquisa tem procurado acompanhar estas práticas na história da civilização ocidental e observar os esforços realizados pela Igreja e pelo setor público para tentar controlar e criminalizar tais práticas, que vêm resistindo ao tempo. A história das tentativas de incriminação e da resistência destas práticas ajuda-nos a desnaturalizar a discussão sobre o aborto, a perceber os investimentos feitos na mudança de sentimentos e a observar as contradições do processo civilizador.

Maternidade e Paternidade: entre práticas e representações

15 de maio - Sexta Feira - 10:00 Horas - Auditório do HU

Debatedor: **Marcos Leite** (Medicina/UFSC)

• Moisés Tractenberg (Psicanálise/RJ): "Perspectiva psicanalítica"

A maternidade e a paternidade se iniciam quando ela se descobre grávida, e o pai é notificado do diagnóstico da gravidez. Configura-se assim uma relação vincular com o pai que designei "Casal Grávido", por suas características muito particulares. Emocionalmente, enquanto já constituíam um casal, ele e ela nunca se sentiram tão unidos como quando se descobrem "grávidos", no caso de ser compartilhado amorosamente o desejo de ter um filho. O conceito de "casal grávido" poderia ser visto como um conceito limitrofe, pertencente à psicologia do indivíduo e à psicologia grupal ao mesmo tempo. A "Teoria do Vínculo", do psicanalista argentino Enrique Pichon Riviére, permite uma aproximação empírica e teórica do que sucede entre os três protagonistas do casal grávido. A maternidade e a paternidade podem evoluir positivamente num sentido amoroso ou apresentar-se ambivalente, ou ainda ser negativa quando a gravidez não for desejada por um ou ambos os progenitores.

• Maria Juracy Tonelli Siqueira (Psicologia/UFSC): "Masculinidade(s) e paternidade(s): novas perspectivas"

As pautas tradicionais das relações de gênero e, conseqüentemente ou paralelamente, os padrões de masculinidade/feminidade, paternidade/maternidade vêm sofrendo transformações visíveis no século XX, em especial neste final de milênio. Este trabalho pretende discutir os possíveis motivos, alcances e implicações que estas transformações engendram. Entre outros fatores pode-se destacar o movimento feminista, as modificações no mundo do trabalho, os avanços tecnológicos entre outros. No bojo desta discussão, uma das questões fundamentais a ser debatida é a possibilidade ou não de apontarem para relações de gênero mais igualitárias.

• Susana Bornéo Funck (Letras/UFSC): "Representações da maternidade e da paternidade na literatura feminista contemporânea"

Estarei investigando, como escritoras contemporâneas das literaturas da língua inglesa têm representado os papéis materno e paterno na ficção produzida entre os anos 60 e a década atual. A partir dos conceitos negativos surgidos com o feminismo radical, aparecem representações alternativas e idealizadas, acompanhadas de novas concepções da maternidade e da paternidade.

Gênero e Políticas Públicas

15 de maio - Sexta Feira - 17:00 Horas - Auditório da Reitoria

Debatedora: **Denise Pires** (Enfermagem/UFSC)

- **Eva Blay** (USP): "Gênero e políticas públicas ou sociedade civil, gênero e relações de poder"

O trabalho apresenta uma síntese histórica das relações de gênero e dos movimentos femininos no Brasil, de acordo com a orientação política do governo em cada período, além de uma análise (incluindo estatísticas) da "cultura de subordinação feminina", mostrando que, se o Brasil não atingiu o estado de bem-estar social, saltando direto para o processo de globalização, as mulheres brasileiras, com seus filhos, são a maioria do segmento empobrecido, excluído deste processo.

- **Clair Castilhos** (Saúde Pública/UFSC): "As políticas públicas e as estratégias de igualdade"

O tema abordado contém um breve levantamento histórico sobre as lutas das mulheres em relação aos Direitos Humanos. Demonstra como as mulheres, em função de uma cultura patriarcal e androcêntrica, são excluídas das principais cartas de direitos humanos e sofrem toda a sorte de violações sem que estas sejam consideradas como tais. Traça considerações a respeito da visão de gênero e questiona sobre a necessidade de reconstruir-se o conceito de Direitos Humanos. O ponto de partida é que a perspectiva de gênero não se reduz a agregar a visão de um único setor de mulheres, ou de mulheres de uma única classe social, grande diferença entre um conceito androcêntrico e um com perspectiva de gênero. A organização das mulheres, a luta do chamado "novo feminismo" e sua articulação com a Organização das Nações

Unidas, a interferência na formulação das políticas nacionais e internacionais, assim como o papel do movimento antes, durante e após as conferências de Viena (1993) e Beijing (1995) compõem os demais enfoques da palestra.

- **Estela Leão de Aquino** (Instituto de Saúde Coletiva/UFBA): "Saúde, Gênero e Políticas Públicas"

A incorporação de teorias de gênero na saúde pode contribuir para a superação de noções essencialmente biomédicas, ampliando a compreensão do processo saúde doença. As reflexões do movimento de mulheres sobre a integralidade de atenção à saúde vem a se contrapor ao modelo fragmentado de assistência por especialidades e partes do corpo, hegemônico na Medicina Moderna, além de enriquecer o debate sobre equidade e direito à saúde e as estratégias para sua obtenção. A constituição de fóruns políticos em instituições acadêmicas e de serviços tem se constituído em uma estratégia bem sucedida de ampliação de espaços e viabilização de propostas, incorporando a perspectiva de gênero no campo das políticas públicas de saúde.

COMUNICAÇÕES

Gênero e Sociabilidades

14 de maio - Quinta Feira - 14:00 Horas - Auditório do CCS

Coordenadora: **Maristela Fantin**

- **Maristela Fantin:** "Utopia e cidade: cidadania, educação popular e práticas coletivas em Florianópolis - SC (1996 e 1997)"

Esta pesquisa insere-se na continuidade do trabalho "Construção de Cidadania e Dignidade: Experiências Populares de Educação e Organização no Morro do Horácio" (1995). Esta pesquisa buscou investigar os diferentes processos de organização e suas gestações, os temas das manifestações e problemáticas enfocadas pelos movimentos sociais em 96 e 97 na cidade de Florianópolis. Apesar de uma aparente "calma" e desarticulação de setores populares, a cidade ferve com inúmeras ações coletivas que advêm de setores populares, ongs, sindicatos, universidades e movimentos sociais que ocupam espaços de denúncia, de mostras artísticas e culturais. Assim, esse trabalho busca apresentar algumas dinâmicas dessas ações bem como reflexões sobre esses processos de rebeldia coletiva que suscitam.

- **Reinaldo Matias Fleuri:** "Intercultura e relações de gênero"

A busca de criar contextos educativos que favoreçam a integração criativa e cooperativa de diferentes sujeitos, assim como a relação entre os seus contextos sociais e culturais, constitui o horizonte da educação intercultural. Quais as implicações nas relações de gênero? Como o reconhecimento e o respeito das diferenças de gênero contribuem para a integração criativa e cooperativa na luta pelos direitos humanos e sociais?

- **Vanessa Lemkuhl Pedro:** "Umbanda - Gênero, transe e fotografia"

As religiões afro-brasileiras, neste caso a Umbanda, constantemente nos dão elementos para discutir as relações de gênero, seja tratando dos papéis de homens e mulheres na hierarquia da religião ou da representação dos orixás e das entidades. Sacerdotes e sacerdotisas têm as mesmas possibilidades de ocupar os mais altos postos da religião, por exemplo. Os aspectos relacionados à representação dos orixás também nos remetem a várias discussões no campo das relações de gênero. São deuses e deusas que possuem qualidade e defeitos humanos e que, ao mesmo tempo, transgridem ou reforçam papéis e características atribuídos às mulheres e aos homens em nossa sociedade. A via que escolhi para discutir as relações de gênero na Umbanda foi a comunicação, mais especificamente a fotografia. Através da fotografia pude partir para algumas reflexões sobre as características atribuídas aos orixás, inclusive a androginia, muitas vezes perceptível na apreensão do momento do transe pela câmera fotográfica.

- **Tânia Welter:** "As relações de gênero na comunidade cafuzo"

Esta comunicação refletirá, de maneira introdutória, as configurações das relações entre os gêneros na Comunidade Cafuzo de José Boiteux, explicitando a diversidade no cotidiano familiar e na organização comunitária. A comunidade de apresenta características que permitiram uma pesquisa relevante e invadida sobre a perspectiva de gênero, uma vez que em sua trajetória há um cruzamento desta variável com outras, tais como, sua condição étnica (cafuzos) e de classe (pequenos produtores rurais).

- **Aleksandra Piasecka-Till:** “Um estudo de gênero - o papel da linguagem sexista no processo de socialização”

A linguagem sexista não se refere claramente e de maneira justa a ambos os sexos (Martyna, 1983). A conclusão de Firth de que “a linguagem é um modo de comportar-se e fazer os outros comportarem-se” cria uma interseção entre os estudos lingüísticos e a teoria social. Para relacionar-se com o mundo precisamos de um código classificatório: uma língua. Quando finalmente a aprendemos, a língua começa nos limitar porque só sabemos perceber e descrever o mundo de acordo com os nomes arbitrariamente atribuídos aos objetos, fatos ou eventos. Neste trabalho apresento a importância do papel da linguagem (sexista ou não) durante o processo de socialização, sob as perspectivas dos estudos feministas (Miles, 1995) e da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 1992, 1994, 1996).

Gênero e Violência

14 de maio - Quinta Feira - 14:00 Horas - no CCS, Sala 903

Coordenadora: **Roselane Kupka**

- **Debora Figueiredo:** “Discurso, gênero e identidade: uma análise de sentenças jurídicas em casos de estupro”

Baseando-se nas idéias de Foucault, Norman Fairclough argumenta que “o discurso constitui a sociedade” (1992, p. 64 - minha tradução). Para Fairclough, o discurso não só refere e representa a sociedade, mas também cria sentidos, constrói e constitui a sociedade. O presente trabalho apresenta uma discussão teórica de como um tipo específico de discurso oficial, o discurso do sistema jurídico criminal em casos de estupro, ajuda a moldar as identidades e as representações de gênero dos três principais

participantes de um julgamento de estupro: o juiz (geralmente um homem), o réu e a reclamante. Para tanto, o discurso jurídico criminal é analisado sob uma perspectiva multidisciplinar: neste trabalho são utilizados conceitos e construtos não somente da área de análise crítica do discurso, mas também das áreas de teorias de gênero e teorias jurídicas.

- **Cristina Scheibe Wolf:** “Marias, Franciscas e Raimundas: uma história de mulheres da floresta”

Esta comunicação pretende apresentar sucintamente a tese de doutorado em história social, de mesmo título, cujo tema central é a história das mulheres da região do Alto Juruá, no Acre. Através da interpretação de documentos judiciais, de entrevistas de história oral e da bibliografia, bem como de uma vivência de quase um ano na Reserva Extrativista do Alto Juruá, a tese procura dar visibilidade às mulheres numa historiografia e numa memória que as excluiu quase por completo e demonstrar a importância das transformações das relações de gênero para a sobrevivência na região a partir da crise da borracha. São abordados ainda os temas das relações inter-étnicas, entre índias e seringueiros, e a violência, constituída enquanto uma linguagem que perpassava toda a sociedade dos seringais dos altos rios amazônicos.

- **Teophilos Rifiotis, Raquel Wiggers e Silvana Maria Bittencourt:** “Mapeamento da violência contra mulheres em Santa Catarina (1990 a 1995)”

Esta pesquisa procura responder a uma crescente demanda de dados sobre a violência contra mulheres. Trata-se de uma pesquisa voltada para a elaboração de um mapa de risco de violência contra mulheres em Santa Catarina. Riscos estes que causam preocupações aos órgãos de saúde pública, já que a violência doméstica leva milhares de mulheres a procurar atendimento médico todos os anos.

Trabalhamos com dados obtidos junto a SSP de Santa Catarina. Foi desenvolvido um banco de dados visando o cruzamento das informações: município, DRP, DP, ano, delito, dados das vítimas e agressores (sexo, idade e ocupação). Como primeiros resultados temos: o maior número de delitos é de lesão corporal (64%), seguido dos delitos de caráter sexual (11%), e os homicídios são 2,5% do total. O restante dos casos está disperso em outras 50 categorias. Os crimes sexuais são relevantes para estudo por serem crimes de ação privada.

- **Roselane N. Kupka:** "Inquiridores, testemunhas e vítimas: os processos judiciais e a pedagogia de condutas femininas (1900/1950)"

Buscamos, ao trazer à cena os processos de infanticídio entre 1900-1950, perceber a historicidade de padrões sociais de comportamento, a partir de experiências individuais ali registradas, tragédias que marcaram a vida de mulheres como: Orandina, Alma, Eldinar, Othilia, Tereza, Paulina, Ana Cristina, Jupyra e Terezinha. A repercussão de seus atos marcaram tanto suas vidas como a vida de outras mulheres pela insistência em estranhificar práticas costumeiras. Os relatos presentes nos processos judiciais, permeadas por convicções próprias e muitas vezes sentimentos de desespero, amizade e solidariedade, ao lado dos discursos de juízes, advogados, promotores traçam um jogo de possíveis justificativas pelo ato delituoso que ao marcar e definir os "comportamentos normais" contribuíram para as políticas de controle do corpo feminino afirmando especialmente a naturalidade do amor materno.

- **Teophilos Rifiotis e Daiane Roman:** "Processos de subjetivação e construção de identidade das delegadas da Delegacia Especial da Mulher de Florianópolis, Santa Catarina"

Trata-se de uma pesquisa sobre o processo de construção da subjetividade das delegadas de polícia de Florianópolis, tomando como base empírica um conjunto de entrevistas em profundidade sobre as práticas cotidianas dessas delegadas. Esse conjunto de entrevistas foi objeto de uma análise do discurso cujos resultados permitem uma discussão sobre a identidade dessas agentes de polícia no quadro de uma cultura policial.

Masculinidade

14 de maio - Quinta-Feira - 14:00 Horas - no CCS, Sala 907

Coordenadora: **Tânia R. O. Ramos**

- **Rita Maria Xavier Machado:** "Homem solteiro procura ... Anúncios classificados no DC como caminho para o relacionamento amoroso"

Este trabalho teve como objetivo a verificação das representações de conjugalidade, feminilidade e masculinidade entre homens que propunham casamento através de anúncios classificados no Diário Catarinense. Foram analisados anúncios coletados na seção de recados pessoais durante o período de um ano. A análise das informações contidas nos anúncios utilizou conceitos como "masculinidade hegemônica" (Almeida, 1995) e "amor romântico" (Giddens, 1993) em virtude do texto dos mesmos indicarem a idealização da figura feminina e do amor. As entrevistas pessoais, realizadas posteriormente com cinco anunciantes, reforçaram esta análise e apontaram para a consideração de que os anúncios foram utilizados como estratégia

para diminuir o risco de exposição ao fracasso, nas abordagens às mulheres.

- **Vanderlei Machado:** "Honra e conduta: em busca da construção de uma identidade"

O presente trabalho busca perceber como se deu a construção de uma identidade masculina, que se pretendia hegemônica, em Desterro-Florianópolis, na metade do século XIX. Bem como, demonstra a relação desse modelo ideal de masculinidade, com a formação dos quadros do governo local. Formação esta que, além das exigências de honra, ascensão financeira e política contou com alianças familiares e partidárias. Nesse sentido, procuraremos perceber através dos discursos veiculados na imprensa e na literatura da época, a divulgação de modelos que buscavam instaurar/instruir o comportamento masculino no espaço político. Acreditamos que este modelo construído e divulgado pela elite local, era uma das formas de alcançar status, bem como prestígio social e político.

- **Karina Zaccaron da Silva, Rejane Faria e Maria Juracy Toneli Siqueira:** "Pintando o 7: uma possibilidade de re-significado dos papéis de gênero"

Partindo do pressuposto que a construção da consciência de si estabelece-se nas e pelas relações sexuais, pode-se compreender o papel do sujeito como regulador do outro e vice-versa. É nos grupos sociais que os papéis se legitimam, se condensam e se transformam. Um grupo de crianças, por sua vez, também cria, reproduz e resignifica papéis, o que inclui os de gênero. Numa oficina de expressão em escola pública, tornou-se visível como o gênero atravessa as relações sociais, delimitando papéis e estratégias específicas para meninos e meninas. Pode-se afirmar que as crianças apropriam-se das pautas sociais e dos desempenhos de papéis socialmente aceitos e os reproduzem, no contexto escolar, em

suas relações entre pares e com os coordenadores. Entretanto, problematizando os papéis de gênero perpassados no grupo, possibilitamos uma forma de significado das relações entre os gêneros.

- **João Baptista Soares de Faria Lago:** "Masculinidades e complexo materno negativo na obra de Franklin Joaquim Cascaes"

Muitos "causos" populares da Ilha de Santa Catarina permitem entrever em seus personagens masculinos e numa dimensão coletiva, a existência de um complexo materno negativo na cultura açoriano-catarinense. tal como retratada por tais "causos", na obra de F. Cascaes. No contexto desta última, a imagem arquetípica da bruxa repousaria as suas raízes numa maternagem inadequada - por excesso ou por ausência de Eros - na relação mãe/criança. Em ambos os casos ocorreria um processo de dissociação psíquica na psique masculina, em que o menino seria prejudicado no desenvolvimento de sua capacidade de integrar as realidades interna e externa, *eu e não-eu*. E um investimento libidinal excessivo nos objetos do mundo externo ou, então, uma *excessiva introversão da libido* aos objetos do mundo interno, movimento que influenciariam a constituição de sua masculinidade.

- **Tânia R. O. Ramos:** "Os brutos também choram?: dores e refletores"

Este trabalho faz parte de reflexões preliminares sobre a representação do "macho" em textualidades contemporâneas. Se, por um lado, o machão brasileiro (e de várias outras latitudes) está em desuso e no seu lugar está sendo formulado um novo homem, cujo perfil não está completamente traçado, por outro lado, constata-se que o homem moderno está diante de um campo minado e a qualquer passo estarão por lá os direitos femininos, os direitos

homossexuais, o tamanho do falo, a competitividade, o medo do dedo na próstata, assolando e solapando o que até então ele considerava a sua constituição básica. Após uma reflexão sobre textos e imagens recentes pretendo ilustrar a minha leitura com a ineterdição do desejo no "homem sou belo", "macho sou forte" (Vínicius de Moraes).

Corpo, Sexualidades, Representações

14 de maio - Quinta-Feira - 14:00 Horas - no CCS, Salaa 910

Coordenadora: Rosane Maria de Godoy

- **Rosane Maria de Godoy:** "Vozes dissonantes: o dito e o oculto sobre as vivências lésbicas"

Está pesquisa aborda os resultados obtidos num estudo com mulheres lésbicas. Teve como objetivo desvendar o discurso oculto, as vivências e o imaginário erótico, possibilitando a ampliação dos conhecimentos de aspectos do lesbianismo e da sexualidade feminina, em geral. Foram entrevistadas 12 (doze) mulheres na faixa etária de 20 (vinte) a 60 (sessenta) anos, residentes na Grande Florianópolis-SC, que se auto-identificaram como homossexuais. Na obtenção dos dados, optou-se por entrevista gravada, com roteiro abordando questões de identificação pessoal e questões definidas por algumas temáticas: identidade lésbica; vivência da homossexualidade - o assumir, práticas sexuais, representações simbólicas - desejos e fantasias. Os resultados obtidos com este trabalho permitiram o desdobramento da pesquisa, o que se constituirá na dissertação de mestrado da autora.

- **Cristiane Ker de Melo:** "A construção estética dos corpos masculinos e femininos nas academias"

Este trabalho pretende discutir alguns dos valores e preconceitos que envolvem a prática da atividade em academias, sob o prisma da questão de gênero. Demonstrar as diferentes formas de ocupação dos espaços, os usos de acessórios, atividades e movimentos presentes nas modificações corporais de homens e mulheres nesses espaços. Associar as representações (distintas) da estética corporal desejada por ambos os sexos, aos movimentos sócio-culturais que tais grupos têm constituído na sociedade atual. Na gestualidade dos movimentos de relações dos corpos no interior das academias, discutir as formas de construção e desconstrução dos corpos masculinos e femininos na atualidade.

- **Cristina Gomes:** "As falas das crianças sobre sexualidade e pudores"

Esta comunicação é fruto de uma grande reportagem produzida no segundo semestre de 1997 como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo (UFSC). A reportagem aborda as falas das crianças de hoje sobre sexualidade e pudores. Como se dá o comportamento quando o assunto é sexo, qual a relação que elas possuem com o próprio corpo e com o corpo do outro, como e até que ponto os pais, a escola e os meios de comunicação influenciam nas falas das crianças, esses são alguns dos pontos destacados na reportagem. As entrevistas foram realizadas em três colégios de Florianópolis, cada um freqüentado por estudantes de classes sociais distintas. O trabalho relata e discute as desigualdades de gênero, confirmando "antigas" teorias, mas também trazendo novos olhares sobre o assunto.

• **Edmilson Antonio Dias:** "Sexualidade: discursos e imaginário"

Este trabalho de pesquisa objetiva contribuir para os estudos de gênero, enfocando aspectos da subjetividade através da utilização de concepções psicanalíticas. Pela análise das representações do imaginário dos sujeitos entrevistados, mulheres homossexuais, procuro refletir sobre temas como as identificações, a identidade sexual, as escolhas objetais, masculinidades e feminilidades, entre outros. Através do recurso à psicanálise, este estudo procura marcar a distância entre a anatomia e a vivência psíquica da sexualidade humana.

• **Tade-Ane de Amorim:** "Cybersexo"

No decorrer da pesquisa foi analisada a construção de personagens nas "salas" de sexo virtual da Internet. Com o intuito de identificar a forma de apropriação social dessas novas tecnologias, traço um breve histórico da informática e da Internet. Utilizando teorias que abordam as relações de gênero, destaco as diferenças na construção de personagens masculinos e femininos, basicamente a partir de três variáveis: a escolha do pseudônimo, as apresentações ou maneiras de abordagem na rede e as descrições físicas. A Internet abriu, principalmente através dos chats, novos canais de sociabilidade, possibilitando anonimato total ao *internauta* e configurando estes "espaços virtuais" como locais privilegiados para a transgressão. A pesquisa revelou, porém, que isso não implicou numa "quebra" dos papéis sexuais correntes na sociedade "real".

Gênero, Família e Cultura

15 de maio - Sexta-Feira - 14:00 Horas - no CCS, Sala 901

Coordenadora: **Silvia Arend**

• **Silvia Arend:** "Família açoriana no sul do Brasil"

Esta pesquisa procura investigar como era a vida familiar das populações migrantes das Ilhas Atlânticas e seus descendentes, entre 1750-1830, que viveram no sul da América Portuguesa. Meu foco de análise são as relações que se estabeleciam entre os cônjuges e entre pais e filhos, assim como as ações levadas a cabo pelo estado português com a intenção de normatizá-las. As fontes documentais que subsidiam o estudo são as produzidas pela Coroa Portuguesa e pela Igreja Católica. Com esta pesquisa procuro ampliar o conhecimento histórico acerca do período colonial no sul do Brasil e também questionar visões instituídas na historiografia em relação à família e ao grupo social em estudo.

• **Tito Sena:** "Uma análise do discurso das Enciclopédias Sexuais das décadas de 80 e 90"

A pesquisa constituiu-se de uma análise do discurso, seguindo o modelo de Michel Foucault, das Enciclopédias Sexuais, publicadas na década de 80 e 90, correlacionando as regularidades, rupturas e emergências dos discursos entrecruzados que falam sobre a sexualidade, destacando-se quatro categorias de pesquisa: natalidade, doenças sexualmente transmissíveis, homossexualismo e educação sexual. Em seus ensinamentos, Foucault afirma que a distância de "colocação do sexo em discurso" talvez seja mais uma estratégia da "vontade de saber" de nossa sociedade comunista, que tanto insiste em falar de sexo ou de repressão, sendo uma sutil peça controladora do indivíduo e da população, emaranhados numa teia

de poderes, saberes e prazeres com componentes bio-psico-sociológicos, morais, políticos, econômicos e outros.

- **Carmem Tornquist:** “Mães em novas mãos - o processo de medicalização do parto”

Esta pesquisa busca compreender o processo de mudanças nas representações de grupos populares da Ilha de Santa Catarina, neste século, particularmente aqueles que se referem às concepções de maternidade. Tendo por foco práticas e saberes populares compartilhados por mulheres (parturientes e especialistas), obtidos através da história oral com parteiras e suas descendentes, busca compreender os significados da “maternidade” e da “infância” nestes grupos num contexto de modernização, problematizando as relações de poder que envolvem saberes populares e saberes institucionais, incluindo a dimensão do gênero. Uma análise ainda preliminar indica que o processo de transição das práticas domiciliares de “dar a luz” a institucionalização do parto é recente e marcante, estando bastante vivo na memória dos ilhéus.

- **Flávia Motta:** “Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice”

Este trabalho, que foi dissertação de mestrado em Antropologia na UFRGS, é uma etnografia a respeito de um grupo de mulheres, a maioria delas frequentadoras de um grupo de convivência para idosos em Porto Alegre. O comportamento dessas mulheres, em que se evidencia um especial interesse por coisas como beleza, namoro e uma intensa vida social, manifestações de sexualidade, feminilidade ou o exercício de uma sociabilidade para além do doméstico e do familiar (ou filantrópico). A descrição etnográfica discute a construção da identidade feminina na velhice e interpreta o comportamento original dessas mulheres relacionando-os com um

certo *ethos* da classe, remetido a um outro universo simbólico - o de uma cultura popular.

- **Marlene de Fáveri:** “Cicatrizes de uma guerra: lembranças de mulheres”

Esta pesquisa tem como tema central a Segunda Guerra Mundial, em Florianópolis, na década de 40. Para abordar a temática, são observadas as expectativas de homens e mulheres, através, principalmente, dos relatos da memória, vivenciadas no cotidiano. A Segunda Guerra Mundial, se ocorreu efetivamente longe, deixou marcas profundas na vida de muitas pessoas no Brasil, em Santa Catarina e, como indicam as fontes, em Florianópolis. A memória reaviva uma ‘outra’ guerra, onde as mulheres que viviam em Florianópolis foram protagonistas, quando as relações sociais e de gênero foram alteradas. Medos, angústias, perdas, tensões, permearam o cotidiano das pessoas, recaindo sobre as mulheres uma parte importante dos enfrentamentos advindos da Guerra. A historiografia tem omitido, excluindo as resistências cotidianas, as “artes de fazer”.

Gênero e Literatura

15 de maio - Sexta-Feira - 14:00 Horas - no CCS, Sala 903

Coordenadora: **Zahidé Lupinacci Muzart**

- **Rafael Andrés Villari:** “Marguerite Duras: a dor do século”

A leitura do romance de Marguerite Duras “O Deslumbramento” (Le ravisement de Lol V. Stein) serve como suporte para a apresentação de um tipo de aproximação entre a Literatura e a Psicanálise: aquela que visa resgatar - no texto literário - elementos para pensar a subjetividade moderna. Jacques

Lacan foi o primeiro psicanalista a aproximar-se desta autora. O texto visa retomar a trilha do romance de Marguerite Duras, dispostos ao encontro possível de elementos que nos ajudem numa aproximação a uma forma de sofrimento particular.

- **Fábio de Carvalho Messa:** “O discurso da histeria na literatura moderna”

Considerando que a obra literária pode ser fonte significativa de expressão da loucura e que dentre as diferentes figuras da loucura, há o grupo da histeria, o objetivo da presente exposição é mostrar o que se tem dito sobre a histeria em textos literário modernos. Especialmente sobre aqueles que evidenciam maior preocupação em fundamentar o reconhecimento da doença em determinados personagens. As marcas dessas figurativizações se dispõem enquanto informações explícitas - por meio de menções ou referências diretas às noções científicas, e enquanto informações implícitas - através de composições de verdadeiros quadros sintomatológicos na descrição de personagens. Portanto, no universo ficcional, o fenômeno da histeria se configura em dois níveis: o nível do conhecimento, quando os dizeres sustentam-se sob a influência dos discursos médicos e jurídicos e o nível da percepção, quando os próprios autores tencionam transformar a histeria em linguagem, criando então o discurso próprio da personagem histórica.

- **Carla Calbral:** “Narrativa pós-gênero para uma Clarice Cyborg”

A narrativa biográfica de Ana Miranda, *Clarice Lispector: o tesouro de minha cidade, montada com recursos da criação ficcional*, constitui-se impar. A narrativa é desenvolvida aos pedaços fazendo referência aos biografemas sobre os quais Roland Barthes discorreu e também utilizou, mas como autobiografemas, em *Roland Barthes par Roland Barthes*. Faço essa referência para

marcar a dinâmica textual na qual se inscreve a personagem Clarice, que chamo de personagem *cyborg*. Fugindo à linearidade, ela não busca uma única identidade, um lugar, mas identidades ou lugares, travando intensas relações com a natureza e construindo-se também nas relações de gênero, inclusive com ela mesma. Clarice é uma ficção. Meu ponto de partida é o contraponto a uma crítica que considera a personagem “uma mulher qualquer, desde que esquisita e bobamente dispersiva e romântica”.

- **Cintia Carla M. Schwantes:** “The Garrick Year: encenando a feminilidade”

The Garrick Year, de Margaret Drabble, é um *Bildungsroman* feminino que narra a formação da protagonista, Emma Evans, através das experiências de maternidade, casamento e adultério. Essa não é, no entanto, uma história de adultério, e sim de adequação a, e de reação contra, papéis de gênero: Emma descobre qual é seu lugar de mulher, e a anorexia é uma das formas através das quais ela expressa sua insatisfação com a vida que está levando e seu desejo de controle de seu próprio destino.

Gênero, Trabalho e Identidade

15 de maio - Sexta-Feira - 14:00 Horas - no CCS, Sala 907

Coordenadora: Mara Coelho de Souza Lago

- **Janine Gomes da Silva:** “Tensões, trabalho e sociabilidade: histórias de mulheres em Joinville no século XIX”

A história que nos propomos narrar é, antes de mais nada, uma história sobre a cidade de Joinville no século passado. Uma história que retira o olhar dos “grandes acontecimentos” e dos “grandes homens” para dar visibilidade às mulheres que viveram em Joinville.

No entanto, de uma primeira intenção, que era a da questão da visibilidade feminina - por si só importante por trazer à tona um tema tão pouco problematizado na história local, somaram-se outros fios condutores. "Fios" que ao darem visibilidade às mulheres nos possibilitam lançar outras interpretações, voltadas para a formação da cidade, que não ocorreu de maneira harmoniosa, pelo contrário, durante este processo percebe-se a existência de tensões entre brasileiros e imigrantes. Tensões que permearam as vivências daquelas mulheres - nos "seus espaços" de trabalhos e sociabilidades - e que buscamos evidenciar na tessitura desta história ...

- **Andréa Silva:** "A qualidade de vida de uma prostituta de rua da cidade de Florianópolis: duas mulheres numa única mulher que sonha com outro trabalho"

A partir de um olhar Holístico-Ecológico foi desenvolvido um estudo com o objetivo de conhecer a qualidade de vida de uma mulher prostituta "de rua" da cidade de Florianópolis, tendo como pressuposto a prostituição como trabalho. Os dados foram colhidos em trabalho de campo, através de observação participante e entrevista. O estudo mostra que a qualidade de vida dessa mulher é construída através de dois padrões distintos de interação, que ela desenvolve no ambiente de trabalho e nos demais ambientes de seu cotidiano. Nestes contextos as representações de seu trabalho não se exteriorizam, o que faz o seu cotidiano idêntico ao de qualquer "mulher comum". Nessa duplicidade de personagens existe uma única mulher que idealiza uma melhor qualidade de vida através do "ter" outras condições de vida, focalizadas em outro tipo de trabalho, tendo como único objetivo "ser outra pessoa", para poder ser livremente ao mesmo tempo mulher trabalhadora-esposa-mãe.

- **Giani Rabelo:** "Trabalho arcaico no moderno mundo da moda"

Será apresentado um estudo de caso realizado numa das empresas líderes do setor de confecção do vestuário da região de Criciúma (SC). Escolheu-se esse setor por ocupar lugar de destaque na economia regional, por empregar mão-de-obra predominantemente feminina, por estar buscando novas estratégias em função da concorrência dos importados. A pesquisa foi desenvolvida analisando de forma articulada três aspectos: reestruturação produtiva, qualificação e relações de gênero. O estudo mostrou que os impactos da modernização tecnológica são distintos para homens e mulheres. Apesar das inovações ocorridas nos postos de trabalho, as trabalhadoras continuam nas tarefas repetitivas, parceladas e consideradas menos qualificadas, com salários inferiores e, somando-se a isso, vivenciam o emprego de mecanismos de controle mais explícitos e rígidos. Assim, o processo de modernização desenvolve-se de forma diferenciada para homens e mulheres.

- **Mara Coelho de Souza Lago:** "Gênero e identidade"

As ciências sociais, nas quais, ao contrário das "hard sciences", diferentes paradigmas coexistem, ativos, numa mesma época (convivências freqüentemente conflituosas), cobram a exposição das polêmicas que se constroem em torno de categorias teóricas e a explicitação do modo e utilização dos conceitos, na análise do material obtido nas pesquisas. Neste exercício de explicitação/elucidação conceitual, pesquisar sobre gênero-sujeito-sociedade, tem exigido a reflexão (nas intersecções psicanálise/antropologia/sociologia) sobre o conceito de identidade, além de outras concepções teóricas fundamentais.

Gênero, Trabalho e Identidade

15 de maio - Sexta-Feira - 14:00 Horas - no CCS, Sala 910

Coordenadora: **Maria Aparecida Crepaldi**

- **Alcione Leite da Silva e Patrícia Corrêa:** "Relações de gênero na enfermagem: avaliação parical da produção acadêmica"

Este estudo tem por objetivo avaliar o estado da arte dos estudos de gênero na enfermagem brasileira. Neste sentido, apresentamos aqui uma visão parcial deste estudo, a qual se baseou em artigos na área, publicados em dez periódicos nacionais de enfermagem, no período de 1955 a 1997. Com base na análise dos textos, as categorias centrais para o quais convergiram as atenções das/os autoras/es foram: gênero e determinantes históricos e sociais no desenvolvimento da profissão de enfermagem; gênero e trabalho; gênero e feminismo; gênero e o processo saúde-doença; gênero e educação; gênero e cuidado. Outras perspectivas importantes, menos enfatizadas, mas emergentes na literatura de enfermagem foram gênero e família, gênero e violência e gênero e políticas de saúde.

- **Ângela Célia Sacchi:** "Corporalidades e ciclo vital entre as mulheres Kaingang"

Neste *paper* pretendo abordar alguns aspectos de corporalidade e ciclo vital da sociedade indígena Kaingang, de Mangueirinha - PR. É através das falas das mulheres que vou me deter, para podermos observar como se dá (davam) algumas das suas práticas como, por exemplo, os partos com a ajuda as parteiras e a dieta pós-parto. Me detenho, sucintamente, sobre o modo como fazem o enterramento do umbigo, como se batizam e como se dá a nomeação. Há, entre elas, uma prática terapêutica onde fazem uso de "remédios-do-mato",

para a dor do parto, para a descida do leite, etc. Enfim, através do discurso das índicas, podemos observar a existência de um saber próprio da definição de corpo e de práticas terapêuticas.

- **Maria Aparecida Crepaldi:** "Famílias de crianças hospitalizadas: os efeitos da doença e da internação"

Este trabalho tem por objetivo mostrar como as famílias de crianças acometidas por doenças crônicas vivenciam a situação de adoecimento e hospitalização de seus filhos, e como se organizam para enfrentar esta situação. Foram estudadas famílias acompanhantes de crianças internadas na enfermaria de Patologia Geral do Instituto da Criança do HC-USP. Os resultados mostraram que o início da internação é marcado pela negação da doença e da necessidade de internamento. A família apresenta medo de perder a afiliação que une seus membros; vivencia alterações de papéis, e os outros filhos se sentem abandonados. Tal situação provoca ainda desavenças familiares e desencadeia ou gera problemas conjugais, além de ser responsável, em muitos casos, pelo desequilíbrio econômico, tendo em vista a perda de emprego de um dos cônjuges ou de ambos.

- **Maria de Fátima M. Zampieri, Odaléa Maria Bruggeman dos Santos e Zaira Aparecida de Oliveira Custódio:** "Grupo de gestantes e/ou casais grávidos: um espaço de reflexão sobre a maternidade e a paternidade"

A gestação além de ser uma experiência pessoal é também social. Assim, hoje em dia, não se considera apenas a mulher grávida, mas o casal grávido e a família grávida. O papel de pai e de mãe é uma construção social e histórica, influenciada pelos valores, crenças, educação e experiências de vida que emergem durante a gestação e se estruturam no cotidiano da nova família. O Grupo de Gestantes e/ou Casais Grávidos é um trabalho

interdisciplinar, envolvendo profissionais da assistência e docência, desenvolvido na Maternidade do Hospital Universitário. O compartilhar informações e experiências no grupo, tem propiciado ao casal grávido e/ou gestantes a repensarem sobre seus papéis. Desta forma, tem contribuído para que haja uma reflexão e transformação de atitude frente à maternidade, paternidade e estruturação da nova família.

- **Haimée E. L. Martins:** "O significado da contracepção feminina na vivência da sexualidade da mulher"

A sexualidade é tratada na literatura como um fenômeno que ainda não está voltado a felicidade das mulheres. Com o objetivo de compreender o significado da contracepção feminina na sexualidade da mulher, a partir da realidade de mulheres que utilizam o serviço de Planejamento familiar da Policlínica de Referência Regional de Florianópolis, desenvolveu-se um estudo exploratório e qualitativo. O estudo reflete a condição da mulher e sua relação com o homem na dimensão contracepção/sexualidade, onde verificou-se que não há significado de realização e felicidade como definição de sexualidade.

PÔSTERS

14 de maio - Quinta Feira - das 16:00 às 17:00 Horas (com presença dos autores)

- **Izabel Cristina dos Santos Teixeira:** "O relacionamento de Davi e Mariana no Romance *Nós Três*, de Ligia Bojunga Nunes"

Davi e Mariana se conhecem em uma praia. Ele é marinheiro, ela escultora. Uma terceira pessoa, Rafaela, adolescente, também faz parte da vida dos outros dois. Ela é amiga de Mariana e apresenta-lhe Davi. A partir daí, haverá uma série de situações entre os três, onde se percebe o conflito individual da adolescente em sua descoberta do mundo, bem como o envolvimento do marinheiro com a escultora, onde se misturam ansiedades, buscas, o desejo de ser feliz, cada qual com a sua visão particular de amor, que acaba por entra em choque, culminando com um desfecho mágico.

- **Juliana Balbinot Reis, Simone Cristine dos Santos e Maria da Glória Santana:** "Imagens e forma da enfermagem na história"

Com a chegada da pós-modernidade, o mundo de parou-se com a abolição do racionalismo. Época de "dever ser", onde as pessoas tinham um projeto de vida pré-determinado pela sociedade, cumprindo-o linearmente para alcançar a felicidade ingênua. Essa era define uma mudança no conceito da imagem, forma, cor, sentido e valor. Questionamos a imagem da enfermeira, analisando sua aparência dentro da realidade e pré-conceitos. Perdemos a oportunidade de criar um nosso marco histórico. Há a necessidade de se criar uma identidade para a enfermagem; perdida há muito tempo pela falta de perspectiva formista. Kalish e Kalish, desde 1854 até 1982, aponta estereótipos históricos: 1854-1919: a enfermeira é anjo; 1920-1945: a enfermeira é heroína; 1966-1975:

a enfermeira é mãe no ato de cuidar; 1975-1982: a enfermeira é símbolo sexual.

- **Lindaure dos Santos Júlio:** "Contra-referência de recém-nascidos de uma unidade de alojamento conjunto para a rede básica de saúde: uma proposta operacional"

Este estudo teve por objetivo operacionalizar o Mecanismo de Contra-Referência para Recém-Nascidos internados na Unidade de Alojamento Conjunto da Maternidade do HU-UFSC para os Centros de Saúde (CS) de origem. Implementado no período de 114/05 a 30/07/97, no qual foram agendadas as primeiras consultas de 16 recém-nascidos que tinham como CS de referência o CS II da Costeira do Pirajubaé e 12 recém-nascidos dos demais CS da regional sul, perfazendo um total de 28 recém-nascidos contra-referenciados. O marco conceitual foi embasado na Teoria do Alcance dos Objetivos de Imógene King acrescido de nossas crenças e valores. Possibilitou o conhecimento da rede ambulatorial de Florianópolis e sua dinâmica, criando uma porta de comunicação entre rede básica e hospitalar o que contribuiu para que a saúde seja vista na sua totalidade como um direito de cidadania.

- **Maria da Graça Pereira do Nascimento:** "A maternidade como elemento de emancipação feminina na família"

Entre os vários papéis que a mulher pode vir a desempenhar na sociedade, a maternidade é vista neste trabalho, que apresenta algumas mudanças ocorridas na dinâmica familiar durante os séculos XVIII-XIX, principalmente na França, como o papel que lhe possibilitou, neste período, maior autonomia na família. Foram utilizados basicamente estudos realizados por Donzelot e Caponi, onde os autores, ao analisar a sociedade européia, registram em seus relatos a contribuição da mulher em algumas transformações políticas e sociais que se fizeram presentes nesta época.

- **Maria de Lourdes Campos Hammes:** "Formação de auxiliares de enfermagem pelo método supletivo: primeira experiência"

Este trabalho apresenta o registro fotográfico da evolução de uma turma de 12 alunos do Projeto Curso Supletivo de Auxiliar de Enfermagem da REPENSUL-UFSC, realizado no Hospital Universitário em Florianópolis, no período de 30-03-1997 à 13-01-1998, com carga horária de 1110 horas e tendo como facilitadora a autora do pôster. A metodologia utilizada foi a pedagogia problematizadora, oportunizando a qualificação dos funcioná-rios em seu próprio local de trabalho, partindo da realidade por eles vivenciada. A busca por formas alternativas de aprendizagem e a relação teoria X prática facilitou a evolução do processo construtivo de conhecimento, fazendo com que o grupo crescesse em unidade e desenvolvesse postura crítica, política e ética, trazendo resultados positivos, tanto a nível profissional, como pessoal e institucional, culminando com a formatura em 28-02-1998.

- **Maria de Lourdes Campos Hammes:** "Contra-referência de puérperas de uma unidade de alojamento conjunto para a rede básica de saúde: proposta operacional"

Este trabalho apresenta o registro fotográfico do desenvolvimento da monografia para obtenção do título de Especialista em Projetos Assistenciais de Enfermagem, REPENSUL-ESPENSUL-UFSC, visando a ativação do mecanismo de contra-referência para puérperas internadas na Unidade de Alojamento Conjunto do HU/UFSC e 03 CS II da Regional Sul da rede básica da saúde, em Florianópolis. Operacionalizado de 13/05/97 à 31/07/97, à luz do marco referencial da Teoria do Alcance dos Objetivos, desenvolveu-se em três fases - Diagnóstico, Mobilização e Sensibilização e Implementação, sendo a percepção o conceito mais presente nas relações interpessoais enfermeiro X puérperas/família e enfermeiro X equipe de saúde. Evoluiu sob um

trabalho de base, visando o desenvolvimento da consciência crítica da amostragem e dos profissionais envolvidos, culminando com a integração interinstitucional, vivências interdisciplinares e educação em saúde.

- **Maria Itayra Coelho de Souza Padilha, Miriam Süsskind Borenstein, Mauro Leonardo S. C. dos Santos, Maria do Horto Cartana, Lúcia Amante de Souza, Mariana Mendonça Zanin e Giseli dos Santos:** "Nas tramas da discussão de gênero: uma análise a partir dos congressos brasileiros de enfermagem"

O estudo trata das abordagens sobre gênero na enfermagem a partir da análise dos anais dos Congressos Brasileiros que ocorreram no período de 1980 a 1997. Pretende contextualizar o aparecimento dos diferentes aspectos referentes ao gênero ao longo destes congressos, ou seja, a forma com que eles são apresentados. Percebemos que as abordagens mais comuns de enfoque se dão através do uso do termo enfermeira, sem que necessariamente o assunto se refira ao gênero; das discussões relativas ao gênero nas temáticas centrais ou nos resumos de trabalhos e na utilização dupla do termo enfermeira/enfermeiro nos artigos.

- **Nucia Alexandra de Oliveira, Luciana Fornazari, Anielee Frutuoso, Maristela Carvalho e Cristiani Bereta:** "Corpo e Controle: autonomia e controle do corpo feminino (1900-1996)"

Corpo e controle: autonomia e controle do corpo feminino é uma pesquisa coletiva desenvolvida por professores e alunos do curso de História da UFSC. Observamos o processo de controle do corpo feminino, a partir de uma perspectiva histórica, através da criminalização de práticas como o aborto e o infanticídio na cidade de Florianópolis, entre os anos de 1900 e 1996. Pesquisamos junto a jornais, revistas, processos judiciais, registros policiais e trabalhos acadêmicos coletando dados e mapeando os discursos acerca desta

discussão, buscando perceber rupturas e continuidades. Através desta investigação, traçamos um panorama dos caminhos que os discursos e as práticas vêm utilizando, das relações de força que permeiam estes percursos, constituindo seus desvios e reproduções.

- **Rose Maria Junckes da Silva Mattos:** "Contra-referência de recém-nascidos para a rede básica de saúde: proposta operacional"

O trabalho aconteceu no período de 14/05 à 11/07/97. Envolveu 21 recém-nascidos (RNs). Visou a operacionalização do Mecanismo de Contra-Referência (CR) de RNs internados na Unidade de Neonatologia do HU/UFSC e Centros de Saúde (CS) de procedência. Desenvolveu-se sob a Teoria de Imógene King, a qual, adaptou-se o processo de enfermagem efetuado em quatro etapas: levantamento de dados, lista de problemas, plano de ação e avaliação. A metodologia englobou três fases: diagnóstico, sensibilização-mobilização e implementação. Dos 21 Rns, 15 compareceram e foram acompanhados à primeira consulta, a estes, foi aplicado o processo de enfermagem, e 6 foram atendidos fora da Capital e/ou após a data da proposta. Criaram-se parcerias entre vários níveis de atenção à saúde melhorando as condições de vida e saúde da população.